

ISABEL CRISTINA JERONYMO DE TOLEDO

***ASSIM FALOU EMÍLIA: A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE NO SÍTIO
DO PICAPAU AMARELO DE MONTEIRO LOBATO (1920-1944)***

DOURADOS – 2026

ISABEL CRISTINA JERONYMO DE TOLEDO

***ASSIM FALOU EMÍLIA: A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE NO SÍTIO
DO PICAPAU AMARELO DE MONTEIRO LOBATO (1920-1944)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *História, Região e Identidades*.

Orientador: Prof. Dr. Damião Duque de Farias

DOURADOS – 2026

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

T649a Toledo, Isabel Cristina Jeronymo De

Assim falou Emília: A recepção da filosofia de Nietzsche no Sítio do Picapau Amarelo de Monteiro Lobato (1920-1944) [recurso eletrônico] / Isabel Cristina Jeronymo De Toledo. - 2026. 223 f.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Damião Duque de Farias.

Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2026.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. História intelectual. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Criança. I. Farias, Damião Duque De. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

ISABEL CRISTINA JERONYMO DE TOLEDO

***ASSIM FALOU EMÍLIA: A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE NO SÍTIO
DO PICAPAU AMARELO DE MONTEIRO LOBATO (1920-1944)***

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Damião Duque de Farias (Dr., UFGD) _____

2º Examinador:

Wilson Antonio Frezzatti Junior (Dr., UNIOESTE) _____

3º Examinador:

Célia Regina Delácio Fernandes (Dr., UFGD) _____

4º Examinador:

Losandro Antônio Tedeschi (Dr., UFGD) _____

À vóinha Aparecida Jacó
que amava criar galinha
e me disse uma vez
que quando eu era bem criança
ela colocou um pintinho
pra piar na minha boca
e foi assim
que destravou essa minha falinha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Prof. Dr. Damião Duque de Farias, pela orientação respeitosa e sensível, pelo rigor intelectual, pela amizade filosófica e pela confiança depositada neste trabalho. Seu suporte, tranquilidade, direção, leituras, contribuições, interlocuções e paciência foram fundamentais para a realização desta pesquisa, para a minha formação como pesquisadora e como historiadora.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, agradeço pelo espaço institucional e intelectual, bem como aos professores do programa, especialmente ao Prof. Dr. Fabiano Coelho e ao Prof. Dr. Fernando Perli, cujas aulas e debates contribuíram decisivamente para o amadurecimento desta dissertação. Agradeço ao Prof. Dr. Gilmar Lima Caetano pela leitura e pelos valiosos apontamentos ao projeto desta pesquisa.

Aos membros da banca examinadora, agradeço pela disponibilidade, pela leitura criteriosa e pelas contribuições. Agradeço especialmente aos professores que colaboraram, de forma imprescindível, com este estudo, desde o seu início: Profa. Dra. Célia Regina Delácio Fernandes, Prof. Dr. Losandro Antônio Tedeschi e Prof. Dr. Luis César Castrillon Mendes.

Ao Grupo de Estudos Nietzsche - GENie/UFGD, coordenado pelo professor Dr. Damião Duque de Farias, e aos colegas participantes, agradeço por sustentarem, com persistência, alegria e leveza, a desafiadora jornada de construção do conhecimento filosófico nietzschiano, sem o qual esta pesquisa seria impossível.

Agradeço ao Clube da Leitura UFGD, aos queridos professores coordenadores: Profa. Dra. Thissiane Fioreto e Prof. Dr. Gregório Foganholi Dantas, pelas agradáveis tardes de conversas literárias, as quais aqueceram o coração e o desejo de estudar literatura brasileira.

Aos professores e colegas do curso de graduação em Artes Cênicas da UFGD, agradeço por me ensinarem o possível do fazer artístico. Agradeço especialmente à amada amiga, atriz e professora, Dra. Gina Tocchetto, bem como aos queridos amigos: Prof. Me. Michel Mauch e Prof. Me. Roberto Mônaco, por nutrirem em mim a sensibilidade e a coragem necessárias para a realização desta pesquisa.

À querida amiga, Profa. Dra. Simone Becker, agradeço por sempre ter acreditado no meu potencial como pesquisadora e por ter lido, generosamente, o pré-projeto do presente estudo, incentivando minha jornada, com entusiasmo e com amor.

Ao Prof. Edvim L. C. Moreira Borges e à Profa. Me. Greissi C. Sousa, agradeço pelas aulas de Inglês, por me ajudarem, com paciência e sensibilidade, a superar minhas

dificuldades com a instrumentalização do idioma, bem como à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEX/UFGD, pela oportunidade desse aprendizado.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio financeiro concedido durante onze meses de realização desta pesquisa.

Agradeço a cada um dos analisantes, que comigo caminharam durante anos, pela compreensão quanto à necessidade do meu afastamento da função de analista, para a dedicação exclusiva a este estudo.

Agradeço aos colegas e amigos Kerina, Caio, Michela, Mel, Moniza, Guilherme, Sthefany, Gabriel, Alan, Apache, Samuel, Salifo, Da Guiné, Fernando, Sônia, Mathaus, Richardy, Larissa, Nathália, Evelyn, Daniel, Evandro, Maycon, Leonam, Vanessa e Bruno, pelos momentos de prazer e de leveza, pelas risadas, pelas palavras de incentivo, pelo apoio, pelo carinho e também pela compreensão e pelo respeito aos tempos de ausência e recolhimento, necessários à pesquisa.

Agradeço à Heloísa e à Aninha, por me amarem, por não terem soltado a minha mão nem nos momentos de loucura, pela escuta, pela empatia, pelo abrigo e pelo colo que me fez conseguir encarar os rasgos mais profundos da minha alma e costurá-los por meio da escrita das linhas desta dissertação.

Ao Clauzer, meu amor da vida inteira, agradeço por ter me apresentado Nietzsche, por sustentar a realização do mestrado juntos, pela parceria inquebrável, por caminhar lado a lado em todos os caminhos, por me amparar, por cuidar de mim, por ter conquistado a minha absoluta confiança, por nosso amor, por nossa amizade, por nossa família.

Agradeço à minha mãe Neide, à vó Aparecida, à vó Santa, à bisavó Maria, pela vida.

À *Emília* e ao pessoalzinho do *Sítio do Picapau Amarelo*, agradeço pelo encantamento e pela magia, que acompanharam cada instante desta tarefa.

A *Zaratustra*, agradeço por me enlevar, por ferir todas as minhas convicções, por me instilar a vontade de (me) criar, pelo desafio, pela alegria da criação, pela dor, pela superação, pela força forte, pela hora mais quieta, pela terceira transmutação, pela eterna amizade e pelo *Amor Fati*.

Agradeço à arte, pois, sem ela, a realidade teria me destruído.

Agradeço às palavras e aos livros, por tudo o que sou.

“Há duas espécies de obras,
a que é feita
e a que sai de dentro da gente –
que sai no momento próprio,
com a naturalidade do feto
a espirrar do útero materno.
É sempre difícil fazer uma obra;
mas é delicioso parir uma.”

(Monteiro Lobato)

“Quero juntar-me aos que criam,
que colhem,
que festejam.”

(Nietzsche)

RESUMO

Esta dissertação investiga e interpreta a recepção da filosofia de Friedrich Nietzsche na obra *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, com foco na personagem *Emília*. O trabalho analisa como o escritor brasileiro se apropriou do pensamento nietzschiano para construir a postura intelectual autêntica, combativa e criativa, que marcou sua vida e sua obra. A pesquisa adota as abordagens da História Intelectual de Quentin Skinner, da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss, da História dos Intelectuais de Jean-François Sirinelli, articuladas, a partir da concepção de recepção como leitura plural, interpretativa e multiplicadora de sentidos, de Michel de Certeau e de Roger Chartier. O percurso metodológico traça os itinerários, os combates e as redes de sociabilidades intelectuais de Lobato, bem como analisa sua leitura de Nietzsche e a escrita de sua literatura, em contexto histórico. As principais fontes compreendem os vinte e três livros da obra infantojuvenil lobatiana, publicados entre 1920 e 1944, e as cartas reunidas no livro *A barca de Gleyre*. O estudo examina a apropriação do pensamento nietzschiano pelo escritor paulista e constata que Nietzsche encorajou Lobato à independência, à criação de si como exceção, a partir da autoconfiança e da vontade de seguir apenas a si mesmo. A análise demonstra que o *Sítio do Picapau Amarelo* configura-se como um espaço encantado de experimentação e de liberdade, o qual leva em conta a criança como agente de seus processos de conhecimento, criação, pensamento e imaginação. O trabalho verifica que o escritor incorporou a perspectiva nietzschiana que rompe com a dicotomia criança *versus* adulto. Conclui-se que *Emília* personifica a filosofia de Nietzsche, apropriada com envolvimento intelectual e emocional, pelo escritor paulista. No corpo da boneca de pano lobatiana encontram-se tecidos do *jogo lúdico*, do *brincar* e da alegoria filosófica da *eterna criança*, aos moldes da elaboração de Nietzsche. Dentre as características presentes nos retalhos da *Emília*, destaca-se a insubmissão, a autoafirmação, a autenticidade crítica e a fidelidade a si mesma, revelando-a como um *espírito livre*. Também pode-se sentir, pelas flores amarelas de macela que preenchem o corpo da boneca, o aroma da *inocência do devir*. A boneca-gente personifica *o jogo* entre as duas dimensões da filosofia de Nietzsche: a combativa e a construtiva. A boneca apresenta-se tanto como *leão* quanto como *criança*. Ela cria novos valores, enquanto quebra os velhos. *Emília* – nossa *Zaratustra Criança*!

Palavras-chave: História intelectual; Literatura infantojuvenil; Criança.

ABSTRACT

This dissertation investigates and interprets the reception of Friedrich Nietzsche's philosophy in Monteiro Lobato's work *Sítio do Picapau Amarelo*, focusing on the character Emília. The study analyzes how the Brazilian writer appropriated Nietzschean thought to construct the authentic, combative, and creative intellectual posture that marked his life and work. The research adopts the approaches of Intellectual History by Quentin Skinner, Reception Aesthetics by Hans Robert Jauss, and the History of Intellectuals by Jean-François Sirinelli. These frameworks are articulated based on Michel de Certeau's and Roger Chartier's conception of reception as a plural, interpretative, and meaning-multiplying reading. The methodological path traces Lobato's itineraries, struggles, and networks of intellectual sociabilities, as well as analyzing his reading of Nietzsche and the writing of his literature within a historical context. The main sources comprise the twenty-three books of Lobato's children's literature, published between 1920 and 1944, and the letters collected in the book *A barca de Gleyre*. The study examines the appropriation of Nietzschean thought by the writer and finds that Nietzsche encouraged Lobato toward independence and the creation of the self as an exception, based on self-reliance and the will to follow only himself. The analysis demonstrates that *Sítio do Picapau Amarelo* is configured as an enchanted space of experimentation and freedom, considering the child as an agent of their own processes of knowledge, creation, thought, and imagination. The work verifies that the writer incorporated the Nietzschean perspective that breaks with the child versus adult dichotomy. It is concluded that Emília personifies Nietzsche's philosophy, appropriated with intellectual and emotional involvement by the writer. In the body of Lobato's rag doll are woven the fabrics of ludic games, play, and the philosophical allegory of the eternal child, in the mold of Nietzsche's elaboration. Among the characteristics present in Emília's patches, insubordination, self-affirmation, critical authenticity, and fidelity to oneself stand out, revealing her as a free spirit. The aroma of the innocence of becoming can also be sensed through the yellow *macela* flowers that fill the doll's body. The human-doll personifies the interplay between the two dimensions of Nietzsche's philosophy: the combative and the constructive. The doll presents herself as both lion and child. She creates new values while breaking old ones. Emília—our Child Zarathustra!

Keywords: Intellectual history; Children's literature; Child.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Ilustrações de Belmonte	107
Imagem 2 - Ilustrações de Voltolino e de Villin	108

SUMÁRIO

Lista de Imagens	11
Introdução	13
Capítulo 1	
MONTEIRO LOBATO: UM BRASILEIRO LEITOR DE NIETZSCHE	29
1.1. Entre marasmo e vertigem: itinerários e combates de um intelectual engajado.....	33
1.2. <i>A criança é a humanidade de amanhã</i> : o menino que amava ler	38
1.3. <i>Saber sentir, saber ver, saber dizer</i> : a escrita como combate	42
1.4. <i>Falar à imaginação</i> : a educação como combate.....	58
1.5. <i>Somos todos uns Jecas Tatus</i> : a questão nacional como combate.....	73
1.6. <i>Rebelde nasci, rebelde pretendo morrer</i> : o combate por si mesmo	90
Capítulo 2	
SÍTIO DO PICAPAU AMARELO: UM LUGAR PARA ALÉM DE BEM E MAL	95
2.1. <i>Um país se faz com homens e livros</i> : o combate editorial.....	100
2.2. <i>Sítio do Picapau Amarelo</i> : um mundo de verdade e de mentira	114
2.3. <i>Sou como sou, gostem ou não gostem</i> : a presença de Nietzsche no <i>Sítio de Dona Benta</i>	123
Capítulo 3	
EMÍLIA: DE BONECA DE PANO A ESPÍRITO LIVRE	153
3.1. <i>Nós julgamos que histórias de fadas e brincadeiras são coisas da infância</i> : a eterna criança	161
3.2. <i>Emília muda muito, não é como vocês que são sempre os mesmos</i> : a boneca-gente	174
3.3. <i>Como alguém se torna o que é</i> : Emília, Zaratustra e os espíritos livres.....	184
Considerações Finais	197
Referências Bibliográficas e Fontes	204

INTRODUÇÃO

Minha ideia – disse o Visconde – é que comece como quase todos os livros de memórias começam – contando quem está escrevendo, quando nasceu, em que cidade, etc. [...] – Ótimo! – exclamou Emília. – Serve. Escreva: Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada... – Por que tanta estrelinha? Será que quer ocultar a idade? – Não. Isso é apenas para atrapalhar futuros historiadores, gente muito mexeriqueira.

Monteiro Lobato¹

A personagem *Emília*,² criada pelo escritor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), avaliava os historiadores como pessoas mexeriqueiras. Ao concordar que a postura curiosa e investigativa é uma das condições para a realização de um estudo histórico, decidimos enfrentar as dificuldades que a irreverente boneca de pano nos arranjou e bisbilhotar atentamente suas provocações. Ela parecia saber que o livro que estava escrevendo, *Memórias da Emília* (1936), viria a despertar o interesse de futuros estudiosos.

Este trabalho começa afirmando o valor da escuta. Ouvir o que falou *Emília*, a personagem mais tagarela da literatura infantil brasileira, exige uma quietude interior difícil de ser alcançada, diante de tanto barulho que atravessa a jornada de uma pesquisa. Rubem Alves (1999, p. 67), parafraseando o poeta Alberto Caeiro, diz: “Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma. Daí a dificuldade.”

Em dissonância com as vozes da tradição da filosofia ocidental, Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844–1900) falou e cantou sua filosofia em *Assim falou Zaratustra* (1883). Em discursos tão paródicos quanto poéticos, ricos em símbolos, alegorias e metáforas, o filósofo não desejava discípulos ou seguidores; mas, sim, amigos. Ele não queria ser confundido, almejava ser escutado.

¹Lobato, [1936] 1984f, p. 11 in *Memórias da Emília*. Em nome da fluidez na leitura, nas epígrafes e citações diretas feitas nesta dissertação, optamos por trazer a ortografia para a Língua Portuguesa atual, de acordo com o Novo Acordo Ortográfico de 2009.

²Neste trabalho, os nomes das personagens são apresentados em itálico como uma escolha estilística deliberada. Tal opção visa destacá-las não apenas como personagens literárias, mas como figuras simbólicas e analíticas mobilizadas ao longo da pesquisa. O uso do itálico, nesse sentido, busca evidenciar sua função conceitual no desenvolvimento das interpretações propostas, para além de sua condição narrativa original.

Assim como *Zaratustra* é considerado o “*alter ego* de Nietzsche” (Marton, 2016, p. 63), *Emília* também é considerada o *outro eu* de Lobato, “sua porta-voz em momentos importantes e sobre os assuntos mais polêmicos” (Penteado, 2011, p. 195). Além disso, *Emília* se destaca pela autenticidade, pela insubmissão e por seguir apenas a si mesma.

O problema que esta pesquisa buscou enfrentar foi: – Como a leitura que Monteiro Lobato fez da filosofia de Friedrich Nietzsche se apresenta em textos da obra *Sítio do Picapau Amarelo*? O objetivo consistiu em analisar e interpretar a presença de temas do pensamento nietzschiano na obra do escritor paulista, com especial atenção à personagem *Emília*.

As fontes primárias que foram utilizadas para o nosso estudo abrangem os vinte e três livros da obra *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, escritos e publicados entre os anos de 1920 e 1944. A investigação da obra completa do *Sítio* fez-se necessária para a compreensão das características da personagem *Emília*, as quais são apresentadas no terceiro capítulo desta dissertação. A história inaugural do *Sítio do Picapau Amarelo*, intitulada *A menina do narizinho arrebitado*, foi publicada no ano de 1920, pela *Revista do Brasil* e, posteriormente, inserida no livro *Reinações de Narizinho*, publicado no ano de 1931, pela *Companhia Editora Nacional*. Os livros que delimitam o recorte temporal final da pesquisa são os dois volumes que encerram a obra *Sítio do Picapau Amarelo*, intitulados *Os doze trabalhos de Hércules I e II*, publicados em 1944, pela *Editora Brasiliense*.

Utilizamos também como fontes primárias, além das obras do *Sítio*, as cartas de Lobato ao seu amigo José Godofredo de Moura Rangel (1884-1951), reunidas no livro intitulado *A barca de Gleyre* (1944). As mais relevantes fontes secundárias foram as biografias de Edgard Cavalheiro (1962), de Marisa Lajolo (2000) e de Carmen Lucia de Azevedo; Marcia Mascarenhas de Rezende Camargos; Vladimir Sacchetta (1997). As cartas e biografias possibilitaram investigar o contexto histórico no qual Monteiro Lobato se apropriou da filosofia de Nietzsche. As fontes de apoio foram diversas publicações, dentre elas, entrevistas e cartas de Lobato a outros interlocutores, obras de Nietzsche e de seus estudiosos, além de referências da fortuna crítica de Monteiro Lobato e de estudos históricos sobre o período pesquisado.

No tratamento das fontes, não buscamos avaliar se Lobato leu Nietzsche de forma acertada ou errada, se o escritor produziu uma boa ou uma má interpretação do filósofo. A estratégia utilizada na pesquisa foi efetuar uma análise mediada por temas da filosofia nietzschiana presentes nas fontes literárias, bem como examinar nas biografias, cartas e textos

diversos de autoria do escritor, as citações que ele fez do filósofo alemão.

Tendo em vista que uma pesquisa faz parte de um coral de vozes que estão cantando conosco ou que cantaram antes de nós, e com o qual é preciso afinar nosso tom, apresentamos, a seguir, algumas canções fundamentais para o nosso repertório, ou, como alguns preferem denominar, o estado da arte no qual se insere nosso estudo.

Sabe-se que Monteiro Lobato leu Nietzsche. Em várias cartas endereçadas ao amigo José Godofredo de Moura Rangel (1884-1951), reunidas na obra *A barca de Gleyre* (1944), Lobato narra suas impressões sobre as leituras que estava fazendo de obras do criador de *Zaratustra*. Há também menções diretas do escritor paulista ao filósofo alemão em entrevistas e notas reunidas no volume póstumo de suas obras completas, publicadas pela *Editora Brasiliense*, intitulado *Conferências, artigos e crônicas* (1946-1947). Lobato chegou a traduzir dois textos de Nietzsche: *O Anticristo*: maldição ao cristianismo (1888) e *Crepúsculo dos ídolos* ou como se filosofa com o martelo (1888), a partir da versão francesa de Henri Albert (1869-1921), que foi, de acordo com Frezzatti Jr. (2012), um dos primeiros tradutores da obra do filósofo alemão na França; porém, o escritor paulista não publicou tais retraduições (Lajolo *et al.*, 2022).

Na dissertação de mestrado intitulada *Um Nietzsche à brasileira: uma leitura do pensamento nietzschiano no modernismo* (1890-1940), Antonio Vinícius Lomeu Teixeira Barroso (2015) utiliza a coletânea de cartas reunidas na obra *A barca de Gleyre* (1944) como fonte de sua pesquisa histórica, na qual enfatiza as menções diretas que Lobato faz de Nietzsche ao seu amigo Godofredo Rangel. Os resultados da pesquisa de Barroso (2015) também apontam para referências a Nietzsche nas seguintes obras lobatianas: *Ideias de Jeca Tatu* (1919); *A onda verde e o presidente negro* (1921); *O mundo da lua* (1923) e *América* (1920).³

Apesar de não haver citação ou alusão direta a Nietzsche na saga *Sítio do Picapau Amarelo* (1920-1947), a obra monumental de Monteiro Lobato, Barroso (2015) levanta a hipótese de que a personagem *Emília*, boneca de pano filósofa, pode ser interpretada como uma pequena *Zaratustra* para crianças. O historiador finaliza sua dissertação apontando a necessidade de estudos que investiguem tal hipótese, com a utilização de obras do *Sítio* como fontes precípuas.

³Recomendamos a realização de pesquisas que adentrem as obras da denominada *Literatura Geral* de Monteiro Lobato, a fim de investigar a recepção de Nietzsche.

Ainda nesse sentido, Henry Martin Burnett Jr., renomado pesquisador do tema da recepção de Nietzsche no Brasil, em seu artigo intitulado *O que resta de Nietzsche ou Narizinho no espelho* (2021), partes I e II, afirma:

[...] fora da correspondência e de textos ensaísticos, Monteiro Lobato nunca cita Nietzsche, como o faz de modo recorrente com autores consagrados do espaço literário, destilados e integrados aos seus livros infantis; e nem precisaria. Nietzsche não é uma referência exatamente, mas um princípio moral incorporado (Burnett Jr., 2021b, p. 79).

Burnett Jr. (2021a, p. 15) constata ainda que “um dos escritores referenciais de nossa primeira literatura independente sofreu uma influência direta de Nietzsche, ainda não devidamente apreciada”; assim, “cabe perguntar como um papel aparentemente tão decisivo de um filósofo pode se incorporar na formação de um escritor do porte de Monteiro Lobato sem que essas leituras reflitam na criação literária.”

De acordo com Adrienne Morelato, em seu artigo *Monteiro Lobato e Nietzsche: uma relação de confluência entre filosofia e literatura* (2011), a maioria das pesquisas sobre Lobato buscaram estudar sua biografia, tendo em vista que o escritor atuou intensamente na cena intelectual brasileira das primeiras décadas dos anos de 1900. A pesquisadora destaca a necessidade de se verificar o quanto o filósofo alemão se faz presente na literatura infantil do escritor paulista, especialmente no *Sítio do Picapau Amarelo* e na personagem *além-do-homem Emília*.

O artigo publicado na *Revista Estudos Universitários*, escrito por Cassiano Nunes (1921–2007), intitulado *Monteiro Lobato: uma teoria do estilo* (1969), destaca que, para o escritor taubateano, estilo é “uma expressão integral do que há de próprio, de pessoal, em cada um” (Nunes [1969] 1981, p. 330). O respeitado crítico literário interpreta que Nietzsche foi o inspirador de Lobato no que tange à afirmação da sua individualidade, à busca por autenticidade e à fidelidade a si mesmo, tanto no estilo da criação literária quanto na ética pessoal.

Aluizio Alves Filho, no artigo publicado em *O Estado de São Paulo* (1986), intitulado *Nietzsche e Lobato*, afirma que o criador da *Emília* aprendeu com Nietzsche:

a escolher, a desconfiar, a construir autonomamente o seu próprio caminho, alheio ao que os outros pensassem, pouco se importando com a lógica dos sistemas filosóficos, com pressões políticas ou com modais escolas literárias” (Alves Filho, [1986] 2003, p. 134).

Carmen Lúcia Felgueiras, em seu artigo *Monteiro Lobato e os Estados Unidos: Reflexões Nietzscheanas* (2006), defende que a filosofia de Nietzsche esteve presente, como inspiração, em toda a produção intelectual do escritor paulista. A autora afirma que a leitura que Lobato fez de Nietzsche é multifacetada. Assim,

Lobato retira de Nietzsche, pondo-os em relevo, temas como: a celebração da criatividade, da experimentação; a crítica da civilização, o poder frutificador do mito em sua monumentalidade, a ênfase na vontade, na auto-criação e nas aspirações mundanas (Felgueiras, 2006, p. 3).

Diante do exposto, considerando a demanda por estudos que analisem como os artistas, intelectuais e intérpretes do Brasil leram Nietzsche nas primeiras décadas do século XX, e também para contribuir com a historiografia brasileira do período, apostamos na relevância do presente trabalho. Nossa pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de iniciar o enfrentamento do desafio proposto pelos pesquisadores que, ao abordarem a formação intelectual de Monteiro Lobato, apontaram uma lacuna a ser investigada quanto ao tema: a presença da filosofia nietzscheana na obra infantojuvenil do escritor taubateano. Desse modo, esta dissertação pretende também colaborar com o campo dos estudos da recepção do pensamento de Nietzsche no Brasil.

Apesar de Nietzsche ser um pensador muito pesquisado no âmbito acadêmico, desde os anos de 1970 até a atualidade, também considerando que há incontáveis pesquisas contemporâneas, nas mais diversas áreas do conhecimento, como em Filosofia, Educação, Letras e História, em que sua filosofia é objeto, aponta o pesquisador Tiago Lemes Pantuzzi (2016; 2023) que ainda não se conhece a leitura e o tratamento que os brasileiros deram ao filósofo alemão, pois são raros os trabalhos que abordam especificamente a recepção das ideias de Nietzsche no Brasil. Corroboram esta afirmação: Barroso (2015); Dias (2019); Dias; Silva Jr. (2021); Giacoia Jr. (2000); Marton (2009; 2022).

Scarlett Marton (2009) destaca a necessidade de estudos que investiguem o impacto das ideias filosóficas do autor de *Zaratustra* na cultura, na sociedade e na política brasileiras. De acordo com Marton e Silva Jr. (2020), ao estudar os textos filosóficos de Nietzsche, geralmente o que vem sendo feito é tentar compreender seu pensamento, a partir da análise do próprio texto, com o apoio de comentadores reconhecidos academicamente. Apesar dessa análise focada nos textos ser de incontestável importância para os estudos filosóficos, os estudos de recepção ambicionam ir além, permitindo avaliar o impacto que essas ideias

provocaram e os resultados que elas produzem em seus leitores e estudiosos (informação verbal).⁴

No início do século XX, as ideias nietzschianas despertaram muito interesse entre nós. Marton (2009) afirma que o movimento anarquista europeu trouxe ao Brasil sua interpretação de Nietzsche como um pensador revolucionário e esta foi uma das primeiras chaves de leitura de sua filosofia em nosso país. Algumas décadas depois, o movimento nazifascista europeu se apropriou do pensamento de Nietzsche e isso fez com que, no Brasil concomitante à eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o filósofo alemão fosse considerado um pensador conservador.⁵ A partir da efervescência de Maio de 1968, a intelectualidade representativa da esquerda francesa fez do filósofo o suporte de suas teorias e privilegiou a potência iconoclasta do pensamento de Nietzsche, colocando-o, em importância, ao lado de Karl Marx (1818-1883) e de Sigmund Freud (1856-1939).

Atualmente, fim de incentivar o enfoque da recepção, a revista acadêmica *Cadernos Nietzsche*⁶ vem organizando, desde 2014, dossiês intitulados *Recepção: Nietzsche no Brasil*, sob coordenação do Prof. Dr. Geraldo Pereira Dias. Ainda no sentido de fomentar esse campo de pesquisa, no ano de 2014 foi fundado, pelo Prof. Dr. Ivo da Silva Jr., o *CENBRA - Centro de Estudos Nietzsche: recepção no Brasil*, vinculado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo.

Os recentes, e ainda escassos, estudos de recepção de Nietzsche no Brasil, vêm possibilitando a compreensão de como os nossos pensadores do final do século XIX e início do XX apropriaram-se de ideias estrangeiras para formar um pensamento próprio.

Nesse sentido, a tese de doutoramento de Pantuzzi (2023), ao analisar a produção intelectual de Tobias Barreto (1839-1889), Sílvio Romero (1851-1914), José Oiticica (1882-1957) e Gilberto Amado (1887-1969), defende que eles receberam Nietzsche de

⁴A referência para tais afirmações são as palestras da Profa. Dra. Scarlett Marton e do Prof. Dr. Ivo da Silva Jr., no evento *on-line* Mesa Redonda da *SOFIA XIV UNIFESP*, com o tema *A Recepção de Nietzsche no Brasil*, realizada em 11 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5nrWuzWECh8>. Acesso em: 12 jan. 2023.

⁵A irmã do filósofo, Elisabeth Förster-Nietzsche (1846-1935), casada com o notório antisemita Bernhard Förster (1843-1889), reuniu e publicou fragmentos descontextualizados de textos do irmão, destruiu originais manuscritos e incentivou a utilização da filosofia nietzschiana pelo Terceiro Reich. Em 1887, o casal Förster partiu para o Paraguai, onde iniciou o projeto de fundar uma colônia ariana: “La Nueva Germania”. Com o fracasso da colônia, Bernhard cometeu suicídio, no ano de 1889, e Elisabeth retornou à Alemanha, em 1893, bastante endividada (Marton, 2010, p. 41).

⁶Periódico semestral, criado por Scarlett Marton, em 1996, a fim de divulgar trabalhos sobre Nietzsche, escritos por brasileiros e estrangeiros. As edições publicadas até 2012 encontram-se disponíveis nos periodicos.unifesp.br. As edições posteriores podem ser consultadas no scielo.br.

maneira antropofágica e utilizaram noções do filósofo alemão na construção de uma visão da identidade nacional. Pantuzzi (2023) considera a recepção como a presença de um autor no outro, que se dá a partir da incorporação de uma obra lida e assimilada para a produção própria do receptor. Nesse tipo de estudo, a tarefa do pesquisador é “mapear e contextualizar a leitura através de uma análise histórico-filosófica que capta uma fração do ambiente social dos leitores e considera a apropriação feita por eles” (Pantuzzi, 2023, p. 8).

As primeiras citações explícitas de Nietzsche nos textos dos intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do XX são, conforme as pesquisas de Pantuzzi (2016; 2023), documentos históricos relevantes, pois podem ser entendidas como evidências comprobatórias de uma leitura inicial do filósofo alemão no Brasil.

De acordo com a dissertação de mestrado de Pantuzzi (2016), a mais antiga menção direta a Nietzsche feita no Brasil ocorreu no ano de 1876 (antes mesmo do filósofo se tornar popular na Europa), por Tobias Barreto (1839-1889), professor da Faculdade de Direito de Pernambuco e um dos idealizadores do movimento intelectual denominado Escola de Recife.⁷

Num artigo publicado em *Estudos alemães* (1876), Barreto fez referência à *Primeira consideração extemporânea – David Strauss: o confessor e o escritor*, texto publicado na Alemanha em 1873, escrito pelo jovem Nietzsche no período em que lecionava filologia na Universidade da Basileia. Pantuzzi (2016) destaca o avanço dos estudos germânicos em Recife, no final do século XIX, tendo em vista que Barreto acompanhava com regularidade e sem atraso as publicações dos círculos intelectuais da Alemanha.⁸

Geraldo Pereira Dias (2019), em sua tese de doutoramento, apresenta a investigação da recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil, entre os anos de 1876 e 1945, utilizando como fontes trabalhos de intelectuais como Tobias Barreto, José Veríssimo (1857-1916), Albertina Bertha (1894-1976), Mário de Andrade (1893-1945), Manuel Bandeira (1886-1968), Graça Aranha (1868-1931), Paulo Prado (1869-1943), Gilberto Freyre (1900-1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), entre outros. O pesquisador ressalta

⁷“A Faculdade de Direito de Pernambuco foi um dos institutos brasileiros pioneiros, inaugurado por Carta de Lei da Assembleia Geral de Dom Pedro I, em 11 de agosto de 1827. Em 1870 nasce a Escola de Recife como resultado de um movimento intelectual dentro da Faculdade de Direito, disseminando suas ideias para as grandes capitais. Dentre os inúmeros intelectuais, os maiores representantes são Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Bevilacqua e Euclides da Cunha, todos participantes da conhecida ‘Geração de 1871’” (Pantuzzi, 2016, p. 11).

⁸Pantuzzi (2016, p. 32) apresenta o trecho em que Tobias Barreto (1876) menciona Nietzsche: “Strauss, o sábio, o venerado Strauss, encontrou também o Sr. Nietzsche da Basileia que quis provar-lhe a sua ignorância da língua alemã.” Barreto, de acordo com Pantuzzi (2016), estava respondendo a uma crítica feita por um redator que o acusava de não patriotismo e de ataque a Deus.

que, após uma primeira recepção do filósofo, no final do século XIX, lido em língua alemã pelos intelectuais de Recife, houve as leituras feitas, no início do século XX, por traduções francesas. Será somente depois dos anos de 1930 que as editoras brasileiras começarão a publicar traduções em língua portuguesa, ainda assim, a partir das versões francesas das obras do filósofo alemão, como as de Henri Albert (1869-1921), Geneviève Bianquis (1890-1969) e Charles Andler (1866-1933). Desse modo, “entre o final do século XIX e início do XX, a recepção brasileira de Nietzsche era um prolongamento ultramar da recepção francesa” (Dias, 2019, p. 14).

A tese de Geraldo Dias (2019) destaca que, a partir de 1922, entre os modernistas brasileiros, tanto entre os conservadores quanto entre os renovadores, “conceitos, imagens e personagens da filosofia de Nietzsche ocupam lugar decisivo em artigos, cartas, resenhas e crônicas” (Dias, 2019, p. 21). Nossos modernistas progressistas valorizaram a filosofia nietzschiana por seu caráter experimental, perspectivista e pela crítica à moral cristã. No entanto, os modernistas reacionários, como Plínio Salgado (1895–1975), por exemplo, incorporaram expressões de Nietzsche em favor de um nacionalismo autoritário.

Houve também apropriações de noções nietzschianas entre os intelectuais reconhecidos como intérpretes do Brasil. Gilberto Freyre utiliza a antítese “apolíneo/dionisíaco”, inspirado na obra *O nascimento da tragédia* (1872), de Nietzsche, como apoio metodológico em análises de manifestações culturais brasileiras (Dias, 2019). A tese de doutoramento de Antonio Charles Santiago Almeida (2024), ao analisar a obra *Casa Grande & Senzala* (1933), defende a apropriação do conceito nietzschiano de perspectivismo por Gilberto Freyre para a compreensão da realidade social brasileira.

Sérgio Buarque de Holanda faz uso da filosofia de Nietzsche para “pensar as raízes afetivas da cordialidade brasileira” (Dias, 2019, p. 23). Damião Duque de Farias (2020) investigou a recepção de Nietzsche na obra *Raízes do Brasil* (1936). Os resultados da pesquisa de Farias (2020), apresentados no artigo *Revolução e niilismo em Raízes do Brasil, 1936*, publicado nos *Cadernos Nietzsche*, demonstram que além das referências diretas ao filósofo alemão, feitas pelo intelectual brasileiro, nota-se a presença de noções mais abrangentes do pensamento nietzschiano subsidiando as interpretações de Holanda sobre o Brasil.

Quanto às referências metodológicas que vêm sendo aplicadas nos estudos de recepção filosófica, destaca-se a pesquisadora húngara Agnes Heller (1929–2019), que fornece uma distinção entre tipos fundamentais de recepção de ideias filosóficas: “recepção

completa” – a do receptor estético, a do entendedor e a do receptor filosófico – e “recepção parcial” – que pode ser política, iluminadora ou avaliativo-cognoscitiva⁹. Dias defende em sua tese, a partir de Heller ([1978] 1983), que a recepção brasileira da filosofia de Nietzsche no período investigado por ele (de 1876 a 1945) foi do tipo parcial, em seus três subtipos (Dias, 2019, p. 23).

Agnes Heller ([1978] 1983) também foi a escolha teórico-metodológica para o estudo da recepção de Nietzsche na obra literária de Dalcídio Jurandir (1909–1979), apresentado na tese de doutoramento de Oclécio das Chagas Lacerda (2022). As personagens de Dalcídio Jurandir permitem, de acordo com Lacerda (2022), um diagnóstico da Amazônia, com elementos de conexão com a crítica nietzschiana do niilismo europeu, tomado como sintoma da decadência da cultura moderna. As personagens literárias criadas por Jurandir possuem modos de vida e concepções de mundo que demonstram “a recepção filosófica estética”, ou seja, “uma absorção intuitiva das formas filosóficas do pensador alemão que, nos romances do escritor amazônico, se desdobram em imagens poéticas” (Lacerda, 2022, p. 21).

Há atualmente um amplo debate sobre os caminhos metodológicos a serem construídos para os estudos de recepção filosófica em nosso país. Nas pesquisas em História, os estudos de recepção de ideias no Brasil se fazem ainda de forma incipiente (Barroso, 2015). Nesse mesmo sentido, afirma Francisco Falcon (1997, p. 122): “Não há no Brasil uma verdadeira tradição historiográfica na história das ideias e intelectual.” Corrobora tal argumentação, José Murilo de Carvalho (1998, p. 126): “Ainda há pouca problematização na prática da história intelectual no Brasil. As incorporações de novas abordagens têm sido feitas de maneira um tanto informal e fragmentada.”

As linhas inovadoras, do ponto de vista teórico-metodológico, na abordagem da História das Ideias no Brasil, são trazidas pelo trabalho da pesquisadora Angela Alonso (2000). Ela supera a perspectiva da mera influência passiva e apresenta uma história dos intelectuais brasileiros da geração de 1870 como ativos no processo de leitura e apropriação de ideias de pensadores estrangeiros. Nesse sentido:

⁹Agnes Heller ([1978] 1983), em sua obra *A filosofia Radical*, diz que as formas de recepção de ideias filosóficas são tão múltiplas quanto a diversidade de seus receptores. O que os subtipos de recepção completa têm em comum é que o receptor vive, age e pensa a filosofia recebida de modo integral. Nos subtipos de recepção parcial, pode haver usos “políticos” da filosofia para transformar uma realidade social; usos para “iluminar” um sentido para a vida; e também usos “avaliativos-cognoscitivos” para fundamentar uma pesquisa teórica ou científica, por exemplo.

[...] ao abordar a tradição nacional e o repertório de ideias no estrangeiro como apropriações seletivas resultantes de um processo onde a supressão, modificação e recriação são indispensáveis, Alonso inverte a perspectiva que enxerga a intelectualidade brasileira como meras filiadas às similares europeias (Barroso, 2015, p. 8).

Vale ainda lembrar a crítica que a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (1993, p. 17) faz à historiografia clássica, “que considera a intelectualidade brasileira criadora de cópias inautênticas e reprodutoras de modelos”, desconsiderando que esses intelectuais fizeram apropriações originais da literatura estrangeira que leram.

No artigo intitulado *Metodologia para a recepção filosófica: o caso Nietzsche como exemplo*, Geraldo Dias e Ivo da Silva Jr. (2021, p. 269) afirmam que “um dos objetivos fundamentais do estudo de recepção filosófica consiste em identificar a maneira pela qual ocorre a construção de uma cultura a partir de um amálgama de elementos destoantes.” Ao discorrerem sobre alguns passos a serem seguidos para que uma pesquisa de recepção de ideias filosóficas seja considerada de cunho profissional-acadêmico, os autores destacam a importância de se aprofundar na filosofia que será tema da recepção e também, não menos importante, “ter conhecimento do contexto histórico (injunções sociais, políticas, econômicas, culturais) e dos interlocutores do receptor” (Dias; Silva Jr., 2021, p. 269).

Marton e Silva Jr. (2020), ao tratarem da construção de uma metodologia adequada para os estudos de recepção de Nietzsche no Brasil, defendem que haja um tempo inicial, de corpo a corpo, com os textos do filósofo. Após alguma consistência na construção do conhecimento sobre o pensamento de Nietzsche, parte-se para a investigação de quem realizou a apropriação de sua filosofia. Nesse segundo momento, é fundamental considerar o contexto histórico e linguístico no qual foi feita a apropriação. Portanto, de acordo com Marton e Silva Jr. (2020), os estudos de recepção de pensamento filosófico pertencem ao campo da história da filosofia ou ao campo da história intelectual.¹⁰

Esse corpo a corpo com os textos do filósofo vem sendo praticado durante as reuniões do Projeto de Extensão *GENie - Grupo de Estudos Nietzsche*, da UFGD, coordenado pelo Prof. Dr. Damião Duque de Farias. Nossa participação no grupo de estudos, em reuniões quinzenais, desde o ano de 2017, vem possibilitando o aprofundamento na pesquisa sobre o pensamento nietzschiano, o que tornou este trabalho possível.

¹⁰Informação verbal. Marton e Silva Jr, evento *on-line* Mesa Redonda da *SOFIA XIV UNIFESP*, com o tema *A Recepção de Nietzsche no Brasil*. Palestras realizadas no dia 11 de novembro de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5nrWuzWECh8>. Acesso em: 12 jan. 2023.

Por envolver campos de estudos históricos, filosóficos e literários, esta pesquisa tem, portanto, um caráter interdisciplinar. Barros (2019), ao tratar da interdisciplinaridade na História, reforça a importância do diálogo entre os saberes, das pontes entre aportes teóricos e procedimentos metodológicos, e também entre uma disciplina e outra, podendo produzir interações e confrontos que enriquecem a produção do saber em ambos os campos da relação. Luce Giard (2023) aponta que Michel de Certeau (1925–1986) atravessou as fronteiras entre campos diversos do saber e utilizou em seu ofício de historiador as experiências adquiridas como membro da *École Freudienne de Paris*, instituição de formação de psicanalistas, fundada por Jacques Lacan (1901–1981).¹¹

Para enfrentar o problema deste estudo, que consistiu em investigar a recepção do pensamento filosófico de Nietzsche em textos literários infantojuvenis de Monteiro Lobato, e para construir as análises e interpretações que apresentamos nesta dissertação, utilizamos aportes teórico-metodológicos do campo no qual esta pesquisa se insere, o da História Intelectual.

Ao buscar uma definição sobre o domínio da História Intelectual, o Prof. Dr. Ricardo Oliveira da Silva e o Prof. Dr. Fabrício Antônio Antunes Soares, num artigo que aborda *Documentos e Epistemologia na História Intelectual* (2018), baseados nas postulações do historiador estadunidense Robert Darnton (2010), um dos pioneiros do campo, explicam que a História Intelectual se diferencia da História das Ideias (estudo do pensamento sistemático e de tratados filosóficos) e da História Cultural (estudo das concepções de mundo e de mentalidades coletivas). “A história intelectual propriamente dita é o estudo do pensamento informal, dos climas de opinião e dos movimentos literários” (Silva; Soares, 2018, p. 30).

Roger Chartier (2002b) escolhe para a abertura de seu livro *À beira da falésia*: a história entre certezas e inquietudes o ensaio intitulado *História intelectual e história das mentalidades*, no qual argumenta que a dificuldade de definir a história intelectual paira, dentre outros motivos, nas diferentes designações do campo, de acordo com as especificidades nacionais. Ou seja, cada língua e contexto intelectual próprio, no campo da pesquisa histórica, vai produzir conceitos e métodos específicos, que não cedem facilmente a uma tradução precisa em outra língua. Não obstante a problemática que envolve

¹¹A interdisciplinaridade atravessa tanto o tema desta pesquisa quanto a trajetória da pesquisadora, graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp/Assis), especialista em Educação (UFGD), com formação complementar em Psicodrama (Jacob Levy Moreno), Psicologia Analítica (Carl Gustav Jung) e Psicanálise (Sigmund Freud e Jacques Lacan), o que contribuiu para uma abordagem mais complexa das fontes literárias, conforme recomenda Roger Chartier (2001).

nomenclaturas, Chartier (2002b, p. 54) levanta uma questão fundamental para o domínio da História Intelectual: “O que significa ler?” Em consonância com Michel de Certeau, Chartier (2002b) considera a leitura uma construção ativa do leitor. Este cria significações e dá sentido ao texto que lê. O sentido de um texto, portanto, não está nele mesmo, “escondido como um mineral em sua ganga”; mas, sim, é produzido por seus leitores (Chartier, 2002b, p. 54).

De Certeau ([1989] 1998) e Chartier (2002a) forneceram as lentes para o que Barros (2017) denomina como os modos de pensar da pesquisa, por demonstrarem que a recepção não é um processo de assimilação passiva. Nesse sentido:

Análises recentes mostram que ‘toda leitura modifica seu objeto’, que (já dizia Borges) ‘uma leitura difere de outra menos pelo texto que pela maneira como é lida, e que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido. Se portanto ‘o livro é um efeito (uma construção) do leitor, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do leitor’ (De Certeau, [1989] 1998, p. 264).

A recepção, então, não é um ato pelo qual o leitor toma o lugar do autor; mas, sim, um lugar de criação. As significações pertencem ao campo de uma pluralidade. Desse modo, recepção pode ser entendida como prática ativa de apropriação, de produção de sentidos múltiplos e de formas diferenciadas de interpretação, construídas em caminhos históricos.

Chartier (2002a), na obra referencial *A história cultural: entre práticas e representações*, afirma que a construção de sentido que o leitor faz dos textos que lê não se dá fora de condições concretas; pelo contrário, as inteligências não são desencarnadas e suas trajetórias históricas são determinantes. “São insatisfatórias as abordagens que consideram o ato de ler como uma relação transparente entre o texto e o leitor” (Chartier, 2002a, p. 25). As apropriações que um leitor faz de um texto são históricas e também socialmente variáveis.

Ainda nesse sentido, De Certeau ([1989] 1998) chama a atenção para um elemento a ser considerado nos estudos sobre leitura. Trata-se de um terceiro entre a relação do escritor com o leitor: a instituição social. Esta pode determinar a relação do leitor com o texto. O sentido literal, a leitura *correta* de um texto, passa a ser determinada pelo poder social, numa relação de forças que se estabelece entre os *verdadeiros intérpretes*. No entanto, há, conforme explicita o eminente historiador francês, um outro modo de leitura, por ele designado como *leitura plural*. Entendida assim, a leitura também pode ser feita à margem das interpretações dos profissionais socialmente autorizados, geralmente os das instituições acadêmicas. O ato de ler pode ser compreendido como uma “operação de caça”, como “arma cultural” (De

Certeau, [1989] 1998, p. 267).

De acordo com os estudos das primeiras recepções de Nietzsche feitas no Brasil no final do século XIX e início do XX (Barroso, 2015; Dias, 2019; Pantuzi, 2016; 2024), constata-se que foram leituras feitas de forma autodidata, sem mediação acadêmica, aos moldes do que De Certeau ([1989] 1998) considera como *leitura plural*.

Na obra *Cultura escrita, literatura e história*, Chartier (2001) destaca a força das representações do passado que se fazem presentes na literatura e, ao tratar do uso das obras literárias como fontes da pesquisa histórica, alerta para que “uma leitura histórica das obras literárias não destrua sua condição literária” (Chartier, 2001, p. 91). Desse modo:

Porque há historiadores que se interessaram em fazer leituras das obras literárias, mas frequentemente sem sucesso, pois as liam como se fossem um documento singular que ilustrava os resultados ou que corroborava o que as fontes e as técnicas clássicas da história tinham mostrado. Assim, é uma leitura redutiva, puramente documental e que destrói o próprio interesse de se confrontar com a literatura. [...] É possível produzir uma inteligibilidade mais densa, mais complexa e mais rica das obras literárias (Chartier, 2001, p. 91).

A recomendação de Chartier (2001), para buscar uma inteligibilidade mais complexa das obras literárias enquanto fonte de pesquisa histórica, foi um farol que iluminou os modos de pensar para o estudo que realizamos. Quanto ao diálogo com as fontes – os modos de fazer – foram utilizadas nesta pesquisa as ferramentas teórico-metodológicas dos contextualistas ingleses de *Cambridge*, especialmente de Quentin Skinner (1940-).

Skinner (2017) apresentou um programa metodológico inovador nos estudos da área de História Intelectual. De acordo com Maria Lúcia Pallares Burke (2000), o historiador inglês não considerava os textos clássicos como portadores de sabedoria eterna. “Skinner se propõe a abordá-los em relação ao contexto; não tanto de contexto social (que, no entanto, não é excluído de sua análise) como de contexto intelectual e político” (Pallares-Burke, 2000, p. 125). O contextualista inglês amplia o significado de contexto histórico, enfatizando que, além de investigar as condições sociais da produção de uma obra intelectual, é necessário se atentar ao debate em que o autor dessa obra estava inserido, com quem ele estava dialogando, que questões estava enfrentando, o que queria provocar com seu texto. As ideias, para Skinner (2017), são produções intencionais e não podem, portanto, ser investigadas como se tivessem significados universais. Assim,

Descobrir, a partir da história do pensamento, que de fato não existem tais conceitos atemporais, mas somente a variedade de conceitos diferentes que existiram em diferentes sociedades, é descobrir uma verdade geral não só sobre o passado, mas sobre nós mesmos (Skinner, 2017, p. 398).

Utilizamos, na presente pesquisa, a abordagem de Skinner, centrada no contexto da produção dos textos, com foco no autor, em diálogo com a perspectiva de Hans Robert Jauss (1921–1997), precursor da Estética da Recepção, que enfatiza a análise do contexto de recepção, destacando o papel do leitor. Tal articulação possibilitou compreender Monteiro Lobato em sua atuação intelectual e literária tanto como escritor do *Sítio do Picapau Amarelo* quanto como leitor da filosofia de Nietzsche.

Regina Zilberman (1989, p. 12) explica que a Estética da Recepção é uma teoria sobre a leitura que preconiza o leitor e a leitora “como o principal elo do processo literário.” Contra as análises que ignoravam esse papel da leitura e davam primazia à interpretação do texto dentro de si mesmo, Jauss, numa conferência proferida em 1967, na Universidade de Constança, na Alemanha, intitulada *A história da literatura como provocação à teoria literária*, promove uma espécie de revolução epistemológica, pois considera que a história da literatura só poderá ser feita como processo de recepção, considerando o contexto dos leitores que recebem os textos literários (Zilberman, 1989). Sendo assim, “a literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra” (Jauss, [1967] 1994, p. 27).

Jean-François Sirinelli (1949-), com seu arcabouço para as pesquisas em História dos Intelectuais, enriqueceu o quadro teórico-metodológico do nosso estudo, contribuindo para que compreendêssemos os itinerários intelectuais de Lobato e as redes de sociabilidades em que ele estava inserido.

De acordo com Sirinelli ([1988] 2003), os itinerários podem ser compreendidos pelos percursos de engajamento político do intelectual em estudo. O próprio conceito de intelectual, trabalhado pelo historiador francês, apresenta essa dimensão de engajamento na vida da cidade. No que tange às redes de sociabilidades, deve-se levar em conta que tanto as afinidades e amizades quanto as hostilidades, rivalidades, brigas e rancores são relevantes para a pesquisa.

O perspectivismo de Nietzsche também nos orientou teórico-metodologicamente. Uma das marcas da crítica nietzschiana é apontar contra aqueles que pretendem encontrar em seu pensamento algo fixo, universal e dogmático. A leitura, para Nietzsche, pode promover, antes

de tudo, a transformação do indivíduo naquilo que ele é (Barroso, 2015). Ao vivenciar e digerir o que leu, o leitor terá forças para produzir algo próprio. Para o filósofo, aquele que o lê deve se tornar um intérprete, independente e criativo, portador de múltiplos olhares. Nesse sentido:

Existe *apenas* uma visão perspectiva, apenas um ‘conhecer’ perspectivo; e *quanto mais* afetos permitirmos falar sobre uma coisa, *quanto mais* olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa ‘objetividade’ (Nietzsche, [1887] 2009, p. 101, grifos do autor).

Nietzsche ([1887] 2009) apresenta, no Prólogo da *Genealogia da Moral*, uma reflexão sobre a recepção de sua obra. Apesar de ser avesso à proposição de fórmulas universais, sejam teóricas, sejam metodológicas, o filósofo buscava leitores que gastassem tempo para a compreensão de seus textos e que pudessem se dedicar à arte da interpretação. Criticando as leituras feitas em ritmo apressado, declara que prefere leitores que sejam mais parecidos com as vacas – *ruminantes* – do que com os homens modernos.

A música que finaliza este ato, buscando sensibilizar a escuta do leitor e da leitora para os próximos ritmos do nosso concerto, canta Nietzsche, em sua obra de estilo autobiográfico intitulada *Ecce homo*: como alguém se torna o que é (1888):

Em última instância, ninguém pode escutar mais das coisas, livros incluídos, do que aquilo que já sabe. Não se tem ouvido para aquilo a que não se tem acesso a partir da experiência. Imaginemos um caso extremo: que um livro fale de experiências situadas completamente além da possibilidade de uma vivência frequente ou mesmo rara – que seja a *primeira* linguagem para uma nova série de vivências. Neste caso simplesmente nada se ouvirá, com a ilusão acústica de que onde nada se ouve *nada existe*... Esta é em definitivo minha experiência ordinária e, se quiserem, a *originalidade* da minha experiência (Nietzsche, [1888] 2008, p. 51, grifos do autor).

O *furacão da Botocúndia*¹² ouviu as canções de *Zaratustra* e, a partir da ressonância desses sons nas suas mais profundas inquietações vitais, decidiu, corajosamente, cantá-las em suas próprias vivências. Tanto dos combates intelectuais quanto da obra literária do escritor paulista repercutem sons retumbantes do pensamento nietzschiano.

Ao escutar *Emília* tagarelando, autêntica, a afirmação da vontade própria, expressando o poder da invenção e “vivendo” a criação de si mesma, podemos notar Monteiro Lobato

¹²*Botocúndia* é uma palavra criada por Monteiro Lobato para se referir ao Brasil dos *botocudos*, dos *Jecas Tatus*. Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Mascarenhas de Rezende Camargos e Vladimir Sacchetta utilizam a expressão para intitular sua obra biográfica *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia* (1997).

experienciando sua recepção do *filósofo-dinamite*.¹³ Da voz de *Emília* – uma das mais famosas personagens da nossa cultura popular, a imortal boneca filósofa do *Sítio do Picapau Amarelo* – soa a alegre e suave melodia da liberdade, composta em solidão por Nietzsche; porém, escutada em riso por gerações e gerações de crianças brasileiras.

Esta dissertação toca, portanto, a composição dos resultados de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo investigar, analisar e interpretar a apropriação do pensamento de Friedrich Nietzsche pelo escritor brasileiro Monteiro Lobato, à luz dos referenciais teórico-metodológicos da História Intelectual de Quentin Skinner (2000; 2017), da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss ([1967] 1994), da História dos Intelectuais de Jean-François Sirinelli ([1988] 2003), articulados, a partir da concepção de leitura proposta pelos historiadores Michel de Certeau ([1989] 1998) e Roger Chartier (2001, 2002a).

O primeiro capítulo apresenta os itinerários intelectuais e as redes de sociabilidades de Monteiro Lobato, em seu contexto histórico, analisando as leituras que realizou da filosofia do autor de *Zaratustra*, a partir de seus embates como intelectual engajado. Para tanto, foram investigadas fontes biográficas, correspondências e entrevistas, tomando a escrita, a educação e a questão nacional como eixos organizadores da compreensão de Lobato enquanto um leitor brasileiro de Nietzsche, no início do século XX.

O segundo capítulo, em diálogo com a fortuna crítica, evidencia a luta intelectual que atravessou toda a trajetória de Monteiro Lobato: a criação e a difusão da literatura infantojuvenil brasileira. A partir da análise de livros que compõem a obra *Sítio do Picapau Amarelo*, tomados como fontes primárias, o capítulo apresenta resultados do exame da presença da filosofia de Nietzsche nesse edifício literário, tendo como fios analíticos os temas da linguagem, da verdade, do conhecimento e da moralidade.

O terceiro capítulo adentra a recepção do pensamento nietzschiano por Monteiro Lobato através da análise da personagem *Emília*, compreendida como *criança e espírito livre*. A partir das *vivências* da personagem filósofa do *Sítio do Picapau Amarelo*, foi possível apreender, na ficção lobatiana, aspectos fundamentais da leitura e da apropriação que o escritor paulista fez da filosofia de Nietzsche.

¹³Nietzsche diz: “Eu não sou um homem, sou dinamite”, em *Ecce homo: como alguém se torna o que é* [1888] (2008, p. 102), ao discorrer sobre o propósito de sua filosofia, no aforismo *Por que sou um destino*.

CAPÍTULO I

MONTEIRO LOBATO: UM BRASILEIRO LEITOR DE NIETZSCHE

Dum banho de Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer saímos spencerianos, da de Kant, saímos kantistas, da de Comte saímos comtistas – da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos.

Monteiro Lobato¹⁴

O intelectual brasileiro José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), nascido na cidade de Taubaté, interior do Estado de São Paulo, leu, com entusiasmo, o filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), prussiano de nascimento, andarilho na vivência, polêmico por decisão.

O que acontece quando um autor, queimado pelas *asas da borboleta de fogo* da literatura¹⁵, encontra, na posição de leitor, os textos de outro pensador, que ousou jorrar sua vida e suas dores no sangue do exercício filosófico e da escrita? É o que procuramos abordar a seguir.

As fontes utilizadas neste capítulo são fundamentalmente biográficas e epistolares. O uso de biografias como fontes da pesquisa em História não escapa de controvérsias. François Dosse ([2005] 2022) enfatiza o caráter híbrido do gênero biográfico, um tanto histórico, um tanto literário. Ao utilizar biografias de Monteiro Lobato como fontes da pesquisa, procuramos não perder de vista que “a biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado” (Dosse, [2005] 2022, p. 13). Sabemos que o melhor antídoto contra as ilusões é encará-las de frente, suportando as incertezas da pesquisa histórica.

Angela de Castro Gomes (2004), em *Escrita de Si, Escrita da História*: a título de prólogo, ao tratar do uso de escritas de si – correspondências, autobiografias e biografias – como fontes da pesquisa em História, destaca o exercício de crítica que deve ser feito pelo historiador e pela historiadora, ao lidar com qualquer tipo de documentação. No entanto, há

¹⁴Lobato ([1944] 1959, v. 1, p. 66) in *A barca de Gleyre*.

¹⁵“Somos vítimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo – se a não pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos” (Lobato [1944] 1959, v. 1, p. 81).

uma advertência a mais ao se trabalhar com escritas de si: o cuidado para não se deixar levar pela “ilusão biográfica” e o “efeito de verdade” que esse tipo de escrita é capaz de produzir (Gomes, 2004, p. 15). Nesse sentido:

O risco para o pesquisador que se deixa levar por esse feitiço das fontes pode ser trágico, na medida em que seu resultado é o inverso do que é próprio dessas fontes: a verdade como sinceridade o faria acreditar no que diz a fonte como se ela fosse uma expressão do que ‘verdadeiramente aconteceu’, como se fosse a verdade dos fatos, o que evidentemente não existe em nenhum tipo de documento (Gomes, 2004, p. 15).

Quanto às correspondências, por ser uma prática relacional, revela um espaço de sociabilidade, um vínculo entre indivíduos e grupos. Há que se atentar também ao “pacto epistolar”, que envolve escrever, enviar, receber, ler, responder e guardar cartas. A pesquisadora afirma que trabalhar com cartas traz à pesquisa histórica o desafio de lidar com uma documentação abundante, variada e fragmentada (Gomes, 2004, p. 19).

Giselle Martins Venancio (2004, p. 113), na pesquisa sobre a troca epistolar entre Monteiro Lobato e Oliveira Vianna, destaca que as correspondências têm sido consideradas “um objeto privilegiado para a investigação histórica”, principalmente quando se pretende traçar as redes de sociabilidades pessoais, profissionais, políticas e acessar práticas de intercâmbio de ideias e de opiniões.

O autor do *Sítio do Picapau Amarelo*, no ano de 1944, reuniu e publicou as mais de quinhentas páginas de cartas enviadas ao amigo escritor, tradutor e juiz de direito José Godofredo de Moura Rangel (1884-1951), intitulando a compilação de *A barca de Gleyre*, em menção ao quadro *Ilusões Perdidas* de Charles-Marc-Gabriel Gleyre (1808-1874). A troca epistolar entre eles ocorreu de 1903 a 1948. A cada nova edição, o escritor acrescentava as cartas mais recentes. Foram mais de quarenta anos de amizade, a qual começou durante os anos em que estudavam Direito juntos, no *Largo de São Francisco*, e durou até o fim da vida de Lobato. Rangel conservou as cartas e sugeriu ao amigo a publicação; porém, como possuía personalidade muito reservada, preferiu que suas respostas não fossem publicadas.¹⁶

De acordo com Tania Regina de Luca (2004, p. 157), “é inegável que Lobato selecionou, ordenou, cortou, colocou notas e depurou o material, sem que se possa estabelecer

¹⁶“Talvez a maior lacuna de que a documentação (e, conseqüentemente, os estudos lobatianos) até hoje se ressentem seja representada pelas cartas de Godofredo Rangel para Lobato, isto é, a outra ponta da correspondência publicada em *A barca de Gleyre*. Ao que se sabe, em posse de herdeiros de Rangel, algumas poucas foram publicadas em suplementos literários, mas a grande maioria permanece inacessível” (Lajolo *et al.*, 2022, p. 134).

o quanto interferiu nos próprios originais.” A despeito disso, a historiadora destaca o quanto essa troca epistolar se constitui “na mais sincera autobiografia” (De Luca, 2004, p. 157). Especialistas recorrem ao compilado de cartas *A Barca de Gleyre* por variados motivos: destacar seu valor literário, utilizá-lo como fonte privilegiada para compreender processos de criação lobatianos, conhecer as campanhas nas quais ele se engajou, acompanhar seu julgamento sobre autores e obras, dentre outros. Mas, conforme defende De Luca (2004), é como estratégia de autorrepresentação que esse diário intelectual se destaca.

Em 1944, Lobato, com sessenta e dois anos de idade, contava com várias de suas ilusões perdidas. Sentia-se derrotado em sua luta para dotar o país de ferro e petróleo próprios, e também muito entristecido pela morte de seus filhos Guilherme – falecido em 1939, com vinte e seis anos – e Edgar – falecido em 1942, com trinta e um anos de idade. Além disso, havia passado meses na prisão, no ano de 1941 – condenado por delito contra a segurança nacional – conhecendo a incomunicabilidade e o silenciamento que o Estado Novo lhe impôs. Estava sendo criticado e acusado por vários lados – para alguns: “passadista”; para outros: “ateu, irreligioso e comunista” (De Luca, 2004, p. 158). Assim,

com a publicação da correspondência trocada com Rangel, enfeixada nos dois volumes d’*A barca de Gleyre*, Lobato respondia aos críticos com a exemplaridade da sua própria história, consubstanciada num testemunho involuntário e, segundo julgava, fidedigno. Muito mais do que curiosidade literária, a *Barca* constituía-se, de fato, num instrumento de combate – era a arma com que se credenciava para a luta derradeira: a disputa pela representação de si (De Luca, 2004, p. 158).

Pelo olhar do escritor, editor e crítico literário Edgard Cavalheiro (1911-1958), desde quando foi convidado a prefaciar a primeira edição d’*A Barca de Gleyre* (1944), publicada pela *Companhia Editora Nacional*, enxergamos Monteiro Lobato como “o intelectual que faz da inteligência arma social” (Cavalheiro, 1944 *apud* Lobato [1944] 1959, v. 1, p. 7).

Cavalheiro, que é reconhecido como o principal biógrafo de Lobato, lançou, em 1955, em dois volumes, uma biografia de fôlego, intitulada *Monteiro Lobato: vida e obra*, a qual constituiu uma das principais fontes deste capítulo. Biografia elogiada pela crítica, público e familiares, alguns pesquisadores lobatianos destacam que, durante muito tempo, somente as oitocentas e cinquenta e duas páginas escritas por Cavalheiro, e publicadas apenas sete anos após a morte de Lobato, eram referência para se adentrar nos estudos sobre a vida do escritor taubateano.

João Luís Ceccantini (2009) constata que muitos pesquisadores basearam seus estudos apenas pela biografia de Cavaleiro; diante disso, recomenda a consulta a outras fontes, a fim de que novas perspectivas sobre o escritor possam ser produzidas. Apesar disso, recomenda que não se descarte o monumental trabalho de Cavaleiro. Nesse sentido:

Cavaleiro, contemporâneo de Lobato, teve amplo acesso ao arquivo do escritor, confiado por ele ao jovem ensaísta poucos anos antes de falecer, o que possibilitou a composição de um vasto e esclarecedor painel voltado a contextualizar a caudalosa produção de Lobato e importantes aspectos de sua existência (Ceccantini, 2009, p. 67-68).¹⁷

A biografia escrita por Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Mascarenhas de Rezende Camargos e Vladimir Sacchetta, intitulada *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia* (1997), é considerada pelo intelectual José Ephim Mindlin (1914-2010), na apresentação da obra, mais que uma história da vida do escritor, consistindo também no retrato de uma época da vida intelectual paulistana. Em prefácio a esse livro, Benjamin Abdala Júnior destaca o valor da pesquisa que deu embasamento à obra, principalmente pelo acesso a documentos inéditos. Assim, essa biografia também foi fonte relevante do nosso estudo.

A pesquisadora de história da leitura, de teoria literária e de literatura brasileira, Profa. Dra. Marisa Lajolo, organizadora da publicação *Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil* (2009)¹⁸, considerada a mais respeitada estudiosa de Monteiro Lobato do país, é uma das biógrafas que esta pesquisa utilizou como fonte. As biografias escritas por Lajolo – *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, publicada no ano 2000 – e *Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia*, publicada em 2019 – escrita com a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, possibilitaram o acesso aos (des)caminhos e às contradições que marcaram a vida do inventor da *Emília*.

No presente capítulo, apresentamos os resultados do estudo sobre alguns itinerários intelectuais e políticos de Monteiro Lobato, nas primeiras décadas do século XX. Com base em correspondências e biografias, são traçadas as linhas que compuseram algumas de suas

¹⁷“Logo após a publicação de ‘A Barca de Gleyre’, ele apareceu uma noite. Não quis jantar. Ficou rodeando a mesa, beliscando coisas. Reclamou da casa. Muito pequena. Uma lata de sardinhas. [...] Como que estava a medir com os olhos os metros ou centímetros quadrados disponíveis. Por fim, esclareceu que ia mesmo de mudança para a Argentina. Talvez não voltasse. Tinha uma papelada imensa, que de nada lhe servia, mas que lamentava botar fora, pois talvez se prestasse para reconstituir certa época da vida literária brasileira. Todo o movimento intelectual do País passara pelas saletas da Rua Boa Vista, entre os anos de 1918 e 1925. Possuía milhares de cartas e documentos. [...] Finalmente parou e, olhando-me firme, fez a pergunta que sem dúvida trouxera engatilhada: ‘– Quer ficar com meu arquivo?’” (Cavaleiro, [1955] 1962, v. 1, p. 3).

¹⁸Livro vencedor do *Prêmio Jabuti*, primeiro lugar, na categoria de não ficção, no ano de 2009. Fonte: <https://www.premiojabuti.com.br/jabuti/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=2009&categoria=44965f9b-6b21-e811-a837-000d3ac085f9>. Acesso em: 29 dez.2022.

redes de sociabilidades. Procuramos contextualizar também alguns embates de ideias e interlocuções com parcerias intelectuais. Finalmente, são analisadas menções do escritor paulista à leitura que fez da filosofia de Nietzsche, em seus artigos, entrevistas e cartas.

1.1. Entre marasmo e vertigem: itinerários e combates de um intelectual engajado

A historiadora Margarida de Souza Neves, em *Os cenários da República* (2003), ao abordar *o Brasil na virada do século XIX para o século XX*, afirma haver naquele período duas experiências distintas quanto à passagem do tempo – nas grandes cidades: vertigem, aceleração, corrida alucinante pelo progresso – nas fazendas, vilas e sertões: marasmo, tempo transcorrendo lentamente, no ritmo da natureza. Esta lógica paradoxal, combinando rapidez e morosidade, apresenta-se como uma das marcas tanto do contexto existencial quanto da subjetividade de Monteiro Lobato.

O criador do *Sítio do Picapau Amarelo* nasceu em Taubaté, na noite de 18 de abril de 1882. Passou a infância entre o pacato centro da cidade natal e a fazenda de seu pai, no bairro de Ribeirão das Almas. Em 1895, com treze anos de idade, desejava morar sozinho na cidade de São Paulo. Reprovou na primeira tentativa dos exames para o curso preparatório e foi aprovado no ano seguinte. Em 1896, aos quatorze anos de idade, foi morar na capital paulista, como interno no *Instituto Ciências e Letras*. Estudou na *Faculdade de Direito do Largo de São Francisco*, entre os anos de 1900 a 1904, residiu em república de estudantes e experienciou anos de agitadas sociabilidades literárias.

Ao terminar o bacharelado, em 1904, regressou a Taubaté e, em 1907, foi nomeado Promotor Público em Areias. Casou-se, em 1908, aos vinte e seis anos, com Maria Pureza da Natividade, com quem teve quatro filhos, nascidos nos anos de 1909 – Marta; 1910 – Edgar; 1912 – Guilherme e 1916 – Ruth. Com a morte de seu avô, Lobato herdou a fazenda *Buquira*, na Serra da Mantiqueira, a qual administrou, a partir de 1911. Os anos de 1904 a 1917 foram marcados pelo marasmo e pelo tédio na vida do escritor.

Conforme sua vontade, conseguiu vender a fazenda, em 1917, e voltar a morar na cidade de São Paulo, iniciando sua vertiginosa carreira de editor. Em 1918 comprou a *Revista do Brasil* e fundou uma editora própria, a *Monteiro Lobato & Cia*. No mesmo ano, publicou seu primeiro livro de literatura, *Urupês*, com trinta e seis anos de idade, obtendo estrondoso sucesso. Em 1920 lançou a primeira história da saga *Sítio do Picapau Amarelo*, que teve forte vida literária e fôlego de vinte e sete anos de publicações – até 1947. No ano de 1927, com

quarenta e cinco anos de idade, mudou-se para Nova Iorque, onde viveu até 1931, atuando como adido comercial da diplomacia brasileira. Em 1929, perdeu seu patrimônio com o *Crack* da Bolsa de Valores.

De volta à cidade de São Paulo, no ano de 1931, fundou a *Companhia de Petróleo do Brasil*, dedicando-se, intensamente, à campanha pelo petróleo. Garantiu sua sobrevivência e de sua família com o trabalho de tradutor e também por meio das publicações das histórias infantis do *Sítio do Picapau Amarelo*. No ano de 1939, morreu seu filho Guilherme, com vinte e seis anos. No ano de 1940, recebeu de Getúlio Vargas (1882-1954) o convite para dirigir o *Ministério de Propaganda*. Respondeu com uma carta de recusa, tecendo severas críticas à política brasileira de minérios, a qual foi considerada de teor subversivo. Foi preso, aos cinquenta e nove anos, pelo Estado Novo, de março a junho de 1941. Em 1942, morreu seu filho Edgar, aos trinta e um anos de idade.

No ano de 1944, com sessenta e dois anos, recusou a indicação para a *Academia Brasileira de Letras*. Em 1945 recusou o convite para integrar a bancada de candidatos do *Partido Comunista do Brasil*; no entanto, enviou carta de saudação e apoio a Luís Carlos Prestes (1898-1990), lida no *Comício do Pacaembu* (1945). De 1946 a 1947, morou na Argentina e preparou a edição de suas obras completas, para a *Editora Brasiliense*. Em 1948, aos sessenta e seis anos de idade, teve um espasmo vascular que afetou sua motricidade. Morreu na madrugada de 4 de julho de 1948. Seu corpo foi velado na *Biblioteca Municipal de São Paulo*.

Lajolo e Schwarcz (2019, p. 71), afirmam, sobre Lobato, que “ele nunca foi personagem fácil”, envolveu-se em muitas polêmicas e diversas controvérsias fizeram parte de sua trajetória intelectual. Ao abordarem essas contradições, procurando não escondê-las, as autoras defendem uma representação mais humana do escritor, como homem pertencente ao seu tempo e ao seu contexto. Tendo em vista que o enfoque do presente capítulo é na atuação de Monteiro Lobato como um intelectual brasileiro engajado, apresentaremos, a seguir, uma breve discussão sobre essa noção.

A contradição, além de ser característica marcante da trajetória de Lobato, é o que define o intelectual moderno, na perspectiva de Jean-Paul Sartre (1905-1980), conforme se pode verificar pelas conferências reunidas sob o título *Em defesa dos intelectuais* ([1965] 1994). Se com Antonio Gramsci (1891-1937), em *Os intelectuais e a organização da cultura* ([1949] 1982), apreendemos que existem dois tipos de intelectuais – os tradicionais e os

orgânicos – que se diferenciam em conformidade com o grupo social ao qual pertencem e que defendem; com Sartre ([1965] 1994) nos deparamos com o intelectual-contradição – especialista do saber prático, que busca expressar conhecimentos universais e é, ao mesmo tempo, crítico das condições sociais e econômicas que possibilitaram sua existência particular. Para Sartre ([1965] 1994), portanto, não existem intelectuais conservadores; estes seriam apenas falsos intelectuais. A principal função de um intelectual, na perspectiva sartreana, seria levar uma sociedade a tomar consciência de si mesma.

Por outro lado, Michel Foucault (1926-1984) problematiza e se opõe, na entrevista intitulada *Os intelectuais e o poder* ([1972] 2015), a essa visão de que um intelectual deve falar o que as massas não conseguem ou não sabem dizer. Para Foucault, o papel dos intelectuais não é ser a consciência de pessoas oprimidas; é lutar contra os poderes que silenciam, deslegitimam e marginalizam certos discursos, práticas e saberes. O campo de batalha do intelectual é o âmbito do discurso, do saber e da verdade. Nesse sentido, o intelectual é aquele que

luta contra o poder, luta para fazê-lo aparecer e abalá-lo ali onde ele é mais invisível e mais insidioso. Luta, não por uma ‘tomada de consciência’ (há muito tempo que a consciência como saber é adquirida pelas massas, e que a consciência como tema é tomada, ocupada pela burguesia), mas para minar e pela tomada do poder, ao lado, com todos os que lutam por ela, e não em recuo para esclarecê-los (Foucault, [1972] 2015, p. 38).

Apesar de Gramsci e Sartre serem autores consagrados e incontornáveis quando se trata da noção de intelectual engajado, percebemos, ao acompanhar a trajetória de Monteiro Lobato, que, para compreender a maioria de seus embates, esta pesquisa esteve em maior consonância com o prisma de Foucault e de Edward Wadie Said (1935-2003).

Em *Representações do Intelectual*: as conferências Reith de 1993, Said ([1993] 2005) afirma que a ação que define o intelectual é derrubar estereótipos e enfrentar as limitações tanto do pensamento quanto da comunicação. “O intelectual, no sentido que dou à palavra, não é nem um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico” (Said, [1993] 2005, p. 35). Pela presente pesquisa, observamos que o senso crítico foi uma das mais fortes características intelectuais de Monteiro Lobato.

Jean-François Sirinelli ([1988] 2003), no texto *Os intelectuais*, alerta para uma ingenuidade que o historiador ou a historiadora dos intelectuais pode incorrer, caso desconsidere que, em se tratando da prática de uma crítica social, muitas vezes, os sentimentos e as afetividades falam mais alto do que a razão. Nesse sentido, Sirinelli ([1988]

2003) reconhece a existência dos intelectuais conservadores e ressalta as dificuldades no que tange à definição de intelectual, posto o caráter polissêmico do termo. Isso posto, o historiador francês propõe uma acepção mais extensiva da noção de intelectual, o que inclui criadores, receptores e mediadores culturais – como jornalistas, escritores, professores, eruditos e estudantes. A categoria menos ampla, porém, também válida para a própria definição de intelectual, é a de “engajamento na vida da cidade” (Sirinelli, [1988] 2003, p. 243). O prisma do historiador Sirinelli ([1988] 2003) também nos possibilitou um olhar mais abrangente para o multifacetado intelectual brasileiro Monteiro Lobato.

Marilena Chauí (2006), em *Intelectual engajado: uma figura em extinção*, define como intelectual engajado aquele que faz a crítica de seu tempo, de sua realidade e também das atividades artísticas, científicas e filosóficas com as quais dialoga. Na história do nosso país, tanto no período da Primeira República (1889-1930) quanto na Era Vargas (1930-1945), Monteiro Lobato e outros denominados *homens de letras* marcaram presença no cenário político e interferiram diretamente no processo de construção do nacionalismo brasileiro. De acordo com Alexandre Lazzari (2018, p. 304), os escritores brasileiros do final do século XIX e início do XX colocaram em prática “a missão de produzir a imaginação que conectaria o todo nacional e forneceria um sentido histórico à comunidade imaginada chamada Brasil.”

Mônica Pimenta Velloso afirma, em *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo* (2007), que os intelectuais brasileiros da geração de 1870 estavam mais orientados pelos ideais da ciência e da racionalidade, enquanto os da geração de 1920 buscavam, por meio da arte e da intuição, iluminar a consciência nacional. Antonio Candido (1965), em *Literatura e sociedade*, também nos mostra que esses escritores portavam-se como guias e nutriam uma visão da literatura como missão, no sentido de criar um acervo de temas nacionalistas e de autovalorização do país.

Observamos que, em Monteiro Lobato, desde sua juventude até a maturidade, há a afirmação da literatura como seu destino e do valor da busca, que nunca abandonou, em sua obra e em sua vida, por uma conexão entre ciência e arte. Quando estudava na *Faculdade de Direito do Largo de São Francisco*, em São Paulo, participou de um concurso de contos, realizado pelo Centro Acadêmico, em 1904, obtendo o primeiro lugar, com *Gens Ennuyeux*¹⁹. A trama gira em torno de uma conferência sobre os elos evolutivos descritos por Charles

¹⁹De acordo com Cavalheiro ([1955] 1962, v. 1), a expressão francesa *Gens ennuyeux* designa pessoas entediadas. O conto foi publicado no jornal *O onze de agosto*, de 12 de outubro de 1904. Posteriormente, foi inserido na obra *Cidades Mortas* ([1919] 1959c).

Darwin, proferida em uma Sociedade Científica imaginária, que deixa a plateia fascinada a princípio e cansada depois, diante do orador “a jorrar linfa científica durante quinze, trinta minutos, uma hora, hora e meia...” (Lobato, [1919] 1959c, p. 93). No final do conto, o jovem escritor, aos vinte e dois anos de idade, lança a seguinte reflexão:

Ciência e Arte nasceram para viver juntas, porque Arte é harmonia e Ciência é verdade. Quando se divorciam, a verdade fica desarmônica e a harmonia falsa. Se este senhor sábio trouxesse pela mão direita a Ciência e pela esquerda a Arte, para fundi-las no momento de falar, que coisa esplêndida não faria de um tal tema! Trouxe uma só e por isso maçou-nos, empanturrou-nos a alma de coisas duras, indigeríveis, misturadas com mil pronomes fora dos mancais (Lobato, [1919] 1959c, p. 97).

No que tange à questão nacional, Monteiro Lobato engajou-se fortemente. A pesquisa de André Gilberto da Silva Fróes (2014), intitulada *Do urupê de pau podre à maquinização: Monteiro Lobato e a formação nacional (1914-1941)* corrobora essa constatação. Fróes (2014) destaca que o escritor taubateano buscou construir um projeto nacionalista com sua literatura, tanto a geral quanto a infantil, desde os anos de 1920, e também desenvolveu um programa de modernização para o país, a partir da década de 1930, via produção de ferro e exploração do petróleo.

A luta intelectual que durou toda a vida do escritor paulista foi por uma renovação da literatura infantojuvenil e da educação, que levasse em conta a criança como agente sensível de seus processos de conhecimento, criação, pensamento e imaginação. Além disso, engajou-se em diversos outros combates. Os percursos e as redes de sociabilidades de Monteiro Lobato são complexos, pois atuou como crítico, escritor, advogado, promotor público, fazendeiro, tradutor, editor, diplomata e empresário.

O presente capítulo não pretende apresentar uma abordagem esgotativa dos embates intelectuais do escritor. Foi feita uma escolha, portanto, tendo em conta os temas que avaliamos como fundamentais para o objetivo do nosso estudo, ou seja, para compreender a trajetória intelectual do criador da *Emília*, considerando, especialmente, a sua recepção da filosofia de Nietzsche.

A seguir, iniciaremos um breve passeio biográfico com a criança *Juca* – tendo em vista a relevância desse universo para Monteiro Lobato – para, depois, percorrermos alguns itinerários, a partir de combates que o escritor se envolveu, com ênfase nos seguintes temas: escrita, educação e questão nacional.

1.2. *A criança é a humanidade de amanhã:*²⁰ o menino que amava ler

José Renato Monteiro Lobato, o pequeno *Juca*, nasceu no dia 18 de abril de 1882, no casarão de seu avô materno, José Francisco Monteiro, na cidade de Taubaté-SP. Num contexto histórico de profundas transformações sociais, econômicas e políticas, o Brasil daquele período estava se compondo entre forças de um regime monárquico em declínio e de um arranjo republicano em luta para se instalar e se firmar.

No concerto internacional, conforme destaca Margarida de Souza Neves (2003), os ideais de progresso e de civilização compunham a agitada canção da modernidade, no final do século XIX e início do XX. A Inglaterra, que estava regendo o coro, subordinando aos seus interesses os jovens países da América Latina – dentre eles o Brasil – passa a tocar seus instrumentos junto com outros países que estavam se destacando na orquestra imperialista: França, Alemanha, Itália, Bélgica, Portugal, Espanha, Holanda, Japão, Rússia e Estados Unidos. “O mapa político do mundo passa a ser outro, e o Brasil nele continua inscrito como país dependente e periférico, mas não mais exclusivamente na área de influência inglesa” (Neves, 2003, p. 20).

Diante de muitas inovações técnicas – como o telefone, o rádio, o telégrafo, a expansão ferroviária, o automóvel, o avião, entre outras – aceleram-se os ritmos, dentro e fora das casas. Pobres, “cada vez mais numerosos nas cidades – se amontoam em casas de cômodos, pardieiros, pensões”, formando uma verdadeira multidão (Neves, 2003, p. 21). A fim de educar, curar, disciplinar, enfim, civilizar essa multidão, são mobilizados os intelectuais e o poder público.

Conforme demonstra Nicolau Sevcenko (1952-2014), em *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso* (1998), a nova expansão europeia, a partir de meados do século XIX, além da posse territorial, precisava transformar os modos de vida das sociedades sob seus domínios, instalando novos ritmos para os hábitos de produção e de consumo. Isso gerou revoltas e levantes diversos. Massacres generalizados ocorreram, no intuito de abafar qualquer insurreição. Quanto ao Brasil desse período, apesar de ter sido vitorioso, junto com Argentina e Uruguai, na Guerra contra o Paraguai (1864-1870), o governo imperial saiu desgastado do conflito. Nesse contexto de desestabilização do Império Brasileiro, fundou-se o *Partido Republicano*, em 1870, com a proposta da abolição da monarquia. Assim,

²⁰Assim falou Lobato em *Conferências, artigos e crônicas* ([1946-1947] 1959i, p. 249).

entrou em cena uma nova elite de jovens intelectuais, artistas, políticos e militares, a chamada ‘geração de 70’, comprometida com uma plataforma de modernização e atualização das estruturas ‘ossificadas’ do Império baseando-se nas diretrizes científicas e técnicas emanadas da Europa e dos Estados Unidos (Sevcenko, 1998, p. 14).

Essa nova elite, geração que antecedeu Monteiro Lobato, em grande medida, estava apoiada na expansão da cultura cafeeira no Sudeste brasileiro. De acordo com Sevcenko (1998), era de interesse dos fazendeiros de café que um sistema federalista fosse implantado, a partir do regime republicano, garantindo-lhes poder econômico e político. Num “conluio envolvendo militares radicais, cafeicultores paulistas e políticos republicanos”, em 1889, proclama-se a República brasileira, com o ideal de modernizar o país “a todo custo” (Sevcenko, 1998, p. 14-15). As ideias que inspiraram os intelectuais desse período foram as correntes científicas, as concepções de Herbert Spencer (1820-1903) e, principalmente, o pensamento de Augusto Comte (1798-1857).

Foi nesse contexto histórico, pertencendo a uma família de cafeicultores paulistas, que Monteiro Lobato tornou-se uma criança leitora. Na juventude e na maturidade, consolidou sua mais forte característica: a de ser um leitor voraz. Seus interesses filosóficos e literários foram diversos e transbordam nas mais de setecentas e cinquenta páginas dos dois volumes d’*A Barca de Gleyre* (1944). Lia no idioma materno, em Francês e em Inglês. Desde jovem, entrou em contato com o pensamento em voga na sua época: o positivismo de Augusto Comte, a psicologia determinista de Gustave Le Bon (1841-1931), o darwinismo social de Herbert Spencer. Em literatura, tinha seus preferidos, dentre os brasileiros: Machado de Assis (1839-1908) – o mais elogiado²¹ e Euclides da Cunha (1866-1909)²² – fortemente admirado; em contrapartida, teceu ácidas críticas ao idealismo de José de Alencar (1829-1877)²³.

O menino que amava ler também adorava as brincadeiras. São alegres suas recordações da infância, caçando jacu²⁴ na mata, com seu pai, José Bento Marcondes Lobato, brincando, no amplo espaço da fazenda Santa Maria, com suas irmãs Teca e Judite, e bonecos

²¹“Machado de Assis é o clássico moderno mais perfeito e artista que possamos conceber. Que propriedade! Que simplicidade! Simplicidade não de simplório, mas do maior dos sabidões” (Lobato, [1944] 1952, v. 1, p. 263).

²²Euclides da Cunha é muito elogiado por Lobato pelo estilo, pelo uso preciso da linguagem e também por misturar ciência e arte. “O grande triunfo de Euclides foi meter um pouco de ciência na literatura” (Lobato, [1944] 1952, v. 1, p. 280).

²³Lobato criticava os escritores que construíam imagens idealizadas, como José de Alencar fez com a imagem do indígena brasileiro. “Os índios de Alencar no Guarani são pescados na Iliada de Homero” (Lobato, [1944] 1952, v. 2, p. 75). “Rangel, é preciso matar o caboclo que evoluiu dos índios de Alencar” (Lobato, [1944] 1952, v. 1, p. 364).

²⁴Ave parecida com um peru ou com uma grande galinha.

feitos com espigas de milho.²⁵ Assim, “[...] se não estavam brincando de cavalinhos, porquinhos, bonequinhos, era certo encontrá-los no terreiro de café, ou no pomar, comendo cabeludas, frutinha amarela, hoje extremamente rara” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 7).

O biógrafo Edgard Cavalheiro destaca a constatação de Lobato de que as crianças preferem os brinquedos em que a imaginação possa atuar. “Entre um polichinelo e um sabugo, acabam conservando o sabugo” (Lobato *apud* Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 7). Nesse sentido, um sabugo vestido de cartolinha pode se tornar um grande homem de ciência, ou um chuchu, com palitinhos a servir de pernas, pode ser ora um cavalo, ora um porco, de acordo com a inventividade das crianças. Monteiro Lobato foi uma criança que brincou bastante e que desfrutou do exercício livre de sua imaginação.

Um destaque da infância do escritor foi o seu amor ao circo e, especialmente, à figura do palhaço. Seus pais, como era comum aos fazendeiros da época, tinham uma casa na cidade, na qual a família passava boa parte do ano. Os circos chegavam, ainda que espaçadamente, na cidade de Taubaté, trazendo sonho e festa para as crianças:

Comovido, diante de um circo, o adulto Lobato relembra com emoção a chegada e permanência dele na cidadezinha: ‘Lá estava ela, a clássica barraca, iluminada por dentro e deixando ver desenhados no pano os vultos dos espectadores. [...] Eu não podia ver o palhaço que não risse a ponto de incomodar os vizinhos. A cara pintada, os modos, a roupa, tudo era imensamente engraçado.’ Mas vindo o intervalo, cochilava no colo da mãe, enquanto o pai saía a buscar doces e pastéis (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 8-9).

As impressões da criança *Juca* sobre o circo também aparecem em sua literatura. Em uma das primeiras histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*, publicada no livro *Reinações de Narizinho* (1931) – *O circo de cavalinhos* – Lobato tece uma trama na qual a personagem *Emília* tem a ideia de montar um circo. Um dos pontos altos da apresentação circense no *Sítio* é a do palhaço *Sabugueira* – interpretado pelo *Visconde de Sabugosa*.

Além das brincadeiras caseiras e dos raros dias em que o circo passava pela cidade de Taubaté, o menino regalava-se na biblioteca de seu avô materno, o Barão José Francisco Monteiro, que, a partir de 1885, ganha o título de Visconde de Tremembé:

²⁵De acordo com Cavalheiro ([1955] 1962, v. 1), em um dos livros da saga do *Sítio do Picapau Amarelo* – *Caçadas de Pedrinho* – Lobato expressa lembranças e emoções vividas nas suas primeiras aventuras na mata da fazenda, com seu pai, aos cinco anos de idade. A criação de um dos principais personagens do *Sítio* – o *Visconde de Sabugosa* – também conta com inspirações vindas de seus brinquedos de infância.

Apesar do ar severo, imponente, o Visconde se desmanchava em agrados aos netos, particularmente a Juca, o varão, que recebia sempre como presente de festas aquelas idas à Chácara, e ao casarão da cidade, onde havia a sala encantada – o escritório do avô. Estantes enormes, cheias de grossos tomos. Ainda era cedo para entendê-los, mas o menino adorava folhear a ‘Revista Ilustrada’, de Ângelo Agostini, ou a ‘Novo Mundo’, de J. C. Rodrigues. Uma coleção do ‘Journal des Voyages’, foi, no entanto, o seu maior encanto. ‘Cada vez, diz ele, que me pilhava na biblioteca de meu avô, abria um daqueles volumes e me deslumbrava. [...] Era preciso tirá-lo à força da biblioteca’ (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 10).

A mãe do escritor, Olímpia Augusta Monteiro, professora de primeiras letras, foi quem ensinou *Juca* a ler e escrever quando este tinha quatro ou cinco anos de idade. De acordo com Cavalheiro ([1955] 1962, v. 1), quase não havia, na biblioteca do avô, livros específicos para crianças.²⁶ Diante disso, o menino folheava revistas ilustradas, além de ler e reler “o *Robinson Crusóé*, o *Carlos Magno e os doze pares de França*, e todo o *Júlio Verne*” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 17).

Aos onze anos de idade, José Renato passa a assinar seu nome como José Bento. Isso se deu porque o pai de Lobato possuía uma bengala que encantava *Juca*. No castão de ouro da bengala estavam gravadas as iniciais do nome de seu pai: J.B.M.L – José Bento Marcondes Lobato (1850-1898). Sua vontade de ser herdeiro do objeto desejado – o que se concretizou em seu futuro – fez com que passasse a assinar seu nome como José Bento Monteiro Lobato. De acordo com Marisa Lajolo (2000, p. 12), essa mudança de nome reivindicada pela criança *Juca* “é emblemática da força de vontade, do senso prático e da garra do menino que viria a ser o famoso escritor Monteiro Lobato.”

Emília, em *Reinações de Narizinho*, é reconhecida como a melhor *botadeira de nome* do *Sítio do Picapau Amarelo*. Ao nomear um boneco de pau, feito por *Tia Nastácia*, de *João-Faz-de-Conta*, explica a boneca:

– João-Faz-de-Conta é o melhor nome que acho para este boneco. – Por que?
– João, porque ele tem cara de João. E Faz-de-Conta, porque só mesmo fazendo de conta se pode admitir uma feiúra desta. Faz de conta que não é feio. Faz de conta que não tem ponta de prego nas costas. Faz de conta que...
– Chega, *Emília*. Já está muito bem explicado – disse *Narizinho* com os olhos postos no boneco. – Você tem razão. Não pode haver nome mais bem posto. Todos acharam a mesma coisa e classificaram a boneca como a melhor ‘botadeira de nome’ do sítio (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 206).

²⁶Grande parte dos livros da biblioteca do Visconde pertenceu ao seu filho José Francisco, “homem culto, dado às leituras.” O Doutor Monteiro – chamado pela família de “Tio Zezé” – estudou medicina em Leipzig, na Alemanha, viajou muito pela Europa, clinicou em Taubaté por volta de 1887, vindo a falecer ainda moço, na Itália (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 18).

Como prêmio por saber nomear tudo tão bem, *Emília* pediu o alfinete de pombinha, que era de *Tia Nastácia*:

Aquele alfinete andava deixando Emília doente. Era um alfinete do tempo de dantes, que já não se encontra em loja nenhuma de hoje. De aço azul, tendo em vez de cabeça uma pombinha de vidro colorido. Tia Nastácia possuía três, um de pombinha azul, outro de pombinha verde, outro de pombinha carijó. Era este que Emília queria – mas queria desesperadamente, como nunca neste mundo uma boneca quis qualquer coisa (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 205).

Ao ganhar o alfinete desejado, “Emília bateu palmas de alegria e foi correndo mostrar o alfinete ao cavalinho, que era agora o seu grande amigo e confidente. Tinha-lhe posto um lindo rabo de pena de galo e com ele passava horas brincando...” Em outra ocasião, também se apropriou da varinha mágica de *Cinderela*, quando esta foi visitar o *Sítio*: “[...] berrou de novo Emília mostrando o precioso talismã – Com pressa, ela esqueceu-se da vara e a vara é minha. Vou brincar de virar o dia inteiro” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 207 e 191).

Monteiro Lobato foi um grande *botador de nomes* e brincou bastante *de virar*. Após nomear a si mesmo, seguiu sua trajetória, entre tempos de marasmo e de vertigem. “E Emília? Emília, na varanda, balançava-se numa pequena rede especialmente armada para ela num canto. A boneca estava pensando na vida, com ideia de virar escritora de histórias” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 161).

1.3. *Saber sentir, saber ver, saber dizer*:²⁷ a escrita como combate

O garoto que amava livros tem sua estreia no mundo das letras escritas no ano de 1896, quando tinha quatorze anos de idade e era estudante no *Colégio Paulista*, em Taubaté. No jornalzinho estudantil *O Guarani*, publicou uma pequena crônica, intitulada *Rabiscando*. O jovem escritor, utilizando o pseudônimo *Josbem*, fez uma crítica à *Enciclopédia do Riso e da Galhofa* – que era um almanaque de piadas bastante popular na época. Sobre essa verve ácida que já se apresentou bem no início da jornada do escritor, comenta Cavaleiro:

Se a crônica não revela nada de excepcional como qualidade literária, mostra o espírito crítico do menino, que em lugar dos devaneios próprios da idade, vinha logo arrasar um mau livro, desancando a lenha num autor sem graça (Cavaleiro, [1955] 1962, v. 1, p. 25).

Monteiro Lobato, na infância e na adolescência, gostava muito de ler, tanto que sempre que visitava o avô passava mais tempo na biblioteca do que em qualquer outro lugar.

²⁷Assim falou Lobato em *A Barca de Gleyre* ([1944] 1959, v. 1, p. 81).

No entanto, Cavalleiro relata que Lobato nunca havia conseguido se lembrar de quando começou a sentir vontade de escrever. “Dizia que em criança nunca fora muito ‘contador’ das coisas que fazia ou pensava. [...] Mesmo quando tinha coisas interessantes para contar, preferia o silêncio” (Cavalleiro, [1955] 1962, v. 1, p. 23-24).

Em *Reinações de Narizinho*, a boneca de pano *Emília*, após ser confeccionada por *Tia Nastácia*, também vivia em silêncio. Isso só muda quando, depois de alguns capítulos, numa das aventuras de *Narizinho* no reino das *Águas Claras*, a menina pede ao *Doutor Caramujo*, curador de todas as doenças, que faça sua companheirinha de pano vencer o medo e conseguir falar. O encantado médico oferece à boneca uma pílula mágica, que a possibilita falar o que quiser e expressar seus pensamentos e sentimentos. Assim como *Emília*, somente após *destravar sua falinha*, que Lobato tornou-se tagarela e atrevido.

Ao interpretar a vontade do menino leitor de libertar suas palavras e lançá-las ao mundo, Lajolo e Schwarcz (2019) estabelecem uma relação entre o lançamento do jovem crítico e um evento ocorrido no ano anterior. Em 1895, *Juca*, animado, fez suas malas e seguiu para a cidade de São Paulo, com o intuito de cursar o preparatório para a faculdade, no *Instituto Ciências e Letras*. Porém, foi reprovado nos exames por conta de uma única disciplina – Língua Portuguesa – e teve de voltar a Taubaté. Esse acontecimento deixou o jovem arrasado. Em carta à mãe, Olímpia Augusta Monteiro Lobato (1856-1899), escreveu:

Mamãe,
Ontem entrei na prova oral de Português e fiz uma boa prova. Todos que viram disseram que eu tinha tirado plenamente, mas quando fui ver eu estava inabilitado. [...] Tenho vergonha de toda gente, aqui que conheço poucas pessoas, quanto mais aí que todos sabem que vim fazer exames. [...] Parece que vou morrer, principalmente vendo como a senhora, papai e seu Germano²⁸ vão ficar tristes. Só de me lembrar saem lágrimas dos olhos. [...] Se alguém perguntar de mim, diga que não sabe, que morri (Lobato, 1895 *apud* Cavalleiro, [1955] 1962, v. 1, p. 22-23).

Na obra *Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia* (2019), Lajolo e Schwarcz apresentam, com rigor acadêmico, o relato de vida do escritor – em forma literária – como se Lobato estivesse contando sua história em primeira pessoa. Sobre a reprovação na prova oral de Português e a primeira crônica publicada no jornal estudantil, canta o menino *Juca*, no coral das autoras:

²⁸Germano Mostardeiro foi um professor muito estimado pelo jovem Monteiro Lobato. “Era positivista, espírito liberal, aberto às novas ideias, considerado na cidade como ateu, homem perigoso, que a Igreja combatia, e os carolas evitavam” (Cavalleiro, [1955] 1962, v. 1, p. 41).

Depois de alguns anos, para continuar os estudos, a melhor opção era ir para São Paulo. E lá fui eu. Meio com medo, sabe como é. Mas também adorando a novidade: morar numa cidade grande! E sozinho! Para se matricular na escola de São Paulo, a gente tinha de fazer um exame. Eu achei que não ia ter problema. Pois não é que fui reprovado? E justamente em português, veja só...! Fiquei chateado e envergonhadíssimo. [...] Triste, não é? Muito triste... mas não teve jeito. Voltei para Taubaté. Só que voltei diferente. O seu Germano, que tinha sido meu professor e de quem eu gostava muito, conversou bastante comigo. Fiz as pazes com o estudo. Fui então estudar num colégio em Taubaté que tinha um jornalzinho chamado *O Guarani*. E resolvi participar dele. Acho que não me conformava de ter sido reprovado justamente em português e queria mostrar a mim mesmo que sabia escrever e que tinha sido reprovado injustamente (Lajolo; Schwarcz, 2019, s/p).

Consideramos relevante o desalento que o jovem Lobato expressa na carta endereçada a sua mãe – ao ser reprovado na prova de Língua Portuguesa – e seu interesse, logo em seguida, de lançar uma crônica no jornalzinho estudantil. “Querida mostrar a mim mesmo que sabia escrever” – na interpretação de Lajolo e Schwarcz (2019, s/p).

Sirinelli ([1988] 2003, p. 248-254), ao tratar das *Estruturas Elementares da Sociabilidade*, no que tange à história dos intelectuais, pontua o papel dos *fatores afetivos* nas pesquisas históricas desse campo. Apesar das ressalvas para que o historiador ou a historiadora não faça uma análise *pseudopsicológica* dos intelectuais, o pesquisador francês acentua o quanto é importante, nesse tipo de estudo, levantar os casos em que a sensibilidade tenha desempenhado papel relevante. Assim, no episódio analisado, acreditamos ser considerável traçar a conexão entre a estreia de Monteiro Lobato como escritor e sua tristeza diante da reprovação na prova de Português.

Vale destacar que essa perspectiva dialoga com a noção nietzschiana de fisiopsicologia. Para o filósofo, as produções culturais humanas estão ligadas ao corpo e aos afetos de quem as criou. De acordo com Wilson Frezzatti Jr. (2016, p. 236), “a fisiopsicologia nietzschiana é a base da avaliação das produções humanas.” Uma obra é, assim, sintoma da configuração física e psicológica do seu autor. Em *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro (1886), diz Nietzsche:

Gradualmente foi se revelando para mim o que toda grande filosofia foi até o momento: a confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas [...]. Mas quem examinar os impulsos básicos do homem, para ver até que ponto eles aqui teriam atuado como gênios (ou demônios, ou duendes) *inspiradores*, descobrirá que todos eles já fizeram filosofia alguma vez [...]. No filósofo, absolutamente nada é impessoal; e particularmente a sua moral dá um decidido e decisivo testemunho *de quem ele é* – isto é, da hierarquia em que se dispõem os impulsos mais íntimos da sua natureza (Nietzsche, [1886] 2005, p. 12-13, grifos do autor).

Considerando o pensamento fisiopsicológico nietzschiano, podemos constatar que são os impulsos pessoais, imbricados complexamente entre fisiologia e cultura, os quais geram um pensamento filosófico, artístico ou científico. A escrita do menino *Juca* – a qual o permitiu organizar suas forças criativas, diante do mal estar provocado pela reprovação na prova de Português – apresenta-nos o senso crítico e o espírito combativo que marca toda a trajetória intelectual do criador da *Emília*.

Ao analisar esse ato de linguagem do jovem Lobato, em sua estreia como escritor, partimos também do que o historiador Skinner (2017, p. 390) recomenda: “para além de nos atermos àquilo que disseram, devemos, ao mesmo tempo, compreender o que pretendiam dizer ao dizê-lo.” Não estamos, com isso, buscando uma intencionalidade insondável e com infinitas possibilidades de interpretação. O que a metodologia skinneriana enfoca é a escrita como ato, em relação ao contexto intertextual que dá sentido ao texto, ou seja, com quem o autor está dialogando, quem ele está combatendo, quem ele está satirizando, tendo em vista que “ninguém escreve no vácuo” (Skinner, 2000 *apud* Pallares-Burke, 2000, p. 133).

Com sua crônica juvenil, Lobato respondeu à reprovação em Língua Portuguesa. Essa crítica aos gramáticos atravessa também a maturidade, e aparece na sua literatura infantojuvenil. Um exemplo expressivo é a divertida sátira que desenvolveu no livro do *Sítio do Picapau Amarelo*, intitulado *Emília no País da Gramática* (1934). Os combates, a partir dos temas já presentes em sua estreia intelectual – a escrita, a crítica, a língua e as questões editoriais – acompanharão Monteiro Lobato por toda a sua vida criativa e profissional.

No conteúdo de *Rabiscando* (1896), consta a seguinte citação da *Enciclopédia do riso e da galhofa*: “Um escritor escreveu no primeiro capítulo um seu livro – *outras coisas*; na impressão saiu ‘oltras coisas’; e o editor pôs na Errata ‘ostras coisas’. Isto é o que se chama emenda pior do que o soneto” (Lobato, 1896 *apud* Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 24). Na crônica, a piada é considerada tão ruim que, em vez de fazer rir, provoca sono. O personagem *Dr. Mebsoj* é um médico que prescreve ao amigo *Josbem* a ruim anedota como um poderoso narcótico contra insônia. Note-se também que o pseudônimo *Josbem* é o anagrama de *José Bento* e *Mebsoj* é o nome *Josbem* invertido, o que revela o gosto criativo de brincar com as palavras, desenvolvido, posteriormente, na literatura infantojuvenil do escritor. *Emília* é a personagem lobatiana que mais tem prazer em mexer com as palavras, de modo a subverter velhos sentidos e criar novas possibilidades de nomear as coisas.

O próprio escritor reconheceu que *a arte de falar e escrever corretamente* o atormentava. No de 1937, com cinquenta e cinco anos de idade, Lobato publicou, no jornal *O Taubateano*, uma crônica autobiográfica intitulada *O Doutor Quirino*²⁹, na qual o escritor aborda sua relação tensa e criativa com a Gramática da Língua Portuguesa. Nessa crônica, o autor expressa a admiração que nutria pelo Dr. Antônio Quirino de Sousa e Castro, seu professor de Português na adolescência, durante os estudos no colégio *São João Evangelista*, em Taubaté. Lobato, que viria a se casar, aos vinte e cinco anos de idade, com a neta do professor Quirino – Maria Pureza – conta:

Um dia fui parar em seu colégio, onde ele era o professor de gramática. O compêndio encadernado em couro, de Bento José de Oliveira...³⁰ O colégio ficava a uns três quilômetros de minha casa, distância que eu vencía com o Bento José diante dos olhos, procurando decorar a lição, mas sem entender coisa nenhuma. O que mais tarde me fez escrever ‘Emília no País da Gramática’, talvez fosse a lembrança do muito que naquele tempo me martirizou a tal ‘arte de falar e escrever corretamente’ (Lobato, [1946-1947] 1959i, p. 141-142).

Lobato escreveu a aventura *Emília no País da Gramática* (1934), com cinquenta e um anos de idade, o que demonstra que seu combate contra os conservadores da Língua, iniciado em sua estreia na escrita, aos quatorze anos, não foi pontual; pelo contrário, marcou a trajetória de sua literatura. No capítulo primeiro, a boneca *Emília*, ao prestar atenção nas lições de Português que *Dona Benta* estava, pacientemente, dando ao neto *Pedrinho*, enquanto este, entediado, preferia brincar ao ter de estudar, sugere:

– Pedrinho – disse ela um dia depois de terminada a lição –, por que, em vez de estarmos aqui a *ouvir falar* de gramática, não havemos de *ir passear* no País da Gramática? O menino ficou tonto com a proposta. – Que lembrança, Emília! Esse país não existe, nem nunca existiu. Gramática é um livro. – Existe, sim (Lobato, [1934] 1984a, p. 10, grifos do autor).

Pedrinho, convencido pela boneca e animado com o convite, junta-se à prima *Narizinho*, ao rinoceronte *Quindim*, ao *Visconde de Sabugosa*, e parte para uma viagem de aventura, imaginação e experimentação. No *País da Gramática*, os heróis do *Sítio do Picapau Amarelo* conversam com palavras transformadas em personagens, visitam os bairros das

²⁹Tivemos acesso à crônica *O Doutor Quirino*, publicada no jornal *O Taubateano*, em 12 de setembro de 1937, por meio da leitura da seguinte obra: Lobato, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas* [1946-1947]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959i – na qual ela consta na íntegra.

³⁰Em nota explicativa contida em *Conferências, artigos e crônicas* ([1946-1947] 1959i, p. 138), Cavalheiro afirma: “A gramática a que o escritor se refere é a ‘Nova Gramática Portuguesa’, compilada de nossos melhores autores e coordenada para uso das escolas por Bento José de Oliveira, professor jubilado, de Ensino Mútuo, aprovada pelo Conselho Geral de Instrução pública. A edição do exemplar que pertenceu ao Dr. Quirino é a duodécima, impressa em Coimbra no ano de 1879, pela Livraria de J. Augusto Orcel, e encontra-se em poder de seu filho, o Sr. Tolentino de Castro.”

classes gramaticais e são apresentados a ilustres nomes próprios. Um exemplo de nome soberbo é o “Nome *Europa* – o mais empavesado de todos: louro, e dum orgulho infinito. Passou rente ao Nome *América* e torceu o nariz” (Lobato, [1934] 1984a, p. 28). Também visitam *Portugália*, uma velha cidade de onde palavras portuguesas saíram, atravessaram o mar e, do outro lado, misturaram-se com palavras indígenas, formando uma grande cidade nova, chamada *Brasilina* – a cidade das palavras brasileiras.

Essa crítica aos que valorizam as regras da Língua de Portugal também se faz presente n’*A Barca de Gleyre*, na qual Lobato usa metáforas e brinca, ao se referir aos gramáticos: “carniceiros de óculos e avental esfaqueiam, picam e repicam as frases, esbrugam as palavras. [...] A barrigada da língua é mostrada a nu, como a dos capados nos matadouros – baços, fígados, tripas, intestino grosso, pústulas, ‘pipocas’, tênias (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 50). Em carta de 30 de setembro de 1915, o escritor expõe sua valorização à língua – que ele considerava viva: a falada –, aquela que está sempre em transformação:

Não fujo à pecha de ignorante em gramática e até proclamo essa ignorância. E na realidade guio-me pelo tato e o faro, pelo aspecto visual e auditivo da frase. Se algum período me soa falso, releio-o em voz alta para perceber onde desafina. [...] Ficou-me da bomba que levei, e da papagueação, uma revolta surda contra gramática e gramáticos; e uma certeza: a gramática fará letrados, não faz escritores. [...] Mil vezes (para mim) as ingramaticalidades destes do que as gramaticalidades daqueles. E entreguei-me a aprender, em vez de gramática, *língua* – lendo os que a têm e ouvindo os que falam expressivamente (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 49-54, grifos do autor).

Uma das grandes lutas de Monteiro Lobato, como literato, foi por valorizar, em sua escrita, a língua viva, falada pelo povo brasileiro. Combateu contra a postura dos escritores nacionais que, em vez de inventar algo próprio, imitavam os europeus. Valorizava, antes de tudo, que cada um criasse seu próprio estilo de escrita. N’*A Barca de Gleyre*, em carta de 2 de fevereiro de 1905, critica o amigo Rangel:

[...] e teu ‘Gonache’ é uma pura imitação pastichada desse Flaubert que te anda estragando as tripas do estilo. Entre a maneira de Flaubert e a de Rangel a diferença é nula – o que seria ótimo para você, se você houvesse vindo ao mundo antes de Flaubert. Escapaste da imitação do Eça, mas sem sentir imitas o abominável Flaubert. Coisas assim, assinadas por Flaubert, seriam admiráveis – em você não passam de engenhosos ecos. A conclusão é que você ainda não se pariu de todo a si mesmo (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 92-93).

A escritora *Emília*, dona de seu próprio estilo – *que pariu de todo a si mesma* –, também se engajou em diversos combates intelectuais no *País da Gramática*. Um deles foi enfrentar os ortodoxos, que tentavam impedir as transformações das palavras. Lançou seu

rinoceronte *Quindim* para cima dos atrapalhadores dos avanços da linguagem, promovendo uma tremenda revolução ortográfica. Assim:

Depois de tremenda revolução ortográfica da Emília, o Brasil ficou envergonhado de estar mais atrasado que uma bonequinha e resolveu aceitar as suas ideias. E o governo e as academias de letras realizaram a reforma ortográfica. Não saiu coisa muito boa, mas serviu (Lobato, [1934] 1984a, p. 154).

Ainda sobre esse combate por uma língua brasileira, contra a submissão a Portugal e contra o excessivo regramento gramatical, cabe ressaltar o quanto o escritor taubateano prezava também pela libertação de todas as amarras canônicas estabelecidas pela tradição literária. Sobre isso, ele recomendou a Rangel a leitura de Nietzsche, posto que este teria atingido a liberdade necessária a todo aquele que quer construir um estilo próprio de escrita. Assim disse Lobato:

Carta de 2 de junho de 1904 – [...] parece um fragmento do *Assim Falou Zaratustra* do meu Nietzsche. [...] Possui um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades. Para bem entendê-lo temos que nos ambientar nessa linguagem nova (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 56).

Carta de 24 de agosto de 1904 – E que estilo, Rangel! Aprendi nele mais que em todos os nossos franceses. É o estilo cabrito, que pula em vez de caminhar. O estilo de Flaubert é estilo de taturana: vai indo até o fim. O de Nietzsche nunca se arrasta, voa de pulo em pulo – e chispa relâmpagos, e chia, urra, insulta. É a mais prodigiosa irregularidade artística. Quando leio Nietzsche sinto ódio contra Flaubert, o Impecável. Nietzsche é o Grande Pecador (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 66).

O tema do estilo se faz bastante presente nas cartas d'*A Barca de Gleyre*. Lobato afirma, conforme se verifica numa das missivas acima, que sobre isso aprendeu mais com Nietzsche do que com todos os franceses. Cassiano Nunes ([1969] 1981, p. 325) constata que o escritor de Taubaté “emprega, na explicação de sua teoria do estilo, frequentemente, imagens referentes à genética, fisiologia, patologia e biotipologia.” Com a metáfora da gestação e do parto, Lobato diz do estilo como algo singular, profundamente pessoal, de cada um, e que vem à luz no tempo próprio:

Carta de 7 de dezembro de 1915 – Estou grávido, Rangel! Grávido do livro – o Livro!... Interessante o meu pendor pelas letras. Vem e vai. Tem fluxos e refluxos. Um pêndulo. Depois de meses de engulho, em que apenas assimilei inconscientemente, sinto que a Necessidade de Produzir vem chegando com pés de lã (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 58).

Carta de 7 de fevereiro de 1916 – E por falar em estilo: quando deixamos a ideia correr ao fio da pena, sem nenhuma pré-concepção quanto à ‘maneira’ ou regra e, pois, não procuramos ‘fazer estilo’, é justamente quando temos

estilo. Receita: Quem quiser estilo, jamais o procure (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 67).

Observamos ressonâncias da recepção de Nietzsche na concepção de estilo elaborada pelo escritor paulista, tendo em vista que, para o filósofo alemão, será no “torna-te como tu és” que se encontrará o que é próprio de cada criador, seja artista, cientista ou filósofo.³¹ A análise feita por Cassiano Nunes corrobora nosso argumento:

Evidentemente, Lobato quer no campo da Literatura o que defendia como ética pessoal: a fidelidade perfeita ao ser, genuinidade, autenticidade, ausência de artifícios, condenação a qualquer desvio da realidade íntima. Na defesa da individualidade, via Lobato talvez mais do que em qualquer outra coisa o heroísmo humano. Neste ponto, o seu inspirador foi Nietzsche (Nunes, [1969] 1981, p. 329-330).

Quanto ao seu estilo, o criador do *Sítio* reconhecia-se como um “pintor com as palavras” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 252). O desejo que primeiro impulsionou o jovem Juca foi o de estudar pintura na *Escola de Belas Artes*. No entanto, por imposição do Visconde de Tremembé, que assumiu sua tutela após a morte prematura de seus pais, ocorridas nos anos de 1898 e 1899,³² teve de ingressar, aos dezoito anos de idade, na *Faculdade de Direito do Largo de São Francisco*, em São Paulo, cumprindo o que naquele tempo era “o destino dos jovens de sua classe social” (Lajolo, 2000, p. 16).

Tempos de aceleração foram então vividos, com a agitada rede de sociabilidades que construiu durante o período em que cursou a faculdade, na cidade de São Paulo, de 1900 a 1904. Foi uma época de intensas trocas de ideias filosóficas e literárias, frequentando o *Cafê Guarany*, na Rua XV de Novembro, com os amigos da *República do Minarete*³³ – Godofredo Rangel e Ricardo Gonçalves – além dos que integravam com ele o grupo *O Cenáculo*, os quais “discutiam literatura o tempo todo” (Lajolo, 2000, p. 17).

³¹*Tendo aprendido o que tu és, torna-te como tu és*: um dos princípios centrais da filosofia nietzschiana, este verso do poeta grego Píndaro (517a.C.-437a.C.) é citado por Nietzsche no texto *Schopenhauer educador* [1874], terceira de suas *Considerações extemporâneas*, por exemplo, a fim de criticar a educação e a cultura que conduzem humanos como animais de rebanho, dificultando que o indivíduo aprenda quem ele é para, a partir de então, cultivar-se nesse sentido (Hara, 2020).

³²Lobato estava com 16 e com 17 anos de idade, quando seu pai e sua mãe faleceram. O pai, José Bento, morreu no dia 13 de junho de 1898, com 48 anos de idade, “vítima de uma congestão pulmonar”, e a mãe, Olímpia, morreu no ano seguinte, no dia 22 de junho de 1899, com 39 anos. Dona Olímpia estava doente desde o ano de 1894, quando Lobato tinha 12 anos. “Ela fora enviada para longe, mas o filho podia vê-la, visitava-a sempre, e era com sorrisos e afagos que a mãe o recebia” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 22-41).

³³A república de estudantes localizada no Belenzinho foi nomeada por eles de *Minarete* – que é a torre da qual os fiéis do Islamismo são lembrados do momento de suas orações. O sobrado amarelo, que lembrava uma torre, era o lugar no qual se reuniam colegas que possuíam muito gosto em ler, escrever e debater tanto literatura quanto filosofia. Em uma das paredes internas, eles rabiscaram a seguinte frase: “aqui só se come pão do espírito” (Lajolo, 2000, p. 18). A frase “traduzia os princípios filosóficos de seus adeptos, comprometidos tão-somente com os estratos sublimes da arte e da natureza” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 41).

No livro intitulado *Literatura do Minarete* (1959), publicação póstuma organizada por Edgard Cavalheiro, onze anos depois do falecimento de Monteiro Lobato, estão reunidos artigos de crítica, crônicas e recordações, escritos predominantemente entre os anos de 1900 a 1907. Nesta obra, o jovem escritor, aos vinte e dois anos de idade, diz sobre o *Cenáculo*:

Uma mesma ideia imperava em cada cabeça: um vago socialismo; um mesmo sentimento em cada coração: o amor à Arte. Essa ideia e esse sentimento foram aos poucos, um por um, enfeixando os vários temperamentos; a palavra CENÁCULO³⁴ etiquetou o feixe. O poeta chamava-se Ricardito, o filósofo Albino, o diletante Cândido, a alma, Raul, o talento Rangel, o jornalista Tito, o orador Lino, mais tarde entrou um espírita, Júlio, e um místico, Nogueira. [...] O Cenáculo ia reformar o mundo, modificar as leis do universo. Uma arte nova ia surgir, uma ciência e uma filosofia inéditas (Lobato, [1900-1907], 1959j, p. 149).

De acordo com Sirinelli ([1988] 2003), os intelectuais se aproximam ou se distanciam compondo redes de sociabilidades – afinidades, gosto de conviver ou rivalidades, briga, rancor – e também de acordo com os valores afetivos e o sistema de ideias – microclimas. O círculo de amigos do jovem Monteiro Lobato partilhava escritos, publicava nos jornais acadêmicos; estavam, enfim, ligados por afinidades de pensamentos, de ideais e por um sentimento comum de amor à literatura.

Foi nesse contexto que o jovem Monteiro Lobato começou a ler Friedrich Nietzsche. Vivendo uma experiência temporal que se acelerava – em uma sociedade em busca de progresso e de modernização – na cidade de São Paulo, onde experimentou movimentadas práticas literárias, jornalísticas e filosóficas com seus amigos. Ao mesmo tempo, vivia, periodicamente, o marasmo e a lentidão do interior, nos meses em que passava as férias na fazenda de seu avô, em Taubaté.

A primeira menção direta que localizamos do escritor paulista ao criador de *Zaratustra* consta n’*A Barca de Gleyre* (1944), na carta de 9 de dezembro de 1903, quando Lobato tinha 21 anos de idade e experienciava a agitada vida de trocas literárias com os amigos, na capital paulista. Em carta do ano seguinte, datada de 2 de junho, Lobato diz ao amigo Rangel que prefere ler Nietzsche no sossego dos períodos de férias, em Taubaté:

Carta de 9 de dezembro de 1903: Andamos agora cheios de projetos grandiosos. Em janeiro vamos nos meter pelos sertões da Mantiqueira para

³⁴“Na própria denominação *cenáculo*, aliás, parece encontrar eco a denominação da vanguarda intelectual portuguesa de 1870, quando os então jovens Antero de Quental e Eça de Queirós, entre outros, terçavam armas com o remanescente Romantismo português, primeiro nas conferências do Cassino lisbonense, e depois nas polêmicas da Questão Coimbrã” (Lajolo, 2000, p. 17).

apalpar o terror cósmico e ler Nietzsche berradamente do alto das massarandivas. E panteizar (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 36).

Carta de 2 de junho de 1904: Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert. Nietzsche é um pólen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as ideias-germes que nos vão vindo e nunca adquirem forma. [...] Ainda não ataquei os meus novos Nietzsches porque é coisa que requer silêncio e concentração, e esta S. Paulo, com seus italianos que anunciam coisas frescas, mais os bondes e os autos, anda um horror do barulho. Felizmente as férias estão chegando, e naquele plácido remanso de Taubaté posso dar um mergulho de todo um mês no meu filósofo (Lobato, [1944], 1959, v. 1, p. 56-58).

Monteiro Lobato foi o tipo de receptor que o escritor da *Genealogia da Moral* (1887) desejava: um leitor intérprete, não apressado, que está disposto a se afastar dos barulhos e correrias cotidianas para se entregar, com tempo, a uma leitura ruminante e criativa. Diz o filósofo do martelo:

Bem cunhado e moldado, um aforismo não foi ainda ‘decifrado’, ao ser apenas lido: deve ter início, então, a sua *interpretação*, para a qual se requer uma arte da interpretação. [...] É certo que, a praticar desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam ‘legíveis’ –, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um ‘homem moderno’: o *ruminar*... (Nietzsche, [1887], 2009, p. 14, grifos do autor).

Ainda sobre ler e escrever, provoca Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra* (1883):

De tudo escrito, amo apenas o que se escreve com o próprio sangue. Escreve com sangue: e verás que sangue é espírito. Não é coisa fácil compreender o sangue alheio: eu detesto os que leem por passatempo. [...] Quem escreve em sangue e em máximas não quer ser lido, quer ser aprendido de cor (Nietzsche, [1883], 2018, p. 38).

Lobato leu e ruminou o pensamento nietzschiano, desde sua juventude, conforme se verifica pelas cartas abordadas nesta pesquisa, a partir de 1903, constantes predominantemente n’*A Barca de Gleyre*. O escritor considerou a filosofia de Nietzsche a grande fortalecedora de seu estilo crítico e autêntico.

De acordo com Cavalheiro ([1955] 1962, v. 1), Lobato, quando falava do início de seu interesse pelo pensamento de Nietzsche, costumava lembrar e relatar o seguinte incidente, ocorrido na *Livraria Gazeau*³⁵, onde se encontrava, na ocasião, fuçando livros:

³⁵De acordo com a tese de doutorado de Marisa Midore Daecto (2005), intitulada *No Império das Letras: circulação e consumo de livros na São Paulo oitocentista*, a livraria do francês Augusto Gazeau, localizada no Largo da Sé, foi um importante ponto de encontro de intelectuais da cidade de São Paulo, no início dos anos 1900. Disponível em:

Achara um de Nietzsche, novo para ele, e começara a lê-lo, ao acaso. Um Padre aproximou-se, espiou o volume por cima do seu ombro, e disse: – Esse filósofo é dissolvente. – Como o sabão – foi a resposta que lhe veio instantânea, sem sequer erguer os olhos da brochura. Friedrich Nietzsche limpou-lhe todas as gafeiras mentais e morais (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 87-88).

O jovem Lobato recomendava a leitura do autor d'*A Gaia Ciência* aos seus amigos. Os integrantes do *Cenáculo* consideravam Albino de Camargo o filósofo do grupo. Numa carta a ele, escrita no período dessas intensas sociabilidades intelectuais, fala o escritor paulista sobre Nietzsche, com evidente euforia:

Albino, vá atrás desse homem, Albino, manda buscar as suas obras e 'penetra-as'. Só agora é que eu principio a vislumbrá-lo, e tem sido tamanho o deslumbramento meu que sinto-me tolhido, incapaz de pensar. Ele abrange e penetra tudo, sobretudo penetra. Nietzsche estonteia e me embriaga (Lobato *apud* Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 87-88).

Pode-se observar que o inventor da *Emília* foi arrebatado pela potência libertadora do pensamento nietzschiano. Ele queria que seus amigos lessem o filósofo alemão e se embriagassem também, para que sentissem juntos a força dionisiaca das ideias de Nietzsche. Nesse mesmo período, ocasião em que seu amigo Lino Moreira, o orador do *Cenáculo*, estava passando por uma crise psicológica, Lobato lhe escreveu a seguinte carta:

O remédio que te há de curar é Nietzsche. Leia-o e ele te transfundirá tudo quanto necessitas de apetrechos psíquicos para a tua marcha através da Vida. Sairás dele forte de confiança em ti, cheio de vontades férreas, amando como a mais valiosa das fêmeas essa individualidade forte que és e que procuras domar. Faço disso um ponto de honra, exijo em nome do teu futuro que leias esse gênio (Lobato *apud* Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 88).

Pode-se constatar o encantamento presente no criador da *Emília* ao encontrar o inventor de *Zaratustra*. Lobato considerava o pensamento nietzschiano um revigorador da vida, da vontade e da individualidade. Desde as primeiras leituras, o escritor brasileiro considerou a filosofia de Nietzsche como uma espécie de remédio contra a fraqueza mental e contra os aprisionamentos da alma. Ao amigo Rangel, também recomendou essa filosofia como programa fortalecedor do pensamento próprio e para combate contra as moléstias intelectuais:

Carta de 2 de junho de 1904 – E quanto a programa, Rangel, só conheço um que te sirva: rangelizar-te sempre e cada vez mais. Escreve em tua porta isto da *Gaya Scienza* de Nietzsche: VADEMECUM – VADETECUM. *Mon allure et mon langage t'attirent, /Tu viens sur mes pas, tu veux me suivre?*

/Suis-toi toi même fidèlement /Et tu me suivras, moi! Tout doux! Tout loux!
(Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 60-61).

Carta de 24 de agosto de 1904 – No começo você estranhará, por que ele é ele, excessivamente ele e até joga com uma porção de palavras a que dá sentidos especiais – e daí tanto grifo no texto. Eu acho que Nietzsche vai te curar de todas as doenças do intelecto que acaso tenhas e das que possas vir a ter (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 66).

O escritor paulista percebia uma extrema autenticidade em Nietzsche: “ele é ele, excessivamente ele” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 66). Assim como o filósofo alemão lhe ensinara, o escritor paulista *lobatizava-se* cada vez mais, seguindo apenas a si mesmo. Na ocasião de sua formatura, recusou a indicação de seus colegas, por unanimidade, para ser o orador; porém colaborou na escrita do discurso, o qual chocou as autoridades presentes. De acordo com Azevedo; Camargos; Sacchetta (1997, p. 46), o criador da *Emília* era “avesso a protocolos, solenidades oficiais e, especialmente, discursos em público.” O colega Edgard Jordão ficou responsável por dizer as palavras escritas pelo grupo, as quais escandalizaram a plateia com uma defesa enfática do socialismo e com uma crítica contundente ao cristianismo (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 92).

Após concluir sua formação em Ciências Jurídicas, Monteiro Lobato voltou aos tempos de marasmo, ao retornar para o Vale do Paraíba, no ano de 1905. Diante da saudade que sentia do convívio literário com seus amigos da paulicéia, ele mergulhou nas leituras, (re)escreveu textos e se dedicou às colaborações em periódicos. Firmou namoro com Maria Pureza e, assim, seguiu tentando driblar o tédio interiorano (Lajolo, 2000). “A vida em Taubaté corria lenta demais para quem passara quase dez anos no agitado ambiente estudantil de São Paulo” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 49).

Lobato publicou no *Jornal de Taubaté*, no ano de 1906, uma série de poemas apaixonados dedicados à namorada. “Como é próprio de todo enamorado, volta-se para a poesia. [...] Mas, não levava a sério tais dons poéticos, e com justa razão. Lobato poeta é um desastre” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 97). Movido pelo desejo de se casar com a noiva, a qual ele chamava carinhosamente de *Purezinha*, pleiteia uma vaga na promotoria na região de Ribeirão Preto, tendo em vista que “em viagem pelo Oeste paulista, Monteiro Lobato impressiona-se muito com a riqueza que o café trouxera para a região” (Lajolo, 2000, p. 20).

O Visconde de Tremembé tentou usar suas influências políticas para conseguir uma vaga num cargo público para o neto na promissora região da terra roxa, sem sucesso. Foi, portanto, na cidadezinha de Areias, no Vale do Paraíba, que Monteiro Lobato assumiu o cargo

de Promotor Público. Nesse período de lentidão, o escritor se dedica “a meditar sobre a situação social daquelas regiões, abandonadas pelas mesmas culturas cafeeiras que impulsionam seu florescimento a partir de meados do século XIX” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 50).

José Miguel Arias Neto (2003), em *Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização*, explica que houve um esgotamento do solo no Vale do Paraíba, devido à exploração predatória, deslocando a grande produção de café, a partir de 1870, para as férteis terras roxas do Oeste paulista. A economia cafeeira, apesar de estar ligada ao desenvolvimento das cidades do interior paulista e ter sido produtora e produto da modernização nacional, sofreu altos e baixos, desde o final do século XIX até a ruptura do modelo de expansão industrial baseado no capital cafeeiro, ocorrida após 1930.

Apesar da seguinte consideração – escrita como nota publicada na biografia de Cavaleiro – “não concebo artista capaz de construir obra valiosa, se reside em cidade pequena, marasmada” (Lobato *apud* Cavaleiro, [1955] 1962, v.1, p. 116), foi nesse período de tédio interiorano que Monteiro Lobato escreveu a maior parte dos contos publicados em *Urupês* (1918) e *Cidades Mortas* (1919). Na carta de 14 de maio de 1907, escreve ao amigo:

Areias, Rangel! Isto dá um livro à Euclides (e, por falar, Euclides passou uns tempos aqui, ocupando exatamente o quarto que é o meu). Areias, tipo de ex-cidade, de majestade decaída. A população de hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio duma eterna imersão no passado (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 167).

Vivendo no marasmo das *cidades mortas* do Vale do Paraíba, Lobato continuou leitor de Nietzsche. No dia 2 de abril de 1907, escreve ao grande amigo:

– uma lástima, Rangel, uma lástima sem nome o que me acontece, o que acontece a este teu amigo exilado neste lugar provinciano onde a Semana Santa assume foros de Panateneia e o padre Valois é ouvido como outro Bossuet. [...] E passa uma bandeira vermelha, chamada o Divino, com fitas pendentes que vão recebendo os beijos de todas as beatas [...]. Há procissões de pretos e brancos a atravancar as ruas. Nas igrejas, muito consumo de agulhas e fumaças cheirosas, e litanias. [...] A Plebe, só ela, com o seu *fatras* democrático e religioso, a expluir vulgaridade e chateza. Eu vingo-me lendo Nietzsche (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 157-158, grifos do autor).

De acordo com Lajolo *et al.* (2022), Lobato leu integralmente e chegou a fazer uma retradução manuscrita d’*O Anticristo*: maldição ao cristianismo, a partir da tradução francesa

de Henry Albert, mas não a publicou.³⁶ *O Anticristo* foi escrito por Nietzsche no ano de 1888 e publicado em 1895. Nessa obra, o filósofo apresenta forte crítica aos valores que enfraquecem a vida e que negam o corpo, a natureza, a realidade e o mundo. Seu diagnóstico acerca dos valores cristãos busca mostrar que “os sacerdotes e aqueles que possuem sangue de teólogo nas veias teriam desvalorizado o regime inteiro da economia dos instintos em detrimento da valorização de um mundo de puras ficções” (Rubira, 2016, p. 85).

Nietzsche considera que os teólogos e os sacerdotes são movidos pela vontade de conquistar poder político, social e comandar pessoas como se fossem rebanhos. Para isso, viram a verdade de cabeça para baixo, advogando contra tudo aquilo que torna a vida mais forte, mais exuberante, mais potente e mais criativa. Assim, em *O Anticristo* (1888), afirma:

Enquanto o sacerdote, esse negador, caluniador, envenenador *profissional* da vida, for tido como uma espécie *mais elevada* de homem, não haverá resposta para a pergunta: que *é* verdade? Já se colocou a verdade de cabeça para baixo, quando o consciente advogado do nada e da negação é tido como representante da ‘verdade’... A esse instinto de teólogo eu faço guerra: encontrei sua pista em toda parte. Quem possui sangue de teólogo no corpo, já tem ante todas as coisas uma atitude enviesada e desonesta. [...] O que um teólogo percebe como verdadeiro *tem* de ser falso: aí se tem quase que um critério da verdade. [...] Até onde vai a influência do teólogo, o *julgamento de valor* está de cabeça para baixo, os conceitos de ‘verdadeiro’ e ‘falso’ estão necessariamente invertidos: o que é mais prejudicial à vida chama-se ‘verdadeiro’, o que a realça, eleva, afirma, justifica e faz triunfar chama-se ‘falso’... (Nietzsche, [1888] 2016, p. 14-15, grifos do autor).

Percebemos em Monteiro Lobato a recepção da filosofia de Nietzsche quanto à crítica ao pensamento teológico e às explicações que recorrem ao além deste mundo. Em mais uma das cartas compiladas n’*A Barca de Gleyre*, diz a Rangel, em 1907:

Um tiro no alvo, por exemplo; se acertou foi sorte, diz o povo comum; foi por obra e graça da entidade criadora do Desígnio – Deus, Divina Providência, etc., diz o teólogo. [...] Lembrei-me daquele aforismo em que Nietzsche dá a opinião dos teólogos como o reverso prático da verdade. Se o teólogo diz que é branco, então é porque é preto. Sim, Nietzsche é um sabão, o melhor desengafeirador que encontrei na vida (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 161-162).

A crítica nietzschiana quanto ao que prescrevem os sacerdotes e os teólogos apresenta uma dimensão ácida, corrosiva, destrutiva e “dissolvente das velhas verdades” (Lobato,

³⁶Em carta datada de 30 de julho de 1910, Lobato menciona a Rangel: “[...] talvez publique a minha tradução do *Anticristo* do Nietzsche, para a qual já tenho editor. Depende duma correção final do manuscrito que só poderei fazer quando acabar esta minha interminável estada em São Paulo, consumidora de todo o meu tempo em coisas profanas” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 292).

[1944] 1959, v. 1, p. 162). No entanto, entrelaçada à dimensão crítica, há também na filosofia de Nietzsche uma dimensão afirmativa e construtiva. O filósofo combate valores religiosos – e também filosóficos, científicos ou artísticos – que neguem a força da vida, da realidade terrena e do corpo. Ele defende que cada um possa ser o legislador de suas próprias leis, o criador de seus próprios valores, a partir de suas forças, instintos e vontades. Lobato, em ressonância filosófica com Nietzsche, escreveu, em carta de 15 de novembro de 1904, ao amigo Rangel:

Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanômetro, mais penetrante que o microscópio: a lira eólia do nosso senso estético. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard tem que edgardizar a dele, e eu de lobatizar a minha. Inconfundibilizá-las. Nada de imitar seja lá quem for. [...] Temos de ser nós mesmos, apurar nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir. O trabalho é todo subterrâneo, inconsciente; mas a Vontade há que marcar sempre um norte, como a agulha imantada. [...] Reduzir o senso estético a um sexto sentido. E, então, pegar a borboleta! Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. E para ser si mesmo é preciso um trabalho de mouro e uma vigilância incessante na defesa, porque tudo conspira para que sejamos meros números, carneiros dos vários rebanhos – os rebanhos políticos, religiosos ou estéticos (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 81-83).

Conforme constatamos pela presente pesquisa, o escritor paulista passou a vida em combate contra rebanhos políticos, religiosos e estéticos. Assim como fez Nietzsche, Lobato repudiou tornar-se mero reproduzidor de pensamentos alheios. Procurou expressar apenas o que fosse produto de sua veracidade e de sua coragem. A autenticidade foi um valor que Lobato sustentou em sua escrita.

Os valores presentes na obra magna de Monteiro Lobato, o *Sítio do Picapau Amarelo* (1920-1947), também expressam, assim como a filosofia de Nietzsche, o pensamento crítico em relação aos “pastores [que] tudo faziam para manter a carneirada na doce paz da ignorância, e para isso perseguiram os sábios, matavam-nos, queimavam-nos em fogueiras” (Lobato, [1932] 1984b, p. 19). *Dona Benta*, em *Viagem ao céu* (1932), conta à neta *Narizinho*:

– Os sábios, menina, são os puxa-filas da humanidade. A humanidade é um rebanho imenso de carneiros tangidos pelos pastores, os quais metem a chibata nos que não andam como eles pastores querem e tosam-lhes a lã e tiram-lhes o leite, e os vão tocando para onde convém a eles pastores. E isso é assim por causa da extrema ignorância ou estupidez dos carneiros. Mas entre os carneiros às vezes aparecem alguns de mais inteligência, os quais *aprendem* mil coisas, *adivinham* outras, e depois *ensinam* à carneirada o que aprenderam – e desse modo vão botando um pouco de luz dentro da

escuridão daquelas cabeças. São os sábios (Lobato, [1932] 1984b, p. 19, grifos do autor).

A boneca *Emília* ficou enfurecida com esses pastores, ao ouvir *Dona Benta* contar que um dos maiores sábios do mundo, Galileu, quando afirmou que a Terra girava em torno do Sol, foi obrigado pelos pastores da época a *engolir sua ciência*. A vovó explica que os pastores não queriam ser desmentidos, pois haviam afirmado que a Terra era fixa e que tudo no Universo girava ao redor dela. Se os carneiros do rebanho descobrissem a mentira, os pastores ficariam desmoralizados.

Dona Benta continua, então, contando aos netos que muitos sábios foram parar na fogueira por *enxergar mais que os outros* e constata que ela mesma seria assada numa boa fogueira se vivesse na Idade Média. *Emília*, então, indaga: “– E eu?” A vovó responde que a boneca diz muitas heresias, que os pastores a queimariam numa vela “até ficar reduzida a carvão, e depois moíam esse carvão e o assoprariam aos ventos, de medo que a poeirinha se juntasse e vivesse outra vez” (Lobato, [1932] 1984b, p. 21).

Seguindo apenas o próprio pensamento e recusando a adesão a rebanhos – fossem religiosos, políticos ou estéticos – o inventor do *Sítio do Picapau Amarelo* foi combatido por opositores de diversos lados: de lideranças católicas a artistas modernistas; tendo de encarar até mesmo alguns meses de prisão, ao se opor frontalmente a Getúlio Vargas. Assim falou Monteiro Lobato:

Há no mundo o ódio à exceção – e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defendê-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa. Se a tomarmos como programa, é possível que um dia apanhemos a borboleta de asas de fogo – e não tem a mínima importância que nos queime as mãos e a nossa volta seja como a do velho de Gleyre (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 83).

Lobato explica, na ocasião da publicação da obra *A Barca de Gleyre* (1944), que o quadro de Charles Gleyre foi nomeado pelo pintor de *Soir*, porém, o público mudou o nome para *Ilusions Perdues*. A pintura retrata um barco cheio de pessoas jovens, desatracando do porto e deixando para trás um velho cabisbaixo. “Eu também mexi no quadro. Pus o velho dentro da barca e fiz a barca vir entrando no porto, toda surrada (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 83). O escritor confirmava, portanto, com esse *equivoco*, que valia a pena ser exceção, ainda que, após pegar a borboleta da literatura, na volta da viagem, tivesse de saltar da barca e ser deixado só, no porto, com suas ilusões perdidas. Desse modo, Lobato expressa que seu

combate intelectual por meio da escrita literária seria afirmativo, ainda que as ilusões terminassem perdidas.

O inventor do *Sítio do Picapau Amarelo* afirma que foi Nietzsche que o ajudou a compreender o aperfeiçoamento intelectual como um processo de descascar a si mesmo. Aquele que assim procede, pode vir a ser *exceção* e, então, criar novas ideias. Em carta ao amigo Rangel, datada de 2 de junho de 1904, escreve:

O homem aperfeiçoado é um homem descascado, ou que se despe (daí o horror que causam os grandes homens – os loucos – as exceções: é que eles se apresentam às massas em trajes menores, como Galileu, ou nus, como Byron, isto é, despidos das ideias universalmente aceitas como verdadeiras numa época) (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 57).

A boneca criança *Emília*, avessa aos pastores de submissos rebanhos, com a borboleta de asas de fogo nas mãos, ao convidar *Pedrinho* para passear pelo *País da Gramática*, em vez de só ficar ouvindo *Dona Benta* lhe explicar a lição, expressa ser exceção na sua concepção de aprendizagem. Percebemos que a boneca educadora entende que a construção de conhecimentos deve ser ativa, experiencial e afirmativa do prazer de aprender, a partir da imaginação. Nesse sentido, há uma evidente sintonia entre esses valores e a orientação educacional escolanovista.

1.4. Falar à imaginação:³⁷ a educação como combate

Os intelectuais brasileiros das primeiras décadas dos anos 1900 estavam debruçados sobre a pergunta: “Como resolver os problemas do Brasil arcaico, que impediam a entrada completa do país na modernidade?” (Bignotto, 1999, p. 32). A resposta a essa pergunta foi: – Por meio da educação. O ensino passou a ser projeto de diversos movimentos político-sociais, baseados em algumas correntes de ideias – como o positivismo ilustrado, por exemplo, e o movimento escolanovista – conforme demonstra Jorge Nagle, em *Educação e Sociedade na Primeira República* (1974). As ideias nacionalistas multiplicavam-se nas mais variadas direções e atravessavam fortemente o pensamento sobre a educação no país.

Conforme elucida Nagle (1974), o contexto político e social brasileiro, a partir da Proclamação da República, em 1889, portava tensões entre a mentalidade imperial aristocrática – para a qual o título de bacharel e também os diplomas de escolarização média deveriam ser para poucos, a fim de garantir privilégios – e a expectativa de intensificar a

³⁷Assim falou Lobato em *Conferências, artigos e crônicas* ([1946-1947] 1959i, p. 250): “A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto. O meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação.”

industrialização, por meio dos ganhos obtidos pela economia cafeeira. Para industrializar era preciso incrementar o ensino profissionalizante e o trabalho assalariado, aumentar a população urbana e incentivar a imigração. Além de preparar uma nova classe trabalhadora para os avanços da industrialização, a educação também prepararia o cidadão para o fortalecimento dos ideais republicanos.

No artigo *A doutorice*, escrito nos anos em que estudava Direito no *Largo de São Francisco* (1900-1904), publicado em *Mundo da lua e miscelânea* ([1923-1946] 1959g), Monteiro Lobato criticou a cultura brasileira dos primeiros anos da República, que valorizava excessivamente os bacharéis. De modo que

existe a massa imensa dos Jecas em baixo e o bacharelismo por cima. [...] Somos um anacronismo vestido pelo derradeiro figurino. Na mentalidade: pouco mais de 1888; nos costumes: quase 1909. Continuamos a abarrotar as academias; o ideal da classe média continua a ser o funcionalismo (Lobato, [1923-1946] 1959g, p. 147).

Em busca de uma vaga na política, no serviço público ou no exercício das profissões liberais, esses doutores bacharéis consideravam tudo o mais “como coisas que degradam ou são ‘impróprias’”. Indústria: coisa de ingleses; comércio: coisa de português e italiano; trabalho manual: coisa de negro. E assim a ideia se cristalizou” (Lobato, [1923-1946] 1959g, p. 145).

O intelectual paulista diagnosticou, em *A doutorice*, a passagem abrupta da monarquia para a república como um acontecimento que feriu as *leis naturais* da sociedade brasileira. Por ter sido um movimento brusco, provocou uma fratura, atrapalhando o amadurecimento e desenvolvimento social. Assim falou Lobato, sobre o Brasil:

A monarquia com os seus sessenta anos de lenta estratificação desfez-se em república – encurtada assim para um dia a evolução que reclamava um século. Monstruosas anomalias se seguiram a essa infração das leis naturais: ditaduras, guerra civil, Floriano, câmbio arrasado, encilhamento, café alto, invasão imigrantista, etc. A ossatura da sociedade, contorcida, estalou nas juntas, muitos órgãos se lhe deslocaram, outros sofreram lesões profundas, outros foram ganhos de rápida atrofia. De alto a baixo nada ficou incólume diante daquela série ininterrupta de tremores de terra (Lobato, [1923-1946] 1959g, p. 145).

Monteiro Lobato apresenta acima um resumo das tumultuadas primeiras décadas da República brasileira. Elio Chaves Flores, em *A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso* (2003), utiliza o conceito de *cultura política* para a compreensão do início do período republicano brasileiro. Nesse sentido, as forças políticas republicanas buscavam

moldar uma mentalidade pela qual se louvava “o Exército como bastião da ordem” (Flores, 2003, p. 50). Em nome da ordem e da segurança pública, “leia-se a defesa da propriedade e dos privilégios das classes dominantes”, os democratas “batiam às portas dos quartéis invocando os militares como salvadores” (Flores, 2003, p. 55-56). Nos governos dos primeiros Presidentes da República, os marechais Deodoro da Fonseca (1827-1892) e Floriano Peixoto (1839-1895), apesar de contradições – como o fracasso da política econômica do encilhamento³⁸ e a repressão autoritária e violenta às revoltas³⁹ – a espada ganhou estatuto de símbolo da libertação da pátria naquele período.

Diante dessa sociedade fraturada desde o início da República, Lobato pensava, assim como os escolanovistas, que a educação deveria começar pelas bases formativas da personalidade, permitindo-se à criança desenvolver sua aptidão para pensar com autonomia e liberdade, para exercitar o método científico e a dúvida filosófica, levantando suas próprias hipóteses e experimentando alcançar tanto respostas autênticas quanto novas inquietações (Lajolo; Zilberman, 2007).

A *Escola Nova* foi um movimento de renovação da concepção educacional, passando a reconhecer a criança, em seu desenvolvimento biológico e psicológico, como protagonista do processo de aprendizagem. Em oposição a uma pedagogia tradicional – que, centrada na figura do professor e do ensino, preconizava a disciplina do aluno, em sua assimilação passiva do saber – os escolanovistas valorizavam a espontaneidade, o interesse, a afetividade e a iniciativa da criança na construção do conhecimento.

De acordo com os estudos de Raimundo Frota de Sá Nogueira (1986), a partir dos anos de 1880, começaram a ser aplicados os princípios escolanovistas em colégios privados da Inglaterra, França, Suíça, Polônia e Hungria. Em 1893, foi organizada, em Washington, a *Associação Nacional para o Estudo da Criança*, e, três anos depois, John Dewey⁴⁰

³⁸Em *Abolição, encilhamento e mercado financeiro: uma análise da primeira crise financeira republicana*, Ian Coelho de Souza Almeida e Marcus Antônio Croce explicam: “O Encilhamento foi caracterizado por momentos de euforia no mercado, com grande volume de negociações e abertura de capitais nas bolsas de valores, além da criação de inúmeros bancos. A maneira como foi levada a política monetária brasileira e as grandes fraudes no mercado foram responsáveis por um período de retração econômica, inflação e quebra de diversas instituições financeiras, o que caracterizou uma das maiores crises financeiras da história do país” (Almeida; Croce, 2016, p. 19).

³⁹Como as Revoltas da Armada – deflagradas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1891 e 1894, marcando uma oposição de dentro dos governos militares, com os líderes da revolta pertencendo à Marinha – e a Revolução Federalista (1893-1895), que expôs, a partir do Sul do país, interesses por maior descentralização e por mais autonomia política aos Estados (Flores, 2003).

⁴⁰Dewey foi um renomado filósofo e educador progressista estadunidense. Doutor em Filosofia pela Universidade Johns Hopkins (1884). Pioneiro nos estudos de psicologia funcional, representante do pensamento filosófico pragmatista (Nogueira, 1986).

(1859–1952) instalou a primeira escola experimental desse novo pensamento, na *Universidade de Chicago*. Os educadores estadunidenses apostaram fortemente nos fundamentos da *Escola Nova*, “a ponto de, em 1914, nos trezentos colégios e universidades nos Estados Unidos, já existirem classes e laboratórios de psicologia e centros de informação destinados à pesquisa sobre a infância” (Nogueira, 1986, p. 33).

Cilza Carla Bignotto (1999, p. 39) defende que, antes do movimento *Escola Nova* ganhar vigor no cenário brasileiro, Monteiro Lobato já havia feito uma “revolução copernicana” a respeito da visão sobre a criança, ao publicar as primeiras histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*, em 1920. O escritor paulista defendia que a curiosidade leva à imaginação, sendo este o processo fundamental para o conhecimento e para a criatividade. Em fragmentos de seu diário de mocidade, publicados sob o título *Mundo da lua e miscelânea* (1923-1946), escreveu Lobato:

Recordando minha vida colegial vejo quão pouco os mestres contribuíram para a formação do meu espírito. No entanto, a Julio Verne todo um mundo de coisas eu devo! E a Robinson? Falaram-me à imaginação, despertaram-me a curiosidade – e o resto se fez por si. [...] A inteligência só entra a funcionar com prazer, eficientemente, quando a imaginação lhe serve de guia. A bagagem de Julio Verne, amontoada na memória, faz nascer o desejo do estudo. Suportamos e compreendemos o abstrato só quando já existe material concreto na memória. Mas pegar de uma pobre criança e pô-la a decorar nomes de rios, cidades, golfos, mares, como se faz hoje, sem intermédio da imaginação, chega a ser criminoso. É no entanto o que se faz!... A arte abrindo caminho à ciência: quando compreenderão os professores que o segredo de tudo está aqui? (Lobato, [1923-1946] 1959g, p. 8-9).

Mais uma vez, notamos em Lobato a defesa da arte combinada com a ciência. Essas notas compiladas em *Mundo da Lua* foram escritas, principalmente, durante um período de marasmo na vida do criador da *Emília*, entre os anos de 1905 e 1917, quando *virou* promotor e, depois, fazendeiro, vivendo nas *cidades mortas* do interior paulista. Cavalheiro ([1955] 1962, v. 1, p. 260) comenta que *Mundo da Lua*, por ser considerada por Lobato a matéria-prima de uma autobiografia, “oferece aos biógrafos e estudiosos farto manancial, pois a maioria dos trechos refletem estados de espírito do escritor, impressões e sensações de uma mocidade morta, quando tudo ainda eram sonhos e ilusões.”

O sonho de uma renovação da educação por meio da arte, acalentado desde a juventude, torna-se combate intelectual na maturidade do escritor. Na obra intitulada *A Onda Verde* – metáfora para o avanço da lavoura cafeeira no Estado de São Paulo – publicada em 1921, contendo uma coletânea de artigos de jornal, escreve o autor, sobre história e educação,

a partir de uma reflexão acerca da obra *Os Sertões* (1902),⁴¹ de Euclides da Cunha: “Sem a intervenção da arte é impossível transmitir aos posteriores a sensação exata do que se passou. Só a arte sabe perpetuar o que foi a vida” (Lobato, [1921] 1959f, p. 71).⁴²

A inquietação social marcou os anos de 1920 no Brasil. Efervescências ideológicas e revoluções, “incursões armadas, perturbações nas campanhas presidenciais, reivindicações operárias, manifestos feministas, anarquistas e socialistas, pressões da burguesia empresarial, a Semana de Arte Moderna, o tenentismo” e o desencadeamento do movimento que levaria Getúlio Vargas ao poder (Bignotto, 1999, p. 32).⁴³

Segundo Maria Helena Capelato (2007), em *O Estado Novo*: o que trouxe de novo?, após a vertigem da década de 1920, nos anos de 1930 e 1940, a questão social ganha destaque no debate intelectual brasileiro, exigindo uma maior participação do governo na sociedade. A política cultural do Estado Novo passou a assumir, então, a responsabilidade de gerir mitos e símbolos da nação, atuando sobre música, artes plásticas, cinema e esporte. Nesse contexto, educação e ensino visavam objetivos morais e cívicos. “Nas publicações destinadas à formação cívica das crianças, como era o caso do *Catecismo cívico do Brasil Novo*, os pequenos aprendiam a importância do princípio da autoridade e da ordem” (Capelato, 2007, p. 124).

Em oposição a isso, uma década antes do *Estado Novo*, Monteiro Lobato, no artigo intitulado *Os livros fundamentais*, publicado em *A onda verde* (1921), critica as obras que visavam desenvolver nas crianças um forçado amor à pátria. Esses livros, segundo o inventor da *Emília*, fazem com que as crianças desenvolvam horror à leitura. Ao saírem da escola,

⁴¹“Canudos teve a sorte de topar em seu caminho um estilo a serviço de uma consciência. Não fora isso, e o drama lá estaria hoje reduzido à mentirinha de encomenda dum relatório tendencioso, apologético para o vencedor, capaz de meter na história, como heróis, a gente que Euclides atou ao pelourinho” (Lobato, [1921] 1959f, p. 71).

⁴²Indicamos que sejam realizadas pesquisas, considerando a consonância das ideias de Nietzsche e Monteiro Lobato, no que tange às relações entre arte e ciência, que possam se aprofundar no tema, a partir de *O nascimento da tragédia* (1872), tendo como fontes livros da obra adulta lobatiana.

⁴³Conforme explanam as historiadoras Marieta de Moraes Ferreira e Surama Conde Sá Pinto, em *A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930*, o movimento tenentista (1922-1927), organizado por jovens oficiais das patentes mais baixas – tenentes e capitães – demonstrava a insatisfação com o jogo político das oligarquias paulistas e mineiras, que vigorava no período. Além de um levante, a Revolta do Forte de Copacabana (1922), esse movimento deu origem à Coluna Miguel Costa – Luís Carlos Prestes que, de 1925 a 1927, “com 1.500 homens, percorreu cerca de 25 mil quilômetros, atravessando 13 estados brasileiros, propagando a revolução” (Ferreira; Pinto, 2003, p. 401). Após a repressão dos focos de contestação ao governo e um breve período de relativa estabilidade, novas frentes se organizaram. Ganha destaque uma força política jovem, representada por Getúlio Vargas (1882-1954), que, após a derrota eleitoral da Aliança Liberal, em acordo com os tenentistas, organizaram a conspiração que depôs o presidente Washington Luís (1869-1957) e empossou Vargas na Presidência da República, em novembro de 1930, dando início a “uma nova fase da história política brasileira” (Ferreira; Pinto, 2003, p. 403-407).

tornam-se adultos que pensam: “não ler coisa alguma é o maior encanto da existência” (Lobato, [1921] 1959f, p. 85). Assim,

o menino aprende a ler na escola e lê em aula, à força, os horrorosos livros de leituras didáticas que os industriais do gênero impingem nos governos. Coisas soporíferas, leituras cívicas, fastidiosas patriotices, Tiradentes, bandeirantes, Henrique Dias, etc. Aprende assim a detestar a pátria, sinônimo de seca, e a considerar a leitura como um instrumento de suplício. [...] Só nacionalizamos, portanto, o amor – e o amor masculino, apenas. Para o resto o nosso povo ainda é colono. E assim será enquanto a literatura for entre nós planta de estufa – desabrochada em flores como as quer a elite, e enquanto a pedagogia for a própria arte de secar as crianças com o didatismo cívico, criando, logicamente, o irredutível horror à leitura que caracteriza o brasileiro (Lobato, [1921] 1959f, p. 84-88).

O *Sítio do Picapau Amarelo* vai na contramão de uma educação autoritária. O escritor valorizava a liberdade da criança; não a considerava apenas como uma receptora das regras que visavam domar e domesticar seu comportamento. Na voz de *Dona Benta*, fala Lobato:

‘Criança a gente doma, como potros!’ disse o compadre e como quase todas as pessoas pensam – é aqui no sítio que eu vejo exatamente o contrário. Não domei Pedrinho, nem Narizinho, nem Emília, e duvido que haja crianças mais bem educadas. ‘Bem educadas’ no verdadeiro sentido, não no sentido comum; pois o que vejo por aí é a confusão de ‘bem educado’ com ‘bem comportado’, isto é, com a submissão das pobres crianças a todas as ordens dos pais ou professores. ‘Sente-se com as mãos sobre o colo e fique quietinha – e a triste criança, o bichinho mais irrequieto da natureza, fica ali a constranger-se e a bocejar de tédio, para que umas toupeiras, como este meu compadre, se rejubilem e digam: ‘Estão vendo como é bem educada esta criança?’ (Lobato, [1946-1947] 1959i, p. 298).

Nesse sentido, a obra *Sítio do Picapau Amarelo* foi a realização literária da escola progressista que Monteiro Lobato acreditava ser necessária à modernização do país. Durante a escrita do livro *Emília no País da Gramática* (1934), Lobato enviou a seguinte carta ao amigo Anísio Teixeira:

Estou escrevendo *Emília no País da Gramática*. Está saindo estupendo. Inda agora fiz a entrevista de Emília, na qualidade de repórter do Grito do Picapau Amarelo, um jornal a que ela vai fundar no sítio, com o Venerabilíssimo verbo SER, que ela trata respeitosamente de Vossa Serência! Está tão pernóstica, Anísio, que você nem imagina (Lobato, 1933 *apud* Nunes, 1986, p. 95).⁴⁴

A educadora, intelectual engajada e repórter *Emília*, ao atuar ativamente no *País da Gramática*, vivencia princípios da *Escola Nova* – como o protagonismo da criança na aprendizagem, o valor da sua iniciativa, seguindo seus interesses, na criação de situações para

⁴⁴Tivemos acesso às cartas entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato pela compilação organizada por Cassiano Nunes (1986) e pela pesquisa de Priscila Fraiz e Aurélio Vianna (1986).

experienciar, de forma lúdica, a construção do conhecimento. Lobato, em seu combate por uma renovação educacional, escreveu livros com fortes qualidades didáticas, sem abandonar a literariedade.

Lobato desenvolveu amizade com Anísio Teixeira (1900-1957), um dos principais intelectuais e educadores escolanovistas brasileiros, em anos de aceleração, de 1927 a 1931, quando foi nomeado adido comercial brasileiro nos Estados Unidos, pelo Presidente da República Washington Luís (1869-1957), passando a morar em Nova Iorque. Anísio estava, de 1927 a 1929, cursando Mestrado no *Departamento de Educação da Universidade de Colúmbia*. De volta ao Brasil, a sociabilidade entre os dois continuou, por meio de uma troca de cartas que durou aproximadamente duas décadas (Nunes, 1986).

O eminente intelectual Anísio Teixeira foi um dos grandes difusores e articuladores da *Escola Nova* no Brasil.⁴⁵ De acordo com o pesquisador de história da educação brasileira, José Gondra, em *Anísio Teixeira: lugares de lembrar* (2007), o intelectual baiano, a partir de 1925, visitou diversos países europeus, como Espanha, Bélgica, Itália e França, a fim de “observar os sistemas escolares dessas ‘nações civilizadas’” (Gondra, 2007, p. 1). Em 1927, o educador viajou para Nova Iorque, observou o sistema educacional estadunidense e entrou em contato com o professor e filósofo John Dewey. Ativista de um projeto educacional que lançasse o Brasil na trilha do progresso moderno, o educador lutou para consolidar o pensamento de Dewey em nosso país, valorizando os ideais democráticos e a liberdade individual no processo de ensino e de aprendizagem.⁴⁶

Entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato havia admiração e respeito. O escritor paulista lamentava que poucos brasileiros estivessem aptos a entender as ideias e projetos do educador baiano. Em carta enviada de Nova Iorque ao amigo, no ano de 1930, datada de 15 de janeiro, escreveu:

⁴⁵Anísio Spínola Teixeira foi um célebre intelectual brasileiro. Formou-se em Ciências Jurídicas no ano de 1922, pela *Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro*. Em 1924, assumiu a *Inspetoria Geral de Ensino da Bahia*. Foi nomeado, em 1929, professor catedrático de Filosofia e História da Educação na *Escola Normal de Salvador*. Foi diretor de instrução pública do Distrito Federal. Participou do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, em 1932. Criou a *Universidade do Distrito Federal*, em 1935 (Gondra, 2007).

⁴⁶O intelectual baiano despertou opositores entre os ideólogos do Estado Novo e também, a partir de 1964, por “ocasião do regime militar, foi simultaneamente demitido da *Universidade de Brasília*, do *Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos* (Inep), da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (Capes) e da *Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil*” (Gondra, 2007, p. 2). Foi cerceado como intelectual, acuada na vida pública, e sua morte, até hoje, é objeto de controvérsias. Conforme expõe Gondra (2007, p. 2), Anísio desapareceu em 11 de março de 1971 e seu corpo foi encontrado três dias depois, no poço do elevador do edifício em que residia Aurélio Buarque de Holanda (1910-1989). Ele tinha ido visitar o amigo Holanda, em busca de apoio na campanha para conquistar uma vaga na *Academia Brasileira de Letras*.

Meu caro Anísio, creia que nunca serás esquecido aqui e que não se passa domingo sem que te recordemos as queridas e eufóricas visitas. Já não tenho com quem trocar ideias e a língua me enferruja. [...] E você, seu Anísio, a trabalhar num livro sério sobre Dewey. Admites então que a terra que se mija de gozo com L. Guimarães⁴⁷ vai ler a palavra pensada de um estudioso da tua marca? Eles querem morfina, ópios, pingas. São um povo de *drug-addicts* – único meio que encontraram de fugir à lazeira reinante (Lobato, 1930 *apud* Nunes, 1986, p. 89-90).

De volta a São Paulo e engajado na campanha pelo petróleo, Lobato escreveu para Anísio, compartilhando um projeto educacional que desejava implementar junto com o amigo baiano, caso obtivesse sucesso financeiro. No ano de 1947, disse:

[...] lembrei-me dum livro sobre a educação progressista que me mandaste e que se extraviou no caos que é a minha mesa. Pus-me a procurá-lo, achei-o. E cá estou, Anísio, depois de lidas algumas páginas apenas, a procurar dar berros de entusiasmo por essas coisas maravilhosas que é a tua inteligência lapidada pelos Deweys e Kilpatricks! Eureka! Eureka! Você é o líder, Anísio! Você é quem há de moldar o plano educacional brasileiro. Só você tem a inteligência bastante clara e aguda [...] Meu petróleo está uma pura maravilha. A vitória está assegurada [...], terei meios de realizar várias grandes coisas que me fervem na cabeça. Uma delas diz com você. É criar luxuosamente um aparelho educativo com você à testa, como nunca existiu no mundo. Um gânglio novo, libérrimo, autonomíssimo, fora de governo, de religião, de tudo quanto restringe a peia. Um gânglio que vá se erradicando até fazer-se um formidável organismo moldador de homens – educador no mais elevado sentido. Com escolas especializadas, com jornais e revistas, com casa editora, com livrarias, com cinema, com estação de rádio própria, com estação teleemissora de imagens... (Lobato, 1947 *apud* Nunes, 1986, p. 101).

Anísio considerava o autor do *Sítio do Picapau Amarelo* um *homem do amanhã*. Assim como Nietzsche semeou horizontes em Lobato, Lobato e Anísio semearam horizontes reciprocamente. Em carta datada de 7 de julho de 1937, o intelectual baiano escreveu ao criador da *Emília*:

Com presteza que comoveu o meu senso paleolítico das distâncias, você mandou em resposta às minhas saudades a sua melhor e mais esplêndida carta, uma carta em que eu e nós, os quase três, nos rebolamos até hoje, babando de puro gozo espiritual. [...] Consolam-na os meus livros. Vivo entre Dewey, Russell, Wells e Lobato. E fazem-lhe bem esses homens de amanhã. Vivo com eles mergulhado no futuro. Muitos têm saudades do passado; nós, eu e a lâ, temos saudades do futuro. É uma sensação esquisita e muito mais eufórica (Teixeira, 1937 *apud* Fraiz; Vianna, 1986, p. 81).

⁴⁷Lobato está se referindo criticamente a Luís Guimarães Filho (1878-1940), diplomata, poeta, cronista carioca e membro da Academia Brasileira de Letras, desde 1917. Estudou na *Universidade de Coimbra*, onde recebeu o grau de bacharel em Filosofia em 1895. Marcado por forte religiosidade, colaborou na imprensa, sobretudo na *Gazeta de Notícias* e no *Correio da Manhã*. Desde o primeiro livro de poesias, *Versos íntimos*, publicado em 1894, revelou-se um lírico, de expressão parnasiana. Fonte: *Site da Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/luis-guimaraes-filho/biografia>. Acesso em: 30 jun.2025.

Percebe-se na troca epistolar entre Monteiro Lobato e Anísio Teixeira uma cumplicidade no engajamento aos ideais progressistas de educação e cultura, bem como uma partilha do “horizonte de expectativas” (Jauss [1967] 1994), no que tange às leituras sobre a *Escola Nova* e ao desenvolvimento nacional. Sirinelli ([1988] 2003) afirma que uma rede de sociabilidade intelectual se faz com a interpenetração dos traços de afetividade e de ideias. A amizade entre esses dois intelectuais, marcantes na cena brasileira do início do século XX, foi fruto de uma perspectiva compartilhada acerca das renovações que ambos acreditavam ser necessárias no campo educacional brasileiro. Anísio reconheceu no criador da *Emília* um homem do amanhã, um extemporâneo, uma seta em direção ao futuro.

Entusiasta da descoberta do petróleo nacional, por este gerar riquezas que poderiam financiar projetos educacionais e culturais, Lobato já havia escrito a Rangel, em carta de 7 de outubro de 1934:

Que aventura tremenda, Rangel! Dar petróleo ao Brasil como quem dá cocada a uma criança! Se o governo não me atrapalhar, dou ferro e petróleo ao Brasil em quantidades rockefellerianas. As perfurações estão em marcha. [...] com o capital novo do ‘ouro líquido’, havemos de revirar este país de pernas para o ar – e civilizá-lo à força (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 329).

No entanto, o escritor considerava que o governo de Getúlio Vargas não estava efetuando uma boa gestão da política brasileira de minérios (Lajolo, 2000, p. 76). Acreditava que o Estado estava criando “um conjunto de embaraços, de exigências absurdas”, dificultando a ação da iniciativa dos empresários brasileiros (Nunes, 1986, p. 175-176).⁴⁸ Nesse sentido, escreveu a Oliveira Vianna, em 24 de novembro de 1935:

Receio que a lei que vocês querem fazer venha atrapalhar ainda mais os movimentos da iniciativa particular. Temos leis demais. Cada lei é um cipó. Amarrado por elas, o Brasil é esse mendigo de cócoras num monte de ouro, como você sabe (Lobato, 1935 *apud* Venancio, 2004, p. 131).⁴⁹

Francisco José de Oliveira Vianna (1883-1951) foi um controverso sociólogo, jurista e historiador brasileiro.⁵⁰ Crítico do constitucionalismo liberal e defensor de um autoritarismo estatal transitório como adequado para a realidade brasileira, seu pensamento social e político

⁴⁸De acordo com Cassiano Nunes (1986), Lobato era defensor da livre iniciativa e das ações populares, por isso discordava do que ficou preconizado na Constituição de 1934, a saber: as riquezas do subsolo passaram para os bens da União, cabendo a esta administrar, fiscalizar e outorgar sua exploração.

⁴⁹A correspondência entre Lobato e Vianna encontra-se em arquivo privado, na *Casa de Oliveira Vianna*, em Niterói. Tivemos acesso a algumas cartas pela compilação de Nunes (1986) e pela pesquisa de Venancio (2004).

⁵⁰Oliveira Vianna graduou-se em ciências jurídicas e sociais, em 1905. Ocupou diversos cargos na burocracia estatal brasileira. Sua carreira intelectual foi marcada por sua atuação como membro do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e da *Academia Brasileira de Letras*, além de ter publicado diversos livros, alguns considerados clássicos do pensamento social brasileiro (Venancio, 2004).

foi marcante na cena nacional do início do século XX. A primeira edição da obra *Populações meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna, foi publicada, em 1920, pela *Monteiro Lobato & Cia.*

A pesquisa de Giselle Martins Venancio, intitulada *Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história* (2004), demonstra que a amizade entre os dois intelectuais durou dezessete anos e foi exclusivamente epistolar. “Os dois missivistas jamais se encontraram pessoalmente” (Venancio, 2004, p. 117). A questão do petróleo foi um dos temas mais frequentes nessas trocas de cartas. A participação de Vianna no governo Vargas, com os cargos de consultor jurídico do Ministério do Trabalho e, depois, como ministro do Tribunal de Contas da União, levou-os ao afastamento. Nesse sentido:

A rebeldia de Lobato fazia com que denunciasses, de forma cada vez mais veemente, o que ele considerava ser uma manobra dos homens do Estado contra as companhias nacionais de petróleo. Enquanto isso, Vianna tinha seu nome cada vez mais associado ao autoritarismo do Estado Novo (Venancio, 2004, p. 133-134).

Lembrando do que Sirinelli ([1988] 2003) destaca, acerca da história dos intelectuais, nas redes de sociabilidades, as divergências, brigas e rancores são tão importantes quanto as afinidades de ideias. Observamos que entre Lobato e Anísio Teixeira havia um pensamento afinado sobre um projeto para a renovação da educação brasileira. No entanto, entre Lobato e Oliveira Vianna houve discordâncias que levaram à ruptura da amizade. Enquanto Vianna defendia maior participação estatal na regulação tanto econômica quanto social brasileira, Lobato ([1921] 1959f, p. 56) considerava o Estado como “um monstro que mente em todas as línguas do bem e do mal.” Assim falou o criador da *Emília*:

Porque os povos se acham empolgados por um monstro parasitário de estupidez infinita aliada a um infinito maquiavelismo. Esse monstro é o Estado. Aquela visão de lince feita homem que foi Frederico Nietzsche já o denunciou pela boca sibilina de Zaratustra. ‘Não há mais povos entre nós, diz ele, há Estados. O Estado é o mais frio dos monstros frios; ele mente com frieza, e a mentira que escorre perene de sua boca é esta: Eu, o Estado, sou o povo. Mentira! Eram criadores os que criaram os povos e lhes deram uma fé e um amor. Serviam, assim, à vida. São destruidores os que armam arapucas à massa e chamam a isso Estado; estes suspendem sobre a cabeça do povo um gládio e cem apetites. [...] – Nada há maior que eu sobre a terra! urra o monstro. Eu sou o dedo de Deus.’ Essa visão do filósofo nunca se patenteou mais flagrante do que agora (Lobato, [1921] 1959f, p. 55-56).

Lobato, no artigo cujo excerto citamos acima, publicado n’*A onda verde* ([1921]

1959f), transcreve trecho de um discurso de *Zaratustra*, intitulado *O novo ídolo*.⁵¹ O escritor paulista, nesse texto, tece uma crítica à Grande Guerra (1914-1918) e alerta o Brasil contra as falsidades do monstro frio, fazendo menção direta a Nietzsche. Diagnostica que o Estado organiza mentiras que mastigam a carne dos povos. Na visão do escritor paulista, os dentes do monstro Estado são o militarismo, a burocracia, a censura, a propaganda e, principalmente, a educação cívica. Nesse sentido:

Os povos são vítimas do monstro Estado. O monstro empolga-os e a partir da escola organiza a mentira viva de que se alimenta e em que se rebolca. [...] Diretor da mentalidade dos homens que fazem a opinião pública, senhor dos instrumentos de difusão das ideias: imprensa, livros, telégrafos, correios, o rei da mentira mente onimodamente e a tudo envenena com a sua mentira organizada, desde as ondas hertzianas até a cera mole dos cérebros infantis. E os povos parasitados não percebem a sua monstruosa escravização ao parasita que nele se enraizou como um cancro [...] Também o Estado vive como dono, como senhor absoluto desse povo. Ele é que é o principal. O povo é o acessório, a massa carnosa de que o Estado se alimenta (Lobato, [1921] 1959f, p. 57).

No que tange à censura, Lobato experimentou-a pelo autoritarismo do Estado Novo, em 1937, quando seu livro *O escândalo do petróleo* (1936) – o qual apresenta os tropeços que a política governamental causou em suas empresas de exploração de petróleo – foi proibido de circular. Em 1940, recusou assumir a direção do *Ministério de Propaganda*, para o qual tinha sido convidado por Getúlio Vargas. Como poderia propagar as mentiras do frio monstro e ser um dos dentes que mastiga a carne do povo? De acordo com a biografia de Lajolo (2000), após a recusa ao cargo, o escritor continuou combatendo com palavras, proferindo duras críticas ao governo. Por isso, o criador do *Sítio do Picapau Amarelo* foi condenado a seis meses de detenção, acusado de delito contra a segurança nacional.⁵²

Em 1941, recebeu indulto de Vargas, após cumprir três meses de prisão, com cinquenta e nove anos de idade. Conforme analisam Carmen Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta (1997, p. 297-298), apesar do motivo oficial alegado para justificar a ação policial contra Lobato ter sido que ele “desmoralizou o *Conselho Nacional do Petróleo*”, a razão “jamais admitida pelos círculos oficiais” foi uma entrevista que ele concedeu à *British Broadcasting Corporation – BBC* de Londres, difundida em diversos idiomas e reproduzida

⁵¹In Nietzsche, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém [1883]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 46-49.

⁵²“Lobato fora arrancado de casa em plena madrugada de domingo para segunda-feira. Levado para o *DEOPS – Departamento Estadual de Ordem Política e Social* e qualificado, seria transferido para a Casa de Detenção. Impedido de receber visitas, conversar com outros detentos ou tomar sol no pátio [...] inconformado com a arbitrariedade de que é vítima, só recobra um pouco de ânimo quando recebe das mãos do guarda o lápis bem-apontado [...] e começa a rabiscar” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 295).

pela imprensa norte-americana, inglesa e argentina. O escritor paulista, além de ridicularizar todos os ditadores, num momento em que Vargas flertava com o nazi-fascismo, “alfinetou a ditadura brasileira, furando, em nível internacional, o cerco do *DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda*”⁵³ (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 298). Nessa entrevista, posteriormente publicada em *Prefácios e Entrevistas* (1946), com o título *Inglaterra e Brasil*, diz Lobato:

Desnorteada com a liquefação de todos os valores cristalizados em séculos, a humanidade tonteia diante do surto dos valores da violência, que os partidos vitoriosos por assalto ao poder forçam sobre o indefeso homem comum. O justo passa a injusto, o certo é o errado e o errado é o certo; o bom é o mau e o mau é o bom; o pensamento livre é o crime a delação é a virtude; a história é falseada nas escolas para que também se torne instrumento dessa obra de *inversão de todos os valores*. [...] O Ditador Total – essa novidade velha como a queixada com que Caim matou Abel (Lobato, [1946] 1959), p. 153, grifos do autor).

Mais uma vez, o escritor paulista critica o falseamento da história – pelo Estado – ensinada às crianças na escola, e diagnostica a *inversão de todos os valores* que os regimes autoritários de governo imprimem na sociedade. Assim, podemos reafirmar que Lobato se apropriou de Nietzsche, desde os anos de juventude – recomendando a força do pensamento do filósofo, como tônico e libertador, aos seus amigos – até os anos de maturidade – utilizando o método filosófico nietzschiano de avaliação dos valores. Nesse sentido, o escritor brasileiro também utilizou o pensamento nietzschiano como uma “caixa de ferramentas” (Foucault; Deleuze, [1972] 2015).

Na entrevista conjunta, intitulada *Os intelectuais e o poder* (1972), Michel Foucault e Gilles Deleuze (1925-1995) abordam a noção de *caixa de ferramentas*. Abrir uma caixa de teoria, pensamento, filosofia e se apropriar de uma frase, de uma ideia, de uma análise para – como o que se faz com chave de fenda ou alicate – provocar um curto-circuito e desacreditar sistemas de poder. Assim, “uma teoria é como uma caixa de ferramentas. [...] É preciso que sirva, é preciso que funcione. [...] Se não há pessoas para utilizá-la [...] é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou” (Foucault; Deleuze, [1972] 2015, p. 38).

Utilizando como ferramenta o martelo nietzschiano⁵⁴, tanto no sentido de marreta para

⁵³De acordo com Angela de Castro Gomes (1988, p. 206), o *Departamento de Imprensa e Propaganda* foi uma poderosa agência que supervisionava os instrumentos de comunicação de massa do país, além de produzir e divulgar o noticiário oficial, durante o Estado Novo (1937-1945).

⁵⁴O tradutor Paulo César de Souza, em posfácio à obra *Crepúsculo dos ídolos* ou como se filosofa com o martelo ([1888] 2017, p. 121), explica que a palavra “martelo”, no pensamento nietzschiano, deve ser entendida em seu duplo significado: “como marreta, para demolir os ídolos e como diapasão, para diagnosticar o seu vazio”, ou seja, o martelo é “o estetoscópio do médico da cultura” que foi Nietzsche.

destróçar ídolos – no caso, o Estado – quanto como estetoscópio para diagnosticar as moléstias culturais brasileiras – o autoritarismo da educação cívica, dentre outras – Lobato combate por uma educação que cultive valores contrários aos valores propagados por uma educação autoritária. Os valores do Estado Novo – o governante como um grande pai que sabe o que é melhor aos seus filhos – eram opostos aos valores do *Sítio do Picapau Amarelo*.

Sem figura masculina de autoridade, o *Sítio* era governado por duas mulheres, a contadora de histórias *Dona Benta*, incentivadora da imaginação das crianças através dos livros, e *Tia Nastácia*, a criadora que, com suas mãos pretas, descendente dos escravizados, alimentava, com a arte dos sabores, todos os saberes das crianças. *Tia Nastácia* dava corpo às imaginações, fazendo quitutes para as crianças e para as fadas, cuidando de bichos e de anjos, confeccionando brinquedos – criou, com suas mãos, a mais ousada personagem da saga: a boneca de pano *Emília*.

Ao lutar para que a arte da leitura e da escrita, junto com a ciência – a partir da imaginação – fossem princípios para uma renovação cultural, além da crítica às escolas e às academias como lugares impeditivos para o cultivo das criações autênticas e individuais – por atuarem como produtoras de rebanhos políticos, estéticos e religiosos – Lobato estava em consonância com a visão nietzschiana de educação. Em *Opiniões*, terceira parte da publicação *Mr. Slang e o Brasil* (1927), escreveu:

O sinal característico do grande homem na vida escolar é sempre a rebeldia ao ensino clássico, tendente, como diz Nietzsche, a arruinar a exceção em favor da regra. Eis porque as academias de ciências nunca dão de si os frutos esperados. A formação fecunda faz-se fora delas, em torno de professores apaixonados pelo ensino e bastante compreensivos para soffrear em si a tendência, inata no homem, de impor tiranicamente a personalidade própria, em vez de permitir o livre surto da personalidade dos discípulos (Lobato, [1927] 1959m, p. 170).

Em *Mundo da lua e miscelânea* (1923-1946), Lobato fez anotações sobre a filosofia nietzschiana, destacando que somente uma cultura forte pode ser *estufa* para cultivo da *exceção*:

DE NIETZSCHE – Como crescemos em força? Decidindo-nos lentamente e aferrando-nos com tenacidade ao que decidirmos. O resto vem por si./ Todo convívio é bom quando nele se afiam as armas existentes nos instintos. [...] /Só quando a cultura enceleira excedentes de forças é que pode tornar-se estufa propícia ao cultivo do luxo, da exceção, da tentativa, do perigo, do matiz: toda cultura aristocrática tende para isso (Lobato, [1923-1946] 1959g, p. 31-32).

Nessas notas do escritor paulista, ressoam com força os arranjos nietzschianos, tendo

em vista que o filósofo julgava necessário para o cultivo da cultura “salvaguardar a liberdade interior e impor-se, ao mesmo tempo, rigorosa disciplina” (Marton, 2006, p. 20). Essa libertação profunda de toda crença e de toda autoridade, abrindo mão do desejo de certezas, juntamente a uma disciplina de hábitos, a um abandono de comodidades e a uma renúncia de segurança é que podem possibilitar o advento, em si mesmo, do “espírito livre” (Nietzsche, [1882, 1887] 2012, p. 213-215).⁵⁵

Scarlett Marton, em “*Educar os educadores!*”: Nietzsche e o problema da educação (2022), percorre vários textos do filósofo, desde os de juventude até os de maturidade, e assevera que “Nietzsche sempre se viu como um educador” (Marton, 2022, p. 14). O projeto educacional do filósofo – que nunca conseguiu concretizar – era criar uma espécie de confraria entre amigos, para que fossem professores uns dos outros e assim, renovar a cultura alemã. “Seria uma instituição completamente desvinculada do Estado, uma universidade livre, uma escola para educadores” (Marton, 2022, p. 14-15). Com a figura do *espírito livre*, Nietzsche critica a educação para a construção de rebanhos e defende uma formação que permita ao indivíduo o cultivo e o aprimoramento de si. Em *Assim falou Zaratustra*, o protagonista, “ao falar para o povo reunido na praça do mercado, experimenta um fracasso pedagógico”, buscando, depois, partilhar com os amigos, as suas vivências (Marton, 2022, p. 14). O filósofo tece duras críticas às escolas que se voltam apenas para os interesses da profissionalização, atrapalhando, com isso, a formação cultural do indivíduo. Ao analisar os estabelecimentos de ensino alemães do século XIX, Nietzsche diagnostica a *deficiência na formação*, conforme explana Marton:

Educação passou a equivaler a profissionalização; e cultura, a fazer dos indivíduos cidadãos utilizáveis o mais rápido possível. Em seus textos, Nietzsche não ataca a proliferação das escolas técnicas, que, de alguma forma, tentam atingir os objetivos a que se propuseram. Denuncia – isto sim – a deficiência da formação, desde que o ginásio e a Universidade também se tornaram profissionalizantes. A educação voltada para a cultura não é a que permite ao indivíduo aspirar a um posto de funcionário ou a um ganha pão qualquer, mas a que o leva ao desenvolvimento pleno e harmonioso de todas as suas potencialidades – não apenas para criar obras, mas para fazer-se enquanto obra (Marton, 2022, p. 21).

Desse modo, verificamos que Lobato – leitor de Nietzsche – estava dialogando com seu contexto social e político ao escrever o *Sítio do Picapau Amarelo* (Skinner, 2017). Estava em combate pela valorização do livro e da leitura no Brasil, bem como na luta pela renovação

⁵⁵ Acreditamos haver um campo promissor para novas pesquisas de recepção de Nietzsche por Monteiro Lobato que possam aprofundar nessas ressonâncias entre ambos quanto aos temas da arte, educação e cultura.

da mentalidade acerca da educação. Queria provocar com sua literatura infantojuvenil a renovação cultural que acreditava ser necessária ao amadurecimento da nação naquelas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, Marisa Lajolo (2000, p. 60) assevera que “a obra infantil lobatiana é um projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil.” Além disso, ao apostar na visão de que as crianças são agentes de suas formações – autoras de si mesmas como obras de arte –, sua literatura infantil constitui-se numa seta em direção ao futuro do país, com o cultivo da autenticidade em âmbito pessoal, social e cultural.

Em convergência com Nietzsche, o antropólogo e linguista Edward Sapir (1884-1939), faz a crítica do que denomina cultura espúria e propõe uma categoria de análise válida para esta pesquisa: a de cultura autêntica.⁵⁶ Diferente dos critérios de progresso ou técnica, uma cultura será saudável e autêntica na medida em que integrar, de modo harmônico, suas multiplicidades, ou seja, quando os indivíduos viverem com sentido e realização. Em contrapartida, teremos uma cultura espúria quando são desrespeitados os impulsos criadores e emocionais dos indivíduos, gerando vazio, desorganização e frustração. Ainda que uma sociedade considere fatores como utilidade de todos e eficácia coletiva, será como um organismo doente se seus indivíduos não conseguirem florescer. A imposição cultural, por fatores econômicos, políticos ou ambos, geram adoecimento social. Nesse sentido:

Uma cultura que não se constrói a partir dos interesses e desejos centrais dos seus portadores, que opera partindo de fins gerais até o indivíduo, é uma cultura externa. A palavra ‘externa’, que tão frequente e instintivamente ocorre para descrever tal cultura, convém perfeitamente. A cultura autêntica é interna, ela opera do indivíduo aos fins (Sapir, [1924] 1949, p. 293).

Emília, no cultivo de seus próprios impulsos criadores, em *A reforma da natureza* (1941), durante uma viagem de *Dona Benta*, *Tia Nastácia* e *Visconde de Sabugosa* à Europa – os quais foram representar a *Humanidade* e o *Bom Senso* na *Conferência da Paz de 1945* – decidiu experimentar fazer uma reforma da natureza no *Sítio do Picapau Amarelo*. Estava animada em usar sua criatividade para reformar as coisas, árvores, frutas e animais, tendo em vista que já havia feito muitas reformas na língua. No entanto, quando *Dona Benta* chega e vê

⁵⁶O alemão Edward Sapir formou-se na Universidade de Columbia, doutorou-se em 1909, sob a orientação de Franz Boas (1858-1942) e foi professor na Universidade de Yale. Pioneiro no estudo das relações entre linguística e antropologia, Sapir faz uso do pensamento nietzschiano em suas formulações. “Que Sapir leu Nietzsche é algo que podemos comprovar pela leitura de *Language*, já que ele cita a beleza da prosa nietzscheana. [...] Sabemos que Sapir se formou em filologia germânica e que com ela teve contato com o pensamento do linguista Fritz Mauthner, que teve seu pensamento afetado pela leitura de Nietzsche. [...] O que fica de comum entre os autores [Sapir e Nietzsche] é que a linguagem é o arcabouço de crenças de uma cultura ou sociedade, de modo que muito do que se vê ou se acredita no mundo não advém de uma reflexão sobre as coisas, mas do que a linguagem já reserva em si” (Machado, 2010, p. 145-146).

as coisas fora de lugar, dá uma baita bronca na boneca, de um modo que não era do seu feitio fazer.

E voltando-se para Emília: – Vá já desfazer o que fez! – ordenou rispidamente. Emília fez beicinho e disse para a Rã: ‘Ela era democrática quando saiu daqui. Depois que lidou com os ditadores da Europa voltou totalitária e cheia de ‘vás’. Pois não vou’, e não foi! (Lobato, [1941] 1984g, p. 54).

Contra a educação que visava produzir a cultura espúria dos regimes totalitários, o criador da *Emília* combatia por uma cultura nacional autêntica. Assim, uma de suas grandes pelejas foi pela identidade brasileira, expressa na criação de um de seus personagens mais polêmicos. Monteiro Lobato acessou um símbolo que não se esgota em explicações; pelo contrário, o escritor criou um tipo que funciona como prisma interpretativo sobre uma das facetas mais genuínas da identidade nacional. Símbolo do Brasil, expressão do perspectivismo do pensamento lobatiano, motivo de duros combates intelectuais na vida do escritor – o caipira brasileiro – *Jeca Tatu*.

1.5. *Somos todos uns Jecas Tatus*:⁵⁷ a questão nacional como combate

De acordo com Lúcia Lippi Oliveira, em *A questão nacional na Primeira República* (1990), o nacionalismo pode ser compreendido como uma categoria político-cultural que busca responder a uma questão filosófica e antropológica mais ampla: – Quem somos nós, enquanto povo com uma origem comum? “O nacionalismo procura ser uma elaboração racional da identidade coletiva, ainda que lance mão, entre outros elementos, de símbolos afetivos” (Oliveira, 1990, p. 13).

O início do período republicano brasileiro foi marcado por duas interpretações da identidade nacional. Uma delas considerava positiva a colonização católica portuguesa e o passado imperial. A outra, de vertente antimonárquica, avaliava como necessária a ruptura com o passado português para que o país pudesse se modernizar. Nesse sentido, “nacionalidade seria, para os republicanos, o resultado da luta contra o passado, da construção de uma nova sociedade organizada politicamente pelos nacionais” (Oliveira, 1990, p. 23-24).

⁵⁷Assim falou Lobato em *A Barca de Gleyre* ([1944] 1959, v. 2, p. 40): Carta de 3 de julho de 1915 – “Somos todos uns Jecas Tatus [...] Com mais ou menos letras, mais ou menos roupas, na Presidência da República sob o nome de Wenceslau ou na literatura com a Academia de Letras, no comércio como na indústria, paulistas, mineiros ou cearenses, somos todos uns irredutíveis Jecas. O Brasil é uma Jecatatuásia de oito milhões de quilômetros quadrados.”

No contexto da história das ideias no Brasil, vale destacar a apropriação do pensamento positivista e evolucionista europeu pelos intelectuais brasileiros, a partir dos anos de 1870, conforme demonstra Lilia Schwarcz (1993), em *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. Liberalismo e modelos explicativos raciais, paradoxalmente, compunham o clima intelectual dessa época. O quadro internacional estava desenhado pelos ideais modernos – de progresso e de civilização – e pelo grande otimismo diante das conquistas da técnica e da ciência. A Proclamação da República no Brasil, em 1889, aconteceu sob o vento da confiança na “boa-nova da redenção do atraso” (Neves, 2003, p. 19). Foi nesse clima intelectual, acreditando na libertação do atraso via modernização do país, que Monteiro Lobato viveu sua experiência como administrador de uma grande propriedade rural e, em seguida, lutou pela *Campanha Pró-Saneamento* em todo o país.

O escritor paulista havia se casado, em 1908, com Maria Pureza. Trabalhou como promotor público, tanto como interino na Comarca de Taubaté, em 1906, quanto, posteriormente, como nomeado na Promotoria de Areias – de 1907 até a morte de seu avô, em 1911 – acontecimento que o levou a assumir os negócios da fazenda *Buquira*⁵⁸, a qual herdou, localizada na Serra da Mantiqueira.

Sua vivência como fazendeiro, de 1911 a 1917, foi marcada por frustrações. Ao tentar instalar o ritmo do progresso em seus negócios, foi vencido pela estagnação. Os projetos de “modernização da agricultura, a importação de cabras, galinhas e porcos, o recurso a especialistas, o cruzamento para melhoria da criação” não alcançaram sucesso. (Lajolo, 2000, p. 24). Ele acompanhava, pelos jornais, as notícias da Grande Guerra na Europa (1914-1918), enquanto suas finanças iam mal. Tentou vender a fazenda até conseguir, com dificuldade, um comprador, no ano de 1917, quando partiu com a família de volta à agitada capital paulista (Lajolo, 2000). Antes de seu retorno à cidade de São Paulo, Lobato apontou as queimadas como responsáveis pelo empobrecimento e esterilidade do terreno, considerando-as um dos principais entraves ao desenvolvimento da agricultura do país. “A causa de tal catástrofe, em sua opinião, residia justamente no caboclo” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 56).

Mesmo imerso nos afazeres agrícolas, não deixou de sentir suas pulsações de escritor. Escreveu ao amigo mineiro, em carta de 30 de abril de 1914, aos trinta anos de idade: “Que

⁵⁸“Imensidão de terras, que acrescida de outras, herdadas pela morte do pai, chega quase a dois mil alqueires. O conjunto constitui uma propriedade imensa, porém decadente, de terreno acidentado, pirambeira de terras já cansadas” (Lajolo, 2000, p. 24).

tempo te sobra para a literatura? Temos que voltar a ela, Rangel, você e eu, porque estamos envelhecendo e o destino nos deu essa função na vida (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 351). Desde 1912, Lobato já havia comunicado, em carta a Rangel, sua teoria sobre “o piolho da terra”:

Já te expus a minha teoria do caboclo, como o piolho da terra, o *Porrigio decalvans* das terras virgens? Ando a pensar em coisas com base nessa teoria, um livro profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influência europeia (Lobato [1944] 1959, v. 1, p. 326-327).

Contra a influência europeia e contra a literatura feita nas cidades, “por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos” (Lobato [1944] 1959, v. 1, p. 364), o criador da *Emília* preferia escrever a partir da realidade que estava vivenciando:

Carta de 20 de outubro de 1914 – Quantos elementos cá na roça encontro para uma arte nova! Quantos filões! E muito naturalmente eu gesto coisas, ou deixo que se gestem dentro de mim num processo inconsciente, que é o melhor: gesto uma obra literária, Rangel, que, realizada, será *algo nuevo* neste país vítima duma coisa: *entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra há um maldito prisma que desnatura as realidades*. E há o francês, o maldito macaqueamento do francês. Não sei como vai ser essa obra. Talvez romance. Talvez uma série de contos e coisas com uma ideia central. Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão espontâneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho-de-galinha [...] Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade e perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca... Em vez de índio, caboclo (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 362-365, grifos do autor).

Na continuação da missiva de 20 de outubro de 1914, Lobato expõe a Rangel que o “feto” em seu “útero” é a vontade de escrever sobre uma “simbiose do caboclo e da serra”, sobre o caipira, visto como um “homem baldio, inadaptável à civilização” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 366-367). Um mês depois dessa carta, no dia 12 de novembro de 1914, *O Estado de São Paulo* publicou, com destaque, o artigo escrito por Monteiro Lobato, intitulado *Uma velha praga*, que alcançou imensa repercussão. O inventor do *Sítio do Picapau Amarelo* começa seu texto criticando a indiferença nacional diante das mazelas brasileiras e satiriza a consternação com a guerra na Europa: “Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos *vons* alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros” (Lobato, [1914-1918] 1959a, p. 269).

Ao descrever a Serra da Mantiqueira como “um cinzeiro imenso”, em razão das queimadas – provocadas pelos “parasitas da terra: Manoel Peroba, Chico Marimbondão, Jeca

Tatu, ou outros sons ignaros” (Lobato, [1914-1918] 1959a, p. 267-276) – e dos prejuízos que elas estavam provocando ao solo, às árvores, às aves silvestres, ao regime de chuvas, ao gado sem pastos, Lobato também estava, em *Velha Praga* (1914), num forte tom de denúncia, mobilizando o pensamento dos intelectuais e políticos brasileiros para um complexo problema do interior do país. Nesse sentido:

Por trás das críticas de Lobato a esse procedimento danoso estão muito mais que os interesses de um fazendeiro lesado. Suas teses também denunciam a incapacidade do governo e da grande propriedade agrícola em adotar uma postura mais moderna e economicamente consequente, ou seja, um desenvolvimento que não se fizesse à custa de deixar um rastro de áreas decaídas como acontecera com o próprio Vale do Paraíba (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 58).

Depois de pouco mais de um mês da publicação da denúncia *Velha Praga*, o inventor da *Emília* publicou, no mesmo periódico – *O Estado de São Paulo* – o ensaio *Urupês*⁵⁹, no dia 23 de dezembro de 1914. Quanto à forma, Ceccantini (2014) afirma, em *Cinquenta tons de verde: Urupês*, o primeiro *best-seller* nacional, que essa publicação – a qual posteriormente dará título ao primeiro livro de contos de Lobato – consiste num texto ensaístico híbrido, modulado pela narração, no qual o escritor taubateano desenvolve o personagem *Jeca Tatu*, que havia sido apenas esboçado em *Velha Praga*. Assim:

Morreu Peri, incomparável idealização dum homem natural como o sonhava Rousseau, protótipo de tantas perfeições humanas que no romance, ombro a ombro com altos tipos civilizados, a todos sobreleva em beleza d’alma e corpo. [...] Não morreu, todavia. Evoluiu. O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de ‘caboclismo’. [...] Mas, o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heróica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras. [...] Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie. [...] Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade! [...] onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisíaca em escacho permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive... (Lobato, [1914-1918] 1959a, p. 275-292).

Conforme podemos observar pelo excerto acima, o criador do *Jeca Tatu* estava, no ensaio *Urupês* (1914), em estilo ácido que o caracterizou desde a juventude, criticando os escritores que partem dos ideais – e não da realidade brasileira na sua crueza – para criarem suas obras e personagens. Seja o que os românticos fizeram com os indígenas, seja o que os regionalistas fizeram com os sertanejos. Ao indagarmos com quem Lobato estava debatendo

⁵⁹*Urupês*: expressão empregada pela mãe de Lobato “para designar cogumelos parasitários que nascem em madeira podre” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 50).

(Skinner 2000; 2017), quando pinta o retrato do caipira *Jeca*, em 1914, observamos “a denúncia ao ranço idealista” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 58) que, na sua opinião, alcançara o ápice com José de Alencar (1829-1877), por este ter construído a imagem idealizada do indígena brasileiro, tal qual Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) havia feito com o *bom selvagem*.⁶⁰

Quanto a isso, notamos uma ressonância do pensamento nietzschiano em Monteiro Lobato. O autor do *Crepúsculo dos ídolos* (1888) também criticou o idealismo rousseauiano: “Rousseau, esse primeiro homem moderno, idealista e *canaille* [canalha] numa só pessoa” (Nietzsche, [1888] 2017, p. 81).

Lobato escreveu, em *Velha Praga* ([1914-1918] 1959a, p. 271), que o caboclo, “à medida que o progresso vem chegando [...] vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a picapau⁶¹ e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna.” *Jeca*, de cócoras, resiste ao avanço, dizendo que o ritmo vertiginoso do ideal civilizatório moderno *não paga a pena*. Vive como “agregado” de sítio em sítio, “nômade por força de vagos atavismos, não se liga à terra, como o camponio europeu” (Lobato, [1914-1918] 1959a, p. 272). Antonio Candido (1918-2027) avalia esta imagem lobatiana – o *Jeca Tatu* – do seguinte modo: “um estereótipo fixado sinteticamente, de maneira injusta, brilhante e caricatural” (Candido, [1964] 2010, p. 96).

Candido, em sua pesquisa *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida* (1964), distingue o caboclo, de origem predominantemente indígena, do caipira proprietário, geralmente branco, e também do caipira disperso, móvel, branco ou mestiço com indígena – “com pouco sangue negro” (Candido, [1964] 2010, p. 96). A cultura caipira, segundo o eminente professor e crítico literário, presente desde o latifundiário, passando pelo fazendeiro, até o sitiante, foi se tornando mais típica na camada intermediária, posto que os mais ricos tenderam a uma cultura urbana e os mais pobres não possuíam condições de estabilidade. Nesse sentido:

O caipira típico foi o que formou esta vasta camada inferior de cultivadores fechados em sua vida cultural, embora muitas vezes à mercê dos bruscos deslocamentos devido à posse irregular da terra, e dependendo do bel-prazer

⁶⁰“O Jeca contradizia frontalmente não só a retórica patrioteira, mas também o processo de idealização das minorias – índios, caboclos, negros e caipiras – às quais a tradição literária romântica atribui perfil épico e idealizado. Nessa tradição, o ridículo ficava reservado para a figura do caipira-na-cidade-grande, inevitavelmente canhestro em suas aproximações da metrópole [...], em cuja linhagem o próprio Jeca lobatiano se inscreve, quando é retomado na filmografia de Mazzaropi” (Lajolo, 2000, p. 26).

⁶¹Nota do escritor: “Espingarda de carregar pela boca” (Lobato, [1914-1918] 1959a, p. 271).

dos latifundiários para prosseguir na sua faina. [...] Como já se tinha visto no seu antepassado índio, verificou-se nele certa incapacidade de adaptação rápida às formas mais produtivas e exaustivas de trabalho, no latifúndio da cana e do café. [...] O escravo e o colono europeu foram chamados, sucessivamente, a desempenhar o papel que ele não pôde, não soube ou não quis encarnar. [...] Expulso da sua posse, nunca legalizada; despojado da sua propriedade, cujos títulos não existiam, por grileiros e capangas – persistia como agregado, ou buscava sertão novo, onde tudo recomeçaria (Candido, [1964] 2010, p. 95).

De acordo com o que se verifica pela explicação acima, de Antonio Candido (1964), para além de uma caricatura representativa do atraso e da preguiça, os motivos do modo de vida – *agregado* e resistente à fixação sedentária na terra – dos *Jecas Tatus* foram historicamente se desenhando, a partir de imbricação de fatores individuais com determinantes mais amplos, de ordem cultural, econômica, social e política. Monteiro Lobato se implicou na compreensão desses fatores. Logo que chegou na cidade de São Paulo, com a família, três meses depois de vender a fazenda *Buquira*, escreveu ao amigo Godofredo Rangel, em carta de 8 de dezembro de 1917: “Ontem escrevi o Epílogo, a coisa mais minha que fiz até hoje – e concluo com a apologia do Jeca. Virei a casaca. Estou convencido de que o Jeca Tatu é a única coisa que presta neste país” (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 160).

O escritor paulista está se referindo ao epílogo do livro *O Saci-pererê*: resultado de um inquérito (1918), organizado por ele, a partir de uma enquete respondida por assinantes do periódico *O Estado de São Paulo*. Lobato assinou a autoria desse trabalho com o pseudônimo *Demonólogo Amador*. Neste epílogo, o inventor da *Emília* demonstra seu engajamento com a questão nacional, nos seguintes termos:

Reunir este inquérito sobre o Saci em livro foi África. Tudo é África entre nós. [...] Este livro significa um pouco mais do que parece ao primeiro relanço. Revela o onde e o como se hão de buscar os elementos de estudo e compreensão de nós próprios. Até hoje seguimos a senda oposta. [...] O país cindiu-se em duas zonas sociais. A zona plagiária e a outra. A plagiária arrota-se de civilizada porque montou à beira-mar um mambembe pilharengo de civilizações alheias, e vive a epatar-se a si mesma com o uso e abuso das ideias, álcoois, sentimentos e farofas que a Europa lhe impinge em troca do café, da borracha e do cacau que a outra produz. [...] Continua o teu rechaçamento sistemático porque tu, Jeca, tens a suprema coragem de não ser grotesco por figurinos franceses. A verdade é esta: Jeca é a única afirmação de individualidade não laivada de ridicularias que possuímos. [...] Pois bem: seguimos o caminho errado. Condenamos Jeca à morte. Damos-lhes na cabeça com o rifle na guerra, com o alfabeto e o voto na paz. Jeca, entretanto, resiste. É na paz o que foi em Canudos: um heroísmo silencioso que morre mas não adere. Jeca só trabalha para si: nunca virá ao país um conde montado no trabalho dele. [...] Jeca não paga impostos. Resiste ao fisco pelo meio mais eficaz: não acumulando nada que meirinhos possam penhorar. Resiste à cultura, resiste a Havas, resiste ao *suelto*, resiste

ao juiz, ao escrivão, ao sargento de polícia, à Light, ao cônsul inglês, ao estado de sítio, ao *Miroir de La Mode*, ao parnasianismo, ao João do Rio, ao Largo do Rosário, a Sanches, ao patriotismo, ao nacionalismo de artigo de fundo, ao telefone, aos *Aveugles-nés*, às Indústrias Reunidas, à colocação dos pronomes, ao Mappin, a Rosatti. Salve, amigo, só tu neste paraíso dos xaropes és como o pau de lei: casca mole por fora, cerne que machado não morde por dentro. Só tu neste embaubal és cabiúna, Jeca! (Lobato, [1918] 2008, p. 368-375).

Fica, portanto, evidente, pela citação acima, que Monteiro Lobato, considerava o caipira como uma afirmação da individualidade brasileira, resistente tanto ao “figurino francês” quanto à exploração de seu trabalho.⁶² Três anos depois do artigo *Velha Praga* (1914) e do ensaio *Urupês* (1914) causarem um grande impacto no debate intelectual do país, com a figura do *Jeca Tatu*, o escritor sentia-se pronto para o grande combate crítico contra a influência europeia na cultura brasileira. Lançou, ainda no ano de 1918, logo após *O Saci-pererê*: resultado de um inquérito, o seu primeiro livro literário – a coletânea de contos caipiras, intitulada *Urupês* (1918) que, conforme vimos acima, estava sendo “gestado” pelo escritor, desde o ano de 1912, para ser uma obra “profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influência europeia” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 326-327).

Ao sair do marasmo da fazenda e retornar a São Paulo, o escritor taubateano viveu tempos vertiginosos. No ano de 1918, comprou a *Revista do Brasil* – “periódico disposto a resgatar os valores da cultura nacional, até então soterrados pelo europeísmo” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 108), publicou o livro de contos *Urupês*, fundou sua editora – a *Monteiro Lobato & Cia.* – e ainda publicou uma coletânea de artigos denunciando o descaso da saúde pública em relação às péssimas condições de vida dos *Jecas*, intitulada *O problema vital*. Na epígrafe desta obra, Lobato dispara: “O Jeca não é assim, *está* assim” (Lobato, [1918-1924] 1959b, p. 221). O escritor paulista utilizou da grande popularidade de seu *Jeca Tatu* na campanha para que todo o país fosse beneficiado pelo saneamento básico, em que estava engajado. No artigo, intitulado *Dezessete milhões de opilados* (1918), também publicado em *O problema vital*, escreveu:

⁶²Recomendamos pesquisas que revisitem o personagem *Jeca Tatu* (1914), no aspecto da sua resistência ao ritmo vertiginoso do ideal civilizatório moderno, a partir da consideração da recepção da filosofia de Nietzsche por Monteiro Lobato, especialmente quanto às críticas ao progresso e à civilização, presentes desde antes dos anos 1920 nos textos lobatianos, conforme demonstramos pelo *Epílogo do Inquérito sobre o Saci* (1918). Acreditamos que novas perspectivas poderão se abrir para uma melhor compreensão tanto do pensamento de Lobato quanto desse símbolo caipira, fortemente presente no imaginário popular brasileiro.

Foi mister que nascesse Oswaldo Cruz, que Oswaldo fundasse Manguinhos⁶³, que Manguinhos reunisse em seu seio uma plêiade de estudiosos, e que dentre eles Belisário Pena desferisse um grito lancinante de angústia para que afinal volvéssemos para os males caseiros os olhos há tantos anos postos nas coisas europeias. Ah, se o Brasil que fala e pensa e age consagrasse ao estudo e solução dos problemas internos um décimo das energias despendidas em comentar os fatos europeus... Mas é impossível isso. Não há tempo, nem é chique. O chique é meditar nos destinos da Alsácia Lorena... (Lobato, [1918-1924] 1959b, p. 237).

De acordo com a biografia de Azevedo; Camargos; Sacchetta (1997, p. 111), Monteiro Lobato entrou em contato com o texto *Saneamento do Brasil* (1918), do médico Belisário Pena (1868-1939)⁶⁴ e ficou impactado com o trabalho dele, de Arthur Neiva (1880-1943)⁶⁵ e do mestre de ambos, Oswaldo Cruz (1872-1917)⁶⁶, pelos estudos científicos e pela luta no combate às doenças causadas pela falta de saneamento básico no país.⁶⁷

Alves Filho (2003, p. 68) afirma que Monteiro Lobato distancia-se das explicações que consideravam o *Jeca* brasileiro “um tipo racial inferior, degenerado, produto de má eugenia”,⁶⁸ ao escrever, no artigo *Um fato* (1918), também publicado em *O problema vital*, a seguinte denúncia ao descaso oficial quanto às condições de saúde da população brasileira:

⁶³“A história da Fundação Oswaldo Cruz começou em 1900, com a criação do Instituto Soroterápico Federal, na Fazenda de Manguinhos, no Rio de Janeiro. Sob o comando de Oswaldo Cruz, o Instituto foi responsável pela reforma sanitária que erradicou a epidemia de peste bubônica e febre amarela na cidade, organizando também expedições científicas ao interior do país, entre 1912-1917.” Fonte: <https://fiocruz.br/historia>. Acesso em 30 jun.2025.

⁶⁴De acordo com Raquel Afonso da Silva, em *Problema vital: a restauração do Brasil sob a ótica da medicina higienista* (2014, p. 61), “em tom panfletário, Belisário Pena denuncia o estado de insalubridade da população sertaneja, situação que o cientista pôde observar de perto nas viagens realizadas pelo interior da Bahia, Pernambuco, Piauí e Alagoas.”

⁶⁵O médico sanitário Arthur Neiva, de 1916 a 1918, dirigiu e organizou o *Serviço Sanitário de São Paulo*, além de elaborar o primeiro código sanitário do país. “Cientista internacionalmente conhecido, foi o precursor, no Brasil, das medidas preventivas contra sífilis e também uma das maiores autoridades em malária” (Silva, 2014, p. 61).

⁶⁶“Médico pioneiro nos estudos das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil” (Silva, 2014, p. 61).

⁶⁷“A efervescência em torno da questão do saneamento não foi um evento isolado no período da Primeira República. Havia por parte da intelectualidade brasileira uma preocupação em ‘diagnosticar’ e propor soluções para os problemas que impediam o Brasil de se igualar aos países que encabeçavam a civilização ocidental. [...] As expedições científicas coordenadas por Oswaldo Cruz, bem como as realizadas sob o comando do Marechal Cândido Rondon (1865-1956) – dentre as quais a Comissão Rondon a Mato Grosso e Amazonas (1906-1910) e a expedição Roosevelt-Rondon aos vales dos rios Paraguai e Amazonas (1913-1914) – podem ser lidas como parte do empenho em mapear e compreender a nação brasileira e, no que diz respeito ao trabalho dos higienistas, também diagnosticar os males das regiões mais afastadas da capital” (Silva, 2014, p. 62-63).

⁶⁸A “teoria da degenerescência do mestiço”, do naturalista suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873), estava em voga no período. Sobre Lobato, Alves Filho (2003, p. 52) afirma: “Se não a leu no próprio, a conhecia através de *Os sertões*, de Euclides da Cunha – livro diversas vezes citado na *Barca de Gleyre*.” A teoria de Agassiz, inteiramente refutada desde meados do século XX, pode ser resumida no seguinte trecho de seu livro *Viagem ao Brasil: 1865-1866*: “Qualquer um que duvide dos males da mistura de raças [...] venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui que em qualquer outro país do mundo” (Agassiz, 1868 *apud* Schwarcz, 1993, p. 13).

O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um homem em estado latente. Possui dentro de si grande riqueza em forças. Mas, força em estado de possibilidade. E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência às terríveis endemias que lhe depauperam o sangue (Lobato, [1918-1924] 1959b, p. 237).

Engajado na *Campanha Pró-Saneamento*, Lobato escreveu *Jeca Tatu*: a ressurreição (1924), um pequeno conto que mostra a transformação do *Jeca*, que se torna forte e rico, após receber a visita do médico, com o qual aprendeu a calçar botas para proteger seu corpo dos vermes. Passou a não duvidar mais do que a ciência diz e a “ensinar o caminho da saúde aos caipiras da redondeza, fundando vários *Postos de Maleita* e de *Ancilostomose*, onde curava os doentes do amarelão e outras doenças causadas por bichinhos nas tripas” (Lobato, [1918-1924] 1959b, p. 339). *Jeca*, agora, dizia: “Hei de empregar toda a minha fortuna nesta obra de saúde geral. O meu patriotismo é este. Minha divisa: Curar gente. Abaixo à bicharia que devora o brasileiro” (Lobato, [1918-1924] 1959b, p. 339). Escrita em linguagem simples e cristalina, como era o estilo do escritor, a história passou a ser utilizada como propaganda do *Biotônico Fontoura*,⁶⁹ com o título *Jecatatzinho* (1924), e foi espalhada em panfletos por todo o país, por décadas, em milhões de cópias (Alves Filho, 2003, p. 69).

Lima Barreto (1881-1922) – para quem, de acordo com Azevedo; Camargos; Sacchetta (1997, p. 118), “o problema vital chamava-se ‘latifúndio’”, na contramão do que virá a ser dito posteriormente por Sérgio Milliet (1946)⁷⁰ – já havia escrito, em maio de 1921, na *Gazeta de Notícias*, antes mesmo de ser publicado o *Jecatatzinho* (1924), sobre Monteiro Lobato: “o que se evola de suas palavras não é ódio, não é rancor, não é desprezo, apesar da ironia e da troça; é amor, é piedade, é tristeza de não ver o ‘Jeca’ em condições melhores” (Barreto, 1921 *apud* Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 118).

Na trilha da perspectiva que Barreto já havia enunciado em 1921, nossa pesquisa observou que Lobato encontrava-se intrigado com as condições de vida dos *Jecas* brasileiros, ao abordar a questão em 1914, de maneira crua e ácida no artigo *Velha Praga* e no ensaio *Urupês*; posteriormente, exalta a resistência do caipira no epílogo do livro *O Saci-pererê*: resultado de um inquérito (1918), atravessa suas indagações acerca das doenças que faziam o

⁶⁹“Foi em uma dessas andanças pela redação de *O Estado* que o Cândido Fontoura conheceu Monteiro Lobato, também colaborador do Jornal, iniciando-se uma grande amizade entre o escritor e o industrial. Depois de experimentar o Biotônico, Lobato acabou por tornar-se propagandista, escrevendo os livretos do *Jeca Tatzinho* que contavam a história de um caboclo que, fortalecido pelo ‘miraculoso elixir’ faz com que todos os animais de seu sítio tomem o xarope e protejam seus pés com calçados para evitar a contaminação. Lobato nada cobrou pela criação e ilustração do *Jeca Tatzinho*, que ficou famoso com suas 35 edições de mais de 100.000.000 de exemplares” (Park, 1998, p. 91).

⁷⁰“*Jeca Tatu* é uma vingança. A vingança do fazendeiro fracassado” (Milliet [1946] 1981, v. 3, p. 53).

sertanejo estar como estava, elaborando a história de *Jecatatuquinho* (1924); até que, um ano antes de sua morte, publica o conto panfletário *Zé Brasil*, em 1947, pela *Editorial Vitória*, procurando conscientizar os *Jecas* para a injustiça fundiária brasileira, apontando que poderia haver um caminho de transformação da realidade exploratória da *Jecatatuásia*, e esse caminho seria pela esquerda.

Quanto ao *Zé Brasil*, Alves Filho (2003, p. 74) afirma que, desde o início do texto, “Lobato tem a explícita intenção de identificar *Jeca Tatu* e *Zé Brasil*, como um só personagem, metamorfoseando a identidade construída em torno do primeiro, em 1914, na identidade do segundo.” *Jeca Tatu*, acorrido, vivia como um piolho da terra, até ser tocado como um cachorro e seguir sua vida semi-selvagem. *Zé Brasil* toma consciência de sua condição de trabalhador sem terra, o qual poderá lutar por justiça e por mudanças na estrutura fundiária. No conto, o *Coronel Tatuíra* é o “verdadeiro tatu da história, na medida em que é ele que cava o buraco para os *Jecas*” (Alves Filho, 2003, p. 75). Assim falou Lobato:

Zé Brasil era um pobre coitado. Nasceu e sempre viveu em casebres de sapé e barro, desses de chão batido e sem mobília nenhuma [...] Esses doutores, esses escrevedores nos jornais, esses deputados, paravam ali e era só crítica: vadio, indolente, sem ambição, imprestável... não havia o que não dissessem do Zé Brasil. Mas ninguém punha atenção nas doenças que derreavam aquele pobre homem [...] O mundo é dos ricos e Zé Brasil nasceu pobre. Ninguém no mundo pensa nele, olha para ele, cuida de melhorar a sorte dele... – Não é assim, Zé. Apareceu um homem que pensa em você, que por causa de você já foi condenado pela lei desses ricos que mandam em tudo – e passou nove anos num cárcere. – Quem é esse homem? – Luís Carlos Prestes... – Já ouvi falar. Diz que é um tal comunista que quer desgraçar o mundo, acabar com tudo... – Quer acabar com a injustiça do mundo. [...] O sonho dele é fazer que todos os que trabalham na terra sejam donos de um sítio de bom tamanho, onde vivam felizes, plantando muitas árvores, melhorando as benfeitorias. E todos vivendo sossegados, sem receio de que um Tatuíra os toque e fique com tudo. É só isso que Prestes e seus companheiros querem (Lobato, [1946-1947] 1959i, p. 327-333).

O panfleto foi proibido de circular e apreendido no ano de seu lançamento. Quanto à rede de sociabilidades no cenário da publicação de *Zé Brasil*, verificamos, de acordo com De Luca (2014, p. 367), que o escritor, desde 1945, estava num convívio próximo com Caio Prado Júnior (1907-1990),⁷¹ tendo em vista que este havia acabado de fundar a *Editora Brasiliense*, com a qual Lobato assinou contrato para publicação de suas obras completas e, em seguida, tornou-se sócio.

⁷¹Caio Prado Júnior, nascido em uma família de ricos cafeicultores, tornou-se um engajado intelectual do movimento operário brasileiro. Foi eleito deputado estadual em 1945 e deputado constituinte em 1947, pelo Partido Comunista do Brasil – PCB. Lobato participou ativamente da campanha para eleição do amigo Prado Jr. (De Luca, 2014).

Monteiro Lobato, ao escrever e publicar o conto de pouco mais de vinte páginas – *Zé Brasil* (1947), travou o derradeiro combate como intelectual engajado, antes de sua morte, ocorrida em 1948, aos sessenta e seis anos de idade. Aqui, o conceito de intelectual-contradição, de Sartre ([1965] 1994), parece-nos adequado para compreender a posição do escritor que, mesmo advindo da condição de herdeiro de grandes patrimônios rurais, decidiu utilizar sua força crítica, o poder de seu renome no período e de sua *expertise* como escritor, a serviço do que acreditava ser necessário: o trabalhador rural brasileiro estava precisando ser alertado de sua condição de explorado para se levantar em luta por seus direitos. O panfleto *Zé Brasil* visava conscientizar os *Jecas* da luta de classes e impulsionar suas forças revolucionárias.⁷²

Quanto ao engajamento de Lobato na questão nacional, vale ressaltar que, ao criar uma identidade tão polêmica no imaginário cultural nacional – *Jeca Tatu*⁷³, o escritor paulista jamais havia perdido de vista seus objetivos literários. Desejava fazer uma literatura composta por tipos que representassem o Brasil real; não o ideal. Ainda que de forma controversa, Lobato também estava envolvido nas questões que mobilizavam os modernistas. Procurando se afastar da mera reprodução de cópias dos personagens europeus e exercendo sua habilidade de desferir duros golpes de marreta com as palavras, levantou contra si numerosos combatentes. Atuando do modo como Said ([1993] 2005) compreende o papel de um intelectual, com ênfase no senso crítico, Lobato estava longe de procurar pacificações ou consensos.

Um de seus opositores nos combates intelectuais foi o modernista Sérgio Milliet (1898-1966). Além de considerar Lobato um pintor frustrado, também o avaliava como um fazendeiro fracassado e ressentido. Num dos volumes de seu *Diário Crítico*, Milliet declara:

Jeca Tatu é uma vingança. A vingança do fazendeiro fracassado contra o caboclo que lhe põe fogo na mata. É o julgamento de um representante da classe dos que possuem alguma coisa e por isso mesmo não podem

⁷²O herói da trama lobatiana, que realmente se importava com a exploração que *Zé Brasil* sofria pelo *Coronel Tatuira* e que sonhava em acabar com a injustiça do mundo era o *Cavaleiro da Esperança* – Luís Carlos Prestes (1898-1990). Prestes foi, conforme afirma Bruno Gaudêncio (2022), um dos políticos brasileiros mais proeminentes do século XX. Militar de formação, protagonizou o movimento tenentista e a Coluna Prestes. Sua história está ligada à história do Partido Comunista do Brasil – PCB. Conforme expõe Eder Renato de Oliveira (2022), no artigo *O PCB e os caminhos da construção da Revolução Brasileira*: a gênese teórica do partido, o PCB foi fundado em 1922, passou por diversos reveses, operou na ilegalidade em diversos períodos e teve seus líderes duramente perseguidos durante o Estado Novo (1937-1945). “Em 1939, quase todos os militantes do partido estavam no cárcere e o partido já não existia mais enquanto organização política. Somente a partir de 1943, o PCB começaria a se reorganizar” (Oliveira, 2022, p. 264).

⁷³“Jeca Tatu compõe o imaginário social brasileiro e encontrou guarida nos dicionários, substantivado” (De Luca, 2014, p. 362).

compreender a psicologia diferente dos miseráveis. A sentença inapelável dos que não perceberão jamais que viver não é apenas criar riqueza. Dos que embora não dêem aos desgraçados os meios de se educarem e requintarem exigem dos pobres diabos uma atitude na vida semelhante à sua própria. Dos que pensam sempre ser uma grande honra para o escravo servir o senhor e encaram o descontentamento dos subordinados como se fossem gestos de ingratidão (Milliet, [1946] 1981, v. 3, p. 53).

Milliet, Menotti del Picchia (1892-1988) e Mário de Andrade (1893-1945) desferiram duros ataques a Monteiro Lobato, após ele fazer uma crítica à exposição da pintora Anita Malfatti (1889-1964), em dezembro de 1917, publicada no *Estadinho*, com o título *A propósito da exposição Malfatti*, oito dias depois da inauguração da mostra, e republicada pelo escritor, em 1919, com o título *Paranóia ou Mistificação?*, na sua coletânea de textos sobre arte e cultura – o livro *Ideias de Jeca Tatu* (1919).

Tadeu Chiarelli, na obra *Um Jeca nos Vernissages: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil* (1995), argumenta que os modernistas paulistas estavam em combate por uma história ideal do movimento e não pela história real, que foi eivada de contradições internas. Os ataques a Lobato, um elemento externo, tendo em vista que ele nunca aderiu ao grupo e ficou de fora da *Semana de 22*⁷⁴, tinha o objetivo de fazer parecer que Malfatti era mais modernista do que de fato ela era e responsabilizar a ácida crítica lobatiana pelas mudanças estéticas posteriores da pintora.

Malfatti havia estudado na Alemanha e nos Estados Unidos. Seus quadros, em 1917, trouxeram muito das vanguardas estéticas estrangeiras, sobretudo do Expressionismo. No entanto, ao retornar a São Paulo, a pintora passou a questionar essas vanguardas e sua arte foi se modificando, na medida em que foi colocando em questão os postulados do modernismo europeu e buscando uma expressão mais nacionalista nas temáticas e mais naturalista nas formas (Chiarelli, 1995, p. 22-24).⁷⁵

⁷⁴De acordo com a análise de Rafael Cardoso (2022, p. 18-25), em *Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945*, a Semana de Arte Moderna constitui-se num “mito fundador do modernismo brasileiro”, tendo em vista que já havia, por exemplo, o modernismo carioca, conforme estudos de Monica Pimenta Velloso, há pelo menos quinze anos antes de 1922. De todo modo, Cardoso (2022, p. 18) afirma que o evento, ainda que importante para o modernismo paulista, tem apenas o valor de “lenda” quando se trata do modernismo brasileiro. O evento “abarcou apresentações musicais, palestras, récitas de poesia, além de uma exposição com uma centena de obras de arte. Patrocinada por figuras eminentes da burguesia paulista – sob a liderança decisiva do autor, mecenas e cafeicultor Paulo Prado – e realizada no Theatro Municipal de São Paulo, a Semana juntou um elenco que inclui alguns dos nomes mais ilustres da cultura brasileira no século XX: os escritores Oswald de Andrade e Mario de Andrade; os artistas plásticos Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Victor Brecheret; o compositor Heitor Villa-Lobos” (Cardoso, 2022, p. 18).

⁷⁵Conforme argumenta Tadeu Chiarelli, os questionamentos de Anita Malfatti à arte moderna não representam um comportamento isolado. Após a eclosão da Primeira Guerra Mundial, vários artistas internacionais foram se distanciando das vanguardas, num processo que passou a ser denominado posteriormente, nas artes plásticas, de “Retorno à Ordem” (Chiarelli, 1995, p. 22).

Paranoia ou mistificação?: a propósito da exposição Malfatti (1917) é um artigo de crítica, tipicamente lobatiano, que consegue impactar com as palavras. Ao considerar Anita Malfatti portadora de “um talento vigoroso, fora do comum”, o escritor provoca a pintora para que expresse sua “sólida individualidade artística” e pinte de forma independente, com originalidade (Lobato, [1919] 1959d, p. 59-65). Coerente com os valores que o impulsionavam – o estilo como expressão radical da autenticidade de cada artista e a busca incansável pela libertação da colonização estética europeia – combate contra a sedução dos “ismos” estrangeiros: “futurismo, cubismo, impressionismo, e *tutti quanti*”, das “extravagâncias de Picasso & Cia.”, menos sinceras que “os desenhos que ornem as paredes internas dos manicômios” (Lobato, [1919] 1959d, p. 59-65). O criador da *Emília* considerava as vanguardas europeias “furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e sadismos de todos os períodos de decadência; são frutos de fim de estação, bichados ao nascedouro” (Lobato, [1919] 1959d, p. 59).

Podemos observar, na crítica acima, ressonâncias do modo de avaliação nietzschiana à decadência e ao cansaço da cultura europeia moderna.⁷⁶ Apesar de Nietzsche ter sido um filósofo que foi apropriado por artistas modernistas na Europa e no Brasil, no sentido de ser um autor iconoclasta, que inspira os que desejam combater contra valores estratificados, ele também foi um crítico do niilismo – dos que não conseguem criar a partir dos escombros de suas próprias demolições.⁷⁷ O autor de *Zarathustra* considera que um filósofo deve exigir de si uma tarefa: “superar em si seu tempo [...]. Logo, contra o que deve travar seu mais duro combate? Contra aquilo que o faz um filho de seu tempo” (Nietzsche, [1888] 2016a, p. 9). Nietzsche diagnostica o problema da decadência das forças de uma cultura quando esta passa a ignorar o que é nocivo à vida, o que a enfraquece e, portanto, cansada, essa cultura passa a eleger valores morais de bem e mal em si mesmos, transcendentemente à experiência vivida. Nesse sentido, afirma o filósofo, em *O Caso Wagner* (1888):

O que me ocupou mais profundamente foi o problema da *décadence* – para isso tive razões. ‘Bem e Mal’ é apenas uma variante desse problema. Tendo uma vista treinada para os sinais de declínio, compreende-se também a moral – compreendemos o que se oculta sob os seus mais sagrados nomes e

⁷⁶É importante ressaltar que, para Nietzsche, a Modernidade não começa com Descartes. Ivo da Silva Jr. explica que o filósofo alemão “advoga a ideia de que a modernidade teve seus inícios com Sócrates, na antiguidade clássica. Noutros termos, acredita que a modernidade começa com o desmonte da aristocracia, guerreira e de espírito, por meio da introdução realizada por Sócrates do pensamento dialético, que teria contribuído para a desorganização e para o esfacelamento do mundo grego. [...] O filósofo afirma então que o homem moderno se situa na via do platonismo e do cristianismo” (Silva Jr., 2016, p. 307).

⁷⁷“Se há alguém capaz de se encaixar na definição de herético-mor num século semipronto para a revelação, é Friedrich Nietzsche. Foi ele quem mais favoreceu o clima para o modernismo” (Gay, 2009, p. 44).

fórmulas de valor: a vida empobrecida, a vontade de fim, o grande cansaço. A moral nega a vida... (Nietzsche, [1888] 2016a, p. 9).

Em novembro de 1920, Del Picchia escreveu, na crônica *Uma palestra de arte*, que o escritor taubateano foi “injusto e cruel” na crítica à exposição de Anita Malfatti (Chiarelli, 1995, p. 25). Mário de Andrade considerava o autor de *Urupês* (1918) um mau pintor que, ressentido por isso, mirou sua navalha crítica à Malfatti, fazendo-a recuar esteticamente (Chiarelli, 1995, p. 26). O músico escreveu um necrológio satírico, intitulado *Post-Scriptum Pachola*, o qual foi publicado no periódico *A Manhã*, no dia 13 de maio de 1926, dizendo que Lobato era um “sitiente que teria queimado muito mato, para depois atacar os que se utilizavam do expediente das queimadas” (Mario de Andrade, 1926 *apud* Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 180).

O criador da *Emília* considerava a crítica um *direito natural*, portanto, não defendia apenas o seu próprio exercício; mas, também, o de seus adversários na luta intelectual. De acordo com Azevedo; Camargos; Sacchetta (1997, p. 181), o jornalista e escritor Flávio de Campos reclamou das críticas que seu livro *Planalto* (1939) recebeu de Mario de Andrade. Sobre isso, Lobato escreveu ao amigo Flávio, no início dos anos 1940:

Tu és um monstro de orgulho, Flávio. Pois queres atacar ao Mario só porque ele exerceu o seu natural direito de crítica? [...] Se tiras ao crítico a liberdade de criticar, matas a crítica, Flávio. Fica feio para você danar com um cabra criticamente só porque ele não gostou do teu livro da maneira pela qual querias que ele gostasse. Mario é um grande crítico. Mario é notabilíssimo. Mário, pelo seu talento sem par no analismo criticista, tem direito a tudo, até de meter o pau em você e em mim. Eu tenho levado pancadinhas dele. Certa feita chegou a publicar o meu necrológio. Matou-me e enterrou-me. Em vez de revidar, conformei-me, e sem mudar minha opinião sobre ele. [...] Mario é grande. Tem direito até de nos matar à moda dele (Lobato, 1940 *apud* Nunes, 1986, p. 75).⁷⁸

A pesquisa de Azevedo; Camargos; Sacchetta (1997, p. 177) colocou “em xeque a tese do rompimento radical de Lobato com os modernistas”, tendo como fontes correspondências trocadas por Monteiro Lobato com Mário de Andrade, Di Cavalcanti (1897-1976), Graça Aranha (1868-1931) e, principalmente, com Oswald de Andrade – o qual disse ter feito propaganda de *Urupês* (1918) e *Cidades Mortas* (1919), quando palestrou na *Sorbonne*, em

⁷⁸Localizamos essa carta, na íntegra, na compilação organizada e publicada por Cassiano Nunes – *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda; Record, 1986.

1923.⁷⁹ Sérgio Milliet também veio a traduzir, em 1924, um dos contos lobatianos, *Um suplício moderno* (1918), para publicação na França (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 177).⁸⁰ No artigo *O nosso dualismo*, publicado em 20 de março de 1926, no *Diário da Noite*, posteriormente inserido no livro *Na antevéspera* (1933), Lobato afirmou:

O futurismo apareceu em São Paulo como o fruto da displicência dum rapaz rico e arejado de cérebro: Oswald de Andrade. [...] – sentiu melhor do que ninguém a nossa cristalização mental e empreendeu combatê-la. [...] Atrapalhar, para Oswald, era o meio de conseguir descrystalizar a mentalidade. Só. Mais nada. Ela depois que criasse o que lhe aprouvesse, livremente, sem nenhum dogma, nenhum quadro, nenhuma autoridade constringente. [...] Oswald revelava-se aquele fecundo Nietzsche do ‘*Vade mecum*’? *Vade tecum!*’ Queres seguir-me? Segue-te! Em vez disso a plêiade futurista, coesa no bloco do Quebra-Vidraças, deu de seguir Oswald, atrapalhando também, mas errada. Errava adotando a atrapalhação como fim supremo, objetivo de todas as manifestações artísticas modernas, e não como simples meio (Lobato, [1933] 1959h, p. 109-112).

Oswald de Andrade (1890-1954), em *Carta a Monteiro Lobato* (1943) – escrita por ocasião da comemoração dos vinte e cinco anos de *Urupês* (1918) e publicada em *Ponta de Lança* (1971) – reconhece o pioneirismo de Lobato:

De fato *Urupês* é anterior ao *Pau-Brasil* e à obra de Gilberto Freyre. Mas você, Lobato, foi o culpado de não ter a sua merecida parte de leão nas transformações tumultuosas, mas definitivas, que vieram se desdobrando desde a *Semana de Arte de 22*. Você foi o Gandhi do modernismo. Jejuou e produziu, quem sabe, nesse e noutros setores a mais eficaz resistência passiva de que se possa orgulhar uma vocação patriótica. [...] sua luta significava a repulsa ao estrangeirismo afobado de Graça Aranha, às decadências lustrais da Europa podre, ao esnobismo social que abria os seus salões à *Semana*. [...] Você sentiu-se cansado e refugiou-se numa calçada, rodeado de crianças. [...] E o super-homem de Nietzsche não pôde com o super-homem do *Gibi*. [...] À sombra dos seringais generosos, na extensão solar das coxilhas, nas macegas, como nas ruas comerciais, nos escritórios e nos lares do Brasil, querem liquidar com o Jeca Tatu! [...] O Jeca vai para a guerra, vai dar o seu sangue pela redenção da Europa (Andrade, [1943] 1971, p. 4, grifos do autor).

Esses fragmentos demonstram respeito recíproco entre Monteiro Lobato e Oswald de Andrade. Os dois intelectuais reconhecem o valor um do outro para a construção de uma arte

⁷⁹Em cartas de maio e de junho de 1923, Oswald de Andrade escreveu a Lobato, de Paris, que havia feito uma conferência – “Jeca Tatu na Sorbonne” – e, com ótimo humor, declarou: “[...] percebendo que a verdadeira literatura francesa está mais com o Lobato dos *Urupês et caterva* – de *Cidades Mortas* aos últimos contos – do que esses impagáveis Andrades (Marios e Oswalds) dispus-me a fazer propaganda de tua obra [...]. E criei um mito em Paris - Lobatô!” (Oswald de Andrade, 1923 *apud* Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 175-176).

⁸⁰O modernismo brasileiro, em seu primeiro momento – de 1917 a 1924, desejava uma evolução no sentido de transpor o atraso e poder pertencer à cena artística internacional. No entanto, Eduardo Jardim (2016) analisa que houve uma crise nessa participação, pois o reconhecimento veio como um mero apêndice numa antologia mundial. O Brasil comparecia no cenário artístico estrangeiro como participante pobre e carente de valor próprio. Diante disso, os artistas brasileiros passaram a se preocupar mais intensamente em definir os contornos e as cores da brasilidade. Para esse objetivo, os contos lobatianos passaram a ter considerável valor entre os modernistas.

profundamente brasileira. Vale notar que Lobato elogia em Oswald o que ele nota como uma autenticidade nietzschiana de seguir a si mesmo. A crítica recai aos seguidores que, ao imitarem o *Papa do Modernismo*⁸¹, acabam elegendo a tática oswaldiana de combate – o riso, a blague e a atrapalhação – como fim supremo. Oswald de Andrade, além de avaliar o *Jeca Tatu* como um redentor da cultura brasileira, que *dá o sangue* contra a Europa, cita Nietzsche, ao analisar a decisão de Lobato pela literatura para crianças, fazendo um jogo de palavras, no qual o *Super Homem* – personagem da cultura estadunidense⁸² – estava vencendo, na cultura moderna, o *super-homem nietzschiano*.

Conforme demonstra Eduardo Jardim, em *A brasilidade modernista sua dimensão filosófica* (2016), a busca pela identidade nacional foi a marca distintiva do modernismo⁸³ em nosso país. Enquanto as vanguardas artísticas, nos movimentos modernistas europeus, estavam em busca do novo, rompendo com suas tradições, o que movia os artistas e intelectuais brasileiros, nas primeiras décadas do século XX, era, fundamentalmente, (re)conhecer o que havia de próprio em nossa cultura, buscando superar a “condição colonial”.⁸⁴ Nesse sentido, Aluizio Alves Filho (2003, p. 23), em *As metamorfoses do Jeca Tatu*, destaca “o Jeca Tatu de Monteiro Lobato e o Macunaíma (1928) de Mário de Andrade, que vieram a constituir-se nas mais popularizadas e duradouras construções de identidades brasileiras alimentadas por tipo literário.”

Vimos, portanto, que Monteiro Lobato esteve visceralmente engajado na busca e na construção da identidade nacional brasileira. Apesar da sua literatura ser reconhecida como

⁸¹Conforme demonstra a pesquisa de Azevedo; Camargos; Sacchetta (1997, p. 170-171), Lobato, brincando com Amadeu Amaral Júnior, disse que era partidário de uma *Segunda Semana de Arte Moderna*, na qual se contentaria com o “posto de vice-papa, logo abaixo do ‘Papão’ Oswald de Andrade.”

⁸²O personagem de história em quadrinhos *Superman*, um super-herói dotado de poderes sobrenaturais, foi criado pelo estadunidense Jerry Siegel (1914-1996) e pelo canadense Joseph Shuster (1914-1992), no ano de 1933, um momento de crise da sociedade estadunidense, visando criar uma “mitopoética” que desse conta dos “problemas de autoafirmação deixados pela Grande Depressão de 1929” (Magno; Ferraraz, 2009, p. 133).

⁸³De acordo com Peter Gay, a história do modernismo, enquanto movimento artístico e cultural, encontra dificuldades nos critérios de definição, pois ele contém muitas diferenças de cores e nuances dentro de si. Há, entre os modernistas, católicos e ateus, comunistas, conservadores e até mesmo fascistas. A despeito disso, o historiador inglês localizou dois atributos fundamentais presentes nos modernistas: “o fascínio pela heresia, que impulsionava suas ações a confrontar as sensibilidades convencionais” e “o compromisso com um exame cerrado de si mesmos por princípio” (Gay, 2009, p. 19-20).

⁸⁴De acordo com Alfredo Bosi (1936-2021), a condição colonial pode ser entendida como “esse tempo histórico de longa duração no qual convivem e conflitam, por força estrutural, o prestígio dos modelos metropolitanos e a procura tateante de uma identidade originária e original” (Bosi, 1991, p. 34).

uma das precursoras do modernismo brasileiro (Lajolo, 2000, p. 65)⁸⁵, o criador da *Emília* foi um defensor radical da própria individualidade, contrário aos agrupamentos, os quais denominava de rebanhos, preferiu caminhar sozinho.

Diante das múltiplas visões de Lobato quanto à face caipira da identidade nacional e às condições de vida dos *Jecas Tatus*, percebemos o pensamento perspectivista do escritor taubateano. O conhecer perspectivo, para Nietzsche ([1887] 2009, p. 101), consiste em se implicar com muitos olhares, diferentes modos de ver, e “quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa”, maior será o saber que poderemos produzir sobre o que estamos querendo conhecer. Ler uma obra, ler uma realidade, ler um povo, portanto, é antes de tudo um conhecimento que se produz sobre o mundo e sobre si mesmo – é o que possibilita a cada um tornar-se quem se é. O escritor taubateano reconhece em Nietzsche *o maior gênio da filosofia moderna*, por notar que este tinha uma *perspectiva acima da humanidade*, uma visão *além do bem e do mal*. Vejamos:

Carta de 24 de agosto de 1904: Rangel, há muito que quero insistir em Nietzsche, e dele te mando um volume que lerás e devolverás, e então mandarei outro. Não há Nietzsches nas livrarias desta Zuzulândia. Estes me vieram da França. Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna – e o que vai exercer maior influência. É o homem ‘objetivo’. O homem *impessoal*, destacado de si e do mundo. Um ponto fixo acima da humanidade. O nosso primeiro ponto de referência. Nietzsche está *au delà du bien et du mal*, trepado num topo donde tudo vê nos conjuntos, e onde a perspectiva não é a nossa perspectivazinha horizontal (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 65, grifos do autor).

Além de um pensamento perspectivista em relação aos *Jecas Tatus*, com o intuito de (re)conhecer a brasilidade e as condições de sua existência, o escritor paulista também estava engajado na questão nacional durante seus combates com e contra os modernistas. Cavalheiro ([1955] 1962, v. 1, p. 247) destaca, sobre a crítica à exposição de Malfatti, que “Lobato defende o nacional contra o alienígena”, não só no que se refere à pintura; mas, também, à arquitetura, à escultura e, principalmente, como sempre fez, à literatura brasileira. “Ai! – exclama – quando nos virá a esplêndida coragem de sermos nós mesmos, como o francês tem a coragem de ser francês e o inglês a de ser inglês, e o alemão a de ser alemão?” (Lobato *apud* Cavalheiro [1955] 1962, v. 1, p. 247).

⁸⁵“A literatura infantil foi, pois, um gênero a que Monteiro Lobato dedicou-se ao longo de toda a vida, e é nela que as qualidades de sua obra e seus índices de modernidade são mais visíveis. Mas sua produção não infantil não é menos moderna e nem foi produzida de maneira muito diferente” (Lajolo, 2000, p. 65). “É preciso ainda lembrar que em 1922 Lobato já havia publicado *Urupês*, *Cidades Mortas* e *Ideias de Jeca Tatu*. É importante não esquecer que *Problema Vital* é de 1918. Nesses livros, examinados sem *parti-pris*, poderão ser encontradas as ideias básicas do modernismo” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 256).

A coragem de ser *Jeca* foi afirmada por Monteiro Lobato, conforme apresenta Alves Filho (2003, p. 7), no trecho do discurso do escritor, em agradecimento à homenagem pelo lançamento do livro *Urupês* (1918), na cidade de Taubaté: “Porque sem farsa o confesso, Jeca sou eu.”

1.6. Rebelde nasci, rebelde pretendo morrer:⁸⁶ o combate por si mesmo

No ano de 1944, o então Presidente da *Academia Brasileira de Letras*, Múcio Leão (1898-1964), enviou a Monteiro Lobato um convite, perguntando-lhe se aceitaria concorrer a uma vaga na instituição, tendo em vista que o escritor taubateano tinha sido indicado espontaneamente por um grupo de acadêmicos. A resposta foi negativa, nos seguintes termos:

De forma nenhuma esta recusa significa despreço à Academia, pequenino demais que sou para menosprezar tão alta instituição. [...] Insisto no ponto para que ninguém veja duplo sentido nas razões de meu gesto... Não é modéstia, pois não sou modesto; não é menosprezo, pois na Academia tenho grandes amigos e nela vejo a fina flor da nossa intelectualidade. É apenas coerência; lealdade para comigo mesmo e para com os próprios signatários; reconhecimento público de que rebelde nasci e rebelde pretendo morrer. [...] Mal comportado que sou, reconheço o meu lugar. O bom comportamento acadêmico lá de dentro me dá aflição... (Lobato, [1944] 1959a, p. 86-87).

Afirmando coerência com sua própria rebeldia, Lobato, aos sessenta e dois anos de idade, combate pela defesa da lealdade a si mesmo. Disse “não” a uma instituição que gozava de seu respeito e de sua valorização. Antes da recusa, no ano de 1922, com quarenta anos de idade, em postura um tanto ambivalente, chegou a se inscrever para uma vaga na *Academia*, mas desistiu antes de concorrer (Lajolo, 2000). A decisão negativa, nada hesitante, veio em 1944 – ano das publicações d’*A Barca de Gleyre* – que, de acordo com Tania de Luca (2004), é o livro no qual Lobato luta pela sua autorrepresentação – e da última história do *Sítio do Picapau Amarelo: Os doze trabalhos de Hércules* (1944).

Ao proclamar seu estilo de existência rebelde e *mal comportado*, Lobato torna-se *Emília* e faz aquilo que mais gostava de fazer: mistura fantasia com realidade, brincadeira com coisa séria, arte com vida. Isso fica evidente na entrevista concedida dois anos antes de sua morte, por escrito, ao jornalista Celestino Silveira, publicada no volume híbrido intitulado *Prefácios e Entrevistas* ([1946] 1959l). Sobre o episódio da recusa, escreve: “Emília olhou para mim com aquele terrível olharzinho emiliano: – Os acadêmicos vão enlatá-lo. É isso... Assim falou Emília” (Lobato, [1946] 1959l, p. 203).

⁸⁶Assim falou Lobato em carta a Mucio Leão, datada de 11 de outubro de 1944, inserida na obra *Urupês* (1959a, p. 86-87).

Afirmando que a boneca o aconselhou a recusar a indicação, advertindo-o contra o enlatamento que os acadêmicos fariam com ele, Monteiro Lobato utiliza a expressão “Assim falou Emília”, numa alusão direta ao título que Nietzsche deu à obra que condensa toda a sua filosofia: *Assim falou Zaratustra* (1883). O filósofo alemão, portanto, impactou a vida e a obra do escritor paulista, não somente na juventude, mas, sim, por toda a sua vida. No que tange a esse impacto, Lobato escreveu, ainda por volta de 1944, uma espécie de balanço intelectual, intitulado *Confissões ingênuas* (Cavalheiro, ([1955] 1962, v.2).

Após ser questionado por uma enquete d’*O Estado de São Paulo*, o criador do *Sítio do Picapau Amarelo* elaborou uma carta ao jornal, que consistia num tipo de declaração de confissões, crenças e convicções, dizendo que leu Le Bon quando tinha dezoito anos de idade e que este havia sido um bombardeio no catolicismo que herdou da família. Em juvenil desamparo, passou a procurar novo abrigo filosófico, dizendo ter recusado Augusto Comte e aderido, por um tempo, não sem ressalvas, a Herbert Spencer. Mas, foi somente Nietzsche que o mostrou a si mesmo:

Refugado o positivismo, pus-me a estudar comigo mesmo e a fazer a coisa mais difícil de todas: pensar. Todo mundo pensa que pensa, mas bem poucos sabem o que é pensar – e como é penoso pensar. [...] Fosse outros filósofos. Nada. Em todos só via sistemas, o meu indefinível anseio desadorava a rigidez dos sistemas. [...] O que naquela ânsia através das filosofias eu procurava era eu mesmo – e só Nietzsche me contou que era assim (Lobato, [1944-1946] 1959i, p. 222-223).

Nessas linhas de reflexão pessoal, aproximadamente quatro anos antes da sua morte, o escritor relata a busca de sua juventude por uma filosofia que ressoasse a liberdade mental e moral que seu próprio pensamento estava começando a experimentar. Não queria submeter-se a nenhum tipo de prisão. Encontrou no autor d’*A Gaia Ciência* o que buscava. E o que buscava era a força para seguir apenas a si mesmo. Assim:

[...] recebi as obras de Nietzsche da tradução de Henry Albert – e mergulhei no filósofo alemão. Foi a maior bebedeira de minha vida. Aquele pensamento terrivelmente libertador intoxicou-me. Um dos seus aforismos penetrou em meu ser como a coisa que procurava. ‘VADE MECUM’, ‘VADE TECUM’. Queres seguir-me? Segue-te. Essas palavras foram tudo – foram o meu remédio certo. Marcaram o fim da minha crise mental. Normalizaram-me. Entregaram-me a mim mesmo. [...] Em vez de seguir a alguém, ia seguir a vaga intuição do meu eu... (Lobato, [1944-46] 1959i, p. 222-223).⁸⁷

⁸⁷O aforismo que Lobato declara ter sido o pólen para o seu florescimento criativo mais autêntico encontra-se no prelúdio de *A Gaia Ciência* [1882, 1887], que Nietzsche intitulou de “Brincadeira, astúcia e vingança”. Paulo César de Souza explica que Nietzsche mantém o título entre aspas, por estar se referindo a um libretto de Goethe (1749-1832), publicado em 1790 e musicado por Peter Gast (1854-1918), em 1880 (Nietzsche, 2012, p. 289, nota

Afirmando encontrar sua libertação intelectual em Nietzsche, o menino que amava ler encerra suas *Confissões ingênuas* e inocentes – portanto, sem culpas – como uma canção confirmativa de todos os “nãos” que disse – aos cargos que recusou e aos rebanhos religiosos, estéticos e políticos, dos quais nunca aceitou fazer parte. Finaliza a jornada existencial, reconhecendo sua veracidade consigo mesmo e com os outros, confirmando os “sins” que ousou dizer somente aos seus próprios valores. Ele não se ressentiu de ter vivido de modo tão livre quanto solitário entre as multidões. Assim cantou Lobato:

Não fiz na vida outra coisa senão, em tudo trilhar o conselho nietzschiano, indiferente a censuras ou aplausos ou a interesses. [...] Na vida social sempre fui asperamente sincero. Jamais escrevi ou afirmei coisa de que não estivesse convencido. [...] Tive convites para cargos oficiais de grande importância. Sistemáticamente recusei-os por não estar convencido das coisas que nesses cargos seria preciso afirmar. Essa forma de espírito insubmisso, leal, libérrimo, irredutivelmente sincero, obrigou-me a viver isolado na comunhão social, sempre só comigo mesmo ainda dentro das maiores multidões. Via, sentia, reconhecia os males da sinceridade num mundo todo de cálculo e oportunismo – mas preferia esses males aos ‘bens’ que dão a vitória (Lobato, [1941] 1959i, p. 224-225).

Nossa compreensão da recepção do pensamento nietzschiano por Monteiro Lobato, nesta pesquisa, vai ao encontro do que afirma Aluizio Alves Filho ([1986] 2003, p. 134), no breve artigo *Nietzsche e Lobato*, a saber: o criador do *Sítio do Picapau Amarelo* “aprendera com Nietzsche a construir autonomamente o seu próprio caminho, alheio ao que os outros pensassem.” Desse modo,

torna-se muito difícil, – quiçá impossível – situar os ziguezagues de Monteiro Lobato sem compreender o encontro que, com pouco mais de vinte anos, ele teve com Nietzsche. Sem perceber o ‘segue-te’ como essência lobatiana, fica-se às tontas, como tantos têm ficado, no esforço improficuo de tentar reduzi-lo, associando-o a movimentos determinados. O que Monteiro Lobato está fazendo o tempo inteiro é ‘lobatizando-se’, ou seja, seguindo-se (Alves Filho, [1986] 2003, p. 135).

Assim como recomenda Alves Filho, acreditamos que as linhas autobiográficas *Confissões ingênuas* – nas quais o escritor taubateano atribui proeminência à leitura do filósofo Friedrich Nietzsche na sua formação intelectual – mereceram destaque, ao finalizarmos este capítulo, pois foram fundamentais para a nossa compreensão dos ziguezagues lobatianos.

do tradutor). Eis o trecho completo: “*VADEMECUM - VADETECUM*/Atraem-me meu jeito e minha língua,/Você me segue, vem atrás de mim?/Siga apenas a si mesmo fielmente: – /Assim me seguirá – com vagar! com vagar!” (Nietzsche, [1882, 1887], 2012, p. 19). *Vademecum*: literalmente “Vá comigo”; *Vadetecum*: “Vá contigo” (Nietzsche, 2012, p. 289, nota do tradutor).

Essas *Confissões*, escritas quando a criança *Juca* contava com mais de sessenta anos de idade, após grandes combates intelectuais, num balanço próprio de sua trajetória, são palavras que dão testemunho de um “sim” à vida e de uma forte afirmação de si mesmo, de amor à sua trajetória existencial – de *amor fati*. Nesse sentido, Lobato ressoa Nietzsche. Em *Ecce homo*: como alguém se torna o que é (1888), o filósofo apresenta seu critério para a dignidade humana:

Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati* [amor ao destino]: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo*... (Nietzsche, [1888] 2008, p. 49, grifos do autor).

Em *Mundo da lua e miscelânea* (1923-1946), o jovem Lobato já havia feito uma anotação:

Atingir um ponto de vista, uma perspectiva que nos faça compreender que tudo se passa como deveria passar-se; e que toda sorte de ‘imperfeição’ e de sofrimento consequente faz parte do que é soberanamente desejável... (Lobato [1923-1946] 1959g, p. 31-32).

Lobato finaliza suas *Confissões*, afirmando que a função da filosofia de Nietzsche, em sua vida, *foi sempre devolvê-lo a si mesmo*:

Nietzsche foi de fato o meu sabão. Limpou-me de todas as gafeiras mentais e morais. Mas nunca o li totalmente, de medo de assimilá-lo demais e tornar-me nietzschiano – o que contrariaria o seu “VADE TECUM.” Sempre que lhe tomava um livro, logo nas primeiras linhas um daqueles pensamentos-pólen me empolgava e germinava em *mil pensamentos meus*. A função desse filósofo em minha vida foi sempre devolver-me a mim mesmo (Lobato, [1944-1946] 1959i, p. 223).

Nas linhas acima, o escritor demonstra que jamais se tornou nietzschiano, no sentido de ser um mero repetidor de ideias alheias. Monteiro Lobato foi um criador, de si mesmo, de seu estilo e de sua obra. Em Nietzsche reconhece um filósofo que teve a função de fecundar-lhe a coragem para ser quem ele era e para assumir seu próprio pensamento, lobatizando-se. Desse modo, podemos verificar que a recepção de Nietzsche por Lobato foi no sentido de uma *apropriação criativa* (Chartier, 2001), a partir de uma leitura *livre e ativa* (De Certeau, [1989] 1998).

Engajado, durante toda a sua vida, na luta por fazer valer sua vontade de seguir apenas a si mesmo, o seu papel como iniciador, no Brasil, da literatura para crianças foi, de acordo com Marisa Lajolo (2000), o maior enfrentamento social e político de Lobato. Ele apostou na fantasia, criou um *Sítio* encantado, inventou personagens – *Emília*, *Dona Benta*, *Tia Nastácia*,

Pedrinho, Narizinho, Visconde de Sabugosa, entre outros – “cujas ações se pautam pela curiosidade, pela imaginação, pela independência, pelo espírito crítico, pelo humor” (Lajolo, 2000, p. 60).

A invenção e a difusão da literatura infantojuvenil brasileira foi, portanto, o mais intenso e duradouro engajamento intelectual de Monteiro Lobato. A obra *Sítio do Picapau Amarelo* contém, nas personagens e no vasto enredo, composto durante três décadas (1920-1947), muitos temas da vida de seu criador e da realidade brasileira do período. O *Sítio* atravessou e foi atravessado pelos combates intelectuais e políticos de Lobato, além de ser considerado uma metáfora do Brasil (Lajolo, 2000). No próximo capítulo da presente dissertação, adentraremos na obra magna de Monteiro Lobato, criador da *Emília*, criador de si mesmo.

CAPÍTULO II

SÍTIO DO PICAPAU AMARELO: UM LUGAR PARA ALÉM DE BEM E MAL

Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n'Os Filhos do Capitão Grant.

Monteiro Lobato⁸⁸

Depois de acompanharmos algumas das reinações de Monteiro Lobato e seu encontro com a filosofia de Nietzsche, visitaremos agora o *Sítio do Picapau Amarelo*, onde, numa casinha branca, mora *Dona Benta*, com sua cestinha de costura no colo e óculos de ouro na ponta do nariz.⁸⁹

Naquela casinha branca, – lá muito longe, móra uma triste velha, de mais de setenta annos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e tremula, e catacega, sem um só dente na bocca – jururú... Todo o mundo tem dó d'ella: – Que tristeza viver sozinha no meio do matto... Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pae e mãe, que lá mora des'que nasceu. Menina morena, de olhos pretos como duas jabuticabas – e reinadeira até alli!... Chama-se Lucia, mas ninguém a trata assim. Tem appellido. Yayá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu apellido é 'Narizinho Rebitado', – não é preciso dizer porque (Lobato, 1920, p. 3).⁹⁰

O trecho acima são as primeiras linhas do *Sítio do Picapau Amarelo*. A história inicial da saga é *A menina do narizinho arrebitado*. O escritor ainda iria reunir essa e outras histórias que, desde 1920, vinha publicando em partes. Ele alterava o texto a cada nova edição, aprimorando os personagens e o enredo. Também buscava alcançar uma linguagem coloquial, que soasse ao leitor tão espontânea e *cristalina como água de pote*⁹¹. Para Lobato, a Língua Portuguesa era “matéria maleável”, na qual ele fazia incessante trabalho para alcançar

⁸⁸Lobato ([1944] 1959, v. 2, p. 293) in *A barca de Gleyre*.

⁸⁹*Dona Benta* é assim descrita, “com cestinha de costura na mão e óculos de ouro na ponta do nariz”, na revisão que o escritor fez de *A menina do narizinho arrebitado* (1920), a fim de publicar, como primeiro capítulo de *As Reinações de Narizinho* (1931). Nessa revisão, *Dona Benta* passa a ter sessenta anos e não mais setenta, lê muitos livros, conta histórias aos netos e administra todo o *Sítio*.

⁹⁰Citação mantida na ortografia da primeira edição.

⁹¹“Procuramos escrever – como gostava Lobato – em *linguagem clara e cristalina como água de pote*” (Lajolo; Ceccantini, 2009, p. 12).

fluência e coloquialidade – o que fez dele o precursor da moderna literatura infantil brasileira (Lajolo, 2009, p. 19).

As histórias que compõem a obra foram lançadas ao público leitor entre os anos de 1920 a 1947. Monteiro Lobato organizou, em 1946, dois anos antes da sua morte, a edição de suas obras completas, a fim de serem publicadas pela *Editora Brasiliense* em duas séries: *Literatura Geral* – publicada em 1946 e *Literatura Infantil* – publicada em 1947.

Em 1916, o escritor taubateano expressou em carta para o seu amigo Godofredo Rangel, escrita em 8 de setembro daquele ano, que estava pensando em começar uma literatura que nos faltava, como brasileiros, tendo em vista que não encontrava nada para iniciar seus filhos na leitura:

Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. [...] Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 104)

De acordo com Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos, em *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato* (1982), o *Sítio do Picapau Amarelo* é uma obra que se confessa engajada. Trata-se de uma série de livros que começou a ser escrita na maturidade do autor, tendo em vista que a primeira publicação foi em 1920, quando ele contava com trinta e oito anos de idade. A escrita e divulgação dessa obra atravessou as atividades de Monteiro Lobato como editor, diplomata, empresário, tradutor e também a luta que travou pelo petróleo nacional. A preocupação do escritor paulista com os problemas sociais brasileiros se expressa em sua literatura infantojuvenil.

Um exemplo disso é a obra *O Poço do Visconde*, publicada em 1937, a qual traz na trama a descoberta de petróleo nas terras de *Dona Benta*. O *Visconde de Sabugosa* deixa de lado seus estudos filológicos para se dedicar ao tema do petróleo, defendendo que a filologia não aumenta a riqueza de um país; mas, a geologia, sim. Durante os serões de teoria, os personagens do *Sítio* – e os leitores – vão aprendendo sobre formação geológica, geoquímica, geofísica, questões ecológicas e são abordados também os interesses econômicos internacionais e levantadas indagações críticas sobre o tema. A pesquisadora Kátia Chiaradia, em *O poço do Visconde: o faz de conta quase de verdade* (2009), afirma:

Monteiro Lobato foi um escritor que jamais infantilizou a infância, ou banalizou a literatura infantil. Não houve o que não fosse tema de seus livros para crianças: de mitologia a história, de ciência a petróleo, de fantasia a

política. E trazer política para o universo cotidiano de formação de uma criança, em um país sem qualquer tradição de engajamento, pode, de fato, parecer ‘à frente’, mas não o é. Trata-se, apenas, de leitura, em seu mais amplo aspecto cultural: o ensino. Ensinar a ler todas as situações em volta. Como deve ser (Chiaradia, 2009, p. 369).

Os vinte e três livros que compõem a engajada obra *Sítio do Picapau Amarelo* podem ser divididos em onze volumes propriamente ficcionais, os quais contam as aventuras dos principais personagens da trama, que são: *Reinações de Narizinho* (1920-1931), *O Saci* (1921), *Viagem ao Céu* (1932), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *Memórias da Emília* (1936), *O Poço do Visconde* (1937), *O Picapau Amarelo* (1939), *A Reforma da Natureza* (1941), *O Minotauro* (1939), *A Chave do Tamanho* (1942) e as duas partes de *Os doze trabalhos de Hércules* (1944); seis volumes de adaptações literárias, históricas ou folclóricas: *Aventuras de Hans Staden* (1927), *Peter Pan* (1930), *D. Quixote das Crianças* (1936), *Histórias Diversas* (1944), *Histórias de Tia Nastácia* (1937) e *Fábulas* (1921-1947); mais seis volumes paradidáticos: *História do Mundo para as Crianças* (1933), *Emília no País da Gramática* (1934), *Aritmética da Emília* (1935), *Geografia de Dona Benta* (1935), *História das Invenções* (1935), *Serões de Dona Benta* (1937).⁹²

Vale ressaltar que mesmo nos livros paradidáticos, as lições são integradas nas aventuras dos personagens e jamais se perde a força da imaginação presente em toda a obra. Os livros propriamente ficcionais também transmitem informações, ensinamentos, mitos e reflexões filosóficas. José Roberto Whitaker Penteado, em *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto* (2011), confirma que “o autor acolhe todas as fantasias no Sítio e, mesmo quando incursiona pela didática ou narra o anteriormente narrado, conserva os personagens do seu mundo ficcional como condutor crítico do texto” (Penteado, 2011, p. 161).

Quanto aos temas tratados no *Sítio*, Vasconcellos (1982) destaca que há, na literatura infantojuvenil lobatiana, uma preocupação em desenvolver o raciocínio crítico das crianças e em não poupá-las do conhecimento sobre os problemas da realidade brasileira. Também nesse sentido, afirma o historiador André Luiz Vieira de Campos, em *A república do picapau*

⁹²Dentre os estudiosos da obra infantojuvenil lobatiana não há um consenso quanto à divisão dos livros que compõem o *Sítio do Picapau Amarelo*. Adotamos, nesta pesquisa, a divisão proposta por Vasconcellos (1982) e Penteado (2011). Penteado (2011) também apresenta uma divisão da obra infantil lobatiana em três fases criativas: Na primeira, de 1920 a 1930, o autor escreve histórias curtas e publica livros inovadoramente ilustrados, obtendo muito sucesso editorial. Na segunda, de 1931 a 1938, organiza a obra anterior e escreve os livros mais fortemente didáticos. Na terceira e última fase, de 1939 a 1944, “o autor retorna exclusivamente à fantasia e produz o que pode ser considerado sua maturidade como autor infantil e artista” (Penteado, 2011, p. 241).

amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato (1986, p. 124) que essa obra contém o projeto político de formar cidadãos, “despertando nas crianças a curiosidade intelectual e a atitude crítica. Por isso esses livros são questionadores, desmistificadores da autoridade, anti-etnocêntricos”. São muitos os assuntos abordados por Lobato, “que ficaria extremamente difícil fazer um inventário exaustivo de todos os problemas colocados por ele em sua obra para crianças” (Vasconcellos, 1982, p. 29). Quanto à forma, vale destacar que o *Sítio do Picapau Amarelo* é uma imensa obra de caráter circular, na qual uma história faz referência a outra, um título menciona outro, num conjunto de livros que podem ser lidos, começando por qualquer ponto, “como sucede hoje com hipertextos” (Lajolo, 2000, p. 63).

Os principais personagens da saga são: *Dona Benta*, a vovó sábia que, por meio da contação de histórias, instiga o pensamento autêntico das crianças, valorizando a combinação da imaginação com a reflexão crítica. *Lúcia*, apelidada de *Narizinho*, menina que deixa solta sua imaginação e fantasia, órfã, neta de *Dona Benta*, vive no *Sítio*. *Pedrinho*, também neto de *Dona Benta*, menino destemido e aventureiro, que vai passar suas férias sempre no *Sítio*. *Tia Nastácia*, cozinheira preta, que transmite às crianças seus conhecimentos tradicionais, participando das brincadeiras e das fantasias. Foi *Tia Nastácia* que confeccionou *Emília*, boneca de pano falante, questionadora, insubmissa e irreverente. *Visconde de Sabugosa*, boneco feito de espiga de milho que, assim como *Emília*, é dotado de habilidades humanas. O boneco *Visconde* é um cientista – por ter ficado um bom tempo na estante dos livros, adquiriu muito conhecimento e tornou-se um sábio. Além desses, participam das aventuras no *Sítio*: o preto velho *Tio Barnabé*, o *Compadre Teodorico*, a *Vaca Mocha*, o *Burro Falante*, o porquinho *Marquês de Rabicó*, o rinoceronte *Quindim*, o *Saci*, a *Cuca*, dentre outros. Há também personagens que, saídos dos *Contos da Carochinha*, compilados por Charles Perrault (1628-1703), como o *Pequeno Polegar*, dos contos de fadas reunidos pelos irmãos Grimm⁹³, como *Capinha Vermelha*, *Branca de Neve* e a *Bela Adormecida*, do cinema, de história em quadrinhos e de outras histórias estrangeiras, como *Tom Mix*, *Gato Félix*, *Popeye*, *Peter Pan*. Também outros, inspirados na mitologia grega, como *Hércules* e o *Doutor Caramujo*, curador de todos os males, que, ao visitarem o *Sítio*, interagem nas aventuras com os personagens brasileiros, numa interessante troca intercultural.⁹⁴ Marisa Lajolo (2000) afirma que Lobato

⁹³Jacob Ludwig Carl Grimm (1785-1863) e Wilhelm Carl Grimm (1786-1859), nascidos no Condado de Hesse-Kassel, atual Alemanha, realizaram o estudo, a compilação e a publicação dos mais populares contos das tradições orais germânicas. Fonte: *Entrevista com os irmãos Grimm*, de Ricardo Ramos Filho. *Tecidos do Imaginário*. Disponível em: <https://revistas.usp.br/literartes/article/view/47176/50910>. Acesso em: 29 dez.2024.

⁹⁴A historiadora Patrícia Tavares Raffaini, em *Pequenos poemas em prosa: vestígios da leitura ficcional na infância brasileira*, nas décadas de 30 e 40 (2008, p. 54), destaca que “ao ler um livro de Monteiro Lobato a criança tinha acesso a um universo literário maior, a leitura levava a outras leituras. Evidentemente a construção

devora, antropofagicamente, as tradições estrangeiras, produzindo algo próprio, tipicamente brasileiro. Desse modo:

Lá, nas terras de Dona Benta, o Brasil arcaico de Tia Nastácia, de Tio Barnabé e do coronel Teodorico funde-se com o Brasil moderno que encontra petróleo, fala ao telefone e viaja à Lua. No mesmo compasso, o sítio acolhe antropofagicamente personagens das tradições mais diversas, como heróis gregos, o Pequeno Polegar, Popeye e D. Quixote (Lajolo, 2000, p. 62).

De acordo com Eduardo Jardim (2016), a antropofagia constitui-se numa proposta estético-filosófica disparada no movimento modernista brasileiro. O Manifesto Antropófago (1928), de Oswald de Andrade (1890-1954), traz “uma revolução de princípios, de roteiro, de identificação” (Andrade, 2009, p. 78). Nesse sentido, o argumento é que, no Brasil, devora-se a cultura estrangeira; não se imita, formando-se o corpo forte da cultura brasileira, assim como num ritual indígena antropofágico. Esta pesquisa pôde observar a devoração antropofágica que Lobato também fez da filosofia de Nietzsche. O escritor destacou o fortalecimento que o pensamento nietzschiano lhe trouxe no desenvolvimento de um estilo autêntico, tanto nos combates intelectuais quanto na escrita.

As fontes primárias deste capítulo são os livros da saga *Sítio do Picapau Amarelo*. Foram investigados os vinte e três títulos da série e selecionados, para análise, trechos dos seguintes: *Reinações de Narizinho* (1920-1931), *O Saci* (1921), *Fábulas* (1921-1947), *Emília no país da gramática* (1934) e *Memórias da Emília* (1936). Conforme o problema da presente pesquisa – investigar a recepção do pensamento de Nietzsche por Monteiro Lobato – foram selecionados excertos que apresentam interseções com temas da filosofia nietzschiana.

Utilizar a literatura como fonte na pesquisa histórica, conforme explana Antonio Celso Ferreira, em *Literatura: a fonte fecunda* (2011), atualmente, não provoca qualquer polêmica. A ficção, que caracteriza o texto literário, encontra-se enraizada na sociedade, “pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem” (Ferreira, 2011, p. 67). Nesse sentido:

Nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos

de uma obra com tais características fazia parte do projeto do autor de formação de cidadãos para a nação. Por meio dos livros infantis Lobato pretendia criar leitores, que no futuro transformariam o Brasil em uma nação moderna. Fazer com que suas obras fossem divertidas e que dialogassem com as novas tecnologias, além de incluir personagens vindos desses meios, era um dos recursos utilizados pelo autor.”

valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo (Ferreira, 2011, p. 61).

A interrogação das fontes foi feita, na presente pesquisa, em consonância às noções de recepção e de leitura de Michel de Certeau ([1989] 1998) e de Roger Chartier (2001, 2002a). Buscou-se, metodologicamente, conforme recomendam esses eminentes historiadores, uma inteligibilidade mais sensível e pluralista das obras literárias em estudo. Conforme explica Ferreira (2011), a fonte literária não se apresenta ao historiador e à historiadora como um documento objetivo, com sentidos dados em si mesmo; mas, sim, assemelha-se a um monumento, que possui múltiplos sentidos e significações subjetivas, os quais lhe vão sendo atribuídos em variados contextos históricos. Nesse sentido, o nosso tratamento das fontes, para a investigação da presença da filosofia de Nietzsche na obra literária lobatiana, também consistiu numa leitura plural e interpretativa, na esteira de De Certeau ([1989] 1998) e de Chartier (2001, 2002a), tanto a que nós fizemos de Lobato quanto a que observamos que o escritor brasileiro fez do pensamento nietzschiano.

Este capítulo divide-se em três partes: na primeira, apresentamos uma breve contextualização no que tange à escrita e publicação do *Sítio do Picapau Amarelo*. Na segunda, tratamos de alguns pontos da fortuna crítica da obra. Por fim, analisamos os temas da filosofia de Nietzsche que, a nosso ver, se destacaram, a partir do estudo dos livros da saga *Sítio do Picapau Amarelo* publicados entre 1920 e 1944, nossa fonte primária. Contamos com diversas fontes de apoio, no campo dos estudos literários, da historiografia do período e também acessamos cartas, entrevistas e biografias de Monteiro Lobato.

2.1. Um país se faz com homens e livros:⁹⁵ o combate editorial

A ousadia de Monteiro Lobato foi o traço marcante de seu trabalho como escritor e, também, como editor e divulgador da sua obra. Nesta seção, abordaremos a personalidade inovadora de Lobato no que tange à construção do edifício literário intitulado *Sítio do Picapau Amarelo* (1920-1947).

O primeiro conto que compõe o *Sítio* é *A menina do narizinho arrebitado*, o qual foi publicado inicialmente pela *Revista do Brasil*, no ano de 1920. Este periódico de cultura foi lançado no dia 25 de janeiro de 1916 – data do aniversário da fundação da cidade de São Paulo – o qual publicava ensaios e criações literárias, dentre outras variedades de assuntos. De acordo com a historiadora Tania de Luca, em *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a*

⁹⁵Assim falou Lobato em *Aonde vamos?*, artigo publicado no periódico *O Estado de São Paulo*, no ano de 1917.

(N)ação (1999), a *Revista do Brasil* consistia num privilegiado fórum de discussões sobre questões nacionais da Primeira República (1889-1930). Conforme demonstra a obra de André Luiz Vieira de Campos (1986, p. 24-25), Monteiro Lobato estava bastante afinado com o projeto da *Revista do Brasil*, que era se desprender dos valores estrangeiros, bem como difundir conhecimentos culturais que permitissem à nação brasileira se reconhecer como tal e construir sua própria identidade política.

Desde o final do ano de 1917, após vender a fazenda *Buquira*, voltar a morar na cidade de São Paulo⁹⁶ e ter seu capital rendendo juros no banco, Monteiro Lobato passou a exercer, por prazer, a atividade de escritor-jornalista, publicando contos, artigos e críticas. Escrevia para diversos periódicos: *Vida Moderna*, *O Queixoso*, *Parafuso*, *A Cigarra* e *O Pirralho*. “O melhor da sua produção, no entanto, reserva para *O Estado de São Paulo* e *Revista do Brasil* – cuja proposta editorial de cunho nacionalista cativara-o desde o primeiro instante” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 119).

Em maio de 1918, Lobato comprou a *Revista do Brasil*, comentando que aparecer naquelas páginas era o sonho de todo estreante “candidato à glória no país das letras” (Lobato *apud* De Luca, 1999, p. 56). No mesmo ano, implementou, junto à *Revista*, uma editora: a *Monteiro Lobato & Cia*. Vale ressaltar que as discussões fomentadas pelo periódico, e as publicações em geral, eram feitas por poucos e para poucos, no Brasil da época. De acordo com De Luca (1999), em 1920, apenas vinte e quatro por cento da população brasileira era alfabetizada. No ano de 1921, Lobato lançou, por sua editora *Monteiro Lobato & Cia*, a história em formato de livro, com o título *Narizinho arrebitado*. Arrojadamente, fez anúncios do livro na imprensa e distribuiu, gratuitamente, quinhentos exemplares para escolas (Lajolo, 2000, p. 89).

O escritor já havia iniciado suas audácias editoriais no ano de 1917. Nesse ano, estruturou para o periódico *O Estado de São Paulo* uma pesquisa sobre o *Saci*. A pesquisa consistia num questionário junto aos leitores do *Estadinho* – a edição vespertina d’*Estado de São Paulo* – e também num concurso de pintura sobre essa figura folclórica. O farto material recebido resultou num livro, de duzentas e noventa e uma páginas, que Lobato organizou e publicou, com o título *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. Assinou a autoria sob o pseudônimo *Demonólogo Amador*. Essa publicação foi bancada pelo próprio escritor e

⁹⁶A São Paulo que Lobato retornou, no ano de 1917, contava com 500.000 habitantes (Lajolo, 2000, p. 88). A cidade estava vivendo a Grande Greve Operária. Em contexto mais amplo, estava em curso, também, a Primeira Guerra Mundial – deflagrada em 1914 – e que só se encerraria em 1918.

impressa pela gráfica do periódico *O Estado de São Paulo* (Lajolo, 2000, p. 88). “A tiragem de dois mil exemplares – bem elevada, para os padrões da época – obteve enorme aceitação pelo público, ao ponto de se esgotar em dois meses, o que exigiu uma segunda edição” (Ceccantini, 2009, p. 69).

De acordo com João Luís Ceccantini, em *De raro poder fecundante*: Lobato editor (2009), o escritor paulista, no trabalho sobre o *Saci*, estava em busca da afirmação de uma “cultura autenticamente brasileira. Refutava, assim, nossa tradição de exacerbado colonialismo cultural, acostumada a cultivar mitos e lendas europeus e ignorar aqueles ligados às nossas origens” (Ceccantini, 2009, p. 69). Posteriormente, o escritor aproveitou o material dessa pesquisa para compor um dos livros do *Sítio do Picapau Amarelo* – com o título *O Sacy* – que teve sua primeira edição publicada em 1921, pela editora *Monteiro Lobato & Cia.* Nesse, que foi seu segundo livro para crianças, o autor construiu um ambiente de valorização da fauna e da flora brasileiras. “Foi nesse ambiente de floresta que o Saci ensinou a Pedrinho as lendas, de origem africana ou indígena, que povoavam a imaginação popular” (Campos, 1986, p. 27).⁹⁷

Animado com o êxito d’*O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*, Lobato decidiu lançar mais uma publicação, conseguindo algo muito acima dos padrões da época, no que tange ao comércio de livros. Acompanhemos o que ele fez na publicação de *Urupês* (1918), sua primeira obra literária, que reunia contos e crônicas escritos desde a juventude. Lobato conseguiu transformar *Urupês* no primeiro *best seller* brasileiro. Quando bem aceitos, os livros costumavam atrair de trezentos a quatrocentos compradores. Os mais populares vendiam, no primeiro ano, de seiscentos a oitocentos exemplares. “São números irrisórios na comparação com *Urupês* (1918), que atingiu cerca de 11.500 exemplares vendidos um ano depois de seu lançamento” (Hallewell, 2012, p. 241). Mas, o que dizer do sucesso de vendas de *Narizinho arrebitado* (1921)? No mesmo intervalo de tempo, vendeu cerca de cinquenta

⁹⁷A psicóloga e intelectual indígena guarani, Geni Nuñez, Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, publicou, em 2023, um livro intitulado *Jaxy Jaterê*, no qual apresenta, a partir da mitologia guarani, o personagem Saci: *Djatchy*, na língua guarani. O Saci Guarani – *Djatchy* – é um ser guardião da floresta, o qual se apresenta como um menino esperto, de pele da cor da terra, cabelos pretos como a noite, conhecedor de todas as ervas da floresta, que curam o corpo e tranquilizam a alma. Publicamos, em outubro de 2025, nos Anais do “II Congresso Internacional de Estudos das Diferenças & Alteridades: experiências autoritárias e desafios democráticos (obediências e resistências)”, realizado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, o trabalho completo intitulado *O Saci Pererê (Monteiro Lobato, 1921) e o Jaxy Jaterê (Geni Nuñez, 2023): experimentações sentipensantes perspectivistas*, no qual fazemos uma articulação entre as duas obras.

mil exemplares. “Desse total, por volta de trinta mil exemplares foram vendidos ao governo do Estado de São Paulo, uma vez que a obra é aceita e adotada como livro de leitura no segundo ano das escolas públicas” (Ceccantini, 2009, p. 76).

De acordo com Cavalheiro ([1955] 1962, v. 1), o escritor imprimiu, por sua conta, nas oficinas do periódico *O Estado de São Paulo*, mil exemplares de *Urupês*. Como só havia trinta e poucas casas de vendas de livros em todo o território nacional, Lobato foi até o Departamento dos Correios e verificou que havia mais de mil agências postais espalhadas pelo Brasil. “Escreveu delicada carta-circular a cada agente, pedindo a indicação de firmas ou casas que pudessem receber certa mercadoria chamada ‘livro’. Com surpresa recebe respostas de quase todas as localidades” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 194). Com os nomes e os endereços obtidos, escreveu a cada um deles, lançando a seguinte proposta:

Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada ‘livro’? Vossa Senhoria não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. E como Vossa Senhoria receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais ‘livros’, terá uma comissão de 30%; se não vendê-los, no-los devolverá pelo Correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa (Lobato *apud* Cavalheiro, [1955] 1962, v.1, p. 194).⁹⁸

Quase todos toparam. Farmácias, bazares, lojas de ferragens e até açougues tinham livros à venda. “As edições, que antes não ultrapassavam quatrocentos ou quinhentos exemplares, e assim mesmo muito esparçadas, pulam imediatamente para três mil exemplares” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 1, p. 194). O audacioso escritor-editor transferiu, então, para a literatura infantil “o *know-how* adquirido e o sucesso conseguido com livros não infantis” (Lajolo, 2000, p. 59).

Entusiasmado, exclama Lobato, em 1918:

Isto é o melhor negócio que existe! Dizem que o Brasil não lê! Uma ova! A questão é saber levar a edição até o nariz do leitor, aqui, ou em Mato Grosso, no Rio Grande do Sul, no Acre, na Paraíba, onde quer que ele esteja, sequioso por leituras... Livro cheirado é livro comprado, e quem compra, lê. Se o Brasil não lê é porque os velhos editores, na maior parte da santa terrinha, limitavam-se a inumar os volumes nas poeirentas prateleiras das suas próprias livrarias, e quem quisesse que tome o trem, ou o navio, e vá ao Rio comprá-los. Umas bestas! O Brasil está é louco por leituras. Só os editores é que não sabiam disso!... (Lobato *apud* Cavalheiro, [1955] 1962, v.1, p. 194).

⁹⁸Em *Prefácios e Entrevistas*, publicadas pela *Editora Brasiliense*, em 1946, Lobato diz: “Essa circular que eu redigi marcou a virada da esquina da nossa cultura” (Lobato, 1946 *apud* Cavalheiro, 1962, v.1, p. 211).

Monteiro Lobato também tinha consciência da importância da opinião dos intelectuais de prestígio em sua época e enviava cada novo título produzido a literatos, jornalistas, figuras públicas de destaque e formadores de opinião.⁹⁹ Como proprietário da *Revista do Brasil* e da editora *Monteiro Lobato & Cia*, entre os anos de 1918 e 1925, publicou livros didáticos, gramáticas, aritméticas e cartilhas. No entanto, por estar descontente com a qualidade da literatura infantojuvenil de sua época, predominantemente estrangeira, “Lobato decide ele mesmo escrever para crianças” (Ceccantini, 2009, p. 77). Sobre isso, a pesquisadora Loide Nascimento de Souza, em *Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas* (2009), destaca:

A iniciativa, em princípio, era pouco ambiciosa e Lobato nem sequer podia imaginar que o seu sucesso seria muito grande. É como escritor de literatura infantil que Monteiro Lobato faz história, transformando-se na principal referência dos escritores que investem nesse gênero. [...] A ausência de literatura de qualidade voltada para a criança marcava o panorama brasileiro das décadas iniciais do século XX. As obras existentes, em sua maioria, eram escritas sob a ótica do adulto, aproximavam-se muito mais dos interesses didáticos e seu valor estético é questionável (Souza, 2009, p. 104).

Conforme apresentado no primeiro capítulo da presente dissertação, o Brasil dos anos 1920-30 estava passando por um momento de renovação das ideias no campo educacional. Lobato não ficou alheio a isso. Criou livros infantis que passaram a ser utilizados na crescente escolarização da população brasileira do período. Nesse sentido, analisam Lajolo e Zilberman (2007):

Durante os anos 20, o núcleo constituído por Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Carneiro Leão, Francisco Campos e Mário Casassanta, começa a desenvolver suas teses, que se caracterizam pela crítica à educação tradicional. Opondo-se a um ensino destinado tão-somente à formação da elite, visavam à escolarização em massa da população. Discordavam da orientação ideológica em vigor; e, contrários à ênfase na cultura livresca e pouco prática, propunham um ensino voltado à difusão da tecnologia e com um conteúdo pragmático (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 47).

Além de uma renovação psicopedagógica, Monteiro Lobato renovou também a linguagem e o conteúdo da literatura voltada às crianças. O renomado professor e analista junguiano Carlos Byington (1933-2019), um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, em seu livro *Pedagogia Simbólica* (1996) cita Lobato diversas vezes,

⁹⁹Ruy Barbosa (1849-1923) citou *Urupês* em um discurso público, o que impactou fortemente nas vendas da obra. “Em 1919, Rui Barbosa, então em campanha eleitoral, numa conferência pronunciada no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, perguntou ao público: – Conheceis, porventura, o Jeca Tatu do Urupês de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista? [...] Nesse famoso discurso, Rui Barbosa usou a figura do Jeca como exemplo da questão social no Brasil” (Campos, 1986, p. 17). Em correspondência com Lima Barreto (1881-1922), Lobato afirma: “o raio do Ruy me criou uma revoada cá no escritório, e é um sair de livros sem conta” (Lobato *apud* Koshiyama, 1982, p. 72).

“pois o considera precursor do que existe de mais atualizado em psicopedagogia” (Penteado, 2011, p. 201). O eminente educador Anísio Teixeira também “registrou sua admiração pelos textos de Lobato como material didático. E escreveu que, em livros ‘milagrosos’, revelando uma capacidade espantosa de ensino, Monteiro Lobato promoveu uma verdadeira revolução didática” (Penteado, 2011, p. 202).

Nelly Novaes Coelho (1922-2017), ao analisar a literatura infantojuvenil que circulava no Brasil, desde meados do século XIX, destaca os valores que essas obras propagavam: “uma contraditória fusão de cristianismo, idealismo, liberalismo” (Coelho, 2006, p. 19). A moralidade cristã pautava os enredos, posto que havia sempre personagens que, por serem desobedientes, se davam mal; já a obediência era premiada.

Resumindo, a literatura infantil e juvenil escrita pelos precursores expressa os seguintes valores ideológicos: moralismo, religiosidade e didatismo. Ênfase na retidão de caráter, na obediência, na fraternidade, na caridade, na valorização do sofrimento, na pureza de corpo e alma, dentro de limites essencialmente maniqueístas, que estabelecem de maneira absoluta o que é certo ou errado, bom ou mau, belo ou feio etc. (Coelho, 2006, p. 20).

Quanto a isso, Lobato foi um divisor de águas. Segundo J. Roberto Whitaker Penteado, em *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto* (2011), o criador da *Emília* fez uma ruptura desse tradicional incentivo à obediência e aos bons modos. A interpretação que Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos (1982) fez da obra lobatiana também vai nesse sentido, afirmando que o escritor almejava que as crianças fizessem a crítica das verdades que os adultos lhes apresentavam. Ele buscou estimular a independência de seus pequenos leitores, acreditou que eles eram plenamente capazes de recusar o que lhes era prescrito e de formar, voluntariamente, seus próprios valores. Nesse sentido, Muniz Sodré de Araújo Cabral (2011, p. 16) afirma: “O leitor mirim era estimulado a não ter medo de fazer perguntas, a buscar a aventura, a romper os limites, colocados pelo universo adulto, entre fantasia e realidade.”

É um ponto pacífico, na historiografia e na crítica literária, que o *Sítio do Picapau Amarelo* inaugurou a literatura infantojuvenil brasileira.¹⁰⁰ Seu legado para a nossa cultura é irrefutável. Nesse sentido:

¹⁰⁰“A literatura infantil praticamente não existia entre nós. Antes de Monteiro Lobato havia tão somente o conto com fundo folclórico. Nossos escritores extraíam dos vetustos fabulários o tema e a moralidade das engenhosas narrativas que deslumbraram e enterneceram as crianças das antigas gerações, desprezando, frequentemente, as lendas e tradições aparecidas aqui, para apanharem nas tradições europeias o assunto de suas historietas” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 2, p. 144).

Lobato encontrou o caminho criador de que a literatura infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o novo século exigia. Entretanto, essa criação não se fez de chofre. Foi resultado de um longo processo de maturação. Pela extensa correspondência trocada durante trinta anos com seu amigo Godofredo Rangel, sabe-se que, por volta de 1906, Monteiro Lobato já se preocupava com o problema dos livros de leitura para a criança e planejava traduzir e adaptar fábulas de Esopo e de La Fontaine em linguagem acessível aos pequenos brasileiros (Coelho, 2006, p. 47).

Cavalheiro ([1955] 1962) narra que Monteiro Lobato decidiu apresentar-se ao mundo como escritor de literatura apenas quando já se sentia maduro para isso, apesar de ter começado cedo no mundo da escrita e da leitura. Desde criança, amava os livros. Interessava-se por ficção e filosofia, desde muito jovem.¹⁰¹ Na adolescência, já fluente em Francês, ficou impressionado com a obra do poeta, romancista e dramaturgo Alphonse Daudet (1840-1897), por seu estilo claro e gracioso. Penteado (2011), em sua pesquisa sobre as leituras que Lobato fez desde a infância, afirma que foi, provavelmente, na adolescência, ao ler Daudet, que o autor do *Sítio* se encantou pela literatura infantojuvenil. Desse modo, “[...] a maior importância deve ser atribuída à influência de Daudet – o criador de *Tartarin de Tarascon* –, que tem certamente muito a ver com a futura destreza narrativa das histórias infantis” (Penteado, 2011, p. 58).

Os escritos de Lobato que, na juventude, foram publicados em alguns periódicos e também compartilhados com amigos, amadureceram durante os anos em que assumiu o cargo de Promotor Público, na cidade de Areias. Foram anos também de aprofundamento de leituras e maturação do desejo de escrever uma nova literatura para crianças. Quando herdou a fazenda *Buquira*, Lobato passava horas escrevendo e não gostava de ser interrompido pelos administradores que havia contratado para cuidar dos negócios. Conforme visto no capítulo primeiro desta dissertação, foi nesse período que escreveu o polêmico artigo *Velha praga*, publicado pelo periódico *O Estado de São Paulo*, por meio do qual alcançou notoriedade e deu origem ao personagem *Jeca Tatu*. Ao voltar a morar na cidade de São Paulo, no ano de 1917, a carreira de editor o encantou, juntamente com a escrita focada no universo infantil (Cavalheiro ([1955] 1962)).

Em seu itinerário como editor, Lobato também inovou na atenção à qualidade material dos livros. Sobre isso, comenta Marisa Lajolo (2000, p. 32): Lobato “investe na qualidade gráfica dos volumes, moderniza as capas, encomenda desenhos especiais para ilustração.”

¹⁰¹Conforme foi desenvolvido no primeiro capítulo desta dissertação, intitulado *Monteiro Lobato: um brasileiro leitor de Nietzsche*.

Ceccantini (2009, p. 76) afirma que “antes de Lobato, o livro brasileiro era feio, consistindo num objeto padronizado, sem maior personalidade ou atrativos para seus potenciais leitores.”

Luís Camargo, em *A imagem na obra lobatiana* (2009), destaca o avanço que o escritor paulista instituiu nas publicações, a partir de 1920, ao valorizar a ilustração e os ilustradores, o que não era comum na época. Voltolino¹⁰² é considerado o mais notável caricaturista e desenhista de humor da capital paulista, nas primeiras décadas do século XX (Ceccantini, 2009, p. 44). Foi ele quem Lobato convidou para ilustrar a primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado* (1920). Em sua pesquisa sobre Voltolino, Ana Maria de Moraes Belluzzo (1992) afirma que o desenhista foi, em suas caricaturas e ilustrações, um precursor do modernismo.

Outro nome célebre que Monteiro Lobato trouxe para a ilustração de seus livros foi o do paulistano Benedito de Barros Barreto (1896-1947), o Belmonte, caricaturista, desenhista, pintor, jornalista e historiador, o qual se destacou como cronista da política brasileira dos anos de 1920 até sua morte, em 1947. É considerado também um marcante historiador da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), por meio de suas charges.¹⁰³ Maria Alice Faria (2009) afirma que a dupla Belmonte e Lobato estabeleceram um diálogo perfeito entre ilustração e texto escrito. Nesse sentido:

A verve crítica de Lobato, seu temperamento polêmico, a participação em grandes discussões políticas e educacionais do tempo e a vertente educacional e pedagógica de seus livros encontraram no traço de Belmonte a transposição ideal das palavras para a linguagem visual (Faria, 2009, p. 53).

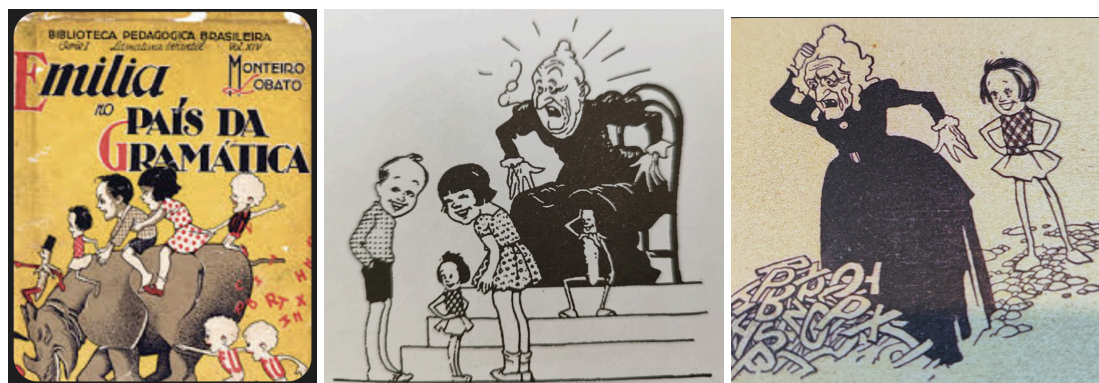
Imagem 1 - Ilustrações de Belmonte

¹⁰² João Paulo Lemmo Lemmi (1884-1926), o Voltolino, era filho de imigrantes italianos. “Em 1896 muda-se para Pisa, onde inicia sua carreira. Retorna a São Paulo em 1904. São típicos de seus traços: a linguagem teatral, a animalização das personagens, os trocadilhos visuais e verbais, a ironia, o disfarce e o simbolismo.” In Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024.

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2488/voltolino>. Acesso em 13 ago.2024.

¹⁰³ “A acuidade e o estilo satírico de Belmonte mostram-se sobretudo nas charges realizadas entre 1936 e 1946 na *Folha da Noite*. Nessa época Belmonte torna-se famoso no exterior, publicando charges e caricaturas de líderes mundiais. Seu trabalho repercute a ponto de, numa transmissão radiofônica, o ministro da propaganda de Hitler, Goebbels, acusá-lo de desenhar a serviço dos aliados. No plano nacional, ele não poupou o Estado Novo de Getúlio Vargas em seus comentários mordazes, chegando a ser censurado.” In Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10131/belmonte>. Acesso em 13 ago.2024.



Fonte: Imagens da capa da primeira edição de *Emília no país da gramática* (1934), com ilustrações de Belmonte, e de dois exemplos dos traços do desenhista, ilustrando a rabugenta *Senhora Ortografia Etimológica* e as personagens *Pedrinho*, *Narizinho*, *Visconde de Sabugosa* e *Emília*. Disponível em: FARIA, Maria Alice. Belmonte ilustra Lobato. In Lajolo, Marisa; Ceccantini, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

Lobato mudou o formato padronizado do livro que, em sua época, tinha como protótipo as capas tipográficas amarelas, de acordo com o modelo francês. Ele passou a investir em capas desenhadas.¹⁰⁴ “Os balcões das livrarias encheram-se de livros com capas berrantes, vivamente coloridas, em contraste com a monotonia das eternas capas amarelas das brochuras francesas” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 131). A ilustração da primeira edição de *As Reinadoes de Narizinho*, publicada, em 1931, pela *Companhia Editora Nacional*, coube a Jean Gabriel Villin (1906-1979). O renomado desenhista francês, que morava no Brasil desde seus 19 anos de idade, era apaixonado pela cultura brasileira e costumava desenhar saci-pererês para presentear os amigos.¹⁰⁵

Imagem 2 - Ilustrações de Voltolino e de Villin



Fonte: Imagens das capas das primeiras edições de *A menina do narizinho arrebitado* (1920), com ilustrações de Voltolino, *d'O Sacy* (1921), com ilustrações de Voltolino, e *d'As Reinadoes de Narizinho* (1931), com ilustrações de Jean Gabriel Villin. Disponível em: <https://taubate.sp.gov.br/museumonteirolobato/acervo/>. Acesso em 2 ago.2024.

¹⁰⁴ A editora *Monteiro Lobato & Cia* publicou livros com capas desenhadas por grandes artistas, como Di Cavalcanti (1897-1976), José Wasth Rodrigues (1891-1957), entre outros (Ceccantini, 2009, p. 76).

¹⁰⁵ “Em 1925, aos 19 anos, Villin, com diploma de desenhista em porcelana, desembarcava no Brasil. Morou em São Paulo, onde foi funcionário público e dedicou-se também à ilustração e à publicidade.” Disponível em: <https://www.jeangabrielvillin.com.br/>. Acesso em 13 ago.2024.

Vale lembrar a sensibilidade do escritor taubateano para as artes visuais.¹⁰⁶ A despeito do desejo não realizado de estudar Belas Artes, ele se descreve, na lida com as palavras, como um pintor. Em carta ao amigo Godofredo Rangel, datada de 6 de julho de 1909, afirma:

No fundo não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pincéis a sério (pois sinto uma nostalgia profunda ao vê-los - *sinto uma saudade do que eu poderia ser* se me casasse com a pintura), arranjei, sem nenhuma premeditação, este derivativo de literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com palavras (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 251-252).

Além de se tornar um hábil pintor com as palavras, Lobato também soube, de maneira inovadora, divulgar e vender suas obras infantojuvenis. De acordo com Camargo (2009, p. 88), Lobato demonstra, com a publicação de *O Sacy* (1921), “um aguçado senso comercial”, tendo em vista que o livro trazia, além das vibrantes ilustrações de Voltolino, a propaganda do livro anterior – *Narizinho arrebitado* (1921) e o anúncio do livro posterior – a terceira produção infantil do escritor: *Fábulas de Narizinho* (1921).

A editora *Monteiro Lobato & Cia* estava em plena ascensão quando, por conta do levante tenentista ocorrido na cidade de São Paulo, em julho de 1924, teve de paralisar suas atividades por dois meses, gerando considerável prejuízo. Em seguida, a *Light*¹⁰⁷ cortou o fornecimento de dois terços da energia elétrica, em razão de uma grande seca em São Paulo. Isso fez com que a editora só pudesse trabalhar dois dias por semana. Os prejuízos aumentaram. Com a mudança da política econômica de Arthur Bernardes¹⁰⁸, feita de forma abrupta, a *Monteiro Lobato & Cia* sofreu um estrangulamento de caixa e, em julho de 1925, Lobato “assinou o pedido de falência da maior casa editora do Brasil” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 146). Sobre a crise dos anos 1920, explanam as historiadoras Marieta Ferreira e Surama Pinto (2008):

Do ponto de vista econômico, a década de 1920 foi marcada por altos e baixos. Se nos primeiros anos o declínio dos preços internacionais do café gerou efeitos graves sobre o conjunto da economia brasileira, como a alta da inflação e uma crise fiscal sem precedentes, por outro também se verificou uma significativa expansão do setor cafeeiro e das atividades a ele vinculadas. Passados os primeiros momentos de dificuldades, o país conheceu um processo de crescimento expressivo que se manteve até a

¹⁰⁶O *Fundo Monteiro Lobato* - Cedae/Unicamp reúne desenhos e aquarelas de Lobato. Disponível em: https://www2.iel.unicamp.br/webdocs/iel/monteirolobato/mapa_de_pinturas_desenhos.htm. Acesso: 13 ago. 2024.

¹⁰⁷A *Light* era uma empresa de energia denominada *São Paulo Tramway, Light and Power Company*, fundada em Toronto, no Canadá, em 1899. Nesse mesmo ano, a empresa começou a atuar no estado de São Paulo. Fonte: <https://www.methaenergia.com.br/concessionarias/light/historia-da-light/>. Acesso em 24 ago. 2024.

¹⁰⁸Arthur da Silva Bernardes (1875-1955) foi presidente do Brasil, entre 1922 e 1926, e seu governo caracterizou-se pela busca da modernização econômica do país, a despeito de uma política mais autoritária do que liberal (Ferreira; Pinto, 2008).

Grande Depressão em 1929. A diversificação da agricultura, um maior desenvolvimento das atividades industriais, a expansão de empresas já existentes e o surgimento de novos estabelecimentos ligados à indústria de base foram importantes sinais do processo de complexificação pelo qual passava a economia brasileira (Ferreira; Pinto, 2008, p. 389).

Obstinado, apenas dois meses depois do pedido de falência, o criador da *Emília* insistiu no ramo editorial (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997). Em sociedade com Octalles Marcondes¹⁰⁹, fundou a *Companhia Editora Nacional*, com sede no Rio de Janeiro, e lançou a tradução de *Meu captivo entre os selvagens do Brasil*, de Hans Staden (1525-1576), com adaptação literária feita pelo próprio Monteiro Lobato. Assim como havia feito com o inquérito do *Saci*, o escritor aproveitou o material dessa tradução para escrever, dois anos mais tarde, um dos livros do *Sítio do Picapau Amarelo*, com o título *Aventuras de Hans Staden*, e um longo subtítulo: *O homem que naufragou nas costas do Brasil em 1553 e esteve oito meses prisioneiro dos índios tupinambás, narrados por Dona Benta aos seus netos Narizinho e Pedrinho*.

Aventuras de Hans Staden teve sua primeira edição publicada em 1927, pela *Companhia Editora Nacional*, com tiragem de seis mil exemplares. De acordo com Lucila Bassan Zorzato, em *Hans Staden à lobatiana* (2009), o escritor, no prefácio da tradução que havia publicado dois anos antes, já anunciava uma possível versão para crianças: “É obra que deveria entrar nas escolas, pois nenhuma dará aos meninos a sensação da terra que foi o Brasil em seus primórdios” (Lobato, 1927 *apud* Zorzato, 2009, p. 152). Obra de relevância para o movimento antropofágico, foi também importante para a literatura infantojuvenil brasileira. Nesse sentido:

Conhecendo o texto de Staden e seu valor para conhecimento dos primórdios do Brasil e da cultura indígena, Lobato adapta a narrativa para o público infantil, apostando no tom de aventura vinculado à ideia de naufrágio e índios, anunciados no título, para despertar o interesse pela história (Zorzato, 2009, p. 153).

Ainda no ano de 1927, Lobato afastou-se da direção da *Companhia Editora Nacional*, ficando apenas como acionista, por ter sido nomeado adido comercial e se mudado com a família para Nova Iorque. Dois anos depois, sofreu a pior derrocada de sua vida financeira, em razão das perdas sofridas com o *crack* da Bolsa de Valores, em 1929. Teve de vender, em 1930, as suas ações da *Companhia Editora Nacional*. Voltou para o Brasil em 1931, fundou a

¹⁰⁹Octalles Marcondes Ferreira (1901-1973), natural de Congonhas do Campo, Estado de Minas Gerais, foi um dos inauguradores da indústria editorial brasileira. Fonte: <https://octalles.webnode.com.br/historia/>. Acesso em: 14 ago.2024. Na sociedade da *Companhia Editora Nacional*, Octalles Marcondes cuidava da parte administrativa, enquanto Monteiro Lobato geria a parte editorial (Lajolo, 2000, p. 59).

Companhia Petróleo do Brasil, tentando conciliar as atividades em um novo ramo de negócios com a escrita de sua literatura infantil e também com as traduções que lhe rendiam o sustento.

Apesar de Monteiro Lobato ter contribuído para a construção de uma imagem de grande ícone do mercado editorial brasileiro, ele também rejeitou essa representação. De acordo com Ceccantini (2009, p. 81), “o próprio Lobato, na sua dicção sempre irreverente e fiel a seu espírito iconoclasta, refutou esse processo de sacralização que o enquadrava no papel de ‘herói revolucionário do mundo da edição’”. Em *Prefácios e Entrevistas* (1946), falou o editor:

– ... Não há herói neste mundo. Criador da indústria editora brasileira? Sim, talvez – mas sem a menor intenção disso. Nós precisávamos vender a nossa mercadoria e eu redigi a circular que resolveu o problema. [...] Por isso rio-me quando me consideram herói – e lá por dentro duvido de todos os heróis deste mundo (Lobato, [1946] 1959l, p. 254).

Pragmático, com a popularidade e o sucesso de vendas que havia alcançado com a publicação, em 1921, de *Narizinho arrebitado*, Lobato decidiu, em 1931, reunir várias das histórias infantis que tinha escrito e publicado até então, num único livro, remodelando-as de modo a formarem uma unidade narrativa, com o título *As Reinações de Narizinho*. A *Companhia Editora Nacional* o publica como primeiro volume da coleção *Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série I – Literatura Infantil*. Lobato organizou o livro *As Reinações de Narizinho*, reunindo onze histórias,¹¹⁰ que passariam, a partir de então, a compor os capítulos das trezentas e seis páginas de aventuras vividas pelos personagens, num mundo onde a imaginação e a realidade se misturam.

Depois da bem sucedida publicação do livro inaugural da série do *Sítio*, Lobato não parou mais de escrever para crianças. Sua literatura infantil passou a ser um trabalho incessante, com obras escritas e publicadas de 1920 até 1947 – ano anterior ao de sua morte. O escritor buscou, por meio da interlocução epistolar, conhecer seu público leitor para, assim, entender e superar as expectativas das crianças, compondo aventuras, aprimorando os personagens e misturando ciência e arte em suas criações literárias.

Nesse sentido, pode-se notar na obra *Viagem ao céu*, publicada pela *Companhia Editora Nacional*, no ano de 1932, logo após o escritor voltar a morar no Brasil, depois de

¹¹⁰*Narizinho arrebitado, O Sítio do Picapau Amarelo, O Marquês de Rabicó, O casamento de Narizinho, Aventuras do Príncipe, O Gato Félix, Cara de coruja, O irmão de Pinóquio, O circo do escavalinho, A pena de papagaio e O pó de pirlimpimpim.*

passar quatro anos residindo nos Estados Unidos, que o criador da *Emília* estava informado sobre as últimas descobertas da ciência e visava compartilhar isso com seu público infantil. De acordo com Milena Ribeiro Martins (2009, p. 209), “Lobato se antecipou à ciência, colocando o telescópio para funcionar, na ficção, cerca de cinco anos antes de seu funcionamento na vida real.”¹¹¹ Nesse livro, há menções a algumas obras de divulgação científica e também literárias, que se apresentam na voz de *São Jorge*, habitante da Lua, o qual oferece lições sobre o funcionamento do universo para as personagens *Narizinho*, *Pedrinho*, *Tia Nastácia* e *Emília*, recheadas de fantasia e estímulos à imaginação.¹¹²

Sobre o processo de criação das obras do *Sítio do Picapau Amarelo*, Lobato escreveu, no ano de 1934, ao seu amigo Godofredo Rangel:

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. [...] Estupendo, Rangel! E os novos livros que tenho na cabeça ainda são mais originais. Vou fazer um verdadeiro *Rocambole* infantil, coisa que não acabe mais. Aventuras do meu pessoalzinho lá no céu, de astro em astro, por cima da via Láctea, no anel de Saturno, onde brincam de escorregar [...] Pela primeira vez estou a entusiasmar-me por uma obra (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 329).

A partir do ano de 1933, Lobato, “possivelmente por influência de seu contato com as ideias da Escola Nova” (Martins, 2009, p. 217), publica obras de conteúdo mais acentuadamente didático. Dentre elas, destaca-se como fonte de nossa pesquisa: *Emília no país da gramática* (1934). Monteiro Lobato, em uma correspondência trocada com um de seus leitores crianças, atribui à personagem *Emília* a autoria dessa obra: “*Emília* andava a me amolar com o seu passeio ao país da gramática. Afinal a diabinha fez o tal livro” (Lobato *apud* Debus, 2004, p. 258).¹¹³ A pesquisadora Thaís de Mattos Albieri, em *A gramática da*

¹¹¹“Em 1932, ano da primeira edição de *Viagem ao Céu*, o telescópio ainda não estava em funcionamento; ele só começaria a funcionar de fato em 1948. O astrônomo George Hale recebeu, em 1928, uma vultosa verba para a construção do referido telescópio. Em 1930, ele e a sua equipe escolheram o monte Palomar, no sul da Califórnia, para a construção do observatório e do telescópio (Palomar Observatory, 2007). Lobato, que morou nos Estados Unidos entre 1927 e 1931, pode ter tomado conhecimento dessas notícias pelos jornais” (Martins, 2009, p. 209).

¹¹²A pesquisadora Milena Ribeiro Martins, em *Viagem ao céu: aventura, fantasia e ciência* (2009), apresenta algumas fontes da pesquisa que Monteiro Lobato fez para a escrita do livro *Viagem ao céu* (1932), da saga *Sítio do Picapau Amarelo* (1920-1947), por exemplo: *A pluralidade dos mundos habitados*, *La planète Mars et ses conditions d’habitabilité*, *Voyage dans le ciel*, de Nicolas Camille Flammarion (1842-1925); *Histoire comique: contenant les états et empires de la lune*, de Savinien Cyrano de Bergerac (1619-1655); *Da terra à lua* e *Viagem ao redor da Lua*, de Júlio Verne (1828-1905).

¹¹³Essa troca de cartas se deu com Gilson Maurity Santos que, de acordo com a tese de doutoramento de Eliane Santana Dias Debus, intitulada *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores* (2001), orientada pela Profª. Dra. Regina Zilberman, o menino Gilson foi um dos muitos correspondentes infantis do escritor.

Emília: a língua no país de Lobato (2009), destaca o caráter teatral dessa obra, no aspecto da dramatização que o escritor efetua com a gramática. Lobato aborda os conteúdos curriculares do ensino de língua portuguesa da escola de seu tempo, a partir de uma rica trama que transforma elementos da gramática em interessantes personagens, compensando “a seriedade do ensino formal com uma boa dose de fantasia e de crítica” (Albieri, 2009, p. 267).

Mas foi com a obra *Memórias da Emília*, publicada em 1936, pela *Companhia Editora Nacional*, que Monteiro Lobato deu maior destaque à personagem boneca. De acordo com a pesquisadora Emilia Mendes (2009, p. 341), a *Marquesa de Rabicó* recebeu de seu criador “uma regalia” que nenhum outro personagem do *Sítio* obteve – escrever seu próprio livro de memórias. A principal característica dessa obra é a metalinguagem. São tratadas questões sobre as dificuldades do processo de escrita e também sobre a materialidade do objeto livro, desde escolhas do tipo de papel, tinta, diagramação, recursos gráficos e impressão. A boneca, que se autodefine como filósofa e escritora nessa obra, apresenta reflexões sobre a vida e a morte, além de discorrer sobre os conceitos de verdade e de mentira, ensinando coisas terrenas a um anjinho que ela trouxe do céu.

Foram várias as temáticas que permearam as obras do *Sítio do Picapau Amarelo*, a partir de 1936. Contos populares do folclore brasileiro, em *Histórias de Tia Nastácia* (1937); conquistas da ciência, em *Serões de Dona Benta* (1937); a descoberta de petróleo brasileiro, em *O poço do Visconde* (1937); a Segunda Guerra Mundial, em *A chave do tamanho* (1942), por exemplo.

Com a história de encerramento da saga, *Os doze trabalhos de Hércules*, cuja primeira edição foi publicada no ano de 1944, em dois volumes, pela *Editora Brasiliense*, Monteiro Lobato faz várias referências ao livro inicial, *Reinações de Narizinho* (1931), ligando o final de sua obra ao começo. Zinda Vasconcellos (1982) ressalta que, no livro final do *Sítio*, Lobato propaga o valor que sempre atribuiu à educação. Em seu discurso de despedida, *Hércules* diz:

Criaram-me ao ar livre, ensinaram-me a desenvolver unicamente os músculos e a agilidade. Quanto ao resto, fiquei como nasci: um terreno baldio, como diz a Emília, onde o mato cresceu sem disciplina. Ela acha que uma criatura sem educação é como um terreno onde só há mato. A educação é que transforma esse terreno em canteiro de cultura das artes e ciências úteis e belas. Muito aprendi com vocês. Minhas conversas com Emília, com o Visconde e Pedrinho foram verdadeiras lições de que jamais me esquecerei. Sempre convivi entre brutos – reis cruéis, deuses vingativos, heróis do meu molde, gente ‘ineducada’, como diz o Visconde. Fui encontrar ‘produtos da educação’ em vocês (Lobato, [1944] 1984i, p. 187-188).

De acordo com Emerson Tin, em *O décimo terceiro trabalho de Lobato* (2009), a obra *Hércules* confirma uma ideia que perpassa toda a literatura infantojuvenil lobatiana: o valor da inteligência sobre a força bruta. Esse último livro é considerado a grande chave de ouro que fecha a mais consagrada invenção do escritor – o *Sítio do Picapau Amarelo*.

2.2. *Sítio do Picapau Amarelo*: um mundo de verdade e de mentira¹¹⁴

“O sítio de Dona Benta ficava num lugar muito bonito. A casa era das antigas, de cômodos espaçosos e frescos. [...] Antes da sala de visitas havia a sala de espera, com chão de grandes ladrilhos quadrados, ‘cor de chita cor-de-rosa desbotada’” (Lobato, [1921] 1984d, p. 145-146). Nos fundos da sala de jantar ficava o jardim, “um verdadeiro amor de jardim, só de plantas antigas e fora da moda. Flores do tempo da mocidade de Dona Benta [...] o velhíssimo pé de flor-de-cera, planta que os modernos já não plantam porque custa muito a crescer” (Lobato, [1921] 1984d, p. 146). Nesse lugar, de verdade e de mentira, o pensamento não é uma faculdade apenas do ser humano. Os passarinhos também raciocinam e “até as plantas revelam inteligência” (Lobato, [1921] 1984d, p. 150).

No livro *O Saci* (1921), o escritor apresenta a descrição mais detalhada do *Sítio do Picapau Amarelo*, sendo que tudo nesse espaço encantado reforça a afirmação do “estilo de vida tipicamente brasileiro, que contempla desde questões arquitetônicas até elementos decorativos, plantas ornamentais, gastronomia” (Camargo, 2009, p. 95). Considerada um dos pontos culminantes da “batalha nacionalista” de Monteiro Lobato, a obra retrata, por meio de todos os ambientes, a “vida tranquila do interior”, sendo que até “os objetos e móveis descritos exalam brasilidade” (Camargo, 2009, p. 95).

Conforme afirma Marisa Lajolo (2000, p. 60), a literatura infantojuvenil brasileira foi inaugurada por Monteiro Lobato. Além disso, o *Sítio do Picapau Amarelo* é considerado uma das maiores e melhores obras feitas para crianças da literatura mundial (Morelato, 2011). Sobre o *Sítio*, assevera Whitaker Pentecoste (2011):

Essa obra extraordinária, sem par em nenhuma outra literatura, alonga-se por quase 5 mil páginas de texto, parcimoniosas em ilustrações, e abrange quase a totalidade dos gêneros que os especialistas desenvolveram como instrumento classificatório para a ficção infantil: contos literários, fantasia épica, realismo encantado, histórias de magia, fantasias de animais, viagens ao passado, ficção científica, histórias de humor e anedotas, fantasia sobre fantasias, histórias de bonecas, fantasia baseada em folclore, fantasia baseada

¹¹⁴Monteiro Lobato, na primeira edição do livro intitulado *O picapau amarelo*, publicado em 1939, colocou o seguinte subtítulo: *o sítio de Dona Benta, um mundo de verdade e de mentira* (Gênova, 2009, p. 413).

em lendas e mitos e possivelmente outros mais, como a sátira política ou a crítica social (Penteado, 2011, p. 164).

O conjunto da obra é praticamente inclassificável. Alguns críticos literários consideram a obra mais próxima do “realista” do que do “fantástico” (Penteado, 2011, p. 139-195). Nelly Novaes Coelho (2006) explica que a anulação das fronteiras entre o real e o maravilhoso foi uma das grandes inovações de Monteiro Lobato na literatura infantojuvenil.

Ele rompe com a tradição inspirada em *Alice no país das maravilhas* (1864), obra do escritor anglicano Lewis Carroll (1832-1898), onde tudo se passa num sonho.¹¹⁵ Também rompe com a tradição de *Peter Pan* (1911), de James Matthew Barrie (1860-1937), ambientado num lugar encantado, a *Terra do Nunca*. É a imaginação dos personagens do *Sítio do Picapau Amarelo* que os transporta do mundo cotidiano para o plano fantástico.¹¹⁶ Penteado (2011, p. 165) afirma que Lobato oferece, em sua literatura, “um poderoso estímulo à criatividade.” Ainda nesse sentido, Eliana Yunes (1980) reitera:

Diversamente do que, com frequência, ocorre nas obras para crianças, em que o maravilhoso apenas ilustra e recobre a óptica do adulto que lhes é imposta, Lobato se utiliza da fantasia para fazê-las ver criticamente o real (Yunes, 1980, p. 38).

Penteado (2011, p. 166) afirma que, ao abandonar a convenção sonho *versus* realidade, em suas histórias infantis, Lobato “antecipa o que vem a ser característica de autores da segunda metade do século XX”. Mais uma inovação produz ao utilizar “o linguajar do povo brasileiro”. O escritor paulista emancipa-se do português de Portugal e “produz uma literatura infantil modernista” (Penteado, 2011, p. 166).

Há uma controvérsia na crítica sobre as relações contraditórias de Monteiro Lobato com o Modernismo.¹¹⁷ No entanto, estudiosos do escritor como João Luís Ceccantini (2009), Marisa Lajolo (2000, 2007, 2009), Nelly Novaes Coelho (2006), Regina Zilberman (2007) e

¹¹⁵Na publicação de *Reinações de Narizinho* (1931), Lobato modificou a história inaugural da saga, *A menina do narizinho arrebitado* (1920), retirando a explicação que *Narizinho* viajou ao *Reino das Águas Claras* porque dormiu na beira do riacho.

¹¹⁶Nelly Novaes Coelho (2006, p. 49) explica os tipos de narrativas que os autores contemporâneos de Monteiro Lobato ofereciam ao público leitor infantil: “Narrativas da *pura fantasia* (na linha dos contos maravilhosos), as da *realidade cotidiana* (registrando experiências comuns do dia-a-dia, em casa, na escola ou em férias, bem familiares a criança), as da *realidade histórica* (exaltando a terra brasileira, episódios nacionais ou homens brasileiros notáveis...), as da *realidade mítica* (redescobrimos figuras ou lendas folclóricas).” Lobato inova, no *Sítio do Picapau Amarelo*, com o “*realismo maravilhoso*” (mostrando o ‘maravilhoso’ como elemento integrante do real)” (Coelho, 2006, p. 49).

¹¹⁷O debate sobre as relações do escritor Monteiro Lobato com o Modernismo foi tratado no primeiro capítulo desta dissertação.

Whitaker Penteado (2011) consideram o *Sítio do Picapau Amarelo* uma obra de literatura modernista, principalmente no que tange às inovações na linguagem. Nesse sentido:

Sua linguagem coloquial brasileira, bem-humorada, vinha enfim romper com a seriedade e rigidez da linguagem escrita culta, de cunho português, que em geral predominava nas traduções da literatura infantil que nos vinham da Europa via Portugal (Coelho, 2006, p. 641).

Quanto à anulação das fronteiras entre o real e o sonho, foi pontuado por alguns críticos, com o olhar da psicanálise: “O Sítio do Picapau Amarelo se constituiria em espaço intermediário entre o consciente (mundo real) e o inconsciente (mundo da fantasia)” (Penteado, 2011, p. 168). Yunes (1980, p. 54) observa, de acordo com a psicanálise, que “dessa interação – entre os desejos inconscientes e a realidade consciente –, nascem o indivíduo descondicionado e a harmonia que vemos realizada no Sítio do Picapau Amarelo.” Campos (1986) considera que uma das maiores forças do *Sítio* é a autoridade ser representada por uma *vovó sábia*, a *Dona Benta*, que sempre se apresentou contrária a toda forma de repressão. O escritor “jamais colocou as figuras do pai e da mãe nas suas histórias infantis. Ao suprimi-los, Lobato suprimiu também uma outra representação – a repressão. Isso porque, se o pai e a mãe são símbolos do amor, eles são também os símbolos da autoridade repressora” (Campos, 1986, p. 136).

Outra marca distintiva da obra infantil lobatiana é uma intertextualidade variada e complexa. “Além da relação explícita com os mundos da fantasia, das fábulas e das mitologias grega e indígena brasileira, estão presentes as realidades históricas e temporais do Brasil” (Penteado, 2011, p. 168). Marisa Lajolo (2000) lança a questão se o *Sítio do Picapau Amarelo* não poderia ser considerado uma metáfora do Brasil, tendo em vista estar profundamente enraizado na realidade cultural brasileira. Desse modo, “está corporificado no sítio um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política envolvendo o Brasil – e não apenas a reprodução da sociedade brasileira” (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 56).

Nesse sentido, corrobora o historiador André Luiz Vieira de Campos (1986, p. 131): “Também no nível das relações de poder, percebemos que o Sítio desempenha o papel de metáfora política em relação à realidade brasileira.” Campos (1986, p. 135) interpreta que Monteiro Lobato experimentou o *Sítio do Picapau Amarelo* como um laboratório de experiências da arte de governar; não de governar uma família, mas, de governar um país. Assim, o escritor apresentou, em sua monumental obra para crianças, o projeto que sonhava

para o Brasil: uma *República da Liberdade*, governado por duas mulheres, sendo uma a representante da *Sabedoria – Dona Benta* – e outra a representante do *Bom Senso – Tia Nastácia* (Lobato, [1941] 1984g).

Nelly Novaes Coelho (2006) comenta que, além de apresentar elementos da cultura brasileira, os personagens do *Sítio* podem ser lidos como arquétipos do inconsciente coletivo: a velha sábia (*Dona Benta*), as crianças (*Narizinho e Pedrinho*), a irracionalidade animal da gula (porco *Marquês de Rabicó*), a força bruta (rinoceronte *Quindim*), a racionalidade intelectual (sabugo de milho *Visconde*) e a figura do *trickster* (boneca *Emília* e o *Saci*).¹¹⁸

O pesquisador de antropologia do imaginário, Prof. Dr. Renato da Silva Queiroz, em *O herói-trapaceiro: reflexões sobre a figura do trickster* (1991, p. 94), explica: “em geral, o *trickster* é o herói embusteiro, ardiloso, cômico, pregador de peças, protagonista de façanhas que se situam, dependendo da narrativa, num passado mítico ou no tempo presente.” Desse modo, tanto o *Saci* quanto a *Emília*, de Lobato, são personagens que expressam e suscitam contradições. A ambivalência é a marca do *trickster*, tendo em vista que suas ações ora beneficiam, ora prejudicam os humanos, despertando “sentimentos de admiração e respeito, por um lado, e de indignação e temor, por outro” (Queiroz, 1991, p. 94).

Inspirando-nos nas formulações de Sigmund Freud (1856-1939) sobre as três instâncias que compõem o psiquismo humano – *Id*, *Ego* e *Superego* – podemos pensar também que *Dona Benta* representa um *Superego* saudável, uma autoridade sem autoritarismo. *Pedrinho* representa um *Ego* flexível, que transita bem entre o mundo da realidade e o mundo fantástico, entre livros e natureza, tendo em vista que se trata de um menino estudioso da cidade que vai viver aventuras nas férias que passa no *Sítio* de sua avó. *Emília* é a representação do *Id*, das pulsões inconscientes, da ética do desejo, da fonte da subjetividade autêntica.¹¹⁹

Penteado (2011) apresenta algumas interpretações sobre os personagens do *Sítio*, dentre elas, há a que defende ser *Narizinho* a *anima* do escritor.¹²⁰ De acordo com Penteado (2011), é possível interpretar que Lobato se inspirou em *Alice*, de Lewis Carroll, para criar a

¹¹⁸Carl Gustav Jung (1875-1961) elabora seu conceito de “arquétipos” como uma tendência instintiva da psique a acessar “imagens primordiais”, que são representações que vão se formando no inconsciente coletivo da humanidade (Jung, [1961] 2016, p. 83). In *O homem e seus símbolos*. Tradução: Maria Lúcia Pinho. 3.ed. Rio de Janeiro: HaperCollins Brasil, 2016.

¹¹⁹Freud apresenta seu desenvolvimento desses conceitos no ensaio intitulado *O Ego e o Id* (1923), constante nas Obras Psicológicas Completas, volume XIX, da *Edição Standard Brasileira*.

¹²⁰*Anima* é um conceito elaborado pela Psicologia Analítica Junguiana, referindo-se ao arquétipo da Alma Feminina (Jung, [1961] 2016).

personagem *Lúcia*. No entanto, nossa pesquisa observou outras análises, que apresentam maior complexidade interpretativa em relação a *Narizinho*. A pesquisadora Bianca Campello Rodrigues Costa (2014), por exemplo, defende ser *Lúcia* a representação da criança idealizada no contexto histórico de Lobato: obediente, delicada e bem comportada, de acordo com o socialmente esperado para as meninas da elite social brasileira do início do século XX. Em contrapartida, o escritor criou *Emília* que, de acordo com Costa (2014), representa a *sombra de Narizinho*: desobediente e subversiva em relação ao lugar passivo, calado e submisso, que era socialmente determinado para as crianças da época.¹²¹ *Pedrinho*, o único que mora na cidade e visita o *Sítio* em férias, é interpretado por Elisângela da Silva Santos, em *Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação* (2011, p. 97), como “um empreendedor prático, aplicado na construção do futuro.” *Pedrinho* representa a coragem e a esperteza de seu criador e traz também a imagem de criança que Lobato cultivava: independente, inteligente, crítica e criativa.

De acordo com o estudo de Santos (2011), a personagem *Dona Benta*, no que tange ao seu papel de proprietária rural, se opõe ao personagem *Compadre Coronel Teodorico*. Ela tenta oferecer luzes à mentalidade dele, obscurecida pela abundância de terras e escassez de conhecimento científico. O *Sítio de Dona Benta* é uma pequena propriedade, administrada com estudo e ciência. Já o *Compadre Teodorico* tinha uma grande fazenda e só pensava em possuir mais e mais terras. Ele se dá mal, pois “abundância de terras não faz bem” (Lobato *apud* Santos, 2011, p. 164) e acaba precisando contar com os apontamentos educativos e com o apoio da comadre. Assim,

a narrativa lobatiana inova por colocar uma mulher como administradora dessa pequena nação situada no imaginário do autor, seria a primeira nação a prosperar por ter acreditado na diversificação da economia, mas especialmente na ciência. É essa importante mulher também que não pensa apenas no presente, forma mentalidades semelhantes para que no futuro da nação seu trabalho iniciado renda frutos, seus netos são criados sob essa lógica, sugerindo uma continuidade desse pensamento (Santos, 2011, p. 165).¹²²

¹²¹*Sombra* também é um conceito elaborado pela Psicologia Junguiana, a fim de definir um lugar de conteúdos psíquicos rejeitados pelo *Ego*, por desafiarem a adaptação social (Jung, [1961] 2016).

¹²²Podemos inferir, pela pesquisa de Santos (2011), que o desejo por abundância de terras, do personagem *Teodorico*, caracteriza-o como um latifundiário improdutivo, interessado na mera especulação fundiária, atitude fortemente criticada por Monteiro Lobato. Campos (1986) destaca que o *Coronel Teodorico*, por várias vezes, é ridicularizado por Lobato, nas tramas do *Sítio do Picapau Amarelo*. Em *O Poço do Visconde* (1937), por exemplo, o coronel vende suas terras para uma companhia estrangeira de exploração de petróleo. Depois, resolve morar no Rio de Janeiro para gastar o dinheiro que ganhou com a venda das terras. Chegando na *Corte*, caiu no “conto do bonde”, perdendo quase todo o seu dinheiro, “ao comprar quatro bondes por duzentos mil cruzeiros.” Na ocasião, disse-lhe *Dona Benta*: “– Compadre, o seu mal sempre foi a falta de estudos” (Lobato, [1937] 1984n, p. 142-145).

Ainda sobre a oposição entre os personagens *Coronel Teodorico* e *Dona Benta*, André Luiz Vieira de Campos (1986) destaca que Monteiro Lobato, em muitos textos compilados em sua *Literatura Geral*, apresenta duras críticas ao bacharelismo, como “falsa sabedoria”; às elites políticas, como “falsos administradores”; bem como às elites econômicas, na figura do “grande proprietário de terras – o coronel do interior – caracterizado sempre como ignorante, inculto e, principalmente, refratário a qualquer mudança” (Campos, 1986, p. 57).¹²³ Em contrapartida, *Dona Benta*, analisada por Campos (1986), a partir da filosofia de Michel Foucault, é o oposto do *Coronel* autoritário. Mobilizadora de saberes históricos, filosóficos e científicos, a vovó governa com respeito e probidade o *Sítio* e seus moradores, por “possuir a arte de governar a si mesma” (Campos, 1986, p. 134).

Os livros que compõem o *Sítio do Picapau Amarelo* são consideradas obras paradidáticas, que visam possibilitar o aprendizado enquanto a criança desfruta do prazer da leitura, acessando a fantasia e a imaginação para aprender. Penteado (2011, p. 200), ao analisar a psicopedagogia presente na literatura infantojuvenil lobatiana, destaca: “Lobato utilizava o método socrático de ensino e valorizava, sobretudo, o aprendizado informal, já que ele próprio assim absorvera a maior e melhor parte do seu conhecimento.” Sobre isso, afirma Marisa Lajolo:

Na mesma busca de sintonia com seu tempo, não deixa de incorporar às histórias que inventa um lastro sólido de informações, muitas vezes coincidentes com o currículo escolar. Assim, em vários de seus livros, encontramos uma escola alternativa, onde Dona Benta desempenha o papel de professora. Particularmente nas obras produzidas nos anos 30, o sítio se transforma numa grande escola, onde os leitores aprendem desde gramática e aritmética até geologia e o bê-a-bá de uma política nacionalista de petróleo (Lajolo, 2000, p. 61).

Monteiro Lobato conquistou seu público com um enredo – de aventuras, fantasias e fábulas – ambientado num sítio imaginário. Este traz características abrangentes do meio rural brasileiro. Além disso, manter os mesmos personagens em diversas aventuras tende a manter os leitores interessados e envolvidos a cada lançamento de um novo livro. Nesse sentido:

Fortalecendo ainda mais o perfil moderno de Monteiro Lobato, seus livros infantis constituem uma série, ao que tudo indica fator relevante na conquista e manutenção do público: a repetição de um mesmo espaço e de um grupo constante de personagens parece um recurso eficiente quando o que está em jogo é a fidelidade dos leitores (Lajolo, 2000, p. 63).

¹²³“Coronel, tu és onimado! Onimado e onipotente. Mas por um mal teu, és cru em história como um pepino. Se soubesses um pouco de história verias que já houve tempo em que tuas mofadas ideias, hoje tão ferozmente defendidas como verdadeiras, foram ideias novas, malsãs, de circulação vedada por meio de cordões sanitários” (Lobato, [1933] 1959h, p. 64).

A popularidade que Lobato conseguiu para sua obra é notável, desde suas primeiras publicações até os dias atuais. Foram feitas diversas séries televisivas, o que aumentou ainda mais o conhecimento, pelo público, da saga. A primeira adaptação para a televisão do *Sítio*, escrita por Júlio Gouveia e Tatiana Belinky, foi exibida nos anos de 1951 a 1963, na *TV Tupi*. A partir de 1964, passou a ser exibida, por dois anos, na *TV Cultura* de São Paulo. Entre 1967 e 1969 migrou para a *TV Bandeirantes*. A mais famosa versão foi exibida entre 1977 e 1986, pela *TV Globo*, com texto adaptado por Benedito Ruy Barbosa. O *Sítio* retorna à TV, com nova versão, no início do século XXI. Exibida entre os anos de 2001 a 2007, pela *TV Globo*, a versão de autoria de Walcyr Carrasco passou a contar com tramas inéditas, para além do que, até então, havia sido escrito, baseado nos livros de Monteiro Lobato. Em 2012, a *TV Globo* lançou uma animação, produzida em parceria com a *Mixer*. Essa animação contou com três temporadas exibidas também pela *Cartoon Network*, até 2016.¹²⁴ Escolas de Samba do Rio de Janeiro e de São Paulo elegeram o universo da literatura lobatiana como seus enredos, ao longo da história do Carnaval brasileiro.¹²⁵ A arte de Monteiro Lobato comunica-se com milhões de vidas, por ser um componente fundador do nosso imaginário, disso decorre essa obra ser “constantemente reescrita em diferentes mídias” (Lajolo; Ceccantini, 2009, p. 11).

Cavalheiro ([1955] 1962) explica que Monteiro Lobato não criou apenas um personagem notável, ou um livro marcante; ele inventou um mundo, uma literatura completa. Tornou-se o mais lido dos escritores infantis de língua portuguesa e espanhola. Sobre isso, debate o biógrafo:

Como entender e explicar as razões de tão extraordinária repercussão? Em primeiro lugar a extrema objetividade observada nas narrações. Tudo é direto, preciso. Nada de rodeios inúteis ou de retórica pedante. As coisas possuem nomes próprios e o autor tem sempre o bom gosto de não mudá-los por outros mais bonitos. É simples, claro, transparente (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 2, p. 152).

Mas, o *Sítio do Picapau Amarelo* não foi somente alvo de considerações elogiosas e de amor pelo público. Sofreu duras críticas e chegou a ter livros queimados em alguns

¹²⁴Fontes: Burnett Jr. (2021b); <https://observatoriodatv.uol.com.br/tag/sitio-do-picapau-amarelo/>; <https://www.lobato.com.br/>; <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/sitio-do-picapau-amarelo-1a-versao/>. Acesso em: 23 ago.2024.

¹²⁵A *Mangueira* foi campeã, em 1967, com o enredo *O mundo encantado do Sítio do Picapau Amarelo*. A *Imperatriz Leopoldinense*, em 2005, destacou a personagem *Emília*, no enredo *Uma delirante confusão fabulística*, que misturou contos de fadas de Andersen com o *Sítio* de Lobato. A *Império da Casa Verde*, de São Paulo, em 2025, destacou personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*, como *Emília* e o *Visconde de Sabugosa*, com o enredo *Cantando contos: reinos da literatura*. Fonte: <https://www.galeriadosamba.com.br/>. Acesso em: 3 dez.2025.

colégios. No ano de 1934, o jornal de uma paróquia de Belo Horizonte publicou uma nota com a seguinte advertência: “CUIDADO! Tornamos a avisar a todos que o livro *História do mundo para crianças* é péssimo e não pode ser lido por ninguém” (Lajolo; Schwarcz, 2019, s/p.).

Cavalheiro ([1955] 1962, v. 1, p. 168) apresenta um boletim, assinado pela *Liga Universitária Católica Feminina*, analisando a obra infantil de Lobato, do ponto de vista da moral cristã católica. Apesar de reconhecer qualidades de valor literário – de criação e de expressão, que prendiam o interesse das crianças e dos adultos, e que a literatura infantil lobatiana expressava o espírito brasileiro – a ênfase é no seu “aspecto deletério”, nos “deslizes, não de estilo, mas de concepção moral e filosófica que o autor tem da vida.” Assim:

Utiliza gírias em excesso. Diz inverdades e irreverências a respeito da Bíblia e da Religião. Explica a vida por geração espontânea, transformismo, evolucionismo. [...] Diz que o homem descende do macaco, quando todos estão fartos de saber que ele foi feito de barro (Liga Universitária Católica Feminina *apud* Cavalheiro, [1955] 1962, v. 2, p. 168).

Nesse boletim também há um destaque para frases lobatianas consideradas contrárias aos princípios pregados pela religião cristã católica, como: “Emília tinha se divorciado”; ou falas da boneca como estas: “Já me casei e me arrependi” e “felizmente não tive filhos” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 2, p. 168).

O padre Sales Brasil, um dos mais severos críticos de Monteiro Lobato, chegou a escrever e publicar um livro, em 1957, intitulado *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*, com o objetivo de denunciar a literatura infantil lobatiana como ateuista e comunista e de alertar as famílias brasileiras que o *Sítio do Picapau Amarelo* era um atentado à moral e à religião cristã. Em suma:

O padre lista, meticulosamente, o que chama de erros filosóficos, teosóficos, históricos e/ou sociais que encontra no texto infantil de Lobato: negação de uma causa superior à matéria [...]; negação da divindade de Cristo, da existência de Deus e da superioridade do cristianismo [...]; negação do vínculo matrimonial indissolúvel [...]; negação da hierarquia social [...]; negação da propriedade particular; negação da cultura inspirada no cristianismo e negação do respeito devido aos pais, superiores, pessoas idosas, polidez e boas maneiras (Penteado, 2011, p. 197).

Cavalheiro ([1955] 1962, v. 1, p. 171) afirma que, apesar de toda a perseguição – “proibido em bibliotecas oficiais, queimado em colégios religiosos – no momento do encerramento da série com ‘Os Doze Trabalhos de Hércules’, Monteiro Lobato é não só o escritor infantil mais lido do Brasil, mas da própria América Latina.”

Atualmente, o *Sítio do Picapau Amarelo* é alvo de denúncias e de *cancelamento*, com críticas quanto a expressões de preconceito racial presentes nas falas das personagens.¹²⁶ Nelly Novaes Coelho (2006) apresenta uma advertência para as análises da obra lobatiana que restrinjam à subjetividade do autor – e à sua obra – a postura preconceituosa, esquecendo-se assim que, “como mediadora, ela [a literatura] reflete os valores e desvalores de um sistema social contemporâneo de Lobato e que ele, nem mais nem menos do que outros artistas, refletiu com bastante fidelidade a sociedade e os tempos em que viveu” (Coelho, 2006, p. 732).¹²⁷

Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos (1982) destaca que, no ano de 1943, mais de um milhão e meio de exemplares da obra de Monteiro Lobato já tinham sido vendidos. Lido por várias crianças de uma mesma família, por mais de uma geração, “sua obra infantil deve ter sido muito lida não tanto ou só por crianças, mas exatamente por adultos de classes desfavorecidas em busca do acesso à cultura e à instrução, normalmente vedado a eles” (Vasconcellos, 1982, p. 16). Quanto a isso, destaca a pesquisadora:

No entanto, esse fato, em si mesmo insólito, de um autor nacional ter sido tão lido e ter tido tanta penetração não despertou até hoje, que eu saiba, muita curiosidade. Em nossa sociedade autoritária e patriarcal, costuma-se subestimar a capacidade de pensar das crianças – até bem pouco tempo, a das mulheres também – e portanto a possibilidade da obra de um autor infantil ter tido qualquer influência sobre a formação do *pensamento* (não apenas de valores inconscientes) da geração que o leu em criança (Vasconcellos, 1982, p. 16, grifo da autora).¹²⁸

¹²⁶“Em 2010, o conto lobatiano *Caçadas de Pedrinho* (1933) teve sua distribuição ameaçada, o que se justificava, no parecer do Conselho Nacional de Educação e por meio da ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, na alegação de se tratar de um livro com alto índice racista, que não deveria ser selecionado por licitação pública” (Paulo; Vieira, 2023, s/p.). In *Racismo na obra lobatiana: uma análise do livro “Caçadas de Pedrinho.”* No dia 14 de março de 2024, o Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas - IEL/Unicamp, promoveu uma mesa de discussão sobre o acervo de Monteiro Lobato, intitulada “O IEL deve cancelar Lobato?” Os debates sobre o tema foram intensificados a partir de uma intervenção em um quadro do escritor, ocorrida em setembro de 2023, na exposição “Retratos Literários”, no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio - CEDAE/Unicamp. Foi escrita a palavra “racista” no quadro do rosto de Monteiro Lobato. A manifestação foi considerada uma “intervenção simbólica que não representa apenas a visão do responsável, mas também a de muitas pessoas sobre Lobato.” Fonte: <https://operamundi.uol.com.br>. Acesso em 20 ago.2024.

¹²⁷Sobre o tema, recomendamos a realização de pesquisas históricas críticas que analisem, a partir da psicanálise, a literatura lobatiana como possibilitadora de um diagnóstico linguístico mais amplo e preciso do racismo presente estruturalmente na sociedade brasileira, tendo em vista que a linguagem de preconceito racial, presente em obras literárias, pode ser tomada como “sintoma de uma neurose cultural”, arraigada historicamente, conforme enuncia Léila Gonzalez ([1984] 2020), ou mesmo como sintoma de uma “psicose cultural brasileira”, de acordo com o argumento de Berenice Bento (2024).

¹²⁸Depois dessa constatação de Vasconcellos (1982), foram realizadas notáveis pesquisas sobre o tema. Indicamos a leitura dos trabalhos de José Roberto Whitaker Penteado, intitulado *Os filhos de lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto* (2011) e de Pâmela Bastos Machado, intitulado *Netos de Lobato: modos de ler o Sítio do Picapau Amarelo no século XXI* (2014). Sobre os efeitos da literatura lobatiana em seus leitores, vale destacar o relato de Clarice Lispector (1920-1977), que escreveu o conto *Felicidade Clandestina* (1971) como uma forma de declaração de amor à leitura em geral e, em especial, ao livro *Reinações de*

Por meio da obra *Sítio do Picapau Amarelo*, Monteiro Lobato realizou, portanto, o seu mais forte combate político, social e cultural. Conforme afirma o historiador André Luiz Vieira de Campos (1986), essa literatura nunca foi “apenas um entretenimento para crianças”; mas, sim, “uma estratégia para a formação dos futuros cidadãos”, encarregados de construir o projeto de nação que Lobato sonhou para o Brasil (Campos, 1986, p. 16).

Tendo em vista o recorte temático de nossa pesquisa, que objetivou investigar a filosofia de Nietzsche presente no *Sítio do Picapau Amarelo*, destacamos um aspecto presente na fortuna crítica da obra: a subversão lobatiana à moral vigente. Yunes (1980) diz que a boneca *Emília* representa uma desrepressão metafórica, a qual encoraja a formação de um pensamento crítico nas crianças. A autora aponta que Lobato não nega os valores, mas se distancia da validade universal deles, fazendo da experiência a fonte do conhecimento e da norma ética. Yunes (1980) afirma também que as raízes dessa postura do escritor estão na sua leitura de Nietzsche. Nesse sentido: “Pela leitura exaustiva de Nietzsche, Lobato descobre uma sociologia da moral fundada na transmutação de todos os valores” (Yunes, 1980, p. 28).

Os temas – linguagem, verdade, conhecimento e moralidade –, que serão apresentados a seguir, interseccionam Lobato e Nietzsche. Vale ressaltar que essas temáticas se ligam e que a divisão não ambiciona uma separação estanque; mas, sim, objetiva permitir perceber o som de algumas notas, sem perder de vista que é apenas no arranjo delas, juntas, que poderemos escutar a melodia.

2.3. *Sou como sou, gostem ou não gostem:*¹²⁹ a presença de Nietzsche no *Sítio de Dona Benta*

Monteiro Lobato, alguns anos antes de sua morte, em seu relato autobiográfico intitulado *Confissões Ingênuas* ([1944-1946] 1959i, p. 222), declarou que nenhum outro filósofo teve maior impacto em sua vida intelectual e em sua literatura do que Friedrich Nietzsche. Ao ler uma frase do autor de *Zaratustra* numa brochura que se encontrava nos braços de um colega, partiu em busca de obras do filósofo alemão. Por não haver encontrado nenhuma nas livrarias de São Paulo, no início dos anos 1900, encomendou todas, em tradução francesa.

Narizinho (1931). Numa crônica publicada nos anos de 1960, no Jornal do Brasil, relata: “Quanto a mim, continuo a ler Monteiro Lobato. Ele deu iluminação de alegria a muita infância infeliz. Nos momentos difíceis de agora, sinto um desamparo infantil, e Monteiro Lobato me traz luz” (Lispector *apud* Debus, 2001, p. 155).

¹²⁹ Assim falou *Emília* em *Geografia de Dona Benta* (Lobato, [1935] 1984i, p. 149).

Após receber as obras do filósofo e começar a lê-las, Lobato diz ter encontrado a força que precisava para seguir apenas a si mesmo. Nas palavras do próprio escritor: “‘VADE MECUM’, ‘VADE TECUM’. Queres seguir-me? Segue-te. Essas palavras foram tudo [...]. Em vez de seguir a alguém, ia seguir a vaga intuição do meu eu... (Lobato, [1944-46] 1959i, p. 222-223).

Lobato considerava a filosofia nietzschiana libertadora e fortalecedora da individualidade, da autenticidade e da fidelidade a si mesmo. Considerando as formulações de Hans Robert Jauss ([1967] 1994, p. 27) sobre Estética da Recepção, observamos que Nietzsche se encontrava no horizonte de expectativas do leitor Monteiro Lobato, o qual experienciou vivencialmente a obra do filósofo alemão. Podemos observar, de acordo com Jauss ([1967] 1994), que a filosofia nietzschiana tornou-se acontecimento em seu leitor brasileiro.¹³⁰ Expressou, ademais, Lobato, em suas *Confissões*:

E assim foi que me fiquei na vida sem sistematização nenhuma, livre como um passarinho, a esvoaçar para onde aprazia, levado apenas pelas minhas intuições, insubmisso a fórmulas e autoridades. Essa insubmissão estendeu-se à minha literatura. Tudo quanto produzi, contos ou sonhos infantis, não se subordinam a norma nenhuma. Segui apenas a veneta (Lobato, [1944-46] 1959i, p. 224).

O escritor taubateano proclama que a insubmissão às fórmulas, às autoridades e às sistematizações, reforçada pela filosofia nietzschiana em seu caráter e em seu estilo de existência, estendeu-se para a sua criação literária. Nesse sentido, encontramos na personagem *Emília* uma das expressões mais contundentes da recepção da filosofia de Nietzsche por Monteiro Lobato. A *boneca* apresenta descomunal esperteza combinada com autenticidade radical. “Sou como sou, gostem ou não gostem” – afirma *Emília* (Lobato, [1935] 1984i, p. 149).

Essa coragem de se afirmar exatamente como se é, Lobato exaltou como uma característica de Nietzsche. Ao recomendar a Godofredo Rangel a leitura do *seu filósofo* como um remédio para curar o amigo “de todas as doenças do intelecto” que acaso tivesse e das que pudesse vir a ter, Lobato, na carta de 24 de agosto de 1904, afirma: “No começo você estranhará, por que ele é ele, excessivamente ele e até joga com uma porção de palavras a que dá sentidos especiais” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 66).

¹³⁰Na conferência proferida em 1967, na Universidade de Constança, na Alemanha, intitulada *A história da literatura como provocação à teoria literária*, afirma Jauss: “a literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra” (Jauss, [1967] 1994, p. 27).

Conforme demonstrado no primeiro capítulo desta dissertação, o estilo da escrita de Nietzsche causou forte impacto em Monteiro Lobato. Na carta de 2 de junho de 1904, escreveu ao amigo Rangel, sobre Nietzsche: “Possui um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades. Para bem entendê-lo temos que nos ambientar nessa linguagem nova” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 56). No mesmo ano, na correspondência de 24 de agosto, afirmou: “É o estilo cabrito, que pula em vez de caminhar [...] e chispa relâmpagos, e chia, urra, insulta” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 66).

Com *Emília*, o escritor paulista traz para a sua literatura o estilo cheio de invenções e liberdades, que ele valorizou em Nietzsche. A personagem também joga com as palavras e dá a elas sentidos especiais. São muitos os exemplos das experimentações e atrevimentos da boneca lobatiana com a linguagem. De neologismos como, ao enviar um telegrama por meio de uma borboleta, ela manda um *borboletograma*,¹³¹ até suas teimosias, como chamar o *Pequeno Polegar* de *Pequeno Polegada* (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 32). Ao prepararem um espetáculo de ópera para o *Circo de Cavalinhos*, ou melhor, para o que *Emília* nomeou como *Círculo de Escavalinhos* (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 221), a boneca insiste que o título deveria ser *O Pantasma da Ópera*.¹³² Ela chama seu cavalo de pau de “Vossa Cavalência” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 199), o verbo ser de “Serência” (Lobato [1934] 1984a, p. 60).¹³³ *Emília* inventa mudanças nas palavras, tanto nos significantes quanto nos significados, fazendo-as dançar.

Além dessas e outras invenções, é notória a passagem de *Memórias da Emília* (1936) na qual a *Marquesa de Rabicó* ensina ao personagem *Anjinho* o bailado polissêmico das palavras. *Emília* diz:

Eu penso que todas as calamidades do mundo vêm da língua. [...] A língua é a desgraça dos homens na terra. – Se é assim, por que eles não cortam a língua? *Emília* ria-se, ria-se. – Cortar a língua? Essa palavra língua quer dizer duas coisas: um órgão da boca, onde está localizado o paladar e também a fala dos homens. Há línguas do Rio Grande, que vêm em latas e servem para comermos, e há as línguas da falação – a língua latina, a grega,

¹³¹“Narizinho respondeu ao convite por meio dum borboletograma. Não sabem o que é? Invenção da *Emília*. Como não houvesse telégrafo para lá, a boneca teve a ideia de mandar a resposta escrita em asa de borboleta” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 53).

¹³²“Phantasma, *Emília* – corrigiu Narizinho. – PH é igual a F, como você pode ver nesta caixa de ‘phosphoros’. Ninguém lê PÓSPORO. – Sei disso muito bem – replicou a boneca. – Mas, quero que seja Pantasma, senão saio da companhia e não empresto o meu cavalo, nem o meu carro, nem o meu tostão novo. – Como é birrenta!” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 235-236).

¹³³Whitaker Penteado (2011, p. 164) apresenta a pesquisa de Alaor Barbosa, que detectou 517 neologismos presentes no *Sítio do Picapau Amarelo*.

a portuguesa, a inglesa. Estas não servem para comer – só para armar bate-boca... (Lobato, [1936] 1984f, p. 19).

Nietzsche, em *Crepúsculo dos ídolos* ou como se filosofa com o martelo (1888), obra lida e traduzida por Monteiro Lobato (Lajolo *et al.*, 2022), dispara – “A ‘razão’ na linguagem: oh, que velha e enganadora senhora! Receio que não nos livraremos de Deus, pois ainda cremos na gramática...” (Nietzsche, [1888] 2017, p. 23). O criador da *Emília* jamais idolatrou a gramática. Pelo contrário! Um dos seus maiores combates intelectuais foi pela liberdade no uso da língua e pela valorização da coloquialidade na literatura. Afirmando que “a gramática fará letrados, não faz escritores” (Lobato ([1944] 1959, v. 2, p. 49-54), teceu contundentes críticas aos gramáticos ortodoxos que, como carranças, impedem a língua de se renovar.

Emília, ao visitar o *País da Gramática*, lança ordem para que seu amiguinho, o rinoceronte Quindim, avance contra os carranças “e espalhe aqueles peludos complicadores da língua. [...] O rinoceronte não esperou segunda ordem. Avançou de chifre baixo, a roncar que nem locomotiva. Os Carranças sumiram-se como baratas tontas. [...] Emília ria-se, ria-se...” (Lobato, [1934] 1984a, p. 154).

Na obra *Emília no País da Gramática* (1934), a boneca defende que as palavras mudem, alia-se então à *Ortografia Simplificada*, a fim de tornar as palavras mais leves, enfrentando a rabugenta *Ortografia Etimológica*:

Emília dirigiu-se sozinha para o bairro onde a Ortografia Etimológica se havia entrincheirado. [...] Entrou e deu com uma velha de nariz de papagaio e ar rabugentíssimo, que tomava rapé em companhia dum bando de velhotes mais rabugentos ainda, chamados os *Carranças*. – Com que então – foi dizendo a boneca – a senhora está de briga com a Ortografia Simplificada e não admite que estas pobres palavras se vistam pelo figurino moderno? – Sim – rosnou a velha. – As palavras sempre usaram este modo de vestir, e eu não ‘admito’ que dum momento para outro mudem e virem aí umas sirigaitas ‘fonéticas’. As palavras têm uma origem e devem trajar-se de modo que quem as lê veja logo donde procedem. – Tudo isso está muito bem – replicou Emília –, mas a senhora sabe que existe uma contínua mudança nas coisas. As palavras, como tudo mais, também têm de mudar (Lobato, [1934] 1984a, p. 147-148).

A *inventadeira* de palavras defendia o vir a ser das palavras e não se submetia a ninguém, nem às leis caducas da linguagem. Em mais uma passagem significativa de *Emília no País da Gramática* (1934), a boneca visita a cadeia, onde os *Vícios de Linguagem* estavam presos, solta seu amigo *Neologismo* e diz à *Dona Sintaxe*:

Assim como há sempre crianças novas no mundo, para que a humanidade não se acabe, também é preciso que haja na língua uma contínua entrada de

Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem, como já vimos, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba acabando. Não! Isso não está direito e vou soltar este elegantíssimo Vício, já e já... (Lobato, [1934] 1984a, p. 124).

Tão iconoclasta quanto Nietzsche, Lobato trazia o critério ético da vida das palavras para a sua literatura, rompendo com o moralismo dos que – por não aceitarem o devir – produziam desvitalização e acabavam por fossilizar os vocábulos. Assim como Monteiro Lobato transpôs barreiras impostas pela tradição literária e, em sua criação da obra *Sítio do Picapau Amarelo*, inovou na linguagem, subverteu, e criou a moderna literatura infantojuvenil brasileira, Nietzsche transtornou o duro campo da filosofia. Ao cumprir sua tarefa de despedaçar ídolos, o autor de *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro (1886) construiu seu estilo, na vida e na escritura. Ele recusou um modo de escrita frio, seco e sistemático, preferindo apresentar-se ao leitor em forma de enigma a ser decifrado – desejava um leitor criador, um leitor intérprete, um leitor artista.

Charles Andler (1866-1933), em sua reconhecida biografia de Nietzsche, afirma que o filósofo escolheu a exposição descontínua de seu pensamento, lançou mão do aforismo, por este ser “a fina flor da mais encantadora e inventiva sociabilidade que já existiu” (Andler, [1931] 2016, v. 2, p. 16). É por privilegiar uma escrita vivencial e não conceitual, uma escrita que, com poucas palavras, diz muito, que o filósofo preferiu a metáfora e o aforismo. Nesse sentido:

Nietzsche escolheu sua forma. Portanto, não busquemos para ele desculpas circunstanciais. Não o justifiquemos por seu excesso de riqueza. Há que capturá-lo no voo, sem dúvida, e fixar seu pensamento fugidio. Ele é a colmeia viva para onde as ideias acorrem como abelhas. E deixa que construam nele, célula a célula, seus favos densos, inundados de doçura (Andler, [1931] 2016, v. 2, p. 16).

Monteiro Lobato foi o leitor criador que Nietzsche tanto desejava. O escritor conseguiu capturar o voo do pensamento do filósofo, de acordo com o que Andler descreveu acima. Recordemos da carta ao amigo Rangel, escrita em junho de 1904: “Nietzsche é um pólen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as ideias-germes que nos vão vindo” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 56).

Além de filósofo, Nietzsche foi poeta e músico. Seus textos apresentam os mais diversos estilos: dissertativo, panfletário, aforismático, paródico e poético. Ele criou significativas imagens simbólicas, metáforas, fábulas com animais (como o *Camelo*, o *Burro*, a *Águia*, a *Serpente*, o *Leão*, dentre outros). Foi crítico dos sistemas filosóficos, pelo que eles

provocam em termos da fixidez do pensamento e do dogmatismo: “Ao pretenderem impor ao pensamento caráter monolítico, eles [os espíritos sistemáticos] seriam levados a desistir da busca, abandonar a pesquisa, abrir mão da criatividade” (Marton, 2010, p. 16).

Assim como o filósofo alemão, o escritor paulista repudiava os espíritos sistemáticos. Os dois autores preferiam expressões simbólicas e metafóricas. Estas explodem os sentidos fixos e possibilitam ao inconsciente da linguagem uma retomada de sua potência criativa.¹³⁴ Scarlett Marton (2010) explica que o aforismo é um modo de expressão privilegiado na filosofia de Nietzsche por possibilitar que um mesmo pensamento seja abordado e interpretado em diversos ângulos de visão. “Dependendo da perspectiva adotada, uma mesma ideia acaba por assumir diferentes sentidos” (Marton, 2010, p. 17). Assim, o estilo aforismático se constitui como o mais adequado ao perspectivismo nietzschiano:

Distinguindo-se da maioria dos filósofos, que em geral se conformam aos padrões de expressão usuais, Nietzsche critica de modo veemente a língua tradicional da filosofia e, pelo mesmo movimento, põe em prática uma língua nova e estrangeira. Assim falava Zaratustra é o caso mais notável; constitui uma dupla exceção. É uma exceção no contexto da escrita filosófica em geral e outra no conjunto de seus próprios escritos. À primeira vista, a nova linguagem que Nietzsche inventa parece uma mistura de ‘verdade’ e ‘poesia’. [...] Mas, nele, querendo diferenciar-se da prática habitual dos filósofos, o autor recusa-se a opor ciência e sabedoria (Marton, 2010, p. 19-20).

Essa nova língua filosófica, a qual Marton (2010) afirma parecer, à primeira vista, uma mistura de verdade com poesia – a qual sugere um modo experimental de pensar –, encantou Monteiro Lobato. “São vários os textos em que Nietzsche convida o leitor à experimentação, seja por entender que nós, humanos, não passamos de experiências ou por acreditar que não nos devemos furtar a fazer experiências com nós mesmos” (Marton, 1990, p. 22).

Viviane Mosé, em *Nietzsche e a grande política da linguagem* (2018), afirma que o filósofo utiliza o aforismo, a paródia, a ironia e a metáfora a serviço de seu projeto de transvaloração dos valores. Transvalorar pode ser compreendido como “tornar móvel, maleável, fluido” (Mosé, 2018, p. 13). A malha de conceitos, avaliações e juízos, que a cultura ocidental tem como fundamento de seus pensamentos filosófico, moral, religioso, político e científico, enreda a todos “na ficção de que exista alguma coisa irredutível,

¹³⁴O psicanalista Jacques Lacan, em diversos de seus seminários, em especial o do ano de 1957-58, intitulado *As formações do inconsciente* (1999), ensina que os sonhos e os sintomas neuróticos são formações metafóricas das pulsões. Estas, por não encontrarem caminhos diretos de satisfação, muitas vezes, se arranjam em dor e sofrimento, como verdadeiras obras de arte do inconsciente. Por isso, um sujeito em análise, pela fala, pode criar novas metáforas, rearranjar criativamente sua linguagem e diminuir, assim, seu sofrimento psíquico e vivencial.

imutável, única, idêntica a si mesma, e esta coisa é o ser, a essência, a verdade” (Mosé, 2018, p. 13).

Para o autor d’*A Gaia Ciência* (1882, 1887) a história do conhecimento, na cultura ocidental, conforme elucida Viviane Mosé (2018), é a história da negação do corpo, da substituição do valor da vida pelo valor da ideia. Devido a um anseio psicológico por fundamento, a vontade de duração se insurge contra a mudança, que é própria do tempo e da vida. Assim, tanto o pensamento platônico e cristão quanto o moderno engendram a crença na essência, no ser e na verdade, por meio da lógica da identidade, produzida na linguagem. Desse modo:

Os valores que o projeto nietzscheano quer transvalorar dizem respeito, portanto, a um combate contra as avaliações produzidas pela cultura ocidental, através de uma crítica da moral, da ciência, da arte, mas, antes de tudo, implica uma crítica corrosiva da matriz de todos estes extratos civilizatórios, a linguagem. [...] Não somente através de recursos poéticos e literários, como o aforismo, a paródia, mas em seus conceitos-bomba, como vontade de potência e eterno retorno, Nietzsche estabeleceu sua escritura. O que os conceitos nietzscheanos afirmam, em última instância, é uma única e mesma coisa: o caráter ficcional e estético de todo conceito (Mosé, 2018, p. 14).

Em sua autobiografia, intitulada *Ecce homo*: como alguém se torna o que é, escrita de outubro a novembro de 1888, Nietzsche afirma:

Derrubar ídolos (minha palavra para ‘ideais’) – isto sim é meu ofício. A realidade foi despojada de seu valor, seu sentido, sua veracidade, na medida em que se *forjou* um mundo ideal... O ‘mundo verdadeiro’ é o ‘mundo aparente’ – leia-se: o mundo *forjado* e a realidade. A mentira do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade (Nietzsche, [1888] 2008, p. 15, grifos do autor).

Com a assinatura de um médico – e psicólogo – da cultura moderna europeia, que Nietzsche gostava de apresentar seus diagnósticos sobre a decadência dos valores presentes na história da filosofia ocidental, no pensamento ético, político e científico moderno, bem como na cultura e na arte europeia de seu tempo. O seu diagnóstico aponta para um veneno: a separação entre *mundo imutável*, de ideias eternas, considerado verdadeiro; e *mundo aparente*, mutável, considerado ilusório. Nietzsche denuncia essa divisão como um envenenamento que enfraquece a vida.

De acordo com Márcio José Silveira Lima (2010, p. 6), Nietzsche recusa a concepção de verdade “como certeza e fundamento para o conhecimento.” O ensaio intitulado *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* (1873) foi escrito num período em que o autor

estava trabalhando numa investigação crítica acerca da linguagem. Nesse texto, ele demonstra que conceituar é igualar coisas não iguais. Por não suportar as impressões súbitas, as intuições, o ser humano universaliza suas impressões em conceitos. Metaforizar, para Nietzsche, é um processo intuitivo e pessoal. Porém, pela necessidade de viver coletivamente e estabelecer códigos comuns de comunicação, o bicho humano passou a dissolver nos conceitos as imagens metafóricas que produz. E por fazer isso habitualmente, por séculos, chegou, inconscientemente, a uma espécie de crença na verdade do conceito, passou a desenvolver um “sentimento da verdade” e acreditou, enfim, na equivalência entre as palavras e as coisas (Nietzsche, [1873] 1974, p. 57). Nesse sentido:

O que é uma palavra? A figuração de um estímulo nervoso em sons. [...] Um estímulo nervoso primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em som! Segunda metáfora. [...] Acreditamos saber algo das coisas mesmas, quando falamos de árvores, cores, neve e flores, e no entanto não possuímos nada mais do que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem (Nietzsche, [1873] 1974, p. 55).

Nietzsche, portanto, queima a equivalência entre as palavras e as coisas, incendeia a noção de verdade essencial das ideias. Michel Foucault, em *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* ([1966] 2016, p. 420), diz que Nietzsche foi o primeiro pensador “a aproximar a tarefa filosófica de uma reflexão radical sobre a linguagem.” Assim:

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moeda (Nietzsche, [1873] 1974, p. 56).

Equivoca-se quem pensa que Nietzsche realiza sua pesquisa sobre a linguagem apenas a serviço de sua crítica às ideias essenciais e à crença na verdade do conceito. Em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* (1873), além da crítica, ele faz um elogio à arte e ao mito, por possibilitarem que o impulso fundamental do intelecto humano – criar metáforas, metonímias e fábulas – encontre um terreno em que possa construir e se libertar. No *Sítio do Picapau Amarelo* – arte literária de Monteiro Lobato – observamos uma passagem expressiva da ressonância entre os dois autores, no que tange à abordagem filosófica dos temas da linguagem e da verdade. Assim falou a filósofa *Emília* sobre o que é a verdade:

Dona Benta espantou-se de que uma simples bonequinha de pano andasse com ideias tão filosóficas. – Acho graça nisso de você falar em verdade e

mentira como se realmente soubesse o que é uma coisa e outra. Até Jesus Cristo não teve ânimo de dizer o que era a verdade. Quando Pôncio Pilatos lhe perguntou: ‘Que é a verdade?’ ele, que era Cristo, achou melhor calar-se. Não deu resposta. – Pois eu sei! – gritou Emília. – Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso (Lobato, [1936] 1984f, p. 8).

Emília define a verdade como se estivesse apresentando uma síntese do texto *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* (1873), de Nietzsche. Silviano Santiago (1978), ao tratar do entre-lugar do discurso latino-americano, ajuda-nos a compreender a recepção do pensamento nietzschiano por Lobato como uma apropriação, a qual demonstra a sensibilidade do leitor brasileiro. De acordo com Santiago (1978), um segundo texto, o do leitor, ao ser escrito, surpreende o primeiro texto, o que foi lido, na medida em que o desarticula e rearticula, de forma criativa, de acordo com intenções próprias. Nesse sentido:

O escritor latino-americano brinca com os signos de um outro escritor, de uma outra obra. As palavras do outro têm a particularidade de se apresentarem como objetos que fascinam seus olhos, seus dedos, e a escritura do segundo texto é em parte a história de uma experiência sensual com o signo estrangeiro (Santiago, [1978] 2000, p. 21).

Lobato demonstra ter se apropriado criativamente (Chartier, 2001; De Certeau, [1989] 1998), bem como ter brincado (Santiago, [1978] 2000) com o pensamento nietzschiano sobre linguagem e verdade. O escritor de Taubaté, assim como o filósofo alemão, compreende as verdades universais, sejam do campo da moral, da religião ou do conhecimento dogmático como nada além de “mentiras bem contadas” (Lobato, [1936] 1984f, p. 8).

Em um excerto da obra *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro* (1886), podemos observar a contundente crítica de Nietzsche dirigida aos filósofos dogmáticos, que estão presos a preconceitos morais – pré-juízos que ditam suas formulações – sem que eles percebam ou assumam. Em contraponto aos dogmáticos, Nietzsche apresenta a figura do *filósofo do futuro*, “a quem caberá criar novos valores, fora das amarras dogmáticas” (Silva Jr., 2016, p. 67). Desse modo, alerta o filósofo:

[...] poderia haver uma veracidade mais louvável no pequeno ponto de interrogação que colocarem depois de suas palavras de ordem e doutrinas favoritas (e ocasionalmente de si mesmos). [...] Mas quem se mostra disposto a ocupar-se de tais perigosos ‘talvezes’? Para isto será preciso esperar o advento de uma nova espécie de filósofos, que tenham gosto e pendor diversos, contrários aos daqueles que até agora existiram – filósofos do perigoso ‘talvez’ a todo custo (Nietzsche, [1886] 2005, p. 10 e 30).

Nietzsche mais uma vez se faz presente no *Sítio do Picapau Amarelo*, na obra *Memórias da Emília* (1936). Ao se autointitular filósofa e iniciar a escrita de seu livro de

memórias, a boneca pede ao seu secretário, o *Visconde de Sabugosa*, que lance no papel sinais gráficos, os quais expressem perguntas, dúvidas, incertezas, possibilidades de caminhos diversos. Assim, *Emília* dá o tom do antidogmatismo de seu pensamento filosófico. Deseja que sua escrita comece com pontos de interrogação, significando as indagações que ela faz a si mesma:

Emília pensou, pensou, e por fim disse: – Bote um ponto de interrogação; ou antes, bote vários pontos de interrogação. Bote seis... O Visconde abriu a boca. – Vamos, Visconde. Bote aí seis pontos de interrogação – insistiu a boneca. – Não vê que estou indecisa interrogando-me a mim mesma? E foi assim que as ‘Memórias da Marquesa de Rabicó’ principiaram dum modo absolutamente imprevisto (Lobato, [1936] 1984f, p. 10).

Consideramos, desse modo, *Emília*, uma *filósofa do futuro*, tendo em vista o que disse Nietzsche, em *Além do bem e do mal* ([1886] 2005, p. 44): “Serão novos amigos da ‘verdade’ esses filósofos vindouros? Muito provavelmente: pois até agora todos os filósofos amaram suas verdades. Mas com certeza não serão dogmáticos.” Assim, poderíamos dizer que *Emília*, boneca filósofa, na esteira de Nietzsche, brinca com a linguagem e acredita em suas verdades, sem perder de vista que se tratam de invenções estéticas metafóricas. Isso posto, existiriam então formas dogmáticas e não dogmáticas de lidar com o conhecimento e com a verdade?

Vejamos como essas questões aparecem, mais uma vez, no *Sítio do Picapau Amarelo*, por meio da tensão entre dois personagens: *Emília* e *Visconde de Sabugosa*. O Visconde surge em uma das primeiras histórias de *Reinações de Narizinho* (1931), feito de sabugo de milho, por *Pedrinho*, com o objetivo de se apresentar como um distinto cavalheiro, pai do *Marquês de Rabicó*, e oficializar o pedido de casamento à *Emília*. Passada a brincadeira, o boneco foi deixado na estante de livros de *Dona Benta* até outra reinação das crianças. Após tirá-lo da prateleira, *Narizinho* comenta:

– Este Senhor Visconde – acrescentou a menina – está mudando de gênio. Depois que caiu atrás da estante de vovó e lá ficou esquecido três semanas, embolorou e deu para sábio. Parece que os livros pegaram ciência nele. Fala difícil! É só física pr’aqui, química pr’ali... (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 99).

O *Visconde de Sabugosa* gostava de morar entre dicionários, enciclopédias e outros livros de *Dona Benta*, a fim de estudar vários tipos de disciplinas científicas, como Física e Química, por exemplo, além de Filologia e Etimologia. Numa ocasião, o boneco passou mal e foi preciso que o *Doutor Caramujo*, o curador de todas as doenças, fosse chamado às pressas

lá no *Reino das Águas Claras* para vir até o *Sítio* e acudir o *Visconde*.¹³⁵ A menina *Lúcia* explica:

O nosso Visconde já andava meio maluco com as suas manias de sábio. Ficou tão científico, que ninguém mais o entendia. Só falava em latim, imagine! [...] passava a maior parte do tempo lendo, lendo que não acabava mais – e tanto leu que empanturrou. [...] O médico dirigiu-se para a lata do Visconde, examinou-o e franziu a testa. – Hum! O caso é dos mais graves. Tenho de operá-lo imediatamente. Sua Excelência está empanturrado de álgebra e outras ciências empanturrantes (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 124 e 223).

O *Doutor Caramujo* fez a cirurgia e retirou do *Sabugo* as *tranqueiras científicas* que o estavam empanturrando. Recomendou repouso de três dias e, depois, passeios pelo campo, banhos de sol, e que não deixassem livros de álgebra perto dele, *para evitar recaída*. *Narizinho* ficou admirada ao ver num pequeno balde “a maçaroca de sinais algébricos, misturados com ‘senos’ e co-senos’ e ‘logaritmos’”. [...] Eu bem digo que é muito perigoso ler certos livros. Os únicos que não fazem mal são os que têm diálogos e figuras engraçadas” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 224-225).

A partir da recepção de Nietzsche por Lobato, em relação ao tema do conhecimento, podemos interpretar o personagem *Visconde de Sabugosa* como representação do dogmatismo *embolorado* e a personagem *Emília* como aquela que se orienta por si mesma e arrisca experimentações para conhecer por meio de suas vivências. O pesquisador Fernando Teixeira Luiz (2009) aponta ser frequente, nas tramas do *Sítio do Picapau Amarelo*, um antagonismo entre o *Visconde de Sabugosa* e a *Emília*. De acordo com o argumento interpretativo de André Muniz de Moura, em *Lobato, leitor de Nietzsche* (2000), a dupla de personagens evocam as figuras de *Apolo* e de *Dionísio*. Nesse sentido, comenta Luiz (2009):

Apolo é o deus da ordem e da medida, da norma estabelecida, da tradição, da concórdia. Dionísio é o mensageiro de novos ciclos, aquele que prega o direito individual e permite a realização de todas as fantasias secretas. Com efeito, predominam características apolíneas no comportamento de Visconde. Já Emília, dada a sua impulsividade, aproximar-se-ia de uma essência dionisiaca, embora tanto a boneca quanto o sabugo não se fixem, de modo conclusivo, estático e definitivo nessas categorias (Luiz, 2009, p. 281).

Os personagens mitológicos *Apolo* e *Dionísio* são utilizados por Nietzsche em seu texto de juventude intitulado *O nascimento da tragédia*, publicado em 1872. Filólogo de

¹³⁵Desde a história inaugural da saga, *Narizinho* passeia pelo *Reino das Águas Claras*, um lugar encantado que ela acessa ao brincar na beira de um riacho do *Sítio*. Os personagens de *Águas Claras*, como o *Príncipe Escamado*, *Dona Aracne* e *Doutor Caramujo*, dentre outros, visitam o *Sítio* também e participam das peripécias, de modo que se misturam as representações da fantasia e da realidade.

formação, professor de filologia clássica na Universidade da Basileia, na Suíça, entre os anos de 1869 a 1879, desde seus primeiros escritos, subverteu o que estava estabelecido, surpreendendo e gerando mal entendidos em todos os que não tinham horizontes tão amplos quanto os dele (Machado, 2005). Roberto Machado (2005), ao comentar por que esse texto de Nietzsche causou celeuma entre seus colegas filólogos, afirma:

Essa recusa do estilo filológico significa duas coisas: primeiro, em vez de escrever de maneira seca e morta, subjugada pela lógica, fazer uma exposição rigorosa das provas, de forma agradável e elegante, evitando a gravidade, o pedantismo, a tradição ostentatória, cheia de citações, que caracteriza a filologia. [...] Segundo, significa criar um estilo que seja capaz de situar os fatos em um horizonte mais amplo, mais abrangente (Machado, 2005, p. 13).

De acordo com Márcio José Silveira Lima (2016, p. 38), *O nascimento da tragédia* apresenta uma tese inovadora: “a de que a cultura grega antiga não está alicerçada apenas sobre os preceitos apolíneos da bela forma, mas também foi fecundada pelo ímpeto dionisíaco da desmesura.” Esse argumento nietzschiano causou polêmica, posto que afirmava que tanto os impulsos dionisíacos quanto os apolíneos seriam importantes para um contínuo desenvolvimento da arte. A tragédia antiga é apresentada por Nietzsche como uma forma artística em que esses dois impulsos estão em parceria, numa dança criativa. Em contrapartida, o jovem filólogo já apresenta nesse livro, de 1872, um dos pilares que se sustentará em sua filosofia madura: “À grandeza da cultura cujo ápice foi a tragédia grega segue-se a civilização racionalista socrática, marcada não mais pelo que era próprio da tragédia, isto é, a afirmação da vida; mas, ao contrário, por sua negação” (Lima, 2016, p. 41).

Sócrates aparece então na filosofia do jovem Nietzsche como um personagem que representa o desarranjo dos impulsos apolíneos e dionisíacos, que davam força a uma *concepção trágica do mundo* na cultura grega. A partir do pensamento teórico socrático, Dionísio, o inconsciente, a incerteza e a alegria trágica são expulsas do teatro, da cultura e da vida, devendo tudo ser racionalmente explicado, a partir do domínio das ilusões da certeza e da verdade. Mas, engana-se quem pensa que é a força apolínea que rege a *concepção teórica do mundo*. Para Nietzsche, Dionísio e Apolo são mutuamente expulsos quando uma *cultura artística* deixa de acolher o velado e passa a querer tudo conhecer, adoecendo na forma de uma *cultura teórica*. Isso é demonstrado por Wilson Frezzatti Jr., em *O Sócrates de O nascimento da tragédia*: o início e a transmutação da cultura teórica (2021), nos seguintes termos: “É importante perceber que Sócrates não representa o apolíneo contra o dionisíaco, mas o teórico e o moral contra o trágico” (Frezzatti Jr., 2017, p. 119). Em *Ecce homo*: como

alguém se torna o que é (1888), afirma o filósofo que o pensamento socrático “não é apolíneo nem dionisiaco; [ele] nega todos os valores *estéticos*” (Nietzsche, [1888] 2008, p. 60, grifo do autor).

Isso posto, nossa interpretação difere da apresentada por Moura (2000) e por Luiz (2009) quanto ao boneco de milho, tendo em vista que consideramos *Visconde de Sabugosa* um cientista racionalista; não representando, portanto, a partir da filosofia do jovem Nietzsche, a força estética apolínea, mas, sim a decadência socrático-teórica. O conhecimento do *sabuguinho científico* é sistemático e dogmático, pautado na acumulação livresca da estante, na qual ele embolora e empanturra, ao absorver e replicar apenas as velhas formas e fórmulas do saber.¹³⁶

Considerando a leitura de Nietzsche realizada por Lobato, a partir do que este diz no balanço intelectual final de sua vida, as *Confissões Ingênuas* ([1944-1946] 1959i, p. 221-225), podemos afirmar que *Emília* representa a “liberdade mental e moral” que o escritor paulista diz ter recebido do filósofo alemão. No que tange ao conhecimento, Lobato apresenta uma *concepção trágica*¹³⁷ – assim como Nietzsche – e não *teórica*. O escritor afirma que foi o criador de *Zaratustra* que o ajudou a desenvolver um *feto de ideia* sobre o aperfeiçoamento intelectual. Esse *aperfeiçoamento* é entendido por Lobato como um processo inconsciente que, ao contrário de ser um *vestir-se* de conhecimentos, consiste em *despir-se*, num ato de *descascar* a alma, a fim de libertá-la. Nesse sentido, escreveu ao amigo Rangel, em 2 de junho de 1904:

Nietzsche me desenvolveu um velho feto de ideia. [...] O aperfeiçoamento intelectual, que na aparência é um fenômeno de agregação consciente, é no fundo o contrário disso: é desagregação inconsciente. Um homem aperfeiçoa-se descascando-se das milenarias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n’alma. [...] ‘Desagregação inconsciente’, eu disse, porque é inconscientemente que vamos, no decurso de nossa vida, adquirindo, ou, antes, colhendo as coisas novas – ideias e sensações – que o estudo ou a observação nos deparam (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 57).

A boneca de pano, que conhece por intuição e experimentação, apresenta-se como exceção, descascada das milenarias gafeiras que a tradição acumula na alma (Lobato, [1944]

¹³⁶Em carta ao amigo Rangel, de 1 de fevereiro de 1943, escreveu Lobato: “Já o Visconde de Sabugosa é um *raté*. Tentou várias evoluções e sempre ‘regrediu’ ao que substancialmente é: um sábio. Um sábio é coisa cômoda, espécie de microfone: não tem, não precisa ter personalidade muito bem definida. Todos os esforços que o visconde fez para mudar de personalidade falharam – e hoje resigno-me a vê-lo como começou: um ‘sabinho’ que sabe tudo” (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 343, grifo do autor).

¹³⁷“O *pathos* trágico como afirmação da vida e de sua finitude, como reconhecimento que cada um de nós mesmos deve dar significado à existência. Esse significado não existe previamente, não está dado nem está posto por algum deus, pela natureza, pela filosofia, pela ciência, etc.” (Frezzatti Jr., 2017, p. 122).

1959, v. 1, p. 57). O boneco de milho conhece por agregação consciente, empanzinando-se. Concordamos com Moura (2000) e Luiz (2009) apenas no aspecto da interpretação de que *Emília* expressa a filosofia de Nietzsche, enquanto o *Visconde de Sabugosa* representa “o pensamento científico positivista de Augusto Comte, em conjunto com as ideias sistemáticas de Herbert Spencer” (Luiz, 2009, p. 281). Não obstante, destacamos que Monteiro Lobato rejeita Comte e Spencer em favor da confiança em seu próprio pensamento, que Nietzsche ensinou-o a conquistar. Nesse sentido, afirma o escritor, alguns anos antes de sua morte:

Não era Augusto Comte o que eu procurava. Convenci-me logo às primeiras leituras. [...] Refugado o positivismo, pus-me a estudar comigo mesmo e a fazer a coisa mais difícil de todas: pensar. [...] Por algum tempo acomodei-me na arquitetura de Herbert Spencer, mas, sem adesão incondicional. Ainda não era bem o que eu queria. [...] O que naquela ânsia através das filosofias eu procurava era eu mesmo – e só Nietzsche me contou que era assim. [...] Nietzsche foi de fato o meu sabão. Limpou-me de todas as gafeiras mentais e morais (Lobato, [1944-1946] 1959i, p. 222-223).

Diante do exposto, consideramos o *Sítio do Picapau Amarelo* uma obra artística em que os impulsos criativos – dionisíacos e apolíneos – se fazem presentes, assim como o jovem Nietzsche argumentou quanto à exuberância estética da tragédia clássica, anterior ao declínio socrático da cultura grega. As forças dionisíacas de *Emília* compõem-se com as forças apolíneas da *gaia ciência* de *Dona Benta*. É a vovó que ilumina o *Sítio* com o conhecimento solar da sabedoria apolínea; não o *Visconde*.¹³⁸

Para sustentar nosso argumento interpretativo, apresentamos uma emblemática passagem de *Aritmética da Emília* (1935). Enquanto o sabugo de milho deixava a todos enfadados, com suas longas explanações sobre matemática, *Emília* aprontava reinações, criticava ou bocejava de tédio. Numa dessas, a vovó intervém: “– Chega por hoje – Quem quer aprender demais acaba não aprendendo nada. Estudo é como comida: tem de ser a conta certa, nem mais, nem menos. Quem come demais tem indigestão. Amanhã o Senhor Visconde

¹³⁸“O apolíneo é o princípio de individuação, um processo de criação do indivíduo, que se realiza como uma experiência da medida e da consciência de si. E se Nietzsche dá a esse processo o nome de apolíneo é porque, para ele, Apolo – deus da beleza, cujos lemas são ‘Conhece-te a ti mesmo’ e ‘Nada em demasia’ – é a imagem divina do princípio de individuação. [...] Já o dionisíaco, tal como se dá no culto das bacantes – cortejos orgiásticos de mulheres, vindas da Ásia, que, em transe coletivo, dançando, cantando e tocando tamborins, nas montanhas, à noite, em honra de Dioniso, invadiram a Grécia –, em vez de um processo de individuação, é uma experiência de reconciliação das pessoas umas com as outras e com a natureza, uma harmonia universal e um sentimento místico de unidade. [...] Ao mesmo tempo, o dionisíaco significa o abandono dos preceitos apolíneos da medida e da consciência de si. Em vez de medida, delimitação, calma, tranquilidade, serenidade apolíneas, o que se manifesta na experiência dionisíaca é a *hybris*, a desmesura, a desmedida. Do mesmo modo, em vez da consciência de si apolínea, o dionisíaco produz a desintegração do eu, a abolição da subjetividade, o entusiasmo, o enfeitiçamento, o abandono ao êxtase divino, à loucura mística do deus da possessão” (Machado, 2005a, p. 177-178).

continuará o espetáculo” (Lobato, [1935] 1984m, p. 227). Afinal, o lema apolíneo é “nada em demasia.”

Com a criança *Emília* e a velha *Benta*, no *Sítio do Picapau Amarelo*, Lobato expressa a visão nietzschiana de *O nascimento da tragédia* (1872), quanto à parceria entre os impulsos dionisiacos e apolíneos para a criação estética, bem como realiza, por meio das personagens, a harmonia entre seus valores máximos: arte e ciência. Isso sem abrir mão da crítica aos intelectuais *letrados*, aos filósofos sistemáticos, aos educadores tradicionais e aos *bolores* do cientificismo, representados por *Visconde de Sabugosa*.

Monteiro Lobato, durante toda a sua vida, valorizou a arte e a ciência em composição conjunta, assim como o jovem Nietzsche. Nesse sentido, Márcio Benchimol, em *Apolo e Dionísio: arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche* (2002), elucida que o filósofo alemão, em seus escritos de juventude, considera a linguagem da ciência válida como forma de expressão; porém, não como um fundamento da verdade sobre o real. Assim, “o pensamento científico passa então a valer, não como meio de conhecimento da realidade, mas sim como meio de expressão de conhecimentos alcançados através da intuição” (Benchimol, 2002, p. 45). A força cultural da arte trágica, anterior ao declínio teórico, provinha dessa combinação. Em *O nascimento da tragédia* (1872), afirma o filósofo:

Desse modo, a complicada relação entre o apolíneo e o dionisiaco na tragédia poderia realmente ser simbolizada numa aliança fraterna das duas divindades: Dionísio fala a linguagem de Apolo, e Apolo, por fim, fala a linguagem de Dionísio – o objetivo supremo da tragédia e da arte é então alcançado (Nietzsche, [1872] 2020, p. 118).

O *Visconde de Sabugosa* empanaturrou-se, ao decorar teorias e teoremas. O racionalismo dogmático – além de fazer declinar as forças artísticas de uma cultura – empanzina, sobrecarrega a memória, impede a digestão, põe em risco a vida. Nietzsche, em sua *Genealogia da Moral: uma polêmica* (1887), faz uso da metáfora do dispéptico para se referir aos que não dão conta de esquecer ativamente e, com isso, produzir “jovialidade, esperança, orgulho” (Nietzsche, [1887] 2009, p. 43). Nesse sentido, “o homem no qual esse aparelho inibidor é danificado e deixa de funcionar pode ser comparado (e não só comparado) a um dispéptico – de nada consegue ‘dar conta’... (Nietzsche, [1887] 2009, p. 43, grifos do autor).

No *Sítio do Picapau Amarelo* pulsa uma literatura afirmativa da vida. Lobato faz com que seus personagens dancem, em diversas transmutações. Na última aventura da saga do

Sítio, Os doze trabalhos de Hércules (1944), o boneco de milho, numa visita à Grécia, torna-se o herói de uma festividade dionisíaca:

Na praça principal da aldeia todo o povo estava reunido para assistir ao desfile duma procissão cômica. Na frente vinha um bode enfeitado de flores e coroas; a seguir dançarinos e músicos tocando flautas e cítaras. E uns cantavam e pulavam. E havia os que gritavam como que tomados de delírio. Depois a procissão parou diante dum tablado tosco onde estava sendo levada uma representação teatral muito cômica. Mas tudo no maior entusiasmo. [...] O Visconde assanhou-se e resolveu tomar parte na representação. Galgando o tablado, pôs-se também a pular, dançar e cantar. E como todos achassem muita graça naquela esquisitíssima aranha de cartola, tornou-se o herói da festa. Depois deram-lhe um gole de vinho. O Visconde bebeu de um trago – e começou a ‘exceder-se’. Fez coisas de matar de vergonha Dona Benta e Tia Nastácia, se elas soubessem. – Quem o viu e quem o vê! – exclamou Pedrinho. – O nosso Visconde, que era tão grave e sisudo, está agora um perfeito malandro. Até bebe... (Lobato, [1944] 1984, v. 1, p. 222).

No dia seguinte, o *Visconde* seguiu compartilhando com os viajantes do *Picapau Amarelo* seus conhecimentos sobre mitologia e história dos helenos. “Apesar de sua ressaca, o sabuguinho ainda estava funcionando muito bem” (Lobato, [1944] 1984, v. 1, p. 223).

Outro interessante tensionamento entre opostos que observamos, no que tange ao tema do conhecimento, no *Sítio do Picapau Amarelo*, é o que ocorre no livro *O Saci*, entre os personagens *Pedrinho* e *Saci*. Nessa história, publicada por Lobato no ano de 1921, o *Saci* apresenta seus saberes sobre as plantas e os animais da floresta. Além disso, mostra a *Pedrinho* – e aos leitores – os animais típicos da fauna brasileira, como a onça, a sucuri e a cascavel, e também personagens folclóricos: *Caipora*, *Cuca*, *Iara*, *Boitatá*, *Negrinho do Pastoreio*, *Mula sem Cabeça*, *Lobisomem*, dentre outros. Os saberes do *Saci* expressam um rompimento com a separação dicotômica entre natureza e cultura, assim como essa divisão é criticada também na filosofia de Nietzsche. De acordo com Scarlett Marton (1990, p. 64), há, para Nietzsche, “uma inter-relação entre natureza e cultura.” *Saci* valoriza os instintos como forma de conhecimento, tanto no que se refere à vida na floresta quanto ao universo dos seres encantados.

O livro é recheado de discussões filosóficas, nas quais há um debate entre *Pedrinho*, defensor do conhecimento letrado, e *Saci*, que valoriza o saber instintivo. Camargo (2009, p. 93) comenta que “o *Saci* parece exprimir a visão pessimista de Lobato sobre o ‘bicho-homem’”. Numa dessas conversas:

– Bem consideradas as coisas, *Pedrinho*, parece que não há animal mais estúpido e lerdo para aprender do que o homem, não acha? O orgulho do menino ofendeu-se com aquela observação. Um miserável saci a fazer

pouco-caso do rei dos animais! Era só o que faltava... – O que você está dizendo – replicou Pedrinho – é tolice pura sem mistura. O homem é o rei dos animais. Só o homem tem inteligência. Só ele sabe construir casas de todo jeito, e máquinas, pontes, e aeroplanos, e tudo quanto há. Ah, o homem! Você não sabe o que o homem é, saci! Era preciso que tivesse lido os livros que eu li em casa da vovó. O saci deu uma gargalhada. – Que gabolice! – exclamou. – Casas? Qual é o bichinho que não constrói sua casa na perfeição? Veja a das abelhas ou das formigas, ou os casulos. Poderão existir habitações mais perfeitas? Todos aqui na mata moram. Cada um inventa o seu jeito de morar. [...] – Sim – continuou Pedrinho – mas nós sabemos ler e vocês não sabem. – Ler! E para que serve ler? Se o homem é a mais boba de todas as criaturas, de que adianta saber ler? Que é ler? Ler é um jeito de saber o que os outros pensaram. Mas que adianta a um bobo saber o que outro bobo pensou? (Lobato, [1921] 1984d, p. 182-184).

Nesse debate, podemos ver o antropocentrismo ser alvejado pelo escritor, na voz do *Saci*. Já no que tange ao progresso, o escritor paulista apresenta-se ambivalente. Ora vemos uma posição crítica, principalmente em razão das guerras, ora vemos uma postura otimista, quando o assunto é a criança e a renovação da educação. O historiador André Luiz Vieira de Campos, em sua pesquisa *A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato* (1986), aponta que em *O poço do Visconde* (1937), o criador do *Sítio* demonstra entusiasmo com o progresso que seria gerado pela riqueza do petróleo nacional. Em contrapartida, no ano de 1942, quando publica *A chave do tamanho*, abordando o tema da Segunda Guerra Mundial, sua visão se modifica, tornando-se pessimista em relação ao progresso e à civilização moderna.

Quanto a isso, no livro *O Minotauro* (1939) a aventura se dá com os *picapauzinhos* desbravando a Grécia. Porém, ao chegarem lá, ficam decepcionados com o movimento urbano moderno. Sendo assim, regressam no tempo em duas turmas, *Dona Benta* e *Narizinho* ficam hospedadas na casa de Péricles, no século V a.C., protagonizando a primeira parte, com muita conversa sobre a história da filosofia. Na segunda parte, *Emília*, *Pedrinho* e *Visconde* viajam para o século XV a.C., a fim de resgatar *Tia Nastácia*, que havia sido sequestrada pelo monstro *Minotauro* e estava presa no labirinto desde o livro anterior – *O Picapau Amarelo* (1939). De acordo com a pesquisadora Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira, em seu ensaio intitulado *No centro do labirinto: o papel do leitor na obra O Minotauro*, Lobato resgata valores da antiguidade para fazer um movimento comparativo com os valores da modernidade. Há um elogio ao século de Péricles, pela organização político-social e pelo esplendor da arte e da cultura atenienses. O escritor apresenta uma crítica à aceleração urbana moderna, nos seguintes termos:

– Que diferença, vovó! – disse Pedrinho. – Lá nas cidades modernas a gente anda com o coração nas mãos, porque esbarra num, recebe um tranco de

outro; e se vamos atravessar uma rua, dez automóveis fedorentos precipitam-se para nos esmagar. Aqui este sossego. Que maravilha! Agora compreendo por que esta gente pensou tantas coisas bonitas – é que não vivia atropelada, como nós, pelas horríveis máquinas que o demônio do progresso inventou. Narizinho pensava a mesma coisa. [...] – Que pena o tal progresso do mundo... (Lobato, [1939] 1984j, p. 115).

Considerando a força da recepção da filosofia de Nietzsche por Monteiro Lobato, percebemos a ressonância entre os pensamentos dos dois autores, no sentido da crítica à modernidade. Nesse sentido:

Nietzsche não acredita em nenhuma forma de progresso do homem, seja no progresso da humanidade como um todo, seja na evolução da espécie humana. O século XIX não é um progresso em relação ao século XVIII e o homem não é um progresso em relação ao animal (Frezzatti Jr., 2016, p. 347).

Em *O Anticristo*: maldição ao cristianismo (1888), o filósofo diz:

A humanidade *não* representa um desenvolvimento para melhor ou mais forte ou mais elevado, do modo como hoje se acredita. O ‘progresso’ é apenas uma ideia moderna, ou seja, uma ideia errada. O europeu de hoje permanece, em seu valor, muito abaixo do europeu da Renascença; mais desenvolvimento *não* significa absolutamente, por alguma necessidade, elevação, aumento, fortalecimento (Nietzsche, [1888] 2016, p. 11, grifos do autor).

Sabemos que Monteiro Lobato leu a passagem acima, tendo em vista que um dos livros de Nietzsche que traduziu foi *O Anticristo* (1888).¹³⁹ Sua crítica ao progresso, como vimos, não se deu apenas nas obras finais do *Sítio*, diante do contexto da Segunda Guerra Mundial. Percebemos que essa reflexão está presente em Lobato desde a obra *O Saci*, de 1921. Também em *Mundo da lua e miscelânea* (1923-1946), seu livro com fragmentos extraídos de um diário de juventude, pequenas crônicas e reflexões em prosa, o literato martela, revelando sua leitura de Nietzsche:

O homem é naturofobo. Isso explica o que chamamos progresso. Enquanto na vida orgânica a evolução dos seres se opera em harmonia com as leis naturais, no *Homo* essa evolução derrapa, desviando-se delas, arrastando-se por estranhos caminhos. [...] Uma de suas consequências é a convicção de que o progresso é movimento com rumo à perfeição (ideia platônica sem correspondência no mundo das realidades), quando o progresso significa apenas complicação (Lobato, [1923-1946] 1959g, p. 38).

Tomando o trecho acima como chave de compreensão para o debate filosófico sustentado em *O Saci* (1921), podemos perceber que a tensão entre as visões de conhecimento

¹³⁹Na carta ao amigo Rangel, datada de 30 de julho de 1910, Lobato diz: “[...] talvez publique a minha tradução do *Anticristo* do Nietzsche, para a qual já tenho editor. Depende duma correção final do manuscrito” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 292).

de *Pedrinho* – o livresco – e de *Saci* – o dos instintos – se faz presente na obra do escritor. Sua crítica – que é evidente quanto ao dogmatismo no conhecimento letrado, tendo em vista que uma leitura passiva, sem seleção, sem pensamento próprio, não tem defesa nos valores de Lobato – também se estende como crítica à visão sobre o progresso humano.

Vale ressaltar que, ao mirar contra a noção moderna de progresso, Nietzsche diagnostica o enfraquecimento da vida e da cultura que essa ideia provoca. Ele não abre mão de apostar no fortalecimento da vida e na superação da condição decadente do ser humano, por meio de uma transvaloração de todos os valores. O *Saci* de Lobato, com seu pito na boca e toca vermelha, porta também um martelinho filosófico, ao fazer a crítica – bem nietzscheana! – à ilusão de superioridade que o homem tem em relação aos outros animais, como se possuísse uma essência superior, acima da natureza.

O *Saci* lança sua gargalhada a *Pedrinho*, afirmando ser o homem “o animal mais estúpido e lerdo para aprender” e, no final da história, revela ao menino o que ele chama de “segredo dos segredos: [...] dentro de cada criatura, bichinho ou plantinha, há uma força que a empurra para a frente. Essa força é a Vida” (Lobato, [1921] 1984d, p. 193).

Na visão lobatiana da vida, apresentada em *O Saci* (1921), como uma força que impulsiona plantas e bichinhos a irem para a frente, notamos ressonâncias do pensamento de Nietzsche. Scarlett Marton (2016a, p. 423) explica que, em *Assim falou Zaratustra* (1883), o filósofo concebe a vida como *vontade de potência*: “Ela é própria não unicamente do homem, mas de todo ser vivo, mais ainda: exerce-se nos órgãos, tecidos e células, nos numerosos seres vivos microscópicos que constituem o organismo.” Nesse sentido, a vida, para Nietzsche não é uma força de conservação; mas, sim, um impulso de superação, que se exerce numa luta entre forças que desejam dominar umas às outras.

Ler a obra *O Saci* (1921), de Monteiro Lobato, na perspectiva da recepção da filosofia de Nietzsche, também nos remete ao reconhecimento da presença da crítica à oposição civilizado *versus* selvagem. No pensamento nietzschiano, o homem civilizado, racionalista, enfraquece a si mesmo, por se afastar dos instintos. “Um instinto fica debilitado quando racionaliza a si mesmo: pois, ao racionalizar a si mesmo se debilita” (Nietzsche, [1888] 2016a, p. 34, grifo do autor). Isso implica na decadência das forças da vida, tanto na cultura de uma sociedade quanto no indivíduo. Nesse sentido, afirma Wilson Frezzatti Jr. (2016):

Para Nietzsche, *décadence* é a desagregação dos instintos (*Instinkte*), tanto do indivíduo quanto da cultura, os quais não podem mais encontrar

condições que propiciem o crescimento de potência. [...] A história da civilização europeia é, segundo Nietzsche, um movimento de *décadence* (Frezzatti Jr., 2016, p. 179).

Desse modo, podemos pensar o *Saci* como um personagem que convida ao retorno à natureza e à reagregação dos instintos, em consonância com o pensamento nietzschiano. *Pedrinho* representa a criança pertencente à elite letrada brasileira do início do século XX, confiante, portanto, no saber dos livros, otimista em relação aos valores da civilização e do progresso moderno. Mas, ele também procura, com temor e fascínio, aprender com o monstro *Saci* e conhecer o que este apresenta sobre o pensamento selvagem acerca da vida.¹⁴⁰ Aqui, há uma pergunta que podemos colocar: – Seria esse conhecimento, que pode superar o *civilizado* pela afirmação do *selvagem* – no sentido do pensamento que não se entrega à colonização –, uma característica da brasilidade expressa na obra de Monteiro Lobato?¹⁴¹

No contexto em que o escritor paulista publicou *O Saci* (1921), os artistas modernistas brasileiros estavam abordando, como uma de suas temáticas principais, o primitivismo, a fim de definir o que poderia ser uma arte verdadeiramente nacional. Desse modo:

O contato dos modernistas com os discursos primitivistas vindos da Europa, divulgados através da antropologia, da psicanálise, da filosofia e dos movimentos de vanguarda, fez com que os intelectuais brasileiros tivessem consciência de que a cultura e a arte nacional não eram inferiores à produção dos estrangeiros, mas digno elemento de exportação. [...] A importação cultural praticada nessa época conscientizou os artistas brasileiros de que a Europa percorria o mundo recolhendo elementos exóticos e selvagens que poderiam facilmente ser exportados por eles. Caberia, portanto, ao projeto modernista, resgatar os valores nacionais para divulgá-los em todo o mundo. [...] O primitivismo na arte brasileira tornou-se uma temática central nesse processo de definição do que é nacional ou estrangeiro (Bitarães Netto, 2004, p. 62-64).

Vale ressaltar que Nietzsche defende um retorno à natureza; porém, não aos moldes do bom selvagem, de Rousseau – “esse primeiro homem moderno, idealista” (Nietzsche, [1888] 2017, p. 81). Ainda nesse sentido, assevera o filósofo: “[...] também eu falo de ‘retorno à natureza’, embora não seja realmente um voltar, mas um *ascender* – à elevada, livre, até mesmo terrível natureza e naturalidade, uma tal que joga, *pode* jogar com grandes tarefas...” (Nietzsche, [1888] 2017, p. 81, grifos do autor).

¹⁴⁰“O ‘pensamento selvagem’ não é o pensamento dos ‘selvagens’ ou dos ‘primitivos’ (em oposição ao ‘pensamento ocidental’), mas o pensamento em estado selvagem, isto é, o pensamento humano em seu livre exercício, um exercício ainda não-domesticado em vista da obtenção de um rendimento” (Viveiros de Castro, 2009 *apud* Azevedo, 2012, p. 19).

¹⁴¹Indicamos a realização de pesquisa que possa enfrentar essa questão como problema, focada na obra *O Saci* (1921), considerando a recepção do pensamento de Nietzsche por Monteiro Lobato.

Considerando a leitura atenta que Monteiro Lobato fez da obra *Crepúsculo dos ídolos* ou Como se filosofa com o martelo (1888), a fim de traduzi-la, destaca-se também a presença da filosofia de Nietzsche no *Sítio do Picapau Amarelo*, a partir de mais uma conversa entre os personagens *Pedrinho* e *Saci*, quanto ao conhecimento pelos instintos:

– Realmente, saci! Estou vendo que aqui na mata sou um perfeito bobinho. Mas deixe estar que ainda ficarei tão sabido como você. – Sim, com o tempo e muita observação. Quem observa e estuda acaba sabendo. Aqui, porém, nós não precisamos estudar. Nascemos sabendo. Temos o instinto de tudo. Qualquer desses bichinhos que você vê, mal sai dos casulos e já se mostra espertíssimo, não precisando dos conselhos dos pais (Lobato, [1921] 1984d, p. 182).

Ao criticar a ideia de aperfeiçoamento moral humano pela racionalidade, em negação aos instintos, à natureza e ao corpo, Nietzsche (1888) martela:

[...] a racionalidade a todo custo, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, sem instinto, em resistência aos instintos, foi ela mesma uma doença, uma outra doença – e de modo algum um caminho de volta à ‘virtude’, à ‘saúde’, à felicidade... Ter de combater os instintos – eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida *ascende*, felicidade é igual a instinto (Nietzsche, [1888] 2017, p. 18, grifos do autor).

Assim como o *Saci*, Nietzsche utiliza do riso, da ironia e do sarcasmo, em seus debates filosóficos. Engana-se quem evita o filósofo por acreditar que encontrará nele uma escrita que mobiliza afetos de tristeza ou pessimismo. Ainda em *Ecce Homo*, diz: “– fiz da minha vontade de saúde, de vida, a minha filosofia... [...] o instinto de auto-restabelecimento proibiu-me uma filosofia da pobreza e do desânimo” (Nietzsche, [1888] 2016, p. 23). O riso, para ele, também é um operador filosófico, que pode nascer, inclusive, de períodos de intensa dor.¹⁴² Assim:

De tais abismos, de tal severa enfermidade, também da enfermidade da grave suspeita, voltamos renascidos, de pele mudada, mais suscetíveis, mais maldosos, com gosto mais sutil para a alegria, com língua mais delicada para todas as coisas boas, com sentidos mais risonhos, com uma segunda, mais perigosa inocência na alegria, ao mesmo tempo mais infantis e cem vezes mais refinados do que jamais fomos antes (Nietzsche, [1882] 2012, p. 14).

Giacioia (2000) afirma que o estilo de Nietzsche “resulta na combinação paradoxal de elementos antagônicos: sombra e luz, agonia e êxtase, gravidade e leveza” (Giacioia Jr., 2000, p. 7). O autor de *Zaratustra* faz do filosofar um exercício de libertação, na vida e na escrita. Para tal tarefa, foi criador de um estilo próprio. Avesso às padronizações, valorizou a atenção

¹⁴²Recomendamos a realização de pesquisa que se aprofunde no tema do riso como operador filosófico, a partir da obra literária de Monteiro Lobato, levando em conta sua recepção de Nietzsche.

às diferenças e aos detalhes, denunciou o peso da seriedade e do dogmatismo, e se fez adverso à igualdade entendida como uniformidade. Apesar de ter enfrentado as mais fortes angústias, ao adentrar nos labirintos da alma moderna, ele não abriu mão de tecer os fios que possibilitam saídas múltiplas e libertadoras aos que tiverem desejo de superar o seu tempo em si e de conquistar uma saúde criadora. Nesse sentido:

A despeito de sua visão sombria, Nietzsche tentou ser, ao mesmo tempo, um arauto de novas esperanças. Sua mensagem definitiva – a criação de novos valores, a instituição de novas metas para a aventura humana na história – é também um cântico de alegria (Giacoia Jr., 2000, p. 7).

Emília, a filósofa do futuro, assim como o *Saci* – e *Zaratustra* –, valorizam o conhecimento por vivências, pelos instintos e pelo riso; diferente da seriedade embolorada do dogmático *Visconde de Sabugosa*. Podemos pensar em *Emília* e *Saci* como demolidores de um grande ídolo moderno: o homem civilizado que acredita dominar a natureza. Em nossas análises, apostamos na interpretação que a literatura de Lobato dança com a filosofia de Nietzsche, por aquele ter escutado o som da canção entoada por este.

Como um atleta olímpico, Lobato acendeu sua tocha no fogo do autor de *Zaratustra*. A linguagem, para ambos, não era o campo da obediência, nem da verdade; mas, sim, da criação, da invenção. Lobato subverteu o campo da linguagem, do conhecimento e também batalhou contra o moralismo típico da literatura infantojuvenil que o precedeu.

Em 1921, Monteiro Lobato publicou o livro *Fábulas de Narizinho*, contendo vinte e nove fábulas, distribuídas em setenta e seis páginas, com ilustrações de Voltolino. Loide Souza (2009, p. 104) comenta: “Embora o livro de fábulas não tenha sido o primeiro da série, a fábula faz parte do projeto inicial de Lobato para a literatura infantil brasileira.” O escritor, no ano de 1916, ainda morando na fazenda *Buquira*, escreveu ao amigo *Rangel* sobre seu desejo de escrever para crianças:

Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. [...] Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta (Lobato, [1916] 1959, v. 2, p. 104).

Lobato expressou a *Rangel*, na carta acima, seu desejo de escrever fábulas à brasileira e também mexer nas moralidades. De acordo com Loide Souza (2009), a finalidade da fábula,

como gênero literário, é ilustrar, por meio de linguagem alegórica, lições de vida. “Ao longo dos séculos, foram inúmeros os fabulistas. Entre eles, pode-se destacar, por exemplo, Esopo (VI a.C., Grécia), Fedro e Bábrío (século I, Roma) e La Fontaine (século XVII, França)” (Souza, 2009, p. 105). O discurso alegórico das fábulas obriga o ouvinte (ou leitor) a compreender a narrativa e interpretá-la, do mesmo modo como se interpreta um enigma.

O projeto de abasileiramento das fábulas, encampado por Monteiro Lobato, implicava em fazê-las deixarem de ser “moitas de amoras do mato – espinhentas e impenetráveis” para as crianças brasileiras. Lobato estava se referindo à linguagem, posto que, como tradutor, valorizava a coloquialidade e, como escritor, procurou produzir sua literatura na língua portuguesa falada pelo povo brasileiro. Mas, o literato também estava se referindo à moralidade. Se as fábulas expressavam valores considerados universais, por que, então, as traduções de Esopo e de La Fontaine seriam tão espinhentas e impenetráveis para as crianças brasileiras?

O valor moral do trabalho, por exemplo, já vinha sendo representado e difundido pela *Fábula da Formiga* e da *Cigarra*, desde os tempos do escravo frígio Esopo (século VI a.C.) e, posteriormente, na França de La Fontaine (século XVII). Será que, para as crianças brasileiras, com as quais Lobato escreveu o *Sítio do Picapau Amarelo*, o valor da brincadeira e da alegria, para a formação cultural humana, seriam superiores ao valor do trabalho disciplinado e providente das formigas das fábulas estrangeiras?

Sérgio Buarque de Holanda, em *Visão do Paraíso* (1959), afirma que ainda havia, no século de La Fontaine, na França, uma busca, por alguns, de encontrar as regras, prescritas por Deus, para a boa conduta dos homens. Porém, a burguesia, em ascensão no período, valorizava as necessidades da vida terrena e cotidiana, na qual não há tempo para se voltar os olhos ao céu ou à natureza. Assim:

Os mesmos bichos que, a outros tinham servido para manifestar a razão divina, limitam-se agora a exprimir sentimentos e talvez ressentimentos humanos. [...] Não admira se, em muitas das peças de La Fontaine, um crítico moderno, que evocou esses símiles, pôde discernir um retrato moral da burguesia ascendente, cônica dos seus direitos e já preparada, em alguns casos, para os fazer valer a qualquer preço. A formiga, já o tinha notado Taine, é o animal burguês por excelência, de espírito claro e firme, prático, raciocinador e calculista, rude como um homem de negócios e incisivo como um advogado (Holanda, [1959] 2000, p. 270-271).

Em consonância com o que diz Holanda ([1959] 2000) sobre as fábulas, Nelly Novaes Coelho (2006) destaca que na literatura infantil tradicional, anterior a Monteiro Lobato, o

trabalho se apresentava como valor ideológico da burguesia. “Foi o burguês que, desde o Renascimento, se entregou ao trabalho com obstinação de fazer daquilo que era menosprezado pelos fidalgos a sua grande força de progresso, ascensão e poder” (Coelho, 2006, p. 20).

Ao analisar a interpretação que Holanda faz dos séculos XVI ao XVIII, em *Visão do Paraíso* (1959), Damião Duque de Farias (2024) faz um rastreamento dos indícios teóricos que permitem explicitar o vínculo de Holanda com o pensamento de Nietzsche. Nesse sentido:

Aparentemente, devido à citação explícita a Taine, o historiador francês poderia ser considerado a principal referência de Holanda relativa ao significado assimilado da revolução burguesa. No entanto, quem já teve oportunidade de conhecer a filosofia de Friedrich Nietzsche, certamente pensará como mais plausível ser o filósofo alemão subjacente às análises do brasileiro (Farias, 2024, p. 16-17).¹⁴³

Do modo como Farias (2024) demonstra as conexões entre Holanda e Nietzsche na interpretação dos *tempos modernos*, tendo Holanda utilizado as fábulas de Esopo e La Fontaine para ilustrar suas análises; a seguir, abordamos a recepção da filosofia de Nietzsche presente na literatura infantojuvenil de Monteiro Lobato, por meio da reescrita à brasileira da fábula *A Cigarra e a Formiga*.

Apesar da fábula *A Cigarra e a Formiga*, de Esopo, permitir várias possibilidades interpretativas, a partir de épocas e contextos culturais distintos, o valor do trabalho e da acumulação, em oposição à preguiça e à imprudência, parece ser a lição moral – universal – da fábula. Em suma, a história ocorre no inverno, quando a *Cigarra*, com fome e frio, por ter passado o verão a cantar, pede à *Formiga* que reparta com ela o alimento e lhe dê abrigo. A *Formiga*, então, responde à *Cigarra*, com ironia, negando ofertar ajuda: “ – Já que passou o verão a cantar, que passe o inverno a dançar” (Pinheiro, 2013, p. 142).

Monteiro Lobato inicia seu livro *Fábulas de Narizinho* (1921), alterando o conteúdo moral da célebre fábula *A Formiga e a Cigarra*, de Esopo (VI a.C.), amplamente divulgada por La Fontaine (XVII). Vejamos:

I - A formiga boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados,

¹⁴³In O “Além do Bem e do Mal” em Sérgio Buarque de Holanda/ Indícios da presença de Nietzsche em Visão do Paraíso de Sérgio Buarque de Holanda. 2024. Manuscrito disponibilizado pelo autor.

passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu - *tique, tique, tique...* Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina. – Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir. – Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu... A formiga olhou-a de alto a baixo. – E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa? A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse: – Eu cantava, bem sabe... – Ah... – exclamou a formiga recordando-se. – Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas? – Isso mesmo, era eu... – Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo. A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol (Lobato, [1921-1947] 1984c, p. 169-170).

Na intertextualidade com Esopo e La Fontaine, Lobato intitula assim sua fábula: *A cigarra e as formigas*. Ele a apresenta em duas partes: *I - A formiga boa* e *II - A formiga má*. Vejamos a segunda parte:

II - A formiga má

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta. Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo. A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse. Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo permitisse. Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres. – Que fazia você durante o bom tempo? – Eu... eu cantava!... – Cantava? Pois dance agora, vagabunda! – e fechou-lhe a porta no nariz. Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade.
(Lobato, [1921-1947] 1984c, p. 170-171).

Nietzsche – uma estridente *Cigarra* – tomou para si a tarefa de colocar em perspectiva histórica os valores morais. Em *Genealogia da moral* (1887), o filósofo questiona o valor da moral e apresenta sua crítica à crença na dimensão universal dos valores. No martelo do filósofo, a moral passou a enfrentar a pergunta: “Sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor ‘bom’ e ‘mau’? e que valor têm eles?” (Nietzsche, [1887] 2009, p. 9). O filósofo diz que sua educação histórica e filológica permitiu-lhe encontrar e arriscar respostas diversas a essas questões, ao procurar diferenciar épocas e povos. Mas, qual critério utilizar

para avaliar os valores? Nietzsche diz que a vida é o único critério, no sentido de seu fortalecimento ou depreciação. Ao continuar seu diagnóstico sobre os juízos morais, questiona:

Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? (Nietzsche, [1887] 2009, p. 9).

Vânia Dutra de Azeredo (2009) comenta o desmascaramento que o filósofo faz, com suas perguntas sobre “quem postula esse valor?”, “o que quer aquele que postula esse valor?” (Azeredo, 2009, p. 74). Por meio de sua análise histórica, Nietzsche mostra que os valores morais não são essências eternas e universais; pelo contrário, eles são invenções humanas, demasiado humanas.

Ao perceber que as valorações morais são sintomas de quem as produz, Nietzsche cria, em *Genealogia da Moral: uma polêmica* (1887), uma tipologia para designar duas morais: a moral nobre, a qual revela força e a moral escrava, que revela fraqueza. Quando a exuberância de vida cria valores, temos uma moral nobre, afirmativa. Em contraposição, o ressentimento é a força reativa, que engendra a moral escrava, e nega a vida em sua plenitude, multiplicidade e impermanência. Portanto, para a filosofia nietzschiana não há o bem em si, nem o mal em si. O que há são forças fortes, interpretando, criando valores que fortalecem a vida, e forças fracas, reativas, ressentidas, que depreciam a vida. Essas forças, em arranjos e desarranjos diversos, se fazem presentes em épocas, em povos e em indivíduos.

Ao realizarmos a leitura da fábula lobatiana *A cigarra e as formigas*, percebemos que o escritor também diagnostica, na esteira da *Genealogia da Moral* (1887), de Nietzsche, dois tipos de formiga. A *formiga boa* é forte, exuberante na alegria de ser quem é. Por isso, pode receber a *cigarra* e partilhar os frutos de seu trabalho. Por se avaliar como *boa*, ela avalia a *cigarra* como *boa* também, e ambas se tornam ainda mais quem elas são, com o valor de suas diferenças. Ela reconhece a importância da arte, da música, do canto da *cigarra*, como parte fundamental de seu fortalecimento para o trabalho. E a amizade se faz entre elas, o que produz mais saúde, mais alegria, mais vida a ambas, mesmo no mau tempo.

Em oposição, a *formiga má* sofre de inveja da *cigarra*. “Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres” (Lobato, [1921-1947] 1984c, p. 171). O ressentimento da *formiga má* a faz valorar a cigarra como *vagabunda*. Assim, ao considerar má a *cigarra*, como alguém que não trabalhou enquanto ela estava trabalhando, ela se avalia

como boa, sendo uma *formiga* trabalhadora e providente. Negando a diferença da *cigarra* cantora, a *formiga má* a deixa morrer, sem socorro.

Qual dos dois modos de ser *formiga* cria valores que afirmam a vida? Qual dos dois modos de ser *formiga* nega os valores da diferença, da arte, da amizade, da alegria e enfraquece a vida? Monteiro Lobato, leitor de Nietzsche, demonstra saber fazer um diagnóstico dos valores morais, a partir da vida como critério, portando a coragem necessária para cantar o som estridente da sua transvaloração na obra *Sítio do Picapau Amarelo*.

Loide Souza (2009, p. 112) ressalta que o espaço da história da *formiga má* é a Europa, “o que se pode deduzir que o espaço da anterior seja o Brasil.” O escritor afirma os valores da generosidade, da partilha e do reconhecimento dos artistas na formiga brasileira; não na europeia – expressão de seu projeto de construção de uma literatura liberta da colonização estrangeira.

A *Marquesa de Rabicó* também visitou, com *Pedrinho* e *Narizinho*, o *Mundo das Maravilhas*. Foi lá que conheceu o *Senhor de La Fontaine* e o *Velho Esopo*. Aliás, eles ficaram admirados com a *viva e estranha personalidade* da boneca (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 262). Ao visitar o formigueiro e ver a *formiga coroca* dar com a porta no nariz – *plaf!* – da triste *cigarra*, *Emília* não deixou barato. Alimentou a *cigarra* com um montinho de folhas, acendeu uma fogueirinha e tramou uma reinação contra a *formiga*. Fez a *cigarra* pedir novamente ajuda e, quando a *formiga coroca* já ia, de novo, dizer grandes desaforos, a boneca a agarrou pela perna e disse:

– Chegou a tua vez, malvada! Há mil anos que a senhora me anda a dar com essa porcaria de porta no focinho das cigarras, mas chegou o dia da vingança. Quem vai levar porta no nariz és tu, sua cara de coruja seca! E, voltando-se para a cigarra: – Amor com amor se paga. Eu seguro a bruxa e você malha com a porta no nariz dela. Vamos! (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 265).

Sim, *Emília*! Vamos! Afinal, aprendemos com Nietzsche que as filósofas e os filósofos do futuro são aqueles que criam novos valores. Mas, antes, precisam quebrar os velhos ídolos de barro. As *cigarras* e eternas crianças brasileiras do *Sítio do Picapau Amarelo* assumiram essa dupla tarefa, com imaginação, brincadeiras e risadas; afinal, no Brasil, *a alegria é a prova dos nove!*¹⁴⁴

¹⁴⁴ ANDRADE [1928] 1978, p. 18 in Manifesto Antropófago (1928). *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias* (Obras Completas - VI). 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

O combate do escritor paulista por uma renovação cultural, a partir da valorização da arte e da ciência, foi vivido em suas lutas pelo acesso do povo brasileiro ao livro, à leitura e à escrita. Seu modo específico de escrever para crianças – e com crianças –, considerou-as agentes sensíveis de seus próprios processos de crítica social, de construção de conhecimentos e de criação de si mesmas. Valorizando o saber, o pensar, o sentir e o imaginar como formas de inventar um outro mundo possível, Monteiro Lobato sonhou a construção de um Brasil do *Picapau Amarelo*, como um lugar de libertação das opressões políticas, educacionais, familiares, morais e religiosas.

O pensamento de Nietzsche – diagnosticador do enfraquecimento da vida promovido pelos valores teológicos – faz-se presente no Sítio do *Picapau Amarelo*. Vejamos a passagem em que *Dona Benta*, em *Viagem ao céu* (1932), conta aos *picapauzinhos* a história da filósofa, matemática e astrônoma Hipácia, de Alexandria, que foi brutalmente assassinada por fanáticos cristãos, no século IV:

– Hipácia foi uma sábia grega nascida em Alexandria no ano 370. Não só muito culta, como de grande beleza. O pai educou-a muito bem e depois mandou-a aperfeiçoar-se em Atenas [...] De volta a Alexandria, Hipácia abriu uma escola onde ensinava as grandes ideias de Sócrates e Platão. Tornou-se queridíssima do povo, sobre o qual derramava ondas de sabedoria. Pois sabe o que aconteceu com a coitadinha? [...] – Mataram-na! Um grupo de capangas, instigados por um tal Bispo Cirilo, atacou-a na rua, matou-a e esquartejou-a. Os quatro coraçõezinhos ali presentes pulsaram de indignação (Lobato, [1932] 1984b, p. 20).

Ainda nesse sentido, em *História do mundo para as crianças* ([1933] 1984k, p. 187), *Narizinho*, ao ouvir sobre a história das cruzadas, levanta a seguinte questão: “– O que eu acho muitíssimo interessante, vovó, é todas essas matanças serem feitas em nome de Cristo!...” *Dona Benta* então responde: “– Ah, minha filha, se Cristo voltasse ao mundo havia de horrorizar-se com os milhões de crimes cometidos em seu nome... Não há pior calamidade que o fanatismo religioso” (Lobato, [1933] 1984k, p. 187). Em *Aventuras de Hans Staden* (1927), Lobato apresenta às crianças uma crítica à violência praticada por sacerdotes, nos seguintes termos: “Não há monstruosidade que em nome da lei de Deus os carrascos civilizados, em nome e por ordem dos papas e reis, não tenham praticado. [...] Os índios, não. Brincavam com as vítimas, apenas” (Lobato, [1927] 1984e, p. 144).

Monteiro Lobato, apesar de se referir a Jesus como “infinitamente meigo e bom”, procura “vacinar as crianças” contra os discursos de poder dos religiosos, almejando “destruir a confiança incondicional e acrítica nas autoridades religiosas e nas verdades estabelecidas”

(Vasconcellos, 1982, p. 77). Lembrando que o escritor paulista enfatiza, em carta ao amigo Rangel: “Nietzsche dá a opinião dos teólogos como o reverso prático da verdade. Se o teólogo diz que é branco, então é porque é preto” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 162).

Diante disso, consideramos que Monteiro Lobato expressa no *Sítio do Picapau Amarelo*, a sua leitura d’*O Anticristo* (1888) – obra traduzida pelo escritor paulista – tendo em vista que nesse livro o autor de *Zaratustra* argumenta que o cristianismo foi uma invenção de teólogos, a partir da distorção simbólica da figura de Jesus, a fim de difundir valores sacerdotais como os de juízo final, por exemplo, a serviço de um projeto de poder. Nesse sentido, o cristianismo seria o maior inimigo de Cristo – o próprio Anticristo. Nas palavras do filósofo, o cristianismo propagado pelos teólogos foi “um murro no olho do evangelho” (Nietzsche, [1888] 2016, p. 40).

A afinidade de Lobato com a filosofia de Nietzsche também se apresenta no *Sítio*, com a valorização da cultura grega. Em viagem ao século V a.C., à Atenas de Péricles, *Dona Benta*, *Emília*, *Narizinho*, *Pedrinho* e *Visconde de Sabugosa* ficaram encantados com a exuberância da cultura grega.¹⁴⁵ “Que maravilha! – exclamou Pedrinho. – Agora compreendo por que ainda hoje tanto se fala na Grécia. Mas uma coisa estou sem saber, vovó: a verdadeira causa desse povo ter chegado a essa altura. Deve existir um segredinho.” *Dona Benta*, então, responde ao neto: “Liberdade, meu filho. [...] Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vem a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência.”¹⁴⁶

A vovó diz aos netos que o contentamento deles em viver no *Sítio* vem da “máxima liberdade” que ela lhes dá para que “inventem e realizem tremendas aventuras.” Faz o contraponto, afirmando às crianças que se ela fosse uma avó que amarrasse os netos com os “cordéis do não pode isto, não pode aquilo”, eles seriam “criaturas tristes, amarelos, jururus,

¹⁴⁵Sugerimos que sejam realizadas pesquisas, considerando a recepção da filosofia de Nietzsche por Monteiro Lobato, que possam explorar, com mais profundidade, a partir de recortes nos livros finais da saga *Sítio do Picapau Amarelo*, como *O Minotauro* (1939), por exemplo, as fortes ressonâncias entre os autores no que tange à crítica à noção de progresso, ao diagnóstico da *décadence* moderna e ao elogio à saúde cultural da Grécia de Péricles (Século V a.C.).

¹⁴⁶Nessa passagem, Monteiro Lobato apresenta o governante e poeta ateniense Sólon como o responsável por libertar o povo grego, sem explicar que se tratava de uma medida específica – a prisão por dívidas – e que se aplicava apenas aos cidadãos. “A coisa teve início quando um legislador de gênio, chamado Sólon, fez as leis da democracia. Antes disso, a Grécia estava em plena desordem, com o povo escravizado a senhores. Sólon endireitou tudo. [...] As leis de Sólon deram aos gregos a verdadeira liberdade, a maior que um povo ainda gozou” (Lobato, [1939] 1984j, p. 111). Ao longo do livro, porém, o escritor menciona os limites da liberdade e da cidadania na Atenas da Antiguidade. Observamos que o elogio lobatiano à liberdade grega serve-lhe como sustentação, na criação ficcional, para a propagação de seus valores referentes à libertação das crianças das amarras do “não pode” e ao livre exercício da imaginação.

que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam” (Lobato, [1939] 1984j, p. 110-112).

No final dessa fala, *Dona Benta* arremata: “A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da Antiguidade, foi a terra da Imaginação às soltas. Por isso floresceu como um pé de ipê. [...] A vida lá era um prazer – era o prazer dessa mesma liberdade que vocês gozam no sítio. O prazer de sonhar e criar a verdade e a beleza. [...] – Viva o Sítio do Picapau Amarelo da Antiguidade! – berrou Emília – e as ondas do mar, como um eco, repetiram: Viva! Viva!...” (Lobato, [1939] 1984j, p. 111-112).

Considerando essa forte presença da filosofia nietzschiana no *Sítio do Picapau Amarelo*, vale ressaltar que Monteiro Lobato disse haver tirado seu *topete filosófico* de Nietzsche (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 11), bem como que foi o criador de *Zaratustra* que o limpou de todas as amarras das tradições morais, como um sabão, dando-lhe o impulso para seguir apenas a própria *veneta* (Lobato, [1944-1946] 1959i, p. 224). O escritor paulista qualifica o filósofo alemão como “o mais assombroso libertador d’almas e criador d’almas que jamais apareceu no mundo” (Lobato *apud* Cavalleiro, [1955] 1962, v. 1, p. 88).

A partir da recepção do pensamento nietzschiano por Monteiro Lobato, podemos perceber o *Sítio do Picapau Amarelo* como um espaço e um tempo para cultivo de *espíritos livres*, uma terra de incentivo à crítica e à criatividade, um lugar para *além de bem e mal*.

CAPÍTULO III

EMÍLIA: DE BONECA DE PANO A ESPÍRITO LIVRE

Cada vez mais, Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja. (...) E assim, independente de qualquer cálculo, evoluiu essa Emília que hoje me governa, em vez de ser por mim governada. É quem realmente manda lá no Sítio. Emília põe e dispõe.

Monteiro Lobato¹⁴⁷

A personagem *Emília* é interpretada, pela fortuna crítica da literatura de Monteiro Lobato, como um “modelo de rebeldia criadora” (Coelho, 2006, p. 645). Consagrada como “a mais emblemática da obra de Lobato e que parece ter a preferência da maioria dos leitores” (Bignotto, 1999, p. 86), a *Marquesa de Rabicó* conquistou “sucesso espetacular”, sendo considerada “a grande personagem lobatiana” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 2, p. 159). Há consenso quanto ao protagonismo da boneca na realidade encantada que o escritor paulista criou por meio da obra *Sítio do Picapau Amarelo*. No entanto, há divergências no que se refere ao alcance das mudanças da personagem no decorrer da trama.

Emília “é a única personagem que evolui dentro do universo do Sítio do Picapau Amarelo,” transformando-se “de bruxa de pano em boneca falante”, sendo que, posteriormente, metamorfoseia-se em “gentinha de verdade” (Coelho, 2006, p. 645, grifo nosso). Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *Literatura infantil brasileira: História & histórias* (2007), ao tratarem dos elementos da literatura infantil lobatiana, destacam que a personalidade de *Emília* não se altera diante de suas transformações. Assim, considerando o conjunto de livros que compõem o *Sítio do Picapau Amarelo*,

[...] as personagens raramente vivem alguma transformação interna. É preciso conservá-las idênticas, para que possam se transferir de um enredo a outro sem amadurecerem física ou psicologicamente, nem deixarem de ser reconhecidas com facilidade pelo leitor. A exceção é Emília, que se torna gente, após ter sido boneca de pano por certo tempo; mas a mudança não lhe altera a personalidade (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 81-82).

No entanto, Nelly Novaes Coelho, em *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira* (2006), afirma que *Emília*, além de mudar na forma, altera-se também na personalidade, no transcorrer dos vinte e sete anos de publicações do *Sítio do Picapau*

¹⁴⁷Lobato ([1944] 1959, v. 2, p. 342-343) in *A barca de Gleyre*.

Amarelo. Assim, a boneca “é a personagem-chave do universo lobatiano, pois é a única que vive em tensão dialética com os demais e também a única que sofre transformações em sua personalidade” (Coelho, 2006, p. 645). Na interpretação da eminente crítica literária, depois de conquistar o poder da fala, por meio das pílulas do *Dr. Caramujo*, “a cada novo livro, mais e mais se afirma a personalidade livre e voluntariosa de Emília, até que se transforma em verdadeiro *alter ego* do autor: irreverente porta-voz de suas ideias libertárias e progressistas” (Coelho, 2006, p. 645).¹⁴⁸

A estabilidade das outras personagens é ponto pacífico na crítica. Quanto à *Narizinho* e a *Pedrinho*, por exemplo, afirma Coelho (2006, p. 645): “são crianças sadias, alegres e sem problemas, que servem para dar suporte à trama dos acontecimentos e, em geral, para servirem de contraponto à boneca.” Elas não mudam de idade nem de características físicas ou psíquicas, permanecem como um modelo estável e ideal de criança.

Na perspectiva da presente pesquisa, as leituras divergentes sobre a mudança ou não da personalidade de *Emília* evidenciam que a boneca confunde os intérpretes, não se submete a classificações estáveis e exige, para além de uma análise psicológica, uma abordagem que considere suas vivências como expressões dos valores filosóficos nela corporificados.

Desse modo, avaliamos que, assim como não é possível compreender os movimentos intelectuais de Monteiro Lobato sem levar em conta o encontro que ele teve com Nietzsche (Alves Filho, ([1986] 2003), será improficuo analisar a personagem *Emília* sem considerar o impacto profundo que a recepção da filosofia nietzschiana causou no escritor paulista.

Nietzsche foi, conforme demonstrado no capítulo primeiro desta dissertação, um encorajador da autenticidade de Monteiro Lobato, que via no filósofo um libertador das amarras morais, políticas, filosóficas, estéticas e religiosas, um estimulante para a autoafirmação e para a fidelidade apenas ao pensamento próprio.

A apropriação do pensamento nietzschiano fertilizou no escritor paulista a ética da veracidade, da independência, da criação de si como exceção, a partir da autoconfiança e da coragem de seguir apenas a si mesmo. Nas palavras de Lobato: “Dum banho em Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a

¹⁴⁸É interessante notar a percepção de uma criança leitora, que escreve para Monteiro Lobato, nos seguintes termos: “[...] como adoro a Emília, que desconfio que é o sr. mesmo, em carne e osso, disfarçado, em bruxinha de pano” (carta de M. S. São Paulo, 25 de maio de 1944. IEB/ARAS. Cx 2 P 1, doc 29 *apud* Raffaini, 2008, p. 75).

individualidade. [...] O meio de segui-lo é seguir-nos. ‘Queres seguir-me? Segue-te!’ Quem já disse coisa maior?” (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 66).

Emília pode ser, então, a expressão do Nietzsche apropriado por Monteiro Lobato? Pode ser compreendida como provocadora de uma libertação moral e semeadora da confiança que cada um pode ter em si mesmo? Lomeu Barroso (2015) apresenta uma possibilidade interpretativa a ser pesquisada: *Emília* seria uma *Zaratustra* para crianças. Na visão de Barroso (2015), *Zaratustra* e *Emília* possuem uma visão afastada da humanidade¹⁴⁹ (o personagem nietzschiano, por sua solidão na montanha, e a lobatiana, por ser uma boneca de pano), sendo que ambos se esforçam para ensinar a autossuperação aos humanos – *Zaratustra* aos adultos e *Emília* às crianças. Na hipótese levantada pelo historiador, as crianças, representadas pelas personagens *Narizinho* e *Pedrinho*, “seriam livres do mundo adulto e por isso mais propensas a compreenderem os ensinamentos da boneca viva” (Barroso, 2015, p. 53).

Na presente pesquisa, enfrentamos as questões expostas acima e apresentamos, neste capítulo, nossa interpretação de *Emília*, compreendendo a boneca como uma personificação da filosofia nietzschiana na obra *Sítio do Picapau Amarelo*. Diante da consideração de Nelly Coelho (2006, p. 645-646) – que pontua *Emília* tanto como o *alter ego* de Lobato quanto como o “protótipo-mirim do Super-Homem nietzschiano” – e da afirmação de Scarlett Marton (2016, p. 63) de que o personagem *Zaratustra* consiste numa “espécie de *alter ego* de Nietzsche”, nossa análise parte da consideração da ressonância existente entre os dois personagens.

A obra nietzschiana *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém (1883) apresenta muitos desafios aos comentadores. Jörg Salaquarda (1939-1999), em *A concepção básica de Zaratustra* (1997, p. 17), assevera que o próprio “Nietzsche hesitou quanto ao gênero a que pertenceria a obra [...] Escreveu a seu editor: ‘É uma poesia ou um quinto ‘Evangelho’ ou algo para o qual ainda não existe nome.’” Ao amigo Peter Gast (1854-1918), escreveu, em carta de 2 de abril de 1883: “A que rubrica pertence com efeito esse Zaratustra? Creio que é quase à das ‘sinfonias’” (Nietzsche, 1883 *apud* Salaquarda, 1997,

¹⁴⁹Nesse sentido, Lobato escreveu a Rangel, em 9 de maio de 1913: “O meu grande sonho literário, jamais confessado a ninguém, é um livro que nunca foi escrito e talvez não o seja nunca [...]. É uma visão da humanidade extra-humana ou sobre-humana. O homem visto pelos olhos dum ser extra-humano, um habitante de Marte, por exemplo, ou dum átomo, ou da Lua. Um quadro da humanidade feito com ideias de um não-homem (que maravilhoso absurdo!). Uma pintura objetiva apenas, nada de julgamento de juiz. [...] E essa pintura seria um susto e um assombro para o homem, que não consegue jamais conhecer-se a si mesmo porque ninguém o desnuda (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 341).

p. 17). Quanto ao personagem, “ele é um sedutor, mas tal que gostaria de seduzir cada um para si mesmo” (Salaquarda, 1997, p. 19). E no que tange à intenção de Nietzsche com a obra e seu protagonista, o respeitado intérprete afirma que *Zaratustra* “visa à probidade, ao tornar-se si mesmo e à autossuficiência, à síntese, ao futuro do indivíduo como da humanidade. Em tudo isso visa à *superação*. [...] Zaratustra representa o tornar-se si mesmo” (Salaquarda, 1997, p. 19, grifos do autor).

De acordo com Scarlett Marton (1997, p. 8), *Assim falou Zaratustra* (1883) é visto por uns como um *romance de aventuras*, “uma vez que conta as peripécias de uma personagem central”, lido por outros como um *romance psicológico*, por enfatizar a vida interior do protagonista, ou ainda, considerado um *romance de formação*, a exemplo de obras como *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Goethe e *Educação sentimental* (1869), de Flaubert. Sendo como for, nesta obra “Nietzsche agencia um conteúdo filosófico e uma forma literária, que se mostram indissociáveis. Recusando-se a opor forma e conteúdo, tenta recuperar a unidade original do conceito e da imagem” (Marton, 1997, p. 8).

Ao tratar da diferença entre a escrita científica e a literária, Pierre Bourdieu (1930-2002), em *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* (1996, p. 39), explica que esta concentra e condensa “na singularidade concreta de uma figura sensível e de uma aventura individual, funcionando ao mesmo tempo como metáfora e metonímia, toda a complexidade de uma estrutura e de uma história.” Já a escrita científica “desdobra e estende” suas análises laboriosamente (Bourdieu, 1996, p. 39). Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra* (1883), conseguiu, por meio da linguagem metafórica e simbólica, condensar seu pensamento filosófico maduro, unindo forma e conteúdo (Marton, 1997) e essa complexidade também se apresenta na “singularidade concreta da figura sensível” (Bourdieu, 1996) do personagem que ele criou.

Roberto Machado (1942-2021), em *Zaratustra: tragédia nietzschiana* (2001), expõe a relação entre o conteúdo e a forma de *Assim falou Zaratustra* (1883), relacionando-o com o primeiro livro de Nietzsche: *O Nascimento da tragédia* (1872). Na obra de juventude, o filósofo apresenta a arte trágica – com a harmonia entre seus impulsos dionisíacos e apolíneos – como alternativa à racionalidade socrático-platônica, que visava criticar. No ano de 1886, Nietzsche elabora um prefácio de autocrítica ao seu *O Nascimento da tragédia*, destacando que a melhor forma para combater o racionalismo não seria a linguagem explicativa, a qual utilizou; mas, que “deveria ter cantado” (Nietzsche, [1872] 2020, p. 12). Quanto a isso,

destaca Machado (2001, p. 17-18): Nietzsche, enquanto filósofo que afirma um pensamento trágico em relação à vida – valorizando tanto a dor quanto o prazer, sem que este seja superior àquela – precisava “se expressar numa linguagem adequada a essa visão do mundo: uma linguagem artística e não científica, figurada e não conceitual.”

Em 1883, com *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche lutou contra o enfraquecimento da vida, que se dá, entre outros motivos, pelo culto à razão. *Zaratustra* tem a força da não submissão aos esquemas dos tratados, prezando pelo primor estético, em linguagem poética, musical e dramática. Nessa tragédia nietzschiana, o personagem central sofre transformações, despontando “como um herói apolíneo” e percorrendo, em seguida, “um caminho que o levará a integrar o lado noturno, tenebroso, da vida, tornando-se dionisíaco” (Machado, 2001, p. 28-29).

Antonio Candido (1918-2017), em *A personagem do romance* (2007, p. 54), demonstra que, dos três elementos da ficção literária – personagens, enredo e ideias –, é a personagem que apresenta a força de provocar a “adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc.” Apesar de se tratar de “um ser fictício”, ou seja, de uma “criação da fantasia”, a personagem “comunica a impressão da mais lídima verdade existencial” (Candido, 2007, p. 55). Quando pensamos no enredo de uma obra literária, o que nos salta à memória são suas personagens, os problemas da vida que estas vivem, seus destinos.

Assim falou Zaratustra não é uma obra com objetivos literários; mas, sim, filosóficos.¹⁵⁰ Não obstante, Monteiro Lobato foi, evidentemente, tocado pelos mecanismos identificatórios descritos por Candido (2007). O escritor encontrou no protagonista nietzschiano uma espécie de farol que iluminava a autoafirmação que almejava para si mesmo. O personagem apresenta suas palavras não com o intuito de ser seguido, ele fala àqueles que, como ele, desejam criar e experienciar uma filosofia própria. Conforme comenta Salaquarda (1997, p. 19), *Zaratustra* teme que suas sentenças e pensamentos “sejam tomados ao pé da letra por pessoas que não os conquistaram e vivenciaram e por isso não têm nenhum direito sobre eles.” O protagonista exorta seus discípulos a lhe renegarem e os incentiva a procurarem por si mesmos. O escritor paulista disse haver encontrado Nietzsche no momento

¹⁵⁰Nietzsche escreveu ao amigo Peter Gast, em carta datada de 6 de abril de 1883: “Estou enojado com o fato de ‘Zaratustra’ entrar no mundo como um livro de entretenimento; quem é sério o suficiente para isso! Se eu tivesse a autoridade do ‘último Wagner’, seria melhor. Mas agora ninguém pode me salvar de ser jogado junto com os ‘escritores de ficção’. Que pena!” (Nietzsche, [1883] 2025, p. 211).

em que não queria nenhuma prisão ao seu pensamento, queria seguir apenas “a vaga intuição” do seu próprio eu (Lobato, [1944-46] 1959i, p. 223).

Lobato cita um trecho da obra *Assim falou Zaratustra* em carta ao amigo Rangel, no ano de 1904, comentando que o filósofo, ao definir um *personagem ideal*, apresenta a si mesmo, *inconscientemente*, como um *semeador de horizontes*:

A chave de Nietzsche você a tem no aforismo 178 onde ele inconscientemente se retrata como um ‘semeador de horizontes’ – e é. E no *Assim falou Zaratustra* ele se define assim (definindo um personagem ideal): ‘*J’aime tous ceux qui sont comme de lourdes gouttes qui tombent une a une du sombre nuage suspendu sur les hommes: elles annoncent l’éclair qui vient, et disparaissent en visionnaires.*’ Ele é isso. Corre na frente com o facho, a espantar todos os morcegos e corujas e a semear horizontes (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 66-67).¹⁵¹

Nietzsche é percebido por Lobato como esse visionário que anuncia, com as gotas pesadas da sua filosofia, um raio de libertação das amarras mentais, por meio da superação da submissão que todo tipo de pastor produz nos seus rebanhos. Assim como *seu filósofo*, o escritor também *correu na frente com um facho* e, pelas gotas subversivas das falas da personagem *Emília*, anunciou às crianças que o leram um raio de liberdade e de incentivo à autoria na criação de si mesmas, semeando horizontes.

Os estudos sobre as trocas de cartas entre Monteiro Lobato e suas leitoras crianças, nos anos de 1930-40, demonstram a forte identificação que *Emília* produzia.¹⁵² Raquel Afonso da Silva, na tese *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores* (2009, p. 92), destaca que a personagem boneca é mencionada nas correspondências com “frequência bem maior que as outras personagens.” Silva (2009) pontua que *Emília* foi ganhando o favoritismo do público, conforme se nota pelo modo carinhoso como as crianças a mencionam. Seguem alguns exemplos:

¹⁵¹O fragmento de *Assim falou Zaratustra*, citado por Monteiro Lobato, em Língua Francesa, encontra-se no Prólogo da obra, Seção 4. Segue tradução da obra alemã, feita por Paulo César de Souza: “Amo todos aqueles que são como gotas pesadas, caindo uma a uma da negra nuvem que paira sobre os homens: eles anunciam a chegada do raio, e como arautos perecem” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 16).

¹⁵²De acordo com a pesquisadora Patrícia Aparecida Beraldo Romano, em *Um baile de máscaras: cartas enviadas a personagens de Monteiro Lobato* (2022, p. 71-72), “as missivas infantis que restaram preservadas (cerca de 246 cartas catalogadas, que se estendem de 1932 a 1946), a quem Lobato carinhosamente sempre dedicou seu tempo com respostas, encontram-se, hoje, no arquivo Raul de Andrada e Silva, no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo (USP).” Esse material já foi fonte de diversos estudos, como o de Eliane Debus, *Monteiro Lobato e o leitor; esse conhecido* (2001), o de Patrícia Tavares Raffaini, *Pequenos poemas em prosa: vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40* (2008), o de Emerson Tin, *Em busca do Lobato das cartas: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários* (2007) e o de Raquel Afonso da Silva, *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores* (2009). “Monteiro Lobato recebia cartas também de pais e mães que pretendiam através de pequenos gestos do escritor incentivar seus filhos para a leitura” (Debus, 2001, p. 206).

Emília é a mais engraçada de todos e eu não gosto de livro que não tenha a Emília (Carta a ML. IEB/USP. C1P2C3. s/d. *apud* Silva, 2009, p. 92).

Escrevo-lhe esta carta para fazer-lhe um pedido. Este pedido é para fazer-me um livro, (se você poder), só da Emília bem com a torneirinha de asneiras aberta até o último ponto (Carta a ML. IEB/USP – C2P1C41. 12/04/1945 *apud* Silva, 2009, p. 92).|

Esta carta vai junta com a da minha irmã Vilma. Ela gosta muito da Emília porque se parece com ela (Carta a ML. IEB/USP. C1P3C19. s/d. *apud* Silva, 2009, p. 91).

Quanto a isso, Eliane Debus, em sua tese *O leitor, esse conhecido*: Monteiro Lobato e a formação de leitores (2001, p. 116), atribui a forte “identificação catártica dos leitores de ontem ao comportamento irrequieto da boneca Emília” ao fato das crianças brasileiras que leram Lobato na primeira metade do século XX se encontrarem “numa sociedade altamente disciplinadora” (Debus, 2001, p. 116). Destaca ainda Debus (2001, p. 116) que o comportamento amoral e transgressor da personagem era emancipatório para a época. Nesse sentido, relata a escritora Ilka Brunhilde Laurito (1925-2012) sobre sua leitura, na infância, do *Sítio do Picapau Amarelo*:

Emília era assim, como eu gostaria de ser: desbocada, perguntona, respondeira, atrevida, matreira. Era a criança revolucionária que morava em cada um de nós, abafados pelos ambientes repressores de uma geração que nos queria premoldar. Emília não era nenhuma das ‘meninas exemplares’ importadas. Era a independência interior, a curiosidade permanente, a inquietação diante da vida, o mergulho no mistério (Laurito *apud* Debus, 2001, p. 148).

Debus (2001) faz a ressalva que a identificação com as personagens não se dá de forma homogênea. Nesse sentido, “se para alguns leitores a irreverência de Emília é o modelo a ser seguido, para outros a preferência recai em modelos comportados como os de Pedrinho e Narizinho” (Debus, 2001, p. 153).

Ao ser entrevistada sobre seu primeiro contato com a literatura lobatiana, logo após sua chegada ao Brasil, aos dez anos de idade, a escritora russa Tatiana Belinky (1919-2013), coautora da primeira adaptação do *Sítio do Picapau Amarelo* para a TV Tupi (1952-1969), diz:

Eu me imaginava na pele de Narizinho, e era gostoso; na de Pedrinho – por que não querer ser menino de vez em quando? – e era bom. Mas delicioso mesmo era me imaginar na pele de pano da Emília, livre e solta, podendo falar ‘asneirinhas’, ‘agredir’ os amigos, ser respondona, egocêntrica, às vezes malcriada, outras vezes prepotente (em especial com o empertigado Visconde de Sabugosa); [...] Ah, o senso de justiça da Emília, a franca autenticidade, a ‘fidelidade a si mesma’, tão ‘nietzscheaneamente’ lobatiana (Belinky *apud* Debus, 2001, p. 148).

Esse relato de Belinky, além de destacar o prazer que a personagem *Emília* lhe provocava na infância, ressalta características – “franca autenticidade”, “fidelidade a si” – que a fazem ver a boneca como “nietzscheaneamente lobatiana”. De acordo com as formulações de Jauss (1979, p. 46), a experiência estética possibilita prazer e compreensão como processos simultâneos, sendo que “o leitor gosta daquilo que compreende e só poderá compreender aquilo que aprecia.” Lobato prezava pela linguagem “desliteraturizada”¹⁵³, o que aproximava o escritor de seu público, e construiu a personagem *Emília* “descascada de todas as gafeiras morais”, que funcionava como “potassa cáustica” para as crianças leitoras.¹⁵⁴ A nosso ver, isso facilitou a compreensão e a fruição prazerosa da obra, despertando identificações tanto com a personagem quanto com o pensamento nietzschiano presente nas características da boneca.

Isso posto, no presente capítulo, *Emília* é “o que quer ser”, livre até mesmo da intencionalidade racional de seu criador, conforme epígrafe acima. Ela nos conta a sua história, por meio dos vinte e três livros da obra *Sítio do Picapau Amarelo*. Uma história que, em nosso argumento, expressa o envolvimento “intelectual, sensorial e emotivo” de Monteiro Lobato como receptor da filosofia de Friedrich Nietzsche. Nesse sentido:

[...] a arte, não sendo meramente reprodução ou reflexo dos eventos sociais, desempenha um papel ativo: ela faz história, porque participa do processo de ‘pré-formação e motivação do comportamento social’. Como se comunica com o leitor, passa-lhe normas, que, enquanto tais, são padrões de atuação. Porque a recepção representa um envolvimento intelectual, sensorial e emotivo com uma obra, o leitor tende a se identificar com essas normas, transformadas, assim, em modelos de ação (Jauss *apud* Zilberman, 1989, p. 50).

A fim de costurar nossa interpretação, utilizamos as linhas do primeiro canto da obra *Assim falou Zaratustra* (1883), intitulado *Das três metamorfoses*. Acessamos também diversas fontes de apoio, como outros textos de Nietzsche, além de obras de comentadores de sua filosofia e da fortuna crítica de Monteiro Lobato.

No corpo da boneca de pano lobatiana encontramos tecidos do *jogo lúdico*, do *brincar* e da alegoria filosófica da *eterna criança*, aos moldes da elaboração de Nietzsche. Dentre as características presentes nos retalhos da *Emília*, destacamos a insubmissão, a autoafirmação, a autenticidade crítica e a fidelidade a si mesma, revelando-a como um *espírito livre*. Também

¹⁵³“Creio até que se pode agarrar o Jansen como ‘burro’ e reescrever aquilo em língua desliteraturizada – porque a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de ‘literatura’” (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 233).

¹⁵⁴“Um homem aperfeiçoa-se descascando-se das milenarias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n’alma. [...] Nietzsche é potassa cáustica. Tira todas as gafeiras (Lobato, [1944] 1959, v. 1, p. 57 e p. 66).

podemos sentir, pelas flores amarelas de macela que preenchem o corpo da boneca, o aroma da *inocência do devir*.

O presente capítulo divide-se em três partes. Na primeira, abordaremos o tema da criança, com ênfase na visão de Lobato e na elaboração filosófica de Nietzsche. Na segunda, acompanharemos as metamorfoses da bruxinha de pano – boneca viva – gente, por meio de fragmentos das suas vivências. Na terceira, finalmente, compreenderemos como *Emília* apresenta, assim como *Zarathustra*, o pensamento de um *espírito leonino livre* e uma *vontade de criança criadora*.

3.1. Nós julgamos que histórias de fadas e brincadeiras são coisas da infância:¹⁵⁵ a eterna criança

No livro *Peter Pan, história do menino que não queria crescer, contada por Dona Benta* (1930), Monteiro Lobato recria a invenção do escritor escocês James Barrie (1860-1937), na voz da vovó e possibilita ao “menino protegido pelas fadas” participar das reinações com os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo* (Lobato, [1930] 1984o, p. 179). *Dona Benta* lamenta que uma fadinha desapareça cada vez que uma criança cresce e passa a não acreditar mais em contos de fadas. Mas, *Peter Pan* – “o tal diabinho”, conforme dizia *Tia Nastácia*, afirmando sua imortalidade, brada, triunfante: “Eu sou a Juventude! Sou a alegria da vida! Sou eterno e invencível!” (Lobato, [1930] 1984o, p. 178).¹⁵⁶

Se brincar e acreditar em histórias de fadas são características das crianças, adultos seriam, então, aqueles que deixaram de brincar e de se interessar por seres encantados? Sobre o que é ser criança e o que é ser adulto, vejamos algumas perspectivas.

Philippe Ariès (1914-1984) foi um pioneiro quanto à compreensão das mudanças de visão sobre a criança, no transcorrer do tempo. Em seu trabalho intitulado *História social da criança e da família* ([1960] 1981, p. 11), o historiador francês, a partir da análise de fontes iconográficas, literárias e documentais, defende a tese de que, no período medieval, a criança era considerada um adulto em miniatura. Assim que adquiria “algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem.” Com a industrialização, a partir do final

¹⁵⁵ Assim falou Nietzsche em *Humano, demasiado humano II*, § 270 (Nietzsche, [1879] 2017, p. 97).

¹⁵⁶ “E trate de fazer como Peter Pan, que embirrou de não crescer para ficar sempre menino, porque não há nada mais sem graça do que gente grande. Se todos os meninos do mundo fizessem greve como Peter Pan, e nenhum crescesse, a humanidade endireitaria” – assim falou o *Saci a Pedrinho* (Lobato, [1921] 1984d, p. 185).

do século XVII, e a crescente valorização da escolarização, educadores e religiosos – tanto católicos quanto protestantes – passaram a designar o papel da família no desenvolvimento de uma função afetiva em relação às crianças. Assim, as sociedades europeias modernas passaram a se organizar em torno da criança, buscando assegurar sua proteção e formação moral, consolidando o “sentimento da infância” (Ariès, [1960] 1981, p. 13-14).

Diversos críticos apontaram problemas na pesquisa de Ariès, desde os metodológicos, como a utilização de registros iconográficos “sem se preocupar em refletir sobre como a realidade é mediada na obra de arte”, até em relação à sua abordagem, considerada “homogeneizante”, como se tivesse “uma única Idade Média, com uma única forma de se pensar a infância” (Raffaini, 2008, p. 19). O historiador francês também foi criticado por apresentar “a percepção de um certo ‘evolucionismo’ na condição histórica da criança – na Idade Média ela não significa muito para seus pais, passando à condição de ‘reizinho do lar’ com a evolução da sociedade burguesa” (Del Priore, 2010, p. 9). De todo modo, o estudo de Ariès tornou-se referência por ter historicizado a noção de criança, apesar de sustentar “uma forma de pensar dicotomizada e feita através de opostos entre a infância e a vida adulta” (Raffaini, 2008, p. 19).

Com a consolidação do poder econômico e político da burguesia europeia, a partir do século XVIII, “a criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária” (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 16). Isso firma o modelo moderno de família, que passa a ser considerado um ideal a ser imitado por todos: “ao pai, cabendo a sustentação econômica, e à mãe, a gerência da vida doméstica privada [...] o beneficiário maior desse esforço conjunto: a criança” (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 16).

No Brasil do período oitocentista, a criança era considerada fundamentalmente um projeto de adulto. Durante o Império, a educação que “as crianças das classes altas recebiam, em casa ou nos poucos colégios existentes” era fortemente repressora, a tal ponto de parecer “um país sem crianças” (Bignotto, 1999, p. 20). Isso não mudou logo após a proclamação da República (1889). De acordo com Cilza Carla Bignotto (1999, p. 21), foi somente após os anos de 1920 que “o modelo social republicano, caracterizado pela valorização do saber e por campanhas pela alfabetização e pela escola” começou a organizar uma nova concepção de infância em nosso país. A imaginação e a criatividade passaram, então, a ser consideradas

características do funcionamento infantil, a partir da recepção brasileira dos pesquisadores escolanovistas europeus e estadunidenses.

Monteiro Lobato, ao recordar sua vida de estudante, nesse contexto, declara que o ensino formal pouco contribuiu para a sua formação. No entanto, afirma dever tudo aos livros que lhe “falaram à imaginação” e que lhe “despertaram a curiosidade” (Lobato, [1923-1946] 1959g, p. 8). A criança, na visão sustentada pelo escritor do *Sítio do Picapau Amarelo*, tem a inteligência ligada ao prazer, que se exerce a partir do brincar, do faz-de-conta, da liberdade para experimentar “as novas realidades e as mais velhas fantasias” (Bignotto, 1999, p. 96).

A visão do escritor paulista antecipa o paradigma sobre a infância que veio a se consolidar, a partir dos estudos das últimas décadas do século XX. Questionando o lugar da criança como infante, isto é, daquela que não fala,¹⁵⁷ a Antropologia da Criança passou a escutar o que as crianças têm a dizer sobre si mesmas, considerando-as produtoras de cultura, tanto quanto os adultos. Entenda-se cultura, nesses estudos, como “um sistema simbólico acionado pelos atores sociais a cada momento para dar sentido às suas experiências” (Cohn, 2010, p. 13). Falar da infância apenas da perspectiva da oposição ao mundo dos adultos, com significados construídos apenas por estes, reforça uma divisão que dificulta a compreensão e a comunicação entre ambos. Desse modo, demonstra a antropóloga Clarice Cohn (2010, p. 14), que é possível compreender as crianças não como seres passivos na assimilação de papéis e comportamentos sociais; mas, sim, como ativas “na definição de sua própria condição.” Como categoria histórica, cultural e relacional, portanto, as crianças não apenas recebem valores, mas também os elaboram, negociam e transformam, interferindo significativamente no mundo social. No *Sítio do Picapau Amarelo*, “as personagens infantis são protegidas, amadas e, principalmente, incentivadas a brincar e a utilizar a imaginação para descobrir e interpretar o mundo” (Bignotto, 1999, p. 7).

Vale ressaltar que os brinquedos das personagens crianças *Narizinho* e *Pedrinho* são bonecos feitos de espiga de milho e de pano, pois, como acreditava o escritor, “as crianças desadoram os brinquedos que dizem tudo, preferindo os toscos onde a imaginação colabore”

¹⁵⁷“Enquanto objeto de estudo, a infância é sempre *um outro* em relação àquele que a nomeia e a estuda. As palavras *infante*, *infância* e demais cognatos, em sua origem latina e nas línguas daí derivadas, recobrem um campo semântico estreitamente ligado à ideia de *ausência de fala*. Esta noção de *infância* como qualidade ou estado do *infante*, isto é, *d’aquela que não fala*, constrói-se a partir dos prefixos e radicais linguísticos que compõem a palavra: *in* = prefixo que indica negação; *fante* = participio presente do verbo latino *fari*, que significa *falar*, *dizer*. Não se estranha, portanto, que esse silêncio que se infiltra na noção de infância continue marcando-a quando ela se transforma em matéria de estudo ou de legislação” (Lajolo, 1997, p. 229-230, grifos da autora).

(Lobato *apud* Cavaleiro, [1955] 1962, v. 1, p. 7). Quanto à *Emília*, era “uma feia boneca de pano,¹⁵⁸ dessas que nas quitandas do interior custavam duzentos réis” (Lobato, [1944] 1959, p. 341), na contramão do que era considerado um brinquedo ideal nos tempos de Lobato: bonecas de porcelana e de seda. Gilberto Freyre, em *Ordem e progresso* (1959) analisa a veneração que as meninas ricas, no período imperial, dedicavam às bonecas loiras, de olhos azuis, parecidas com as bonecas francesas – o que incutia nas crianças um tipo único de beleza, com tais características. Nesse sentido, Bignotto (1999) compara o livro *Dodoca*: memórias de uma boneca, de Dolores Barreto, publicado em 1924, com *Memórias da Emília*, de 1936, de Monteiro Lobato:

A comparação entre as memórias de Dodoca e as de Emília pode deixar mais clara a natureza revolucionária da criação de Lobato. Dodoca é industrializada, bonita, comportada e transmissora de conselhos moralizantes; Emília é artesanal (e portanto única), feia, rebelde e questionadora de conselhos moralizantes (Bignotto, 1999, p. 103-104).

Walter Benjamin (1892-1940), em *História cultural do brinquedo* (1928), destaca o fato de as crianças não viverem isoladas do mundo dos adultos, tendo em vista que são estes que oferecem a elas os brinquedos. As crianças fazem parte de um povo e de uma classe. Os brinquedos, portanto, “dão testemunho de um diálogo” entre a criança e o povo a que pertence (Benjamin, [1928] 2002, p. 94). Monteiro Lobato ofereceu *Emília* às crianças – boneca feia, feita de pano ordinário, com o poder da própria fala, rebelde e contestadora –, contrariando, portanto, o modelo dos personagens e dos brinquedos destinados às crianças das classes mais altas da sociedade brasileira, nas primeiras décadas do século XX.

Além disso, no mundo do *Sítio do Picapau Amarelo*, as personagens crianças têm liberdade para brincar e para transformarem, com a imaginação, objetos do cotidiano em divertidos brinquedos. Também podem fantasiar e criar, à vontade, suas aventuras. As personagens adultas, *Tia Nastácia* e *Dona Benta* apoiam as reinações das crianças. Numa ocasião, ao ser perguntado sobre o motivo de ser uma personagem vovó a comandar o *Sítio*, o

¹⁵⁸De acordo com Patrícia Tavares Raffaini (2018), a feitura artesanal das bonecas de pano remonta à história da humanidade e tem, ao que tudo indica, suas primeiras manifestações em culturas africanas. Nesse sentido, “desde provavelmente o processo de sedentarização, e consequentemente o plantio de fibras vegetais que possibilitaram a tecelagem, bonecas são feitas com tecidos. E em algumas sociedades não são feitas somente para o brincar, mas também como um objeto mágico que pode proteger a criança contra maus espíritos. E nessa forma podem também ser feitas de madeira, como as bonecas Akuabá, do povo Ashanti de Gana, ou de palha como as que eram feitas no final das colheitas, na Rússia e na Ucrânia” (Raffaini, 2018, p. 182). Há também as “bonecas abayomi, confeccionadas a partir de retalhos de roupas e tranças de tecido, no contexto da diáspora africana. A palavra abayomi, que significa ‘encontro precioso’ em iorubá — língua originária da Nigéria — revela a dimensão simbólica desses objetos: embora nada precioso esperasse os pequenos ‘tripulantes’ dos navios negreiros, as mães africanas criaram bonecas para acalmar e proteger seus filhos, transformando-as, involuntariamente, em símbolos de resistência e preservação cultural” (Ischkanian *et al.*, 2025, p. 2).

escritor respondeu: “só as vovós aturam crianças e deixam-nas fazer o que querem” (Lobato *apud* Cavaleiro, [1955] 1962, p. 143-144).

O brincar, para Donald Winnicott (1896-1971) é uma experiência criativa que se realiza na conexão entre a realidade psíquica da criança e o mundo externo. Com a vivência lúdica, a criança manipula objetos a serviço da fantasia, vestindo os “fenômenos externos escolhidos com significado e sentimento oníricos” (Winnicott, [1971] 1975, p. 86). O psicanalista inglês ressalta que as experiências culturais são derivadas do brincar – este não se restringe, portanto, ao universo infantil. Desse modo, “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o *self*” (Winnicott, [1971] 1975, p. 89).

De acordo com Winnicott (1971), o falso *self* é uma defesa psíquica que visa a conformidade, desenvolvida para a adaptação social, quando o ambiente não favorece a espontaneidade da criança. Como o falso *self* visa apenas ao cumprimento de expectativas externas, ele funciona como uma falsa personalidade, sufocando o verdadeiro *self* e a autenticidade subjetiva. O brincar da criança e do adulto – principalmente pela expressão artística – possibilita a liberação do verdadeiro *self*.

A vida, então, pode ser sentida como digna de ser vivida apenas se houver o livre exercício da criatividade. O oposto dessa vivência espontânea – na qual o verdadeiro *self* pode se expressar – é a submissão às regras de adaptação social. “A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida” (Winnicott, [1971] 1975, p. 108).

A nosso ver, a insubmissão da *Emília* e a sua personalidade autêntica oferece o que Winnicott ([1967] 1975, p. 163) denomina como “espaço potencial”, o que possibilita, por meio da “experiência cultural”, um suporte identificatório para a vivência da própria criatividade e para a liberação do verdadeiro *self* das crianças leitoras. Nesse sentido, ler ou escutar histórias também podem ser experiências subjetivamente transformadoras, e constituem uma forma de brincar.

O filósofo e historiador holandês Johan Huizinga (1872-1945), na sua obra *Homo ludens* (1938), afirma que o jogo lúdico é inerente a todas as criações humanas, sendo o

brincar um elemento intrínseco à cultura.¹⁵⁹ O fenômeno de brincar não cumpre apenas o objetivo de favorecer uma descarga de impulsos fisiológicos ou psicológicos, tampouco se constitui como mera imitação ou preparação para o exercício de um papel social futuro. Ele não está restrito à favorecer a construção de agrupamentos sociais. Brincar revela que o divertimento e o prazer constituem uma função da própria vida. Ao defender a tese de que todas as atividades das sociedades humanas, desde seus primórdios, estão inteiramente marcadas pelo jogo, Huizinga apresenta o seguinte exemplo:

No caso da linguagem, esse primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e comandar. É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constatá-las, em resumo, designá-las e com essa designação elevá-las ao domínio do espírito. Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado da natureza (Huizinga, [1938] 2000, p. 7).

A pesquisa histórica e filológica de Huizinga chega à constatação de que “é possível negar, se se quiser quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, a verdade, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo” (Huizinga, [1938] 2000, p. 7). Partindo da constatação que animais brincam assim como os seres humanos,¹⁶⁰ Huizinga elabora suas teses rompendo com a dicotomia natureza *versus* cultura. Do mesmo modo, demonstra que os adultos têm tanta necessidade do jogo, da diversão e do prazer lúdico quanto as crianças, desestabilizando a divisão entre mundo adulto e mundo infantil.

Visando também superar as oposições entre natureza e cultura, adulto e criança, ser e devir, Alan Prout apresenta, em seu livro intitulado *O futuro da infância* (2005), uma

¹⁵⁹Para Huizinga, a própria concepção de cultura não pode prescindir do aspecto lúdico. “A cultura surge sob a forma de jogo”, ela é, portanto, “desde seus primeiros passos, como que ‘jogada’”. Mesmo as atividades que visam à satisfação imediata das necessidades vitais, como por exemplo a caça, tendem a assumir nas sociedades primitivas uma forma lúdica. [...] O ritual teve origem no jogo sagrado, a poesia nasceu do jogo e dele se nutriu, a música e a dança eram puro jogo. O saber e a filosofia encontraram expressão em palavras e formas derivadas das competições religiosas. As regras da guerra e as convenções da vida aristocrática eram baseadas em modelos lúdicos. Daí concluir necessariamente que em suas fases primitivas a cultura é um jogo. Não quer isto dizer que ela nasça do jogo, como um recém-nascido se separa do corpo da mãe. Ela surge no jogo, e enquanto jogo, para nunca mais perder esse caráter” (Huizinga, [1938] 2000, p. 37 e p. 125).

¹⁶⁰“Os animais brincam tal como os homens. Bastará que observemos os cachorrinhos para constatar que, em suas alegres evoluções, encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano. Convidam-se uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que os proíbe morderem, ou pelo menos com violência, a orelha do próximo. Fingem ficar zangados e, o que é mais importante, eles, em tudo isto, experimentam evidentemente imenso prazer e divertimento. [...] Se os animais são capazes de brincar, é porque são alguma coisa mais do que simples seres mecânicos. Se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional” (Huizinga, [1938] 2000, p. 5-7).

abordagem inovadora para os estudos sobre a criança. O sociólogo britânico propõe uma nova concepção de infância, compreendida como uma rede de relações em constante negociação. A partir de uma ética entre humanos e não-humanos, Prout (2010), na esteira da filósofa Donna Haraway, abandona tanto o reducionismo biológico quanto o sociológico, afirmando o “caráter híbrido da infância, parte natural, parte social” (Prout, 2010, p. 736). Em consonância com os estudos de Nick Lee, em *The challenge of childhood* (1999), na perspectiva Pós-Humanista e Materialista, Prout considera que crianças e adultos são, ao mesmo tempo, seres e devires, ou seja, ambos são incompletos, interdependentes e em transformação permanente. Esse entendimento, além de superar as visões que consideram a criança como o devir em direção ao ser, ou seja, como um projeto que se realizará apenas no futuro, também desmonta a ideia de que a pessoa adulta seja o ser acabado e completo do desenvolvimento humano. Assim,

não é necessário separar arbitrariamente as crianças dos adultos, como se fossem espécies de ser diferentes. Em vez disso, a tarefa consiste em saber quantas versões distintas de criança ou adulto emergem da complexa interação, rede e orquestração entre diferentes materiais naturais, discursivos, coletivos e híbridos (Prout, 2010, p. 740).

Ao considerar crianças e adultos como “híbridos de cultura e natureza, produzidos por redes de conexão e desconexão”, Prout (2010, p. 741) afirma que “todos têm um papel na construção daquilo que emerge como infância.”

Nesse sentido, a elaboração de Lobato quanto à visão sobre a criança, desde o início do século XX, no Brasil, está em consonância com perspectivas que estão sendo construídas e consolidadas recentemente, em diversos países. Ele também rompeu com as dicotomias natureza/cultura, adulto/criança, ser/devir: “Que é uma criança? Nada mais do que isto: imaginação e fisiologia” (Lobato *apud* Cavaleiro, [1955] 1962, v. 2, p. 150). *Emília*, sua personagem mais popular, desde 1920, além de ser uma “fadinha que anda pelo mundo disfarçada em boneca de pano” (Lobato, [1933] 1984p, p. 80), apresenta-se como um híbrido de ser encantado e de devir boneca-criança.

A ideia de uma eterna criança – ou de que tanto a criança se torna adulto quanto o adulto se torna criança – também se fez presente no pensamento do escritor de Taubaté. De acordo com a biografia de Edgard Cavaleiro ([1955] 1962, v. 2, p. 151), Lobato estava residindo em Nova Iorque, entre os anos de 1927 e 1931, quando numa ocasião, sentado solitário numa praça “da metrópole de aço e cimento-armado”, sente muita saudade do Brasil

e “como numa tela, vê desfilar lentamente todo o passado.” As recordações do escritor levam-no de volta à infância. Pensa na velha fazenda, no cavalinho pangaré, no pomar, na rede rangedora. “O mundo da criança se reconstitui, sereno, perfeito, e aquilo lhe dá prazer. Um prazer insuspeitado. Como há tempos não sentia” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 2, p. 151).

Ao regressar para a sua casa, tranca-se no escritório e passa a reler “seus livrinhos largados num canto da estante” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 2, p. 151). Decide, então, unificar aquelas histórias e escrever outras, que passarão a compor a obra *Reinações de Narizinho* (1931). Antes de se debruçar na escrita, “chega a ficar comovido. Não pensara, até aquele momento, que naquelas historietas o melhor era o seu próprio mundo infantil que, meio inconsciente, reconstituíra” (Cavalheiro, [1955] 1962, v. 2, p. 151-152).

O biógrafo relata que, no momento dessa epifania, Lobato estava se aproximando dos cinquenta anos de idade e já havia se consagrado como escritor. Ao ser indagado do motivo que o levou a escrever para crianças, de forma consistente, a partir dos anos de 1930, responde: “Dá-me prazer e traz-me compensações, coisas que jamais senti e tive escrevendo para marmanjos. Prazer...” (Lobato *apud* Cavalheiro, [1955] 1962, v. 2, p. 150-151). Fica evidente que o escritor paulista estava satisfazendo sua necessidade lúdica (Huizinga, [1938] 2000) e vivenciando seu verdadeiro *self* (Winnicott, [1971] 1975), ao brincar, escrevendo com prazer, divertindo-se.

Ao pensar filosoficamente sobre a criança, diz o literato:

Será que a criança subsiste sempre no adulto? [...] O gosto que sinto em escrever histórias que irão dar prazer às crianças prova que estou chegando à idade mental delas. A criança que mais se diverte com as minhas histórias é a que subsiste ou está renascendo dentro de mim (Lobato *apud* Cavalheiro, [1955] 1962, v. 2, p. 150-151).

O criador da *Emília* se questionava sobre uma criança que subsiste ou que renasce internamente no adulto. Ele deu início à escrita de pequenos contos infantis quando estava com aproximadamente quarenta anos. Aos se aproximar dos cinquenta, começou a publicar os livros da saga *Sítio do Picapau Amarelo* e não parou mais de escrever para crianças, até a proximidade de sua morte, ocorrida quando contava com sessenta e seis anos de idade.

Ao iniciar sua aventura pela escrita de literatura infantil, desejava despertar o interesse das crianças. Em carta a Rangel, de 9 de fevereiro de 1921, enviando-lhe *Narizinho arrebitado*, escreve: “Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças”

(Lobato [1944] 1959, v. 2, p. 228). No transcorrer dos anos, o *Sítio do Picapau Amarelo* passou a ser seu alento. Ao atravessar dificuldades nos negócios com ferro e petróleo, confidenciou ao amigo que encontrava o “bom humor” escrevendo as aventuras de seus personagens infantis. Na carta de 7 de outubro de 1934, revela:

Rangel, has de estar estranhando o tom eufórico desta carta e pensarás que é o ferro ou o petróleo que vem vindo *around the corner*. Nada disso. É a perspectiva do encontro de tia Nastácia com Isaac Newton que me põe de bom humor. Imagine a coitada lá pelos intermundios, escorregando dum rabo de cometa, caindo de estrela em estrela e afinal aparada por um par de braços. De quem? De Sir Isaac Newton! [...] A literatura ainda é o meu consolo... (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 330).

Como vimos, Lobato buscou, ao criar o mundo encantado do *Sítio*, interessar as crianças em geral e divertir uma criança especial, que subsistia ou renascia dentro de si mesmo. As peripécias de suas personagens são contadas do ponto de vista infantil. Cavaleiro ([1955] 1962, v. 2, p. 159) ressalta que “Monteiro Lobato não conta uma história ou dá qualquer lição como velho e ponderado vovô. Longe disso. Porta-se como um menino grande e inteligentíssimo falando a outros meninos, divertindo-se.” Além disso, conforme destacam Carmen Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta (1997, p. 164), o escritor “explorava o imaginário, percorria os arquétipos e viajava pelos meandros do inconsciente coletivo de uma maneira crítica e criativa.”

O criador da psicologia analítica, Carl Gustav Jung (1875-1961), articulou o seu conceito de arquétipos, a partir da apropriação da noção de representações coletivas das figuras simbólicas primitivas – desenvolvida pelo filósofo e sociólogo Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939) – com a fisiologia dos instintos. “O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e o das formigas para se organizarem em colônias” (Jung, [1961] 2016, p. 83). Nesse sentido, os arquétipos são tendências instintivas que impulsionam o psiquismo a acessar imagens simbólicas primordiais. Estes símbolos seriam figuras que vão se formando e se registrando na memória cultural humana, ou seja, no que Jung denominou como inconsciente coletivo. Assim:

Meus críticos supuseram, erradamente, que eu desejava referir-me a ‘representações herdadas’ e, conseqüentemente, rejeitaram a ideia de arquétipo como se fosse apenas uma superstição. [...] É preciso que eu esclareça aqui a relação entre instinto e arquétipo. Chamamos de instinto os impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, esses instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença, apenas por meio de imagens simbólicas. São essas manifestações que chamo de arquétipos (Jung, [1961] 2016, p. 83).

Ao tratar da criança enquanto arquétipo, ou seja, como fantasia instintual, Jung ([1959] 2014) lança mão da imagem simbólica do *Ouroboros*. Trata-se de uma figura mitológica de uma serpente (ou dragão) engolindo a própria cauda. Assim, criança arquetípica simboliza os começos e os fins – que se encontram ligados aos começos – em circularidade. Esse arquétipo não pode ser apreendido apenas no âmbito da consciência, “por incluir a extensão do inconsciente, indefinido e indefinível” (Jung, [1959] 2014 p. 180). É como experiência psíquica que as imagens arquetípicas podem ser vividas e interpretadas. Desse modo, a criança é a vivência de um “começo insignificante e incerto”, bem como de um “fim triunfante”. “A ‘eterna criança’ no homem é uma experiência indescritível, uma incongruência, uma desvantagem e uma prerrogativa divina, um imponderável que constitui o valor ou desvalor último de uma personalidade” (Jung, [1959] 2014 p. 181). Nesse sentido, o psicólogo suíço ressoa Goethe ([1808] 2016, p. 12): “O mais feliz dos homens é aquele que consegue ligar o fim de sua vida ao início.”

Na filosofia de Nietzsche, a criança atua como uma figura metafórica relevante. Em diversos textos, o autor de *Assim falou Zaratustra* lança mão dessa imagem para a construção do seu pensamento. Utilizada por Heráclito¹⁶¹, a alegoria da criança brincando inocentemente com o tempo foi retomada, várias vezes, pelo filósofo alemão.

Conforme demonstra a tese de Newton Amusquiavar Jr., intitulada *A recepção de Heráclito na filosofia de Nietzsche* (2019), Heráclito, na visão de Nietzsche, não era apenas um filósofo pré-socrático, no sentido de ser um preparador da considerada filosofia autêntica, que só começaria com o pensamento socrático-platônico. Em *A filosofia na época trágica dos gregos* (1873), Nietzsche exalta Heráclito como o maior dos grandes mestres gregos da Antiguidade, por não recorrer a nenhum mundo metafísico para compreender ou justificar o mundo físico e, principalmente, por ter afirmado que o puro devir é tudo o que há (Nietzsche, [1873] 1974a, p. 40-43).¹⁶² Posteriormente, em *Crepúsculo dos ídolos* ([1888] 2017, p. 21), o filósofo afirma que os sentidos não mentem, “na medida em que mostram o vir-a-ser, o

¹⁶¹De acordo com o historiador Alexandre Costa, em *Heráclito: fragmentos contextualizados* (2002, p. 18), o filósofo “nasceu e viveu em Éfeso, Ásia Menor, território hoje pertencente à Turquia. Não existe um consenso sobre a data do seu nascimento e de sua morte. Costuma-se, entretanto, fixá-la por volta dos anos de 544 e 474 a.C., respectivamente.” Heráclito, vivendo solitário, em montanhas afastadas da cidade, escreveu um único livro, provavelmente intitulado *Acerca da natureza*, do qual restam apenas fragmentos.

¹⁶²“Mais alto do que Anaximandro, Heráclito proclamou: ‘Não vejo nada além do vir-a-ser. Não vos deixeis enganar! É vossa curta vista, e não a essência das coisas, que vos faz acreditar ver terra firme em alguma parte no mar do vir-a-ser e do perecer. Usais nomes das coisas como se estas tivessem uma duração rígida: mas nem mesmo o rio em que entraís pela segunda vez é o mesmo que da primeira vez’” (Nietzsche, [1873] 1974a, p. 43).

decorrer, a transformação.” E reafirma: “Mas Heráclito sempre terá razão em que o ser é uma ficção vazia. O mundo ‘aparente’ é o único: o ‘mundo verdadeiro’ é apenas acrescentado *mendazmente*” (Nietzsche, [1888] 2017, p. 21, grifo do autor).

Inspirado na “sublime alegoria” (Nietzsche, [1873] 1974a, p. 44) heraclitiana – “O tempo é uma criança brincando, jogando: reinado da criança” (Heráclito, fragmento CXXXI, 2002, p. 218) –, afirma Nietzsche, em *A filosofia na época trágica dos gregos* (1883):

Um vir a ser e perecer, um construir e destruir, sem nenhuma prestação de contas de ordem moral, só tem neste mundo o jogo do artista e da criança. E assim como joga a criança e o artista, joga o fogo eternamente vivo, constrói em inocência – e esse jogo joga o Aion consigo mesmo. Transformando-se em água e terra, faz, como uma criança, montes de areia à borda do mar, faz e dismantela; de tempo em tempo começa o jogo de novo. Um instante de saciedade: depois a necessidade o assalta de novo, como a necessidade força o artista a criar. Não é o ânimo criminoso, mas o impulso lúdico, que, sempre despertando de novo, chama à vida outros mundos. Às vezes a criança atira fora seu brinquedo: mas logo recomeça, em humor inocente (Nietzsche, [1873] 1974a, p. 44).¹⁶³

Nas linhas acima, podemos verificar a força que essa metáfora de Heráclito teve no pensamento de Nietzsche. A partir dela, a criança será, para o autor de *Zaratustra*, o símbolo da experiência criadora. Em *O nascimento da tragédia* (1872), obra na qual argumenta que a força dionisíaco-apolínea da tragédia se enfraqueceu com o socratismo-teórico, o filósofo apresenta a comparação entre os gregos e as crianças, que teriam inventado a arte trágica como brinquedo e, com suas próprias mãos, o quebrado. Em suas palavras: “Os gregos, como diziam os sacerdotes egípcios, são eternas crianças, e também na arte trágica são apenas crianças que não sabem que sublime brinquedo nasceu – e foi destruído – em suas mãos” (Nietzsche, [1872] 2020, p. 94). Em *Genealogia da moral: uma polêmica* (1887), o filósofo também compara os gregos às crianças, ao elogiar o motivo pelo qual eles inventavam seus deuses. Diferentemente do deus judaico-cristão, castigador, os deuses gregos levavam a culpa por enlouquecerem os humanos e os induzirem a praticar maus feitos. Por se considerarem afortunados e bem constituídos, os gregos projetavam essa imagem aos seus deuses e, por meio deles, sentiam-se divinizados. Assim:

Por muito e muito tempo, esses gregos se utilizaram dos seus deuses precisamente para manter afastada a ‘má consciência’, para poder continuar

¹⁶³Nietzsche utiliza novamente essa alegoria em *O nascimento da tragédia* (1872), ao expor que “o fenômeno dionisíaco” revela-se como “um jogo de construir e destruir o mundo individual”, e prossegue: “de modo semelhante, Heráclito, o Obscuro, compara a força formadora do mundo a uma criança que, brincando, coloca pedras aqui e ali e constrói montes de areia para em seguida derrubá-los (Nietzsche, [1872] 2020, p. 130).

gozando a liberdade da alma: uso contrário, portanto, ao que o cristianismo fez do seu Deus. Nisso eles foram *bem longe*, essas crianças magníficas e leoninas” (Nietzsche, [1887] 2009, p. 76, grifos do autor).

No aforismo de *Humano, demasiado humano II*: um livro para espíritos livres (1879), intitulado *Saber ser pequeno*, o filósofo escreve:

Deve-se estar ainda tão próximo às flores, relvas e borboletas como as crianças, que não são muito mais altas que elas. Já nós, adultos, as ultrapassamos em crescimento e temos que nos rebaixar até elas [...] – Quem quer participar de *tudo* o que é bom, tem de saber ser pequeno em alguns momentos (Nietzsche, [1879] 2017, p. 158, grifo do autor).

A delicadeza poética de Nietzsche, ao elogiar os pequenos – flores, relvas, borboletas e crianças – se encontra com a força da crítica que faz aos espíritos que adoecem de ressentimento e, por não amarem a vida em sua finitude, não compreendem a força das crianças que, até na iminência da morte, brincam. Em *Aurora*: reflexões sobre os preconceitos morais (1881, 1887), no aforismo *Os caluniadores da alegria*, afirma:

Pessoas profundamente magoadas pela vida suspeitam de toda alegria, como se esta sempre fosse ingênua e pueril e demonstrasse irracionalidade, em vista da qual poderíamos sentir apenas comiseração e enternecimento, como sentiríamos ante uma criança prestes a morrer, que na cama ainda mima seus brinquedos. Tais pessoas enxergam, por baixo de todas as rosas, túmulos ocultos (Nietzsche, [1881, 1887] 2016, p. 179).

Para o filósofo, os espíritos doentes, cansados e desvitalizados acusam de ingênuos e infantis os que se divertem, que festejam e que cultivam a alegria, mesmo diante da tragicidade do fim da existência.

No entanto, conforme elucida Scarlett Marton, em *Nietzsche, seus leitores e suas leituras* (2010), o filósofo alemão não se deixa capturar nas “redes da linguagem”; ele faz as palavras deslizarem em múltiplos sentidos e, muitas vezes, voltarem contra si mesmas, dependendo dos combates que estiver travando com a sua escrita (Marton, 2010a, p. 19). Desse modo, ele utilizou também a figura da criança para criticar os devotos, conforme a seguinte exortação de *Zaratustra*:

Por que vos disfarçais e escondeis de mim? Como se agitou de prazer e maldade o coração de cada um de vós, porque enfim vos tornastes novamente como as criancinhas, ou seja, devotos, – porque enfim fizestes novamente como as crianças, ou seja, rezastes, juntastes as mãos e dissestes ‘meu bom Deus!’ [...] Sem dúvida: se não vos tornardes como as criancinhas, não entrareis *nesse* reino dos céus. (E Zaratustra apontou com as mãos para cima.) Mas nós não queremos entrar no reino dos céus: tornamo-nos homens – *assim, queremos o reino da terra*’ (Nietzsche, [1883] 2018, p. 299, grifos do autor).

Nessa passagem, podemos observar Nietzsche utilizando a palavra criança, a fim de parodiar os Evangelhos, nos quais consta que Jesus teria dito que era das criancinhas o reino dos céus.¹⁶⁴ *Zaratustra*, afirmador do *reino da terra*, alerta, nesse caso, para um *tornar-se homem*, não querendo criancinhas devotas à sua filosofia.

Podemos notar que Nietzsche não faz uma *pedante separação das idades da vida*. Contestador da visão moderna de progresso, o filósofo vai na contramão de um dos derivados desse pensamento, que é a ideia de desenvolvimento em direção ao adulto, entendido como um ser maduro e acabado.

Nesse sentido, há nas anotações do jovem Lobato, compiladas na obra *Mundo da Lua* (1923), uma reflexão do escritor sobre a visão de Nietzsche acerca das idades da vida. Vejamos:

Não forma um conjunto a humanidade, quer Nietzsche, e sim multiplicidade indissolúvel de fenômenos vitais, ascendentes e descendentes – sem mocidade a que suceda maturidade e sem velhice. As camadas confundem-se, superpõem-se – e após milhares de anos poderão surgir tipos de homens mais jovens do que os de hoje (Lobato, [1923] 1959a, p. 26).

Essa passagem evidencia mais um aspecto da recepção do pensamento de Nietzsche por Monteiro Lobato, a que toca na visão sobre um devir criança, sustentada pelo escritor paulista. A perspectiva que rompe com a dicotomia criança *versus* adulto – sendo aquela inferiorizada em relação a este, numa linha “progressiva” de desenvolvimento humano – já havia sido lida em Nietzsche pelo literato, antes das publicações do *Sítio do Picapau Amarelo*.

No aforismo intitulado *A eterna criança*, em sua obra *Humano, demasiado humano II* (1879), diz o filósofo:

Nós julgamos que histórias de fadas e brincadeiras são coisas da infância: míopes que somos! Como se em alguma idade da vida pudéssemos viver sem brincadeiras e histórias! É certo que as denominamos e vemos de outro modo, mas justamente isso mostra que são a mesma coisa – pois também a criança vê a brincadeira como seu trabalho e as histórias como sua verdade. A brevidade da vida deveria nos guardar da pedante separação das idades da vida (Nietzsche, [1879] 2017, p. 97).

Nietzsche afirma que *histórias de fadas e brincadeiras* não são coisas restritas ao mundo infantil. Assim como Monteiro Lobato, Johan Huizinga e Donald Winnicott, o criador

¹⁶⁴“Trouxeram-lhe, então, algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus” (Evangelho de Mateus, 19:13-14, Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida, 1997, p. 1361).

de *Zaratustra* tanto qualifica o brincar e o fabular como *trabalho e verdade* das crianças quanto reconhece nos adultos a necessidade lúdica. No livro *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro* ([1886] 2005, p. 65) reitera: “Maturidade do homem: significa reaver a seriedade que se tinha quando criança ao brincar.”

Ao evidenciar a trança conceitual entre devir e criança no pensamento de Heráclito e de Nietzsche, destacando o aspecto de brincadeira estética e artística do devir, na necessidade contínua de criação e recriação, Renato Nunes Bittencourt (2016, p. 95) afirma:

Através de uma despreocupada e inocente brincadeira, as crianças representam alegoricamente o desvelar do sutil espírito de alegria decorrente do processo de vir a ser presente na natureza, na relação indissociável de vida-morte, enquanto espelho que reflete a condição inexorável da existência de contínua transformação. O devir é livre de qualquer conotação moral; desse modo, a própria mudança das configurações do mundo decorre de uma necessidade cosmológica e estética de contínua recriação das suas formas e da sua estrutura. O mundo se representa assim como uma grande obra de arte aberta (Bittencourt, 2016, p. 95).

A necessidade de brincar é, portanto, cosmológica e humana, fazendo parte do criar estético da criança-vida. Em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* ([1873] 1974, p. 538-539), Nietzsche apresenta a tese de que o intelecto humano é um “mestre do disfarce” e exerce seu poder criador ao inventar a fábula, o mito, a poesia e, por meio de seu impulso fundamental de produzir metáforas, pode “enganar sem causar dano”, pode brincar, por meio da arte. “O próprio homem, porém, tem uma propensão invencível a deixar-se enganar e fica como que enfeitado de felicidade quando o rapsodo lhe narra contos épicos como verdadeiros” (Nietzsche, [1873] 1974, p. 539).

Portanto, como símbolo de criação do mundo – e de criação de si mesmo – a metáfora da criança aparece com força na filosofia de Nietzsche. O personagem *Zaratustra*, após passar dez anos, solitário no alto de uma montanha, desce transformado. “Tornou-se uma criança Zaratustra, um despertado” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 11). O primeiro discurso do personagem será *As três metamorfoses do espírito*: “de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 25). Mas, antes de escutarmos *Zaratustra*, acompanhemos as metamorfoses da *Emília*.

3.2. *Emília muda muito, não é como vocês que são sempre os mesmos*:¹⁶⁵ a boneca-gente

¹⁶⁵ Assim falou Pedrinho em *Reinações de Narizinho* (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 134).

Emília nasceu na primeira página de *A menina do narizinho arrebitado*, conto publicado no ano de 1920, pela *Revista do Brasil* e obra inaugural da saga *Sítio do Picapau Amarelo*. “Muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retrós preto e as sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa” (Lobato, 1920, p. 4). Apesar de feia, a boneca – feita por *Tia Nastácia* com retalhos de tecido e preenchida com macela – é muito amada pela menina *Narizinho*, que não almoça nem janta sem tê-la ao seu lado. *Emília* dorme “numa redinha armada entre dois pés de cadeira” (Lobato, 1920, p. 4).

O *Sítio do Picapau Amarelo* é a casa da *Emília*. Ela gosta muito de brincar de faz-de-conta, acompanhada principalmente por *Narizinho*, *Pedrinho* e pelo *Visconde de Sabugosa*. Vive aventuras com outros moradores do *Sítio*, como o porco *Rabicó*, o rinoceronte *Quindim* e o *Burro Falante*. Conheceu e se relacionou com ilustres personagens como *Capinha Vermelha*, *Pequeno Polegar*, *Gato Félix*, *Tom Mix* e *Hércules*. Todas as noites, a boneca participa das reuniões que *Dona Benta* organiza com os moradores, na sala de estar do *Sítio*, nas quais a vovó conta histórias e provoca a curiosidade e a imaginação das crianças. *Emília* gosta tanto de “ouvir histórias” (Lobato, [1927] 1984e, p. 96) quanto de contá-las. Suas historinhas são inventadas por ela mesma, “sem auxílio de ninguém, nem tiradas de nenhum livro” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 159).

De acordo com *Dona Benta*, *Emília* é uma boneca pequeninha – mede dois palmos. Feita de pano ordinário, *Tia Nastácia* disse que se soubesse que ela ficaria tão famosa, teria usado um tecido melhor, uma seda ou retalho de algum vestido de ir à missa. Ela enxerga muito bem, a ponto de conseguir ver, da Terra, uma pulga na grande estrela Ursa. “Certa vez chegou até a enxergar uma pulga no dragão de São Jorge, lá na Lua” (Lobato, [1944] 1984h, p. 110). Entende a língua das formigas e foi escalada para acompanhar *Pedrinho*, em suas *Caçadas*, por ter um bom faro. Em *Reinações de Narizinho* (1931), a boneca comenta com *Dona Aranha Costureira* seu sentimento por nunca ter comido coisa alguma, tendo em vista que comer lhe parecia ser algo muito gostoso (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 130). Quando *Tia Nastácia* sumiu no meio da confusão dos monstros da *Fábula*, que invadiram o casamento de *Branca de Neve* com o *Príncipe Codadad*, em *O Picapau Amarelo* (1939), *Emília* levanta a hipótese de que o *Minotauro* pudesse ter devorado sua criadora: “As cozinheiras devem ter o corpo bem temperado, de tanto que lidam com sal, alho, vinagre, cebolas. Eu, se fosse antropófaga, só comia cozinheiras” (Lobato, [1939] 1984q, p. 105).

Emília nunca fica doente. Ela considera que os panos de seu corpo funcionam como uma espécie de peneirinha que coa qualquer doença. Porém, inventa um mal estar se for preciso fugir de enrascadas. Em *Aritmética da Emília* (1935), inventou uma dor de dentes para se livrar de uma apresentação sobre uma matéria de aritmética que não sabia. O *Visconde de Sabugosa* confrontou a boneca de pano, por ela não possuir dentes. No entanto, *Emília*, que nunca se atrapalha nas respostas, disse estar com uma “dor de dentes abstrata”, coisa que um “sabugo embolorado” não seria capaz de entender. Nessa época, andava de toquinha, avental e vestido xadrez. Mas, seu visual e seu modo de se vestir vai se transformando, de acordo com a aventura que estiver vivendo. Em *O poço do Visconde* (1937), ao assumir o cargo de Diretora de Transportes da *Companhia Donabetense de Petróleo* e ganhar muito dinheiro, ela passa a vestir blusa cheia de bolsos, capacete de cortiça, culote amarelo e botas nos pés. *Pedrinho*, quando apresentou a boneca a um caranguejo do *Reino das Águas Claras*, ressaltou: “*Emília* muda muito, não é como vocês que são sempre os mesmos” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 134).

Transformou-se de boneca muda em “torneirinha de asneiras” (Lobato, [1932] 1984b, p. 61), quando começou a falar, em *Reinações* (1931), após tomar a “pílula falante”, que lhe foi prescrita pelo *Doutor Caramujo*, a pedido de *Narizinho*. “*Emília* engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. [...] E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 27). De acordo com o *Doutor*, era preciso deixar a boneca botar para fora a “fala recolhida”. Depois de um tempo, ela conseguiria controlar melhor os momentos de falar e de calar, segundo o médico caramujo. Apesar disso, a menina *Narizinho* acha que a boneca não fecha direito a torneirinha e “fala pelos cotovelos” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 266). *Emília* não concorda e argumenta: “Não falo pelos cotovelos [...]. Só pela boca. E falo bem. Sei dizer coisas engraçadas e até filosóficas” (Lobato, [1936] 1984f, p. 12). No entanto, a ilustre boneca nunca fala “sob encomenda” de ninguém. Ao ser apresentada ao velho fabulista *Esopo*, este, admirado por nunca ter conhecido anteriormente uma bonequinha falante, pediu-lhe que dissesse alguma tolice para ele ver. “*Emília* desapontou e, torcendo a ponta do seu lencinho de chita, respondeu com muito propósito: – Assim de encomenda, não sei...” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 267).

Sua maior diversão é fazer invenções e misturas com as palavras. Considerada a melhor botadeira de nomes do *Sítio*, *Emília* não gosta de dar satisfações sobre suas escolhas. Em *Reinações de Narizinho* (1931), quando *Pedrinho* lhe perguntou: “Mas que relação há entre o nome Quindim, tão mimoso, e um paquiderme cascudo destes?”, respondeu a boneca:

“A mesma que há entre a sua pessoa, Pedrinho, e a palavra Pedro – isto é, nenhuma. Nome é nome; não precisa ter relação com o ‘nomado’. Eu sou Emília, como podia ser Teodora, Inácia, Hilda ou Cunegundes” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 12).¹⁶⁶ A boneca, sempre que tinha oportunidade, arrancava o que considerava um peso para as palavras, como as letras mudas e os acentos desnecessários.

Calada, *Emília* era “uma grande medrosa” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 9). Ao adquirir o poder da fala, a boneca tornou-se a mais corajosa, teimosa, tagarela e irreverente personagem da história da literatura brasileira (Bignotto, 1999). Nas palavras de *Dona Benta*, em *Viagem ao céu* ([1932] 1984b, p. 122): “nunca houve no mundo uma boneca mais viva, mais esperta e inteligente.” *Emília* se derrete quando sua esperteza é valorizada. “A esperteza é tudo na vida – gritou a boneca. – Se eu tivesse um filho, só lhe dava um conselho: Seja esperto, Emilinho!” (Lobato, [1937] 1984r, p. 92).

“Vaidosa e cheia de si” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 51), confiante apenas nos seus próprios pensamentos, gostava de estar sempre à frente do bando, nas aventuras, “para que pudesse ir vendo as coisas antes dos outros” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 72). “Não tinha medo de nada” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 292). “Emília era a mais corajosa boneca que ainda existiu no mundo” (Lobato [1933] 1984p, p. 32). Mandona, “o sonho de Emília era tornar-se mulher de pirata – para ‘mandar num navio’” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 257).

Pragmática, casou-se com o porco *Marquês de Rabicó*, a fim de obter o título de *Marquesa*, que substituiria o de solteira: *Condessa de Três Estrelinhas*. De acordo com *Narizinho*: “– Emília é uma emproada, que não dá confiança ao marido. Casou-se só por casar, pelo título” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 105). “Emília era muito interesseira”, “não fazia nada de graça”, “gostava de receber presentes, mas não de dar” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 177 e 195). Não quis ter filhos, pois, se tivesse, “teria de ficar em casa, dando de mamar, lavando fraldinhas.” Ela prefere ter tempo livre para viajar, que é o que mais gosta de fazer na vida (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 135).

¹⁶⁶A pesquisadora Margarida Maria Alacoque Chaves de Sousa, em *Emília: potencialidade transgressora na formação de um novo conceito de infância* (2009, p. 70) diz que Lobato “jamais revelou a origem do nome dado a essa personagem.” Diante disso, Chaves de Sousa (2009, p. 70) e Penteado (1997, p. 214) interpretam: “Não seria Emília um Emílio rousseauiano às avessas?” Rousseau defendia que as crianças deveriam ficar o maior tempo possível afastadas da sociedade e dos livros, a fim de preservarem sua “inocência natural”, enquanto Lobato apostava no incentivo à imaginação que a literatura poderia fomentar nas crianças, desde muito cedo, antes mesmo de começarem a ler, escutando os contadores de histórias e experienciando a vida social (Chaves de Sousa, 2009).

Aprende Inglês, durante sua viagem de navio a Hollywood. “A viagem foi ótima, exceto para o Visconde, que enjoou a ponto de deitar ao mar metade da sua ciência” (Lobato, [1936] 1984f, p. 91). Depois de apenas uma semana de estudo, declarou o velho almirante, admirado: “É extraordinária a inteligência desta criança! Já está falando inglês sem o menor sotaque português!” (Lobato, [1936] 1984f, p. 91). Além de viajar, a boneca ama ler. “Emília tinha também sua biblioteca, feita de pedacinhos de papel de jornal, cortados do tamanho de palhas de cigarro e presos com alinhavo muito malfeito...” (Lobato, [1933] 1984k, p. 204).

Emília gosta de fazer mil coisas. Ela se destaca como contadeira de histórias, botadeira de nomes, professora, colecionadora de cacos, repórter, empresária, inventadeira de palavras, escritora, dadeira de ideias, artista de circo, arranjadeira de tostões e filósofa que não se estrepa (Lobato, [1936] 1984f, p. 12). “Emília tinha mais ideias na cabeça do que um cachorro magro tem pulgas no pelo” (Lobato, [1944] 1984i, p. 43).

A boneca, palmeirense, não gosta de perder, nem admite galhofas do sabugo corintiano. Numa ocasião em que ouviram o rádio anunciando que o Corinthians venceu o Palmeiras, “danada com a derrota do seu clube, Emília arrumou com uma colher na cabeça do Visconde, para castigá-lo do risinho de vitória” (Lobato, [1935] 1984l, p. 149). Em *Aritmética da Emília* ([1935] 1984m, p. 187), a boneca disse gostar muito do sinal de multiplicar, pelo poder que ele tem de aumentar as quantidades: “Gosto das coisas poderosas.” Em contrapartida, resmungou quando o *sabugo que calculava* estava ensinando sobre o sinal de dividir: “Não gosto. Divisão não é comigo. O que é meu é meu só. Não divido nada com ninguém” (Lobato, [1935] 1984m, p. 187).

Ela também “é a criatura mais interesseira do mundo. Tudo quanto faz tem uma razão egoística. Só pensa em si, na vidinha dela, nos brinquedos dela. Por isso mesmo está ficando a pessoa mais rica da casa” (Lobato, [1936] 1984f, p. 88). “Vou mandar o Doutor Caramujo fazer uma operação nesta malvada para botar dentro dela o que está faltando... Dona Benta perguntou, muito admirada, que era que estava faltando em Emília. – Coração, vovó” – disse *Narizinho* (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 91). “Emília é filósofa, pensou o Visconde, e quando se põe a filosofar parece que tem coração duro mas não tem. Emília é filosoficamente boa” (Lobato, [1942] 1984t, p. 124).

“Teimosa como ela só” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 32). “Quando Emília tinha uma coisa na cabeça era pior que sarna” (Lobato, [1932] 1984b, p. 12). Quando alguém lhe pede explicações sobre suas opiniões, argumenta, pernóstica: “Eu acho com base no meu desejo de

achar” (Lobato, [1932] 1984b, p. 64). “Emília nunca se atrapalhou nas suas respostas. Dizia as maiores asneiras do mundo, mas respondia” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 32). *Narizinho*, ao tentar ensinar *Emília* a se comportar nos salões da sociedade, percebeu que a boneca não sabia mentir, nem fingir. “Emília tem a mania de ser franca” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 87).

Autêntica ao extremo, afirma a boneca: “Sou como sou, gostem ou não gostem” (Lobato, [1935] 1984l, p. 149). Na aventura pelo *País da Gramática* (1934), *Visconde de Sabugosa* visitou o bairro das palavras obscenas e, envergonhadíssimo, disse que teve um encontro com as palavras mais sujas da língua. Alertou para que ninguém passasse mais por lá. “Mas a pestinha da Emília, que era boneca e não achava nada no mundo indecente, assanhou-se logo. [...] – As coitadas das palavras que culpa têm de existirem no mundo coisas que os homens consideram feias? Vou lá, sim – disse ela” (Lobato, [1934] 1984a, p. 34). *Narizinho*, porém, preocupada com os bons modos, não deixou.

Criativa, a boneca ajudou a libertar o *Pequeno Polegar* e outros personagens que andavam aborrecidos dentro das histórias emboloradas da barata *Carochinha*, dando-lhes acolhida no *Sítio do Picapau Amarelo*.¹⁶⁷ Narizinho comenta: “As ideias de vovó e Tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as adivinha antes que elas abram a boca. As ideias de Emília hão de ser sempre novidades” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 28).

A *Marquesa de Rabicó* era considerada “a mais maluquinha de todas as bonecas” (Lobato, [1921] 1984d, p. 143), provavelmente por pensar diferente do modo esperado. *Pedrinho*, em *Reinações de Narizinho*, desconfiou que *Emília* tivesse ficando louca, quando ela descreveu um “pantasma”, o qual seria uma ideia que a boneca tinha na cabeça há muito tempo, “de um bicho que até agora ainda não existiu no mundo”. Diferente de um fantasma qualquer, ele “tem olhos nos pés, tem pés no nariz, tem nariz no umbigo, tem umbigo no calcanhar, tem calcanhar no cotovelo, tem cotovelo nas costelas, tem costelas no...” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 236). “Emília tinha ideias de verdadeira louca” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 31). Em *O Picapau Amarelo*, revela: “Adoro os loucos. São as únicas gentes interessantes que há no mundo” (Lobato, [1939] 1984q, p. 169).

Ao escutar *Dona Benta* contar a história de *Dom Quixote*, *Emília* se questiona sobre a loucura: “Ainda não consegui distinguir o que é loucura do que não é. Por mais que pense e

¹⁶⁷De acordo com Cilza Carla Bignotto (1999, p. 137), Lobato, com suas primeiras publicações endereçadas ao público infantil, “aproveita para criticar um dos livros mais famosos entre as crianças da época, as *Histórias da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel, publicado em 1896. [...] A obra *Reinações de Narizinho* estava ‘lutando’ contra *Histórias da Carochinha* pela preferência do público leitor.”

repense, não consigo diferenciar quem é louco de quem não é. Eu, por exemplo, sou ou não sou louca?” (Lobato, [1936] 1984s, p. 231). No transcorrer de *Dom Quixote das crianças* (1936), a boneca vira cavaleira andante, arranja “escudo, lança, espadinha e até armadura. [...] O pobre Visconde segue atrás como escudeiro, vestido de uma roupa larga, que Emília encheu de macela para que ficasse gordo e barrigudinho como Sancho” (Lobato, [1936] 1984s, p. 267). Ao se aproximar o final da trama, *Emília del Rabicó* passou a avançar “contra as galinhas e pintos com a lança em riste [...] Dona Benta gritou-lhe por várias vezes que acabasse com aquilo. Tudo inútil. A boneca fora tomada dum verdadeiro delírio de heroísmo” (Lobato, [1936] 1984s, p. 274). Diante disso, *Pedrinho* opinou: “Não há remédio, vovó, temos de botar Emília numa gaiola, como o cura fez a Dom Quixote” (Lobato, [1936] 1984s, p. 274).

A boneca, então, trancafiada na gaiolinha por ordem de *Dona Benta*, gritava que iria botar fogo na casa, no *Sítio*, no mundo inteiro. “O estado de Emília era grave. Não se tratava mais daquela loucurinha divertida que ela sempre mostrou. Emília estava realmente louca, louca furiosa, varridíssima. [...] – Está no pontinho de ser internada no hospício – disse Pedrinho” (Lobato, [1936] 1984s, p. 279). Presa, *Emília* não parava de espernear e berrar. Deu tantos pontapés nos arames da gaiola que chegou a furar um de seus pezinhos. “Dona Benta condoeu-se do estado da coitadinha. – Nós erramos, meus filhos, prendendo-a na gaiola do sabiá. Para as perturbações mentais a violência não é remédio. Vamos soltá-la e experimentar outro tratamento” (Lobato, [1936] 1984s p. 280). Ao ficar soltinha e ter seu pé restaurado por *Tia Nastácia*, “Emília deu uns passos pela sala e riu-se, feliz. – Estão vendo? – disse Dona Benta. – Bastou que a tratássemos com humanidade para que a loucura fosse embora” (Lobato, [1936] 1984s, p. 280). A boneca correu, então, para o colo da vovó e continuou a ouvir o resto da história de *Sancho* e *Dom Quixote*. Logo depois daquele serão, *Dona Benta* aconselhou *Emília*: “Você às vezes se excede e abusa. O sábio na vida é usar a moderação em todas as coisas. Uma loucurinha de vez em quando tem sua graça; mas uma loucura varrida é um desastre” (Lobato, [1936] 1984s, p. 285). A boneca respondeu: “Sei disso, Dona Benta, mas às vezes me dá comichão de fazer estripulia grossa, como as do cavaleiro da Mancha. Porque eu não acho que isso seja loucura. É apenas revolta contra tanta besteira que há no mundo” (Lobato, [1936] 1984s, p. 286).

Revoltada contra a guerra e a estupidez humana, fez “a maior reinação de todas”. Foi até o fim do mundo, à procura das chaves que controlam tudo, com o objetivo de abaixar a chave da guerra (Lobato, [1942] 1984t, p. 11). Transformou as gentes “tamanhudas” em seres

pequeninhos. Em *A chave do tamanho* (1942), até os líderes mundiais tiveram de ouvir sua voz, tagarelando sem parar. Porém, diante dos ditadores, na aventura diplomática pela paz¹⁶⁸, vivenciada em *A reforma da natureza* (1941), preferiu calar-se e deixar *Dona Benta* e *Tia Nastácia* argumentarem, pois se falasse iria provocar “um grande escândalo internacional” (Lobato [1941] 1984g, p. 14).

Inconformada, *Emília* alterou a realidade por meio da imaginação, mexeu em tamanhos, decidiu revirar até a natureza. Ao ser questionada por *Dona Benta* sobre seus motivos para querer fazer tantas mudanças, responde: “Eu reformei a natureza – disse ela. – Sempre tive a ideia de que o mundo por aqui estava tão torto como a Europa, e enquanto a senhora consertava a Europa eu consertei o sítio” (Lobato, [1941] 1984g, p. 50). A vovó, porém, repreende: “Mas que absurdo, Emília, reformar a natureza! Quem somos nós para corrigir qualquer coisa do que existe? [...] A obra da natureza é muito sábia, não pode sofrer reformas de pobres criaturas como nós” (Lobato, [1941] 1984g, p. 51). Iconoclasta, *Emília* dispara, de bracinhos cruzados: “Não acho! A obra da natureza está tão cheia de ‘bissurdos’ como a obra dos homens. A natureza vive experimentando e errando” (Lobato, [1941] 1984g, p. 51).

Mesmo exigindo argumentos e não gostando de voltar atrás em suas decisões, a boneca sabia reconhecer quando uma atitude sua precisava ser reconsiderada. Ao transformar livros de papel em livros-pão, comestíveis, teve de se deparar com o porco *Rabicó* devorando a *Iliada* e comendo todos livros de Shakespeare da biblioteca de *Dona Benta*. *Emília* “descomestibilizou” a maior parte dos livros, “menos os ruins” (Lobato, [1941] 1984g, p. 56). Após terminada sua aventura de reformar a natureza, “Emília aprendeu a planejar a fundo qualquer mudança nas coisas, por menor que fosse. Viu que isso de reformar às tontas, como fazem certos governos, acaba sempre produzindo mais males do que bens” (Lobato, [1941] 1984g, p. 56).

Apesar de ser considerada avarenta, por “enterrar os tostões que ganhava junto à raiz da pitangueira” (Lobato, [1922] 1984c, p. 242), “Emília era muito previdente” (Lobato,

¹⁶⁸*Dona Benta*, *Tia Nastácia* e *Visconde de Sabugosa* foram “representar a Humanidade e o Bom Senso na Conferência da Paz de 1945” (Lobato, [1941] 1984g, p. 11). A pesquisadora Tâmara Abreu, em *Entre Guerras, ciências e reformas: Emília consertando a natureza* (2009), explica: “O autor provavelmente faz alusão à Conferência da Paz (Paris, 1919) que houve, ao final da Primeira Guerra (1914-1918), onde foi criada a Liga das Nações, que, em 1945, tornou-se a ONU. [...] Apesar de alguns deslizes ou equívocos históricos na obra, Lobato começa o texto com uma espécie de ‘profecia aproximada’ de um cenário que mais tarde aconteceria: a reunião de 1946, em meio aos escombros de uma Alemanha pós-guerra, conhecida como Tribunal de Nuremberg (Abreu, 2009, p. 440).

[1944] 1984h, p. 255). Sua canastrinha sempre continha o que era necessário para qualquer aventura. Foi por meio da linha de seus carretéis que os picapauzinhos conseguiram sair do labirinto do *Minotauro*. Cuidadosa, quando acompanhou as festas dionisiacas, na Grécia, não deixou seu amigo *Hércules* se desequilibrar. Ele gostava de vinho e queria beber. “Emília não deixou. – Nada, Lelé! Você com vinho na cabeça há de tornar-se a peste das pestes. É capaz de fazer as maiores loucuras e dar cabo de toda esta pobre gente. Não quero que beba!” (Lobato, [1944] 1984h, p. 223). Em relação ao *Visconde de Sabugosa*, ela não teve tanto zelo, deixou-o beber até se exceder. Na festa para Dionísio, o boneco “assanhou-se [...], pôs-se a pular, dançar e cantar” (Lobato, [1944] 1984h, p. 222) e aprontou vergonhas. *Emília* comentou: “Assim que chegarmos ao sítio temos de fazer Tia Nastácia reformar o Visconde. Este está cafajéstico demais” (Lobato, [1944] 1984h, p. 222-223).

Emília encantou-se com os gregos, quando visitou *Péricles*, em *O Minotauro* (1939). Disparou uma crítica aos homens modernos e às suas roupas de cores tristes, cheias de bolsos: “Os homens modernos são verdadeiras bestas de carga. [...] Estes gregos não carregam nada – só trazem para a rua a sua beleza, o seu sossego e a sua serenidade” (Lobato, [1939] 1984j, p. 116).

Ela gosta muito de brincar de virar e revirar as coisas, para ver o mundo, a natureza, as pessoas e a vida, a partir de diferentes perspectivas. “Antes de reformar a natureza, *Emília* já havia feito várias reformas na língua (Lobato, [1941] 1984g, p. 16). Em *Emília no País da Gramática* (1934), após diversas peripécias da boneca com as palavras, exigiu *Narizinho*: “Não mexa, *Emília*! Não mexa na Língua, que vovó fica danada... – Mexo e remexo!” – replicou *Emília*, “batendo o pezinho” (Lobato, [1934] 1984a, p. 124).

O *Visconde de Sabugosa*, apesar de irritar *Emília* com suas manias de sábio, é o seu amigo mais fiel. Ela briga muito com ele, mas, sabe, que é com ele que ela pode contar, para o que der e vier, em todas as suas estripulias. “Quem não ama não briga” – conclui a *Marquesa*, no final de suas memórias (Lobato, [1936] 1984f, p. 111). Um dia, o *Visconde* estava impressionado com alguma coisa que a boneca tinha dito, e fez a ela a seguinte pergunta: “Mas, afinal de contas, *Emília*, que é que você é? *Emília* levantou para o ar aquele impaciente narizinho de retrós e respondeu: – Sou a Independência ou Morte” (Lobato, [1936] 1984f, p. 89). O *Visconde* disse ter ficado muito pensativo com essa resposta. Enfim, chegou a uma conclusão: “Na realidade, o que *Emília* é, é isso: uma independência de pano” (Lobato, [1936] 1984, p. 89).

Emília se transforma, conforme lhe dá na veneta. Sem dar satisfações a ninguém, a boneca tornou-se gente. Em *História das invenções* (1935), *Dona Benta* diz que ela não apenas parece gente; mas, sim, que já é uma gentinha das boas. A vovó também descreve, em *O poço do Visconde* ([1937] 1984n, p. 105), o “fenômeno emiliano”: “*Emília* nascera simples boneca de pano, morta, boba, muda como todas as bonecas. Mas misteriosamente se foi transformando em gentinha. [...] Como explicar este mistério?” Sem explicações, a partir do livro *Serões de Dona Benta* (1937), ela passa a ser intitulada como ex-boneca.¹⁶⁹ Em suas palavras, n’*A chave do tamanho* (1942): “Eu de fato já fui boneca de pano. Mas evolui e virei gente. [...] – Evoluir é passar duma coisa para outra muito diferente. [...] – Artes do mistério. Fui virando gentinha e gente sou” (Lobato [1942] 1984t, p. 100 e 151).

Depois de virar gentinha e poder comer e beber, *Emília* deliciou-se com a ambrosia e com o néctar dos deuses, arrumando muita confusão no *Olimpo*. Chegou a despertar o ódio da deusa *Hera*, que reclamou a *Zeus* daquele “pelotinho humano”, que andava “interferindo em muita coisa, e falava dos deuses com grande irreverência” (Lobato, [1944] 1984, v. 2, p. 8-9). Por ser chamada de “peste” pela ex-boneca, *Hera* pediu a *Zeus* que fulminasse *Emília*. No entanto, *Palas Atena* a defendeu: “Não dê atenção a *Hera*, *Zeus*. O tal ‘pelotinho’ está do meu lado e trabalhando muito bem na proteção de *Hércules*” (Lobato, [1944] 1984, v. 2, p. 9).

Viveu *Emília* uma grande amizade com *Hércules*. Ajudou-o nos trabalhos, chegando a “romper em choro” na hora da despedida (Lobato, [1944] 1984i, v. 2, p. 187). Ela lhe ensinou o faz-de-conta. O herói achou incrível, apesar de não ter conseguido entender muito bem como é que funciona esse poder.

Hércules não largava dos meninos e babava-se de gosto ao vê-los brincar. Na sua vida de herói, sempre em luta com toda sorte de monstros e guerreiros, nunca tivera tempo de prestar atenção nesses bichinhos tão interessantes chamados ‘crianças’. E das crianças o que mais agora interessava era o ‘tal de brinquedo’. Parece que a única preocupação do bicho criança é brincar e brincar e brincar. E no brinquedo usam muito aquela maravilha do faz-de-conta. A gente grande não sabe o que é isso, e por isso a gente grande é tão infeliz. *Hércules* começou a compreender que a maior maravilha do mundo é realmente o faz-de-conta – isto é, a Imaginação, o sonho” (Lobato, [1944] 1984h, v. 1, 113-114).

¹⁶⁹A pesquisadora Socorro Acioli (2014, 26-27) defende a seguinte interpretação: “No livro *Serões de Dona Benta*, de 1937, o autor Monteiro Lobato refere-se à fala de *Emília* como uma ex-boneca. [...] Antes de escrever *Serões de Dona Benta*, Lobato escreveu a *História das invenções*, nessa história *Dona Benta* diz a *Emília*: – Você não parece gente. Você já é na verdade uma gentinha – e das boas. Talvez tenha sido neste momento, com as palavras de *Dona Benta*, que *Emília* tornou-se gente de verdade.”

Assim, ao ajudar *Hércules* a superar a si mesmo, *Emília* sentiu medo na última tarefa, ao ver *Hades* de frente. “Foi uma das raras vezes em que realmente teve medo” (Lobato, [1944] 1984i, v. 2, p. 167). Mesmo assim, ajudou *Hércules* a dominar o terrível cão *Cérbero* com seu poder do faz-de-conta.

Não foi Lobato que escreveu o que vou dizer agora... Afinal, com *Os doze trabalhos de Hércules II*, o escritor cumpriu sua última tarefa e voou com as borboletas. Mas eu acho, cá com a minha invencionice, que a ex-boneca conseguiu animar *Hércules* a realizar uma décima terceira tarefa: tornar-se criança e não deixar que ninguém sufoque seu sonho, sua fantasia, sua Imaginação.

Emília pegou sua canastrinha e saiu dessas páginas tagarelando com seu rinoceronte. Faz-de-conta que ela me contou que anda querendo fazer uma viagem. Disse que está com vontade de ir com *Quindim* à Uganda, para ele matar a saudade da língua dele e dos amigos de lá. Tem até pensado em escrever mais um livro de memórias, algo como *Aventuras da Emília pela África*.

Para concluir, a amada criança-boneca enviou um *borboletograma* aos leitores e às leitoras deste trabalho: “Respeitável público, até logo. Disse que escreveria minhas Memórias e escrevi. Se gostaram delas muito bem. Se não gostaram, pílulas! Tenho dito. Emília, *Marquesa de Rabicó*. Sítio do Picapau Amarelo, 10 de agosto de 1936” (Lobato, [1936] 1984f, p. 111).

Tendo começado suas vivências como boneca de pano *infante* – aquela que não fala –, a *Marquesa de Rabicó* conquista, a seguir, sua falinha, tornando-se asneirenta, irreverente e inventadeira de palavras. Vindo a se metamorfosear em gente pequeninha, afirma-se criança – criadora de si mesma. Esperta e inocente, a encantada *Emília* mandou dizer que vai continuar brincando com as palavras e que jamais se cansará de botar para girar o peão do eterno devir...

3.3. Como alguém se torna o que é:¹⁷⁰ Emília, Zaratustra e os espíritos livres

Nos tempos em que viajou pelo *País da Gramática* (1934), *Emília*, a repórter do mais importante jornal imaginário do *Sítio de Dona Benta – O Grito do Picapau Amarelo* – conseguiu uma entrevista com o digníssimo *Verbo Ser*:

¹⁷⁰Como alguém se torna o que é, na tradução de Paulo César de Souza (2008), é o subtítulo da obra autobiográfica *Ecce homo* (1888), de Nietzsche.

Emília subiu os degraus do trono, abrindo caminho a cotoveladas por entre a soldadesca atônita, e foi postar-se bem defronte do venerável ancião. – Fale, Serência, enquanto eu tomo notas – disse ela, e começou a fazer ponta no lápis com os dentes. O Verbo Ser tossiu o pigarro dos séculos e começou: – Eu sou o Verbo dos Verbos, porque sou o que faz tudo quanto existe ser. Se você existe, bonequinha, é por minha causa. Se eu não existisse, como poderia você existir ou ser? – Está claro – disse Emília escrevendo uns garranchos. – Vá falando. Ser tossiu outro pigarro e continuou: – Muitos gramáticos me chamam VERBO SUBSTANTIVO, como quem diz que eu sou a substância de todos os demais Verbos. E isso é verdade. Sou a Substância! Sou o Pai dos Verbos! Sou o Pai de Tudo! Sou o Pai do Mundo! Como poderia o mundo *existir*, ou *ser*, se não fosse eu? Responda! [...] O Verbo Ser falou muita coisa de si, contando toda a sua vida desde o começo dos começos. [...] Nós, palavras, vivemos muito mais do que as criaturas humanas. – Mas também morrem – observou Emília, apontando para o cemitério que se avistava através da janela (Lobato [1934] 1984a, p. 60-62, grifos do autor).

Há milênios e milênios passados, muito antes da *Emília* entrevistar o *Verbo Ser*, um outro menino já havia encontrado o *Todo Poderoso*. Trata-se de uma criança que tinha sofrido a perseguição de um cruel faraó egípcio. Para garantir sua sobrevivência, sua mãe o deixou num cestinho no leito do Rio Nilo, tendo sido ele adotado e educado com muito amor. Ao crescer, esse menino inteligente virou profeta e entrevistou face a face um tal de *Deus Pai, Todo Poderoso*, que se apresentou a ele, do seguinte modo:

“Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU” (Livro do Êxodo, 3:14, Bíblia Sagrada, 1997, p. 76). Passaram-se mais séculos e séculos, até que um outro menino, muito sensível, de nome João, escreveu as seguintes linhas: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (Evangelho de João, 1:1-3, Bíblia Sagrada, 1997, p. 1483).

Nos idos do século XIX, antes ainda da *Emília* conseguir a célebre entrevista, *Zaratustra* – não aquele velhíssimo persa, cismado que tudo se dividia entre *O Bem* e *O Mal* –, mas outro, com o mesmo nome, só que virado do avesso, um *despertado*, que se tornou *criança*, e desceu de uma alta montanha, percebendo: O *Todo Poderoso* está morto!

Como será que estão se sentindo os homens ao saber que ninguém precisa mais se curvar ao *Trono do Grande Verbo Ser*?! Será que mantiveram a fidelidade no coração? – “Permaneçais fiéis à terra!” – disse, *Zaratustra*, aos homens (Nietzsche, [1883] 2018, p. 13) – Somos corpo. Somos terra. Não nos desprezemos mais a nós mesmos, em nome do arrogante *Senhor do Nada*! Ele não podia mesmo *ter criado* tudo o que existe. Ele era útil apenas para *serem criadas* algumas frases. E nem todos os idiomas o conhecem. Nunca passou de um *Ser*

Palavra. E palavras passam, nascem e morrem, como nós. Ele foi inventado por nossas línguas de carne e de fogo, no espírito da nossa terra. Não nos deixemos abater por nossas próprias criações. Inventemos novas *Palavras*, pois! Criemos outros *Verbos*. Que cada um venha a dar à luz suas *Próprias Palavras*. *Ser* não é *O Ser*, na realidade. *Ser* é uma brincadeira. Alegremo-nos, então, com a realidade, com a terra e com nós mesmos! E brinquemos *Seja* lá com que palavras *sejam*...

Mas, tristes, aqueles homens – que ainda não tinham se tornado crianças – viraram as costas para *Zaratustra*. Não entenderam a alegria que aquela mensagem trazia. Estavam muito abatidos e famintos. Eles só tinham comido, até então, o farelo do pão fermentado por séculos e séculos de desprezo ao corpo, de maldição à terra e a si mesmos. Não podiam compreender o sentido da *Palavra Criança* de *Zaratustra*, pois seus corpos estavam cansados da vida e suas almas estavam apodrecidas por ouvir apenas histórias nas quais eles jamais passariam de vermes – sujos, nojentos e rastejantes. Depois de séculos e séculos ouvindo essas histórias, foram ficando cada vez mais fracos e a única coisa que passou a fazer sentido foi adorar o esplendor do *Único Verbo* digno de honra e louvor – *O Majestoso Senhor Ser*! Se o *Todo Poderoso* estava morto, para aqueles homens não havia mais sentido na vida.

Entristeceu-se, *Zaratustra*, também, pois os homens – que ele tanto amava! – tinham se tornado apenas uns rios imundos. Apesar disso, o danado era teimoso e não queria desistir. Era preciso despoluir os homens, para que voltassem a fluir com peixes coloridos e água transparente. Um oceano seria necessário para acolher aqueles rios contaminados. Mas, como trazer um oceano até eles?! Enquanto *Zaratustra* pensava sobre o que fazer com o deplorável estado daqueles infelizes humanos, apareceu a ele a melhor *dadeira de ideias* e *inventadeira de palavras* que já passou por este mundo: *Emília*, a boneca viva do *Sítio do Picapau Amarelo*. Experiente em confrontar gentes e verbos arrogantes, a *Marquesa de Rabicó*, comportando-se como se já fosse muito íntima de *Zaratustra*, lhe disse: – Pode deixar comigo, *Zazá*! Quando *Dona Benta* me contou a *História do mundo para as crianças*, ela perguntou quem poderia prever o que viria depois dos humanos na terra. Respondi: “Eu prevejo! Depois dos homens virão as bonecas. Eu já sou uma amostra do que está por vir...” (Lobato, [1933] 1984k, p. 11).

Zaratustra gostou muito da petulância daquela bonequinha e, desejando que o instante de amizade entre eles se repetisse por infinitas vezes, teve uma grande ideia. – Já sei, *Emília*! Você tem razão. O homem é algo que deve ser superado. O oceano é o Super-Homem! O

Homem-Superado! O Além-do-Homem! Precisamos avisar os homens que o futuro deles não está perdido. A Superação é o sentido da terra. – Calma, Zazá! – respondeu *Emília*. Eles não vão entender assim, só de ouvir dizer. Eles vão ter que comer muito arroz com feijão ainda até ficarem mais fortinhos para experimentar viver o que você diz. Antes de querer falar com eles, precisamos brincar de virar, nós mesmos, a superação desse desânimo humano. Depois, deixaremos nossas memórias escritas. Aqueles que quiserem ler, encontrarão nas nossas histórias todo o oceano que precisam para desaguar seus cansaços de *séculos e séculos, amém*. Sei que alguns vão nadar em nossos mares, largando mão das palavras pesadas. E vão poder brincar com os peixinhos das nossas ideias, como crianças que encontraram a inocência da vida em si mesmas. Mas, deixa tudo isso por enquanto... Tudo a tempo. Sem pressa. Agora, bora comigo, Zazá! Quero te levar para comer os bolinhos da *Tia Nastácia* lá no *Sítio*. Você vai gostar muito do meu Brasil. Nossa *gente criança* entende direitinho suas palavras. Você vai ver só! Somos um povo muito esperto e, como eu sempre digo, a esperteza é tudo nessa vida!

Zaratustra foi com *Emília* para o *Sítio do Picapau Amarelo* e, dizem alguns, que passou a correr uma notícia falsa – lá pelas bandas da Alemanha e de toda a Europa – de que ele tinha ficado meio doido e, por isso, precisou se internar. Ele achou bom, pois, assim ninguém desconfiou nem encontrou seu real paradeiro. A verdade é que ele passou os últimos dez anos da sua vida lá no *Sítio*, fazendo reinações com as crianças e pondo *Dona Benta* feliz da vida com os serões que ele dividia com ela, toda noite, depois da janta. *Assim falou Emília*.

Com essa reinação atrevida da *Emília* em nossa dissertação, vamos seguir brincando mais um pouco. Agora, faz-de-conta que somos pesquisadores de recepção do pensamento de Nietzsche na literatura de Monteiro Lobato. *Da Capo...*

O personagem lobatiano *Verbo Ser*, em *Emília no país da gramática* (1934), se autodefine como o *Verbo dos Verbos*, o *Pai de Tudo*, a *Substância de todos os demais verbos*, o *começo dos começos*. Diante do trono do todo poderoso *Verbo Ser* – o qual arrogava a sua superioridade em relação a todas as outras palavras e também em relação às pobres mortais criaturas humanas –, *Emília* dispara, apontando para o cemitério de palavras: “Mas também morrem!” (Lobato, [1934] 1984a, p. 62).

A boneca viva não se intimidou diante do *Verbo Pai*. Anunciou que sabia da sua mortalidade. Lobato escreveu, em 1943: “*Emília*, que está agora ‘estratosférica’, não acredita em pai ou professor, que pertencem ao gênero *Homo sapiens* e ela sorri da sapiência do

homem” (Lobato, [1944] 1959, v 2, p. 342). Ela sabia que o pai era algo a ser superado. Sabe que o homem é algo a ser superado. Que fez ela para superá-lo?

A boneca, “que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu” (Lobato, [1920-1931] 1984, p. 28), preferia jamais seguir conselhos. Ao ouvir *Dona Benta* contar uma fábula sobre peixinhos que, inocentemente, seguiram o aconselhamento de uma garça e foram aprisionados até o resto de suas vidas, disse:

– Eu não acredito nem em conselho de amigos quanto mais de inimigos. [...] Eu, quando me dão algum conselho, fico pensando comigo mesma: ‘Onde é que está o gato?’ Porque há sempre um gato escondido dentro de cada conselho. Dona Benta arregalou os olhos. Como estava ficando sabida aquela diabinha. – E em que você acredita, então? – perguntou o Visconde. Emília respondeu: – No meu miolo. Não vou em onda nenhuma, nem de inimigo nem de amigo. Cá comigo é ali na batata do cálculo... (Lobato, [1921-1947] 1984c, p. 266).

Assim como *Zaratustra*, *Emília* não fazia parte de rebanhos nem seguia conselhos de quem quer que fosse. Confiava apenas na sua própria veneta. Em *Viagem ao céu*, a boneca chamou de “grandes burros” os pastores que lançaram os sábios nas fogueiras, em nome do fanatismo religioso (Lobato, [1932] 1984b, p. 20).

No final do seu livro de *Memórias* (1936), proclama:

Mas Cristo quis salvar a humanidade e que aconteceu? Não salvou coisa nenhuma e teve de aguentar o maior dos martírios. Quando falo assim, Narizinho me chama de ‘filósofa’ e ri-se. Não sei se é filosofia ou não. Só sei que é como sinto e penso e digo” (Lobato, [1936] 1984f, p. 108).

“Deus está morto” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 12). *Zaratustra* sabe disso. *Emília* também. De acordo com Roberto Machado, em *Zaratustra, tragédia nietzschiana* (2001), “a expressão ‘morte de Deus’ é a constatação da ruptura que a modernidade introduz na história da cultura com o desaparecimento dos valores absolutos, das essências, do fundamento divino” (Machado, 2001, p. 48). Tendo em vista que “Deus não existe mais para o homem moderno”, este perde sua confiança no além; no entanto, este mesmo homem ainda não confia na terra, nem em si mesmo. “A morte de Deus é a base, o ponto de partida da filosofia de *Zaratustra*” (Machado, 2001, p. 48). Diante do niilismo que se instaura com a morte de Deus, *Zaratustra* propõe “uma saída positiva, afirmativa, para a nova situação: o super-homem como sentido da terra” (Machado, 2001, p. 48-49).

Mas, engana-se quem pensa que *Zaratustra* propõe uma nova religião ou uma nova moral, a fim de substituir Deus. Com o apelo para que os homens se voltem à terra, para que não se entreguem a “esperanças supraterras”, ele faz uma espécie de “anti-pregação, pois a personagem exige de nós que deixemos falar nosso si-mesmo e nada aceitemos por mera autoridade” (Salaquarda, 1997, p. 18).

Vale ressaltar, conforme expõe Luís Rubira (2016), que o *Além-do-Homem*, diferente de um super-herói, é uma figura conceitual pela qual Nietzsche propõe a superação do homem. “Compreendendo o homem como o resultado de uma constituição fisiológica decadente que durante milênios estabeleceu os valores”, *Zaratustra* propõe que surja dessa superação um tipo afirmativo da vida, do pensamento trágico e da terra, um legislador de seus próprios valores (Rubira, 2016, p. 106).

Emília trouxe, da sua *Viagem ao céu* (1932), um anjinho de asa quebrada, que estava muito triste da vida, lá entre as estrelas. Ao chegarem no *Sítio do Picapau Amarelo*, *Emília* rolava de rir do pequeno *Flor das Alturas*. “Uma criatura do céu não pode saber nada das coisas da terra, de modo que o anjinho se mostrou duma ignorância absoluta de tudo quanto aqui por baixo a gente sabe até de cor. Teve de ir aprendendo com Emília, a professora” (Lobato, [1936] 1984f, p. 16).

Assim como *Zaratustra* quis mostrar aos homens o sentido da terra, *Emília* tentou ensinar ao anjinho as coisas terrenas e quis incentivá-lo a gostar de viver no *Sítio de Dona Benta*, mas “o pobre anjinho não tinha ideia nenhuma das coisas da terra, porque sempre vivera no céu, lá nas nuvens. Emília era obrigada a explicar tudo, tudo...” (Lobato, [1936] 1984f, p. 18). Ela ficou tanto tempo nessa tarefa que *Narizinho* queixou-se: “Ela está monopolizando o anjo, vovó! – Não o larga, atropela o dia inteiro o coitadinho com as tais filosofias da vida” (Lobato, [1936] 1984f, p. 24). Mas, como ele não entendia a polissemia de algumas palavras, como “língua”, por exemplo, nem conseguia entender como funcionam as metáforas, a boneca desanimou. “Não há nada mais difícil do que ensinar anjinhos. [...] Emília saiu correndo, senão ficava louca...” (Lobato, [1936] 1984f, p. 22). Logo que conseguiu recuperar a asinha quebrada e voar, *Flor das Alturas* fugiu do *Sítio do Picapau Amarelo* e voltou a morar no céu.

Zaratustra também desistiu de tentar ensinar polissemias e metáforas aos homens do mercado e da praça pública, que, como moscas, zumbiam, sem entendê-lo. *Zaratustra* decide, então, entregar o mel de suas palavras àqueles que queiram ouvi-lo e que estejam dispostos a

vivenciar a criação de si mesmos, a partir das palavras que cada um quiser inventar. “Para atrair muitos para fora do rebanho – vim para isso. Povo e rebanho se enfurecerão comigo [...] Mas de companheiros vivos necessito, que me sigam porque querem seguir a si mesmos” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 22).

Emília e Lobato queriam seguir apenas a si mesmos, por isso, *Zaratustra* os considerou amigos e decidiu compartilhar com eles o ar puro de seus pensamentos: *Das três metamorfoses* – *Zaratustra* apresenta a figura do camelo, ao tratar do espírito que ajoelha e que toma sobre si tudo o que é pesado. O camelo renuncia a si mesmo em nome da reverência. “Tu deves” é o seu sagrado. Até que ele se encontrou sozinho, no deserto, e nessa solidão, aconteceu uma importante metamorfose. O camelo se transformou em leão, quando, depois de tanta solidão, sem um senhor para reverenciar, sentiu vontade de vir a ser ele mesmo o senhor daquele deserto, do seu deserto, de si mesmo. O leão, ainda no deserto, enfrenta o grande dragão. Nas escamas desse dragão brilham valores milenares. Ele é o impedidor da vontade. “Não-farás” é o seu nome. A esse “Não-farás”, o leão responde: “Eu quero.” O leão, então, “bate o pezinho” e afirma seu direito de querer diante das amarras do “Não-farás”.

Meus irmãos, para que é necessário o leão no espírito? Por que não basta o animal de carga, que renuncia e é reverente? Criar novos valores – tampouco o leão pode fazer isso; mas, criar a liberdade para nova criação – isso está no poder do leão. Criar liberdade para si e um sagrado Não também ante o dever; para isso, meus irmãos, é necessário o leão (Nietzsche, [1883] 2018, p. 26).

No leão ninguém consegue botar coleira! – disse, *Emília*, compreendendo *Zaratustra*. A boneca lembrou-se de uma *Fábula* (1922), que *Dona Benta* contou, num dos serões do *Sítio*:

O cão e o lobo – Um lobo muito magro e faminto, todo pele e ossos, pôs-se um dia a filosofar sobre as tristezas da vida. E nisso estava quando lhe surge pela frente um cão – mas um cão e tanto, gordo, forte, de pelo fino e lustroso. [...] O lobo aproximou-se do cão com toda a cautela e disse: – Bravos! Palavra de honra que nunca vi um cão mais gordo nem mais forte. Que pernas rijas, que pelo macio! Vê-se que o amigo se trata... – É verdade! – respondeu o cão. – Confesso que tenho tratamento de fidalgo. Mas, amigo logo, suponho que você pode levar a mesma boa vida que levo. – Como? – Basta que abandone esse viver errante, esses hábitos selvagens e se civilize, como eu. – Explique-me lá isso por miúdo – pediu o lobo com um brilho de esperança nos olhos. – É fácil. Eu apresento você ao meu senhor. Ele, está claro, simpatiza-se e dá a você o mesmo tratamento que dá a mim: bons ossos de galinha, restos de carne, um canil com palha macia. Além disso, agrados, mimos a toda hora, palmadas amigas, um nome. – Aceito! – respondeu o lobo. – Quem não deixará uma vida miserável como esta por

uma de regalos assim? – Em troca disso – continuou o cão –, você guardará o terreiro, não deixando entrar ladrões nem vagabundos. Agradará ao senhor e à sua família, sacudindo a cauda e lambendo a mão de todos. – Fechado! – resolveu o lobo, e emparelhando-se com o cachorro partiu a caminho da casa. Logo, porém, notou que o cachorro estava de coleira. – Que diabo é isso que você tem no pescoço? – É a coleira. – E para que serve? – Para me prenderem à corrente. – Então não é livre, não vai para onde quer, como eu? – Nem sempre. Passo às vezes vários dias preso, conforme a veneta do meu senhor. Mas que tem isso, se a comida é boa e vem à hora certa? O lobo entreparou, refletiu e disse: – Sabe, do que mais? Até logo! Prefiro viver magro e faminto, porém livre e dono do meu focinho, a viver gordo e liso como você, mas de coleira ao pescoço. Fique-se lá com a sua gordura de escravo que eu me contento com a minha magreza de lobo livre. E afundou no mato (Lobato, [1922-1944] 1984c, p. 215-216).

“Fez muito bem! – berrou Emília. – Isso de coleira o diabo queira...[...] Eu sou como esse lobo. Ninguém me segura. Ninguém me bota coleira. Ninguém me governa” (Lobato, [1922-1944] 1984c, p. 216). *Pedrinho*, então, comentou com a vovó: “Este seu sítio é o suco da liberdade [...]. Vida boa, vida certa, só no Picapau Amarelo.” *Dona Benta* respondeu: “Pois o segredo, meu filho, é um só: liberdade. Aqui não há coleiras. A grande desgraça do mundo é a coleira. E como há coleiras espalhadas pelo mundo!” (Lobato, [1922-1944] 1984c, p. 216-217).

Emília continuou dizendo para *Zaratustra*: – Sabe, *Zazá*, quando aparece algum chato lá no *Sítio*, como o *Compadre Teodorico*, dizendo: criança “não pode isso”, criança “não pode aquilo”, pego minha capinha de *Leão da Neméia*, igualzinha a do *Lelé*, só que pequenininha, e não deixo barato. Abro minha torneirinha de asneiras e se for preciso, coloco minha língua para fora. “Para quem é pau, pau!” Já enfrentei a dragoa rabugenta *Ortografia Etimológica* e acabo com esse seu dragão agorinha. Comigo é ali, na batata! É só dizer pra ele: – Sai pra lá, seu cara de coruja seca! Quem manda *ni mim* já morreu, quem manda *ni mim* sou eu! – O que você acha, *Zazá*?! Sou ou não sou a *Leoazinha Boneca*?! – *Zaratustra* não deu resposta. Preferia que *Emília* chegasse às suas próprias conclusões, e seguiu seu discurso:

Se o leão não cede às coleiras de nenhum senhor, por nenhum tipo de comodidade, se ele é livre para querer, para gostar, para amar, por que, então, esse leão de *espírito livre* ainda precisa se transformar? Para que mais uma metamorfose? Por que o leão tem de se tornar criança? – Porque só ela pode fazer o que nem o camelo, por sua submissão, nem o leão, por sua insubmissão, conseguem fazer: o jogo da criação. A brincadeira de um novo começo, que logo passa e que recomeça. Só a criança consegue brincar com a transitoriedade, pois sabe esquecer, sua vontade não se ressentir, sabe passar. A criança não vive para servir a nenhum senhor, mas, também não vive apenas para se opor a todas as servidões. O espírito que pode

querer precisa criar a sua própria vontade. Brincar com seus castelinhos de areia, na beira do mar, montando e desmontando. Dizer Sim à Vida!

Nossa interpretação desse discurso de *Zaratustra* vai ao encontro do que diz a filósofa argentina Mónica Cragolini (2011). A pesquisadora destaca que *Zaratustra* não está apresentando passos evolutivos, que vão do camelo até a criança, pois um progresso com meta final seria “repugnante” para Nietzsche, “ao contrário disso, talvez deveria-se dizer que o camelo, o leão e a criança convergem e convivem: nas épocas, nos indivíduos, na história” (Cragolini, 2011, p. 30).

O deserto pode ser pensado, então, como aquele lugar de solidão absoluta, de vazio de sentido deixado pela morte de Deus, “entendendo por Deus, aqui, tanto os deveres sagrados quanto os laicos, os costumes burgueses e as pequenas comodidades, a linguagem e suas armadilhas, as pirâmides de conceitos e seus sistemas, as filosofias do fundamento” (Cragolini, 2011, p. 31). O deserto se opõe ao mercado, à praça pública, sendo necessária a solidão para alcançar a metamorfose.

“O camelo, a figura do homem decadente, mostra claramente que ‘o homem é o animal que venera’ e que, além disso, necessita humilhar-se para suportar a vida” (Cragolini, 2011, p. 31) Ao assumir a morte de Deus, o camelo, então, transmuta-se em leão. Assim:

O leão-espírito livre, que busca ‘olhar o outro lado de todas as medalhas’ e, neste sentido, inaugura a ‘filosofia da suspeita’ com respeito aos grandes ideais e valores, leva a cabo a tarefa de ‘desmascarar’ os mesmos. Para desmascarar é necessária a força do leão, seu rugido de ruptura com tudo o que aprisiona o indivíduo aos pesados deveres ante os quais é necessário ajoelhar-se (Cragolini, 2011, p. 32).

De acordo com Cragolini (2011, p. 32), o espírito livre corre o risco de viver em negação, de fazer do exercício da crítica o seu novo fundamento – “como era Deus, a moral ou os bons costumes” – e, assim, carregar o Não como um peso dogmático. Por isso, a destruição dos velhos valores não basta, é preciso destruir e construir, libertar o querer das amarras alheias e criar um querer que reconheça como próprio e depois, deixar ir e recomeçar.

Daí a criança: novo começo, possibilidade de criação, possibilidade de assumir o mundo como jogo [...] Para a criança, nenhum jogo é o último ou verdadeiro para além do momento e das circunstâncias em que o está jogando. Para o filósofo artista, nenhuma perspectiva é a última, todas representam possibilidades de criação, conjunção-disjunção momentânea de forças” (Cragolini, 2011, p. 32).

Com a morte de Deus, “desaparece a fonte última dos sentidos possíveis, o Sentido dos Sentidos” (Cragolini, 2011, p. 32). Então, pode-se brincar com os sentidos, inventar ficções à vontade, montar e desmontar perspectivas, posto que morta está a ideia de uma verdade última. “As criações de conceitos (o jogo de criança) são ficções. [...] As ficções se diferenciam das ideias metafísicas que movem a vida do camelo na medida em que se assumem como falsificações” (Cragolini, 2011, p. 33).

A nosso ver, pode-se observar uma consonância entre a fábula lobatiana e a interpretação que Cragolini (2011) faz das figuras simbólicas que Nietzsche utiliza em *Das três metamorfoses*. Tanto o lobo, de Lobato, quanto o leão, de *Zarathustra*, são imagens do *espírito livre*. O lobo diz Não às comodidades da vida de cão, pois teria de se ajoelhar à coleira e renunciar sua liberdade selvagem, seu prazer na autodeterminação, ele prefere assumir as incertezas do seu próprio caminho. No aforismo 347, d’*A Gaia Ciência*, Nietzsche diz:

Quando uma pessoa chega à convicção fundamental de que *tem* de ser comandada, torna-se ‘crente’; inversamente, pode-se imaginar um prazer e força na autodeterminação, uma liberdade da vontade, em que um espírito se despede de toda crença, todo desejo de certeza, treinado que é em se equilibrar sobre tênues cordas e possibilidades e em dançar até mesmo à beira de abismos. Um tal espírito seria o *espírito livre* por excelência (Nietzsche, [1882,1886] 2012, p. 215, grifo do autor).

Emília, ao afirmar: “Eu sou como esse lobo. Ninguém me segura. Ninguém me bota coleira. Ninguém me governa” (Lobato, [1922-1944] 1984c, p. 216) apresenta seu rugido de *espírito livre*, assim como em todas as suas aventuras pela obra *Sítio do Picapau Amarelo*. As características da boneca – insubordinação, vontade de comandar e de jamais ser comandada, força argumentativa, autenticidade, veracidade, autodomínio, esperteza, irreverência – personificam a figura do *espírito livre* nietzschiano.

O fenômeno da recepção, quando a leitura traz “envolvimento intelectual, sensorial e emotivo” promove um processo inconsciente de criação, uma internalização do estilo, que se transforma em “modelo de ação” (Jauss *apud* Zilberman, 1989, p. 50). Vimos que Lobato leu Nietzsche com esse *envolvimento intelectual, sensorial e emotivo*. Quanto à criação da personagem *Emília* e à escrita das suas falas, Lobato descreve como um processo inconsciente, não dominado por sua racionalidade, pelo seu Eu consciente. Em carta a Rangel, de 1 de fevereiro de 1943, diz:

Muito interessante o que se passou com meus livros para crianças. Os personagens foram nascendo ao sabor do acaso e sem intenções. *Emília* começou uma feia boneca de pano [...] Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente – cabritinho novo – aos pinotes. [...] E foi adquirindo uma tal independência [...]. Tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la. Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, não o que eu quero (Lobato, [1944] 1959, v. 2, p. 341).

A filosofia de Nietzsche, incorporada e vivenciada por Lobato, se escreve no corpo de pano, nas palavras asneirentas e no comportamento da mais petulante personagem da literatura brasileira. *Emília* era tudo o que Lobato queria ser e que conseguiu ser – em grande medida – mesmo quando os dragões da realidade tentaram sufocar sua imaginação, sua irreverência e o poder de dinamite da sua fala. Mas não foi só a partir da dimensão leonina da filosofia de Nietzsche que Lobato criou *Emília*. A dimensão crítica da filosofia de Nietzsche já predominou, de acordo com Cragnolini (2011), na recepção. Talvez Nietzsche seja o filósofo mais iconoclasta de que temos notícia. No entanto, o pensamento do criador de *Zaratustra* não é só demolição de velhas tábuas. A dimensão criança da filosofia de Nietzsche talvez seja pouco compreendida e, por isso, menos valorizada, na leitura de suas obras. Não foi o caso de Monteiro Lobato.

O Nietzsche espírito livre, leonino, iconoclasta, da crítica mordaz, da destruição das velhas tábuas dogmáticas – no campo do pensamento filosófico, da arte, da ciência, da religião – está presente na recepção do escritor paulista. Mas, a dimensão criança da filosofia nietzschiana, a criativa, a afirmativa, a alegre, do estímulo a que cada um invente seu gosto, sua vontade, crie a si mesmo e ao seu próprio estilo, na arte e na vida – que não estão em oposição, nem fazem parte de mundos separados – também está presente na recepção de Lobato.

Insubmissa, teimosa, questionadora, atrevida, não aceita coleiras, só confia no seu próprio miolo – são características leoninas da *Emília espírito livre*. Inventadeira de palavras, dadeira de ideias, criativa, pensa de modo próprio, inventa a si mesma, faz-de-conta, brinca com leveza e com força imaginativa – são qualidades da *Emília criança*. A boneca-gente personifica o jogo entre essas duas dimensões da filosofia de Nietzsche: a combativa e a construtiva. A boneca apresenta-se tanto como *leão* quanto como *criança*. Ela cria novos valores, enquanto quebra os velhos.

As metamorfoses da bruxinha de pano – que, com sua vontade de falar, tornou-se boneca tagarela, depois, com sua vontade de se superar, tornou-se gente – demonstram “como alguém se torna o que é.” Jörg Salaquarda (1997) comenta:

Zaratustra representa o tornar-se si-mesmo de duas maneiras. Por um lado, Nietzsche descreve como ele se tornou e se torna cada vez mais ele mesmo, ou seja, através de erros, tentações, experiências, etc... Por outro, a obra expõe o que o motiva e sobretudo o que ele tem de superar (Salaquarda, 1997, p. 20)

A *Marquesa de Rabicó* tornou-se o que ela é – a maior *libertadeira d'almas e criadeira d'almas* que já passou pela literatura brasileira. *Emília* – a nossa *Zaratustra Criança*.

Neste tópico final, deixei minha escrita dançar ao som da música tocada por Nietzsche–*Zaratustra* e brinquei, no jogo lúdico com as palavras da *Emília*–Lobato, pois esta dissertação não poderia desprezar a ética e a estética de uma *grande* pesquisa. Segui o rigor da minha compreensão de recepção, da minha apropriação criativa, da minha leitura das fontes, com *envolvimento intelectual, sensorial e emocional*. Enfim, eu não poderia trair a minha vivência da filosofia daquele que me limpou de todas *as milenárias gafeiras intelectuais e morais* e que *sempre me devolveu* a mim mesma.

Aos leõezinhos,
Às crianças!

Respeitável público, antes de encerrar nosso espetáculo, chamamos ao palco: *Emília* e seu amigo *Zazá*. Uma salva de palmas aos artistas e a vocês, que sabem que a ciência nada pode sem a arte. Mas, levantem uma salva de palmas ainda mais forte ao escritor que, com o seu facho, espantou todos os morcegos do caminho dos escritores e das escritoras brasileiras que o leram. Ele foi o pólen e o horizonte desta obra. E cedeu gentilmente um trecho do seu livro *Viagem ao Céu*, capítulo XV – *A cavalgada louca*, para a nossa recriação a seguir.

Monteiro Lobato, muito obrigada!

Por que sou tão atrevida

– Zazá, eu amo tanto esse seu livro que fala de camelo que vira leão, leão que vira criança, criança que vira o que ela quiser virar... Parece até que é história minha. Lá no Sítio, todo mundo gosta das minhas histórias de virar.

– Ah! Emília! Mas se você decidir contar da nossa amizade filosófica vão zombar de você. Ninguém vai acreditar – disse Zaratustra.

– Vovó acredita, juro! – Vovó está tão treinada em nossas maravilhas que não há nada em que não acredite. E Tia Nastácia também.

– Isso sei eu – mas os outros? Todos os outros adultos hão de dizer que é fantasia nossa.

– Ora os adultos! Não há maior sem gracismo do que ser adulto. Bem razão tinha Peter Pan em não querer crescer, em não querer nunca virar gente grande – ou ‘adulto’, como eles dizem com todo o pedantismo. A tal gente grande não sabe fazer a única coisa interessante que há na vida...

– Que é, Emília?

– Ora que é! Brincar, bobo. Tirando o brinquedo, que é que resta na vida? As gentes grandes arrumam a casa, varrem, lavam roupa, guiam bondes nas ruas, entregam pão nas portas, constroem navios, escrevem livros, jogam no bicho, guerreiam – fazem tudo, menos a grande coisa que é brincar, brincar, brincar até arrebentar, como nós...

– É verdade – concordou Zaratustra. – Mas por que será que os adultos não brincam?

– De medo de parecerem crianças. Eles morrem de medo de parecer crianças, como se não fosse dez vezes mais importante ser criança do que ser uns homens de bigodes feito taturanas debaixo do nariz, ou umas mulheronas...

– Epa! Pode parar! Você pode brincar de faz-de-conta, de virar, do que você quiser, Emília, mas não brinca assim com o meu bigode, senão eu te esfrego uma boa pitada do pó de pirlimpimpim e te mando direto para Bayreuth. Lá você vai ter que ficar umas tantas horas, até acabar de assistir uma Ópera do Wagner inteirinha. Você vai ver só que coceira vai te dar nos seus pezinhos, sem que você possa dançar, sua danada. – Apesar de ter o costume de falar como se estivesse muito bravo, Zaratustra era um doce de coração. Jamais faria uma maldade dessas com a Emília.

– Peraí, Zazá... Calma! Eu não quis dizer... É que você é tão bonito que nem parece que tem bigode. Juro que é verdade. Na dura. – Emília ria-se, ria-se...

– Tá, sei... Te conheço bem, diabinha! – respondeu Zaratustra, sorrindo.

Seguiram viajando juntos, montados em gigantes borboletas de asas de fogo, pela Via Láctea, na velocidade dos cavalos-luz...

Assim brincou Zaratustra, no Sítio do Picapau Amarelo

FINIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de qualquer outro objetivo, esta pesquisa partiu de uma necessidade criadora pessoal. A vontade que me moveu foi a vontade de escrever. *Zaratustra* disse que “de tudo escrito”, ele “ama apenas o que se escreve com o próprio sangue” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 38). Eu também. E detestamos os que leem por passatempo. Como “não é coisa fácil compreender o sangue alheio”, também é preciso ler com o próprio sangue. Logo, tanto quem escreve com sangue quanto quem lê o sangue alheio são como “o botão de rosa, que estremece porque sobre o seu corpo há uma gota de orvalho” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 39).

Desde pequenininha sou considerada sensível demais. Esse excesso de capacidade de sentir já se apresentou como as mais encantadoras “borboletas e bolhas de sabão” do meu *self*. E também já foi o meu “mais pesado fantasma e diabo”. Não foram poucas as vezes que sucumbi, que tive meus tímpanos estourados, ao tentar me adaptar ao barulho dos modos de existência para os quais a minha sensibilidade não tem a mínima possibilidade de aguentar.

Sou uma mulher com quarenta e nove anos de idade, psicóloga de formação, que conseguiu encontrar na escuta do sofrimento psíquico seu lugar profissional possível no mundo. No desejo de analista, encontrei os sons para os quais tenho ouvido e sangue: notas graves das dores da alma, notas agudas das inconfessáveis fantasias humanas – demasiado humanas –, notas dissonantes da “vida difícil de suportar” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 39).

O rio da minha existência estava transcorrendo em anos estranhamente tranquilos até que, em 2020, uma tempestade botou meus telhados abaixo. O medo e o caos deram as mãos, num contexto social e político de pandemia e de horror. A dissonância cognitiva passou a ser uma estratégia de desgoverno e passamos a tentar nos comunicar numa enlouquecedora Torre de Babel virtual-real. Ao chegar no final de 2022, meu cansaço já havia se tornado esgotamento e o “nada querer” matou minhas borboletas e deixou morrer quase todos os meus botões de rosas. O engajamento numa campanha mais do que política, por algum direito à ética e à estética na vida social, me lançou de volta ao jogo – brinquei – e, com uma nova coragem, a que “espanta fantasmas” e “quer rir” – sim, “a coragem quer rir” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 39) – decidi fazer um projeto de pesquisa e concorrer a uma vaga no mestrado em História da Universidade Federal da Grande Dourados.

Acontece que *meu eu* nada sabia sobre a vontade criadora que *meu corpo* estava gestando. “Por trás dos teus pensamentos e sentimentos, irmão, há um poderoso soberano, um

sábio desconhecido – ele se chama Si-mesmo. Em teu corpo habita ele, teu corpo é ele. Há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria. [...] Teu Si-mesmo ri de teu Eu e de seus saltos orgulhosos” (Nietzsche, [1882] 2018, p. 39). A fisiopsicologia do corpo de uma mulher guarda mistérios de criação insondáveis a qualquer Eu, de qualquer gênero. E a proximidade do fenômeno menopausa foi o terremoto que fez meu chão tremer enquanto a tempestade derrubava meu telhado.

No ano de 2022, Aion me trouxe uma gravidez inesperada. Por razões que a própria razão desconhece, há uma tensão que nunca se resolveu nessa questão para mim. Durante a minha vida, sonhei em engravidar e ter filhos? Sim. E Não. E Sim. E Não. As ondas de um mar de Sins e de Nãos foi me levando a esperar a melhor hora. Aquela que nunca vem. Cronos, implacável, determinou o Não. E o que senti? Alívio. Afinal, essa não seria mais uma questão que me pediria decisão. Confiante que o tempo não era propício para a gestação, corri um único risco. E aconteceu! Foram apenas seis semanas da sensação de plenitude mais gratificante que já senti em toda a minha vida. Se “só as mães são felizes” eu não sei. Mas, que as grávidas têm um saber sobre a Vida que só as grávidas têm, isso eu sei. O aborto, então, me levou para a minha “hora mais quieta”. Não sei dizer qual das experiências foi mais forte em meu corpo, se a da alegria da vida, se a da profunda dor da morte. Ambas são exuberantes. Fortíssimas! Dionisiacamente, o impulso trágico à criação veio de forma que não pude resistir. “Na hora mais quieta, fugiu-me o chão: o sonho começou” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 140). Sem voz, a hora mais quieta me disse: “Fala tuas palavras e faz-te em pedaços!” (Nietzsche, [1883] 2018, p. 142).

Mas, eu não queria. A universidade é um lugar de experimentação e criação. Amo a vida que pulsa na universidade! Mas, o processo de subjetivação neoliberal tem feito da universidade um lugar de adoecimento e enfraquecimento, principalmente para os espíritos criadores. Como não tenho vocação para camelo, senti medo de fracassar, de sucumbir, de não me adaptar. À minha hora mais quieta respondi: “‘Envergonho-me’. Então novamente me falaram sem voz: “É preciso que te tornes criança e não sintas vergonha. Ainda tens o orgulho da juventude, tarde te tornaste jovem: mas quem quer se tornar criança, ainda tem de superar sua juventude” (Nietzsche, [1882] 2018, p. 142).

Esta pesquisa, portanto, é meu Sim! É a minha metamorfose mais alegre. É meu devir criança. É minha escritura. É o fruto mais doce e mais maduro que consegui criar em minha vida até hoje. Os impulsos da vontade criadora agenciaram o tema, o problema, os objetivos,

as fontes, as teorias e os métodos. Há amor e vida, vivência e afeto, em cada detalhe deste estudo. Agora – com o bebê nos braços, logo após um intenso, demorado, doloroso e difícil trabalho de parto – eu estaria me desprezando se me envergonhasse de escrever aqui sobre essas vivências, pois foram elas que deram Vida a esta dissertação. Ainda com o sangue do parto nas mãos que escrevem estas linhas... exausta, alegre, sorrindo diante do corpo da criança nascida, agradeço à coragem e ao amor daquele que escreveu suas vivências assim:

Criar! – eis a grande libertação do sofrer, e o que torna a vida leve. Mas, para que haja o criador, é necessário sofrimento, e muita transformação. Sim, é preciso que haja muitos amargos morreres em vossa vida, ó criadores! Assim sereis defensores e justificadores de toda a transitoriedade. Para ser ele próprio a criança recém-nascida, o criador também deve querer ser a parturiente e a dor da parturiente (Nietzsche, [1883] 2018, p. 82).

Agora, cortando o cordão umbilical, resgatamos o problema que este estudo enfrentou:

Como a leitura que Monteiro Lobato fez da filosofia de Nietzsche se apresenta na sua obra *Sítio do Picapau Amarelo*? Investigar este problema responde a estudos que apontaram essa lacuna, tanto no campo lobatiano quanto no campo das pesquisas sobre Nietzsche.

Este trabalho dialoga com Henry Burnett Jr., em dois artigos intitulados *O que resta de Nietzsche ou Narizinho no espelho* (2021), partes I e II, nos quais o professor destaca a necessidade de estudos que investiguem a recepção do pensamento de Nietzsche na literatura infantojuvenil lobatiana; e com Lomeu Barroso (2015), que apresenta a hipótese interpretativa de *Emília* representar *Zaratustra* para crianças, sugerindo estudos que tomem obras do *Sítio do Picapau Amarelo* como fontes a serem examinadas.

A fortuna crítica lobatiana vem apontando essa lacuna há bastante tempo: Cassiano Nunes (1981), Zinda Vasconcellos (1982), Aluizio Alves Filho (2003), Carmen Felgueiras (2006), Nelly Coelho (2006), Adrienne Morelato (2011) e tantos outros estudos destacam a necessidade de enfrentar o problema da recepção de Nietzsche na literatura infantojuvenil de Lobato. Nelly Coelho (2006, p. 646) enxerga em *Emília* “o protótipo-mirim do Super-Homem nietzschiano”. No campo dos estudos nietzschianos, Scarlett Marton (2009; 2022), Giacoia Jr. (2000), Ivo da Silva Jr. (2021), Tiago Pantuzzi (2016; 2023) e Geraldo Dias (2019) ressaltam que ainda são raros os trabalhos que abordam especificamente a recepção das ideias de Nietzsche no Brasil, confirmando também a relevância acadêmica do tema.

Ao concluir esta pesquisa, compreendo o quão desafiador pode ser estudar uma obra monumental como o *Sítio do Picapau Amarelo*. Acredito que o desafio se dá pelo excesso de possibilidades, não pela falta delas. Nietzsche se faz muito presente nessa obra. E esse muito é muitíssimo! Não há exagero no superlativo. Então, acredito que esta dissertação traz alguns fios de Ariadne e, desejo que seja um estimulante para novos estudos. Espalhei notas de rodapé, indicando temas para estudos futuros, que possam focar numa ou noutra temática, tomando livros específicos como fontes.

Dialogando com a hipótese levantada por Lomeu Barroso (2015), eu não diria “*Zaratustra* para crianças”; digo: *Emília – Zaratustra Criança*. Interpreto, pela análise das fontes, que *Emília* personifica o Nietzsche lido e apropriado por Monteiro Lobato. A dimensão crítica e a criativa da filosofia nietzschiana encontram-se na personagem. Quanto à consideração de Nelly Coelho (2006, p. 645-646), que diz ser *Emília* tanto o *alter ego* de Lobato quanto o “protótipo-mirim do Super-Homem nietzschiano”, esta dissertação confirma a primeira afirmação. Quanto à segunda, também, porém, eu não diria “protótipo-mirim do Super-Homem”; digo: *Emília* Super-Infante, Além-da-Infante, Superação d’aquela que não fala. Uma forma decadente de valorar, que silencia a infância, é superada por *Emília*. Ela se torna boneca viva, boneca falante e gente pequenininha – *Criança-criadora*. Ela anuncia o que está por vir além dos homens: as bonecas. Como um devir híbrido e pós-humano, *Emília* supera o homem.

Ao examinar os vinte e três livros que compõem a série *Sítio do Picapau Amarelo* (1920-1944), as cartas compiladas nos dois volumes d’*A Barca de Gleyre* (1944), as biografias – Edgard Cavalheiro (1962), Marisa Lajolo (2000) e Carmen Lucia de Azevedo; Marcia Mascarenhas de Rezende Camargos; Vladimir Sacchetta (1997) – verifiquei o forte impacto que a leitura de Nietzsche provocou na vida intelectual e na obra literária de Monteiro Lobato.

Acredito que esta pesquisa também colabora com o diálogo sobre a construção dos caminhos metodológicos para os estudos de recepção filosófica em nosso país. Tendo em vista o que propõem Marton e Silva Jr. (2020); Geraldo Dias e Ivo da Silva Jr. (2021) – quanto a um tempo inicial, de corpo a corpo, com os textos do filósofo, para depois investigar sua recepção e, nesse segundo momento, considerar o contexto histórico e linguístico no qual foi feita a apropriação – o *GENie - Grupo de Estudos Nietzsche UFGD*, coordenado pelo Prof. Dr. Damião Duque de Farias, desde 2017, vem construindo o alicerce metodológico das

pesquisas de recepção de Nietzsche na UFGD. Nesta pesquisa histórica, analisamos as fontes e construímos nossas interpretações, utilizando interlocutores teórico-metodológicos da História Intelectual: De Certeau ([1989] 1998), Chartier (2002a), Sirinelli ([1988] 2003), Skinner (2017) e Jauss ([1967] 1994) foram os principais.

A análise dos itinerários intelectuais e das redes de sociabilidades de Monteiro Lobato, demonstrou que, desde o ano de 1900, quando ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, até a sua morte, em 1948, o escritor foi expressivamente atuante na cena cultural, social, econômica, política, literária e educacional brasileira da primeira metade do século XX. Lobato foi um intérprete do Brasil, embora não figure na galeria dos grandes. Talvez por não ter sido historiador ou sociólogo, talvez porque, ao escrever para crianças, seja considerado menos escritor (Campos, 1986). O criador do *Sítio do Picapau Amarelo* foi um artista e pensador modernista brasileiro – dos mais relevantes e pioneiros. Apesar disso, entre os modernistas paulistas, Lobato foi mais incompreendido e desprezado do que reconhecido (Costa, 2012).

Monteiro Lobato foi um dos brasileiros mais notáveis do século XX e, talvez, o mais visceral leitor de Nietzsche do seu tempo, em nossas terras. Quanto a isso, suas cartas deixam vastos vestígios. Sobre Nietzsche, escreve Lobato: “o melhor desengafeirador que encontrei na vida”, “potassa cáustica”, “a cura de todas as doenças do intelecto”, “pólen”, “a maior bebedeira da minha vida”, “o mais assombroso libertador d’almas e criador d’almas que jamais apareceu no mundo”, dentre tantas outras expressões. Lobato recomendava a leitura de Nietzsche aos amigos, dizendo, por exemplo: “O remédio que te há de curar é Nietzsche. Leia-o e ele te transfundirá tudo quanto necessitas de apetrechos psíquicos para a tua marcha através da Vida.” No balanço intelectual, já próximo da morte, diz: “Nietzsche foi de fato o meu sabão. Limpou-me de todas as gafeiras mentais e morais [...] A função desse filósofo em minha vida foi sempre devolver-me a mim mesmo.” Engajado, durante toda a sua vida, no combate para não ser carneiro de nenhum rebanho, fez valer a sua vontade de seguir apenas a si mesmo.

Foi na literatura para crianças que travou seu maior enfrentamento contra a moral. Acusado de imoral, ateu e comunista, teve combatentes por todos os lados. Os livros que escreveu entre 1920 e 1944, que compõem o *Sítio*, foram queimados – e requeimados – em diversas fogueiras. Lobato apostava numa renovação cultural e educacional que unisse arte e ciência, considerando a inteligência das crianças superior à dos adultos, por estar ligada ao

prazer, à imaginação e ao brincar. Mas, engana-se quem pensa que esse enfrentamento significou um peso para ele. Pelo contrário! Sua literatura para crianças dava prazer e divertia, antes de a qualquer outra criança, a si mesmo. Vejo em seus artigos de crítica e outras obras da ‘série geral’ o Lobato Leão, a parte combativa e destrutiva da sua literatura. Na literatura para crianças quem cria é o Lobato Criança e a obra é construtiva.

Sua preocupação com os problemas sociais brasileiros é latente na sua literatura infantojuvenil. E digo literatura infantojuvenil apenas para me referir às principais fontes que utilizei nesta pesquisa. No ano de 1946, Lobato preparou a publicação de suas obras completas e separou-as entre série geral e série infantil. Não obstante, acredito que atualmente ele seria mais simpático à vertente da crítica que não faz essa separação. Sua literatura é literatura e ponto. Prezando pela liberdade de pensamento e de imaginação das crianças, seus livros tratam de mitologia, história, filosofia, política, ciência e muita fantasia. Antropófago, devorou tradições estrangeiras e produziu a primeira literatura autenticamente brasileira para crianças.

Apesar de recusar o título de herói revolucionário, Lobato foi o criador da indústria editorial nacional e mudou a história do livro e da leitura no Brasil do século XX. Colocando livros para vender até mesmo em açougues e farmácias, atingiu números de vendas estratosféricos para a época. Suas personagens – *Emília*, *Visconde de Sabugosa*, *Dona Benta*, *Tia Nastácia*, *Tio Barnabé*, *Narizinho*, *Pedrinho*, *Saci*, *Cuca*, dentre outros – saíram dos livros e se popularizaram na TV e em outras mídias. *Emília* tornou-se um fenômeno cultural. Centenas de cartas de crianças ao escritor constituem fontes historiográficas de muitos estudos.

E ressalto tudo isso, pois penso que esta dissertação colabora com a historiografia brasileira e permite novas perspectivas para a compreensão da brasilidade e de alguns de nossos símbolos culturais, como o caipira Jeca e o encantado Saci, por exemplo. Acredito que este estudo pode trazer algum oxigênio para os que se sentem sufocados por rotulações precipitadas. Se esta dissertação conseguiu cartografar algumas linhas de fuga nos territórios maniqueístas da atual fogueira na qual Monteiro Lobato está sendo lançado, isso honrará a formação como historiadora que esta pesquisa me possibilitou.

Quanto à recepção de Nietzsche na obra *Sítio do Picapau Amarelo*, esta pesquisa levantou temas nietzschianos que ultrapassam – e muito! – as possibilidades de serem estudados num único trabalho: questões de estilo, da linguagem simbólica e metafórica, do

conhecimento instintual, do pensamento selvagem, do retorno à natureza, da crítica à noção moderna de progresso e de civilização, da crítica ao antropocentrismo, da moral nobre e da moral ressentida, da crítica ao fanatismo religioso, da crítica ao dogmatismo filosófico, científico e estético, do repúdio aos sistemas e aos sistemáticos, da crítica à ortodoxia linguística, da crítica à noção de verdade metafísica, da criação de novos valores, dos impulsos apolíneos e dionisíacos na criação estética, da potência dos mitos, da saúde cultural da Grécia Clássica, da vida como vontade de potência, do perspectivismo, da crítica ao idealismo romântico, do riso como operador filosófico, da renovação cultural por meio da arte e da ciência, do super-homem, dos espíritos livres, do egoísmo como amor de si, da valorização da terra, do artista como exceção, da crítica ao filisteísmo na educação, da superação das dicotomias criança/adulto, natureza/cultura, ser/devir, diálogos com perspectivas pós-humanistas, dentre outros temas.

Concluindo, *Emília* – bruxinha de pano – boneca viva – gente – apresenta, assim como *Zaratustra*, o pensamento de um *espírito leonino livre* e uma *vontade de criança criadora*. Ofereço este bebê a você, pessoa leitora. Que, com o seu olhar e amor, esta criança cresça e se multiplique! Que semeie horizontes. Que seja pólen. Que desperte vontade de criar. Que seja prazer. Que seja brincar. Que seja riso. Que seja leveza. Que seja *Rainha Mab* espalhando sonhos...

FONTES

Biografias

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia Mascarenhas de Rezende; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. vol. 1. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. vol. 2. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

Cartas

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. v. 2. São Paulo: Brasiliense, 1959.

Sítio do Picapau Amarelo

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho** [1920 - 1931]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **O Saci** [1921]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Fábulas e histórias diversas** [1921-1944]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Aventuras de Hans Staden** [1927]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Peter Pan** [1930]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Viagem ao céu** [1932]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Caçadas de Pedrinho** [1933]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **História do mundo para as crianças** [1933]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Emília no país da gramática** [1934]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Aritmética da Emília** [1935]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Geografia de Dona Benta** [1935]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **História das invenções** [1935]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Memórias da Emília** [1936]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **D. Quixote das crianças** [1936]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

- _____. **Serões de Dona Benta** [1937]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- _____. **O poço do Visconde** [1937]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- _____. **Histórias de Tia Nastácia** [1937]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- _____. **O Picapau Amarelo** [1939]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- _____. **O Minotauro** [1939]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- _____. **A reforma da natureza** [1941]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- _____. **A chave do tamanho** [1942]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- _____. **Os doze trabalhos de Hércules: I Tomo** [1944]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- _____. **Os doze trabalhos de Hércules: II Tomo** [1944]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

REFERÊNCIAS

ABREU, Tâmara C. S. Entre guerras, ciências e reformas: Emília consertando a natureza. *In* LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

ACIOLI, Socorro. **Emília**: uma biografia não autorizada da Marquesa de Rabicó. Ilustração: Wagner Willian. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

ALBIERI, Thaís de Mattos. A gramática da Emília: a língua do país de Lobato. *In* LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

ALMEIDA, Antonio Charles Santiago. **De Nietzsche a Gilberto Freyre**: uma leitura do perspectivismo filosófico esboçado na obra Casa Grande & Senzala. Orientador: Samon Noyama. 2024. 186 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/95037>. Acesso em: 2 jun.2025.

ALMEIDA, Ian Coelho de Souza; CROCE, Marcus Antônio. Abolição, encilhamento e mercado financeiro: uma análise da primeira crise financeira republicana. **REOESTE**, Revista Econômica do Centro-Oeste, Goiânia, v. 2, n. 2, pp. 19-36, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/42432/2/Abolicao%20encilhamento%20e%20mercado%20financeiro.pdf>. Acesso em: 12 jul.2023.

ALONSO, Angela. **Ideias em Movimento**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ALVES, Rubem. Escutatória. *In* **O amor que acende a lua**. 8.ed. Campinas: Papirus, 1999.

ALVES FILHO, Aluizio. **As metamorfoses do Jeca Tatu**: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Inverta, 2003.

_____. Nietzsche & Lobato. *In* ALVES FILHO, Aluizio. **As metamorfoses do Jeca Tatu**: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Inverta, 2003.

AMUSQUIAVAR JÚNIOR, Newton Pereira. **A recepção de Heráclito na filosofia de Nietzsche**. Orientador: Oswaldo Giacoia Junior. 2019. 295 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1126940>. Acesso em: 25 abr.2025.

ANDLER, Charles. **Nietzsche**: vida e pensamento, volume II. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2016.

ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropófago** (1928) *In*. Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias (Obras Completas - VI). 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Ponta de Lança**: polêmica. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

_____. **Os dentes do dragão**: entrevistas. Organização, introdução e notas Maria Eugenia Boaventura. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

ARIAS NETO, José Miguel. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. *In* FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.). **O**

Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família** (1960). Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Gen/LTC, 1981.

AZEREDO, Vânia Dutra de. **Dicionário Nietzsche**. Editora responsável Scarlett Marton. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

AZEVEDO, Ana Beatriz Sampaio Soares. **Antropofagia:** palimpsesto selvagem. Orientadora: Maria Augusta Bernardes Fonseca. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-04082016-165033/publico/2012_AnaBeatrizSampaioSoaresAzevedo_VOrig.pdf. Acesso em: 15 jan.2024.

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia Mascarenhas de Rezende; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato:** furacão na Botocúndia. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria e formação do historiador**. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BARROSO, Antonio Vinícius Lomeu Teixeira. **Um Nietzsche à brasileira:** uma leitura do pensamento nietzschiano no modernismo (1890-1940). Orientador: José Nicolao Julião. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/2870>. Acesso em: 16 jan.2023.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Voltolino e as raízes do modernismo**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1992.

BENCHIMOL, Márcio. **Apolo e Dionísio:** arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução: Marcus Vinicius Mazzari. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

BENTO, Berenice. **Abjeção:** a construção histórica do racismo. São Paulo: Editora Bregantini, 2024.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato:** convergências e divergências. Orientadora: Marisa Philbert Lajolo. 1999. 166 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/210744>. Acesso em: 13 jun.2025.

BITARÃES NETTO, Adriano. **Antropofagia oswaldiana:** um receituário estético e científico. São Paulo: Annablume, 2004.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A metáfora da criança como expressão da inocência do devir em Heráclito e Nietzsche. **Ensaios Filosóficos**, volume XIV, Dezembro, p. 88-103, 2016.

Disponível em:

https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/09_BITTENCOURT_Ensaios_Filosoficos_Volume_XIV.pdf. Acesso em: 13 ago.2024.

BOSI, Alfredo. A parábola das vanguardas latino-americanas. In SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRASIL, Pe. Sales. **A literatura infantil de Monteiro Lobato ou o comunismo para crianças**. 2. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1958.

BURNETT Jr, Henry Martin. O que resta de Nietzsche ou Narizinho no espelho. **Eixo Roda**, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 6-30, 2021a. Disponível em:

http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/17147. Acesso em: 3 jan.2023.

_____. O que resta de Nietzsche ou Narizinho no espelho - Parte II. **Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, v. 12, n. 1, p. 71-87, 2021b. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/estudosnietzsche/article/view/37111>. Acesso em: 3 jan.2023.

CABRAL, Muniz Sodré de Araujo. Prefácio. In PENTEADO, José Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. 2.ed. São Paulo: Globo, 2011.

CAMARGO, Evandro do Carmo. Algumas notas sobre a trajetória editorial de *O Saci*. In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CAMARGO, Luís. A imagem na obra lobatiana. In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. (Coleção Debates). São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida [1964]**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Livro 2. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CARDOSO, Rafael. **Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra [1955]. vol. 1. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

_____. **Monteiro Lobato**: vida e obra [1955]. vol. 2. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

CECCANTINI, João Luís. De raro poder fecundante: Lobato editor. In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

_____. Cinquenta tons de verde: *Urupês*, o primeiro *best-seller* nacional. In LAJOLO, Marisa (Org.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra adulta. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Algés - Portugal: Difel, 2002a.

_____. **À beira da falésia**. Tradução: Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002b.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Intelectual engajado: uma figura em extinção. In NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001577610>. Acesso em: 29 jul.2024.

CHAVES DE SOUSA, Margarida Maria Alacoque. **Emília**: potencialidade transgressora na formação de um novo conceito de infância. Orientadora: Dilma Castelo Branco Diniz. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-7RCJPQ/1/disserta__o_de_mestrado.pdf. Acesso em 30 jul.2024.

CHIARADIA, Kátia. O poço do Visconde: o faz de conta quase de verdade. In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CHIARELLI, Tadeu. **Um Jeca nos Vernissages**: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Coleção Ciências Sociais Passo-a-Passo).

COSTA, Alexandre. **Heráclito**: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

COSTA, Bianca Campello Rodrigues. De criança artificial a criança real: Emília – sintoma, doença e remédio para uma infância macambúzia. **Encontros de Vista**: Revista do Curso de Letras da UFRPE, Recife, n. 14 (2), p. 4-19, jul/dez, 2014. Disponível em:

<https://journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4619/482484339>. Acesso em: 12 nov.2025.

_____. **Monteiro Lobato: um modernista desprezado**. Orientador: Anco Márcio Tenório Vieira. 2012. 187f. (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPE_1bbfabe4d7f701383a76fa0fa046f7d3. Acesso em: 23.11. 2024.

CRAGNOLINI, Mónica B. De Bactriana e as margens de Urmi à montanha e o ocaso. Como introdução à leitura de Assim falou Zaratustra. Tradução: Rebeca Furtado de Melo. In DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabina; BARROS, Tiago. (Orgs.). **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011.

DAECTO, Marisa Midore. **No Império das Letras**: circulação e consumo de livros na São Paulo oitocentista. Orientadora: Raquel Glezer. 2006. 403 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-19092022-114601/pt-br.php>. Acesso em: 16 mai.2025.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **O leitor, esse conhecido**: Monteiro Lobato e a formação de leitores. Orientadora: Regina Zilberman. 2001. 251f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://monteirolobato.com/documentos/2023/tese-doutorado-Eliane-Santana.pdf>. Acesso em: 9 set.2024.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer [1989]. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

_____. **História e Psicanálise**: entre ciência e ficção. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

DE LUCA, Tania Regina. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n’*A barca de Gleyre*. In GOMES, Angela de Castro. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. *Zé Brasil* em perspectiva: contexto de produção e circulação. In LAJOLO, Marisa (Org.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra adulta. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DIAS, Geraldo Pereira. **Recepção de Nietzsche no Brasil**: renovação e conservadorismo. Orientador: Ivo da Silva Júnior. 2019. 472 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/59317>. Acesso em: 16 jan.2023.

DIAS, Geraldo Pereira; SILVA Jr., Ivo da Silva. Metodologia para a recepção filosófica: o

caso Nietzsche como exemplo. **Eleutheria**: Revista do Curso de Filosofia da UFMS, Campo Grande, v. 6, n. 10, p. 255-270, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/13099>. Acesso em: 12 jan.2023.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida [2005]. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

ENCICLOPÉDIA. Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024.

FALCON, Francisco. História das Ideias. In CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FARIA, Maria Alice. Belmonte ilustra Lobato. In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FARIAS, Damião Duque de. Revolução e nihilismo em Raízes do Brasil, 1936. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 41 (3), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/nJGQmtJ6t5VKLnRDSnvcmcp/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul.2024.

_____. O “Além do Bem e do Mal” em Sérgio Buarque de Holanda/ Indícios da presença de Nietzsche em Visão do Paraíso de Sérgio Buarque de Holanda. 2024. Manuscrito disponibilizado pelo autor.

FELGUEIRAS, Carmen Lúcia. Monteiro Lobato e os Estados Unidos: reflexões nietzschianas. **Confluências** – Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito. PPGSD-UFF, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/34311/19712>. Acesso em: 2 jun.2025.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). **O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FLORES, Elio Chaves. A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). **O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas [1966]. Tradução: Salma Tannus Muchail. 10.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. Estratégia, Poder-Saber. **Ditos & Escritos IV**. (Coleção). Organização: Manoel Barros da Motta. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FRAIZ, Priscila; VIANNA, Aurélio. (Orgs.). **Conversa entre amigos**: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 1986.

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Edição

standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974.

FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 30, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/issue/view/544>. Acesso em: 3 jan.2023.

_____. Fisiopsicologia. **Dicionário Nietzsche**. Editora responsável: Scarlett Marton. (Coleção Sendas e Veredas). São Paulo: Edições Loyola, 2016.

_____. O Sócrates de *O nascimento da tragédia*: o início e a transmutação da cultura teórica. **Eleutheria**: Revista do Curso de Filosofia da UFMS, Campo Grande, v. 2, n. 2, p. 114-124, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/4338/3401>. Acesso em: 21 dez.2025.

FRÓES, André Gilberto da Silva. **Do urupê de pau podre à maquinização**: Monteiro Lobato e a formação nacional (1914-1941). Orientador: Alexandre de Freitas Barbosa. 2014. 129 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-23052014-010955/pt-br.php>. Acesso em: 8 mai.2025.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. Contratos biográficos: o caso Luiz Carlos Prestes (1945-2015). **Esferas**, 1 (25), 181-199. Disponível: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/13703>. Acesso em: 7 jul.2025.

GAY, Peter. **Modernismo**: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GÊNOVA, Mariana de. *O Picapau Amarelo*: o espaço ideal e a obra-prima. In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

GIACOIA Jr., Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000.

GIARD, Luce. Prefácio. In DE CERTEAU, Michel. *História e Psicanálise*: entre ciência e ficção. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**: uma tragédia. Primeira parte. 6.ed. Tradução: Jenny Klabin Segall. São Paulo: Editora 34, 2016.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice, 1988.

_____. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONDRA, José Gonçalves. Anísio Teixeira: lugares de lembrar. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23830>. Acesso em: 18 jun.2025.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e

diálogos. Organização Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura** [1949]. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HARA, Tony Renato. Torna-te o que tu és: um modo de vida filosófico. **Revista de Psicologia da Unesp**, 19 (1), 2020. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/1849>. Acesso em: 7 jan.2023.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Edusp, 2005.

HELLER, Agnes. **A filosofia radical** [1978]. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HERÁCLITO. **Fragmentos**. In Os pré-socráticos. Tradução: José Cavalcanti de Souza *et al.* São Paulo: Abril, 1989 (Coleção Os Pensadores).

HERÁCLITO. **Fragmentos contextualizados**. Tradução: Alexandre Costa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do Paraíso**: os motivos endêmicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens** [1938]. Tradução: João Paulo Monteiro. 4. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond *et al.* **Abayomi**: a ancestralidade por meio da arte dos retalhos, saberes e memórias. pdf academia.edu. Brasília: Unb, 2025. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=ayabomi+bonecas+africanas&btnG=. Acesso em: 2. fev.2016.

JARDIM, Eduardo. **A brasilidade modernista sua dimensão filosófica**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Ponteio, 2016.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária** [1967]. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. Disponível em: <https://periodicos.bu.ufsc.br/>. Acesso em: 2 jun.2025.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Tradução: Maria Lúcia Pinho. 3.ed. Rio de Janeiro: HaperCollins Brasil, 2016.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato**: intelectual, empresário, editor. São Paulo: Edusp, 1982.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente (1957-1958). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACERDA, Oclécio das Chagas. **A recepção do pensamento de Nietzsche na obra literária de Dalcídio Jurandir**. Orientador: Ivo da Silva Júnior. 2022. 186 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br>. Acesso em: 3 jun.2025.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. Emília, a boneca atrevida. In LOURENÇO, Dantas Mota; ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). **Personae**: grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo: Senac, 2001.

_____. Linguagens *na e da* literatura infantil de Monteiro Lobato. In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

_____. Infância de papel e tinta. In FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). **História social da infância no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

LAJOLO, Marisa *et al.* De papéis a documentos: Monteiro Lobato (1882-1948) e outros modernismos brasileiros. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 24, n. 46, p. 131-142, 2022. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/786/958>. Acesso em: 5 jan.2023.

LAJOLO, Marisa; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Reinações de Monteiro Lobato**: uma biografia. Ilustrações Lole. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2019.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: História & histórias. 6.ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Org.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

LAZZARI, Alexandre. História e Literatura: inventando caminhos da imaginação nacional no Brasil. In MOTTA, Márcia (Org.). **História & Parceria**. Portugal: Ed. Proprietas, 2018. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/86919/1/Historia_e_Parceria.pdf. Acesso em: 25 nov.2023.

LIMA, Márcio José Silveira. **Perspectivismo e verdade em Nietzsche**: da apropriação de Kant ao confronto com o relativismo. Orientadora: Scarlett Zerbetto Marton. 2010. 112 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-12082010-134426/publico/2010_MarcioJoseSilveiraLima.pdf. Acesso em: 12 ago.2024.

_____. O nascimento da tragédia. **Dicionário Nietzsche**. Editora responsável: Scarlett Marton. (Coleção Sendas e Veredas). São Paulo: Edições Loyola, 2016.

LOBATO, Monteiro. **A menina do narizinho arrebitado**: edição da Revista do Brasil. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1920.

_____. **O Saci-Pererê**: resultado de um inquérito [1918]. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **A barca de Gleyre** [1944]. vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

_____. **A barca de Gleyre** [1944]. vol. 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

_____. **Urupês** [1914-1918]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959a.

_____. **O problema vital** [1918-1924]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959b.

_____. **Cidades mortas** [1919]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959c.

- _____. **Ideias de Jeca Tatu** [1919]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959d.
- _____. **América** [1920]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959e.
- _____. **A onda verde e o presidente negro** [1921]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959f.
- _____. **Mundo da lua e miscelânea** [1923-1946]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959g.
- _____. **Na antevéspera** [1933]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959h.
- _____. **Conferências, artigos e crônicas** [1946-1947]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959i.
- _____. **Literatura do Minarete** [1900-1907]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959j.
- _____. **O escândalo do petróleo e ferro** [1936]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959k.
- _____. **Prefácios e entrevistas** [1946]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959l.
- _____. **Mr. Slang e o Brasil** [1927]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959m.
- _____. **Reinações de Narizinho** [1920-1931]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- _____. **Emília no país da gramática** [1934]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984a.
- _____. **Viagem ao céu** [1932]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984b.
- _____. **Fábulas e histórias diversas** [1921-1947]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984c.
- _____. **O Saci** [1921]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984d.
- _____. **Aventuras de Hans Staden** [1927]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984e.
- _____. **Memórias da Emília** [1936]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984f.
- _____. **A reforma da natureza** [1941]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984g.
- _____. **Os doze trabalhos de Hércules I** [1944]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984h.
- _____. **Os doze trabalhos de Hércules II** [1944]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984i.
- _____. **O Minotauro** [1939]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984j.
- _____. **História do mundo para crianças**. [1933]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984k.
- _____. **Geografia de Dona Benta**. [1935]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984l.
- _____. **Aritmética da Emília**. [1935]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984m.
- _____. **O poço do Visconde**. [1937]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984n.
- _____. **Peter Pan**. [1930]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984o.
- _____. **Caçadas de Pedrinho**. [1933]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984p.
- _____. **O Picapau Amarelo**. [1939]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984q.
- _____. **Histórias de Tia Nastácia**. [1937]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984r.

_____. **Dom Quixote das crianças**. [1936]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984s.

_____. **A chave do tamanho**. [1942]. São Paulo: Círculo do Livro, 1984t.

LUIZ, Fernando Teixeira. *Aritmética da Emília* (1935): matemática para (não) matemáticos? In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MACHADO, Isadora. O jogo entre a memória e o esquecimento no funcionamento da ciência: Nietzsche, Sapir e Whorf. **Sínteses**, Campinas, v. 15, 2010. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/1147>. Acesso em 4 nov.2025.

MACHADO, Pâmela Bastos. **Netos de Lobato**: modos de ler o Sítio do Picapau Amarelo no século XXI. Orientadora: Maria da Conceição Carvalho. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/25393e7f-a123-4194-8282-b76e6b888a11>. Acesso em: 30 dez.2025.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. Nietzsche e o renascimento do trágico. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 112, p. 174-182, dez, p. 174-182, 2005a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/nVcgb4cBmckLTN4BNQfsPx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 5 jan.2026.

MAGNO, Maria Ignês Carlos; FERRARAZ, Rogério. Super-heróis ou celebridades midiáticas? Crise de identidade e suas representações em filmes do Homem-Aranha e do Super-Homem. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 129-147, jul, 2009. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/160/161>. Acesso em: 18 jul.2025.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Viagem ao céu*: aventura, fantasia e ciência. In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche, “o bom europeu”**: a recepção na Alemanha, na França e na Itália. São Paulo: Editora Unifesp, 2022.

_____. **Nietzsche, filósofo da suspeita**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

_____. **Nietzsche, seus leitores e suas leituras**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2010a.

_____. **Extravagâncias**: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. 3. ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009.

_____. Assim falava Zaratustra. **Dicionário Nietzsche**. Editora responsável: Scarlett Marton. (Coleção Sendas e Veredas). São Paulo: Edições Loyola, 2016.

_____. Vontade de Potência. **Dicionário Nietzsche**. Editora responsável: Scarlett Marton. (Coleção Sendas e Veredas). São Paulo: Edições Loyola, 2016a.

_____. “Educar os educadores!” Nietzsche e o problema da educação. **Cadernos Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v. 43, n. 3, p. 11-28, setembro/dezembro, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/qhDH94BFrXGV6PFh5QBgdMM/>. Acesso em: 02 jul.2025.

_____. **Nietzsche**: das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Nietzsche**: a transvaloração dos valores. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006 (Coleção logos).

_____. Nietzsche e a celebração da vida: a interpretação de Jörg Salaquarda. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 2, p. 7-15, 1997. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7905/5444>. Acesso em: 22 nov.2025.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **No sítio de José Bento**. Patrimônio, imagem de infância e língua nacional na obra infantil de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Modernos Descobrimentos, 2002. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/indexdesc.htm>. Acesso em 10 ago.2024.

MILLIET, Sérgio. Diário crítico de Sérgio Milliet. v. 3. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1981.

MORELATO, Adrienne Kátia Savazoni. Monteiro Lobato e Nietzsche: uma relação de confluência entre filosofia e literatura. **Recanto das Letras - Revista Digital**, 2011. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/3150632>. Acesso em: 3 jan.2023.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MOTA, Thiago. Nietzsche e as perspectivas do perspectivismo. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 27, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7780/5321>. Acesso em: 6 ago.2024.

MOURA, André Muniz de. **Lobato, leitor de Nietzsche**. Rio de Janeiro: 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República: o Brasil na virada do século XIX para o século XX. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). **O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém [1883, 1893]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

_____. **Genealogia da moral**: uma polêmica [1887]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Crepúsculo dos ídolos** ou como se filosofa com o martelo [1888]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

_____. **O Anticristo**: maldição ao cristianismo [1888]. Tradução: Paulo César de Souza. São

Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

_____. **O Caso Wagner**: um problema para músicos [1888]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016a.

_____. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é [1888]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais [1881]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

_____. **O nascimento da tragédia** ou os gregos e o pessimismo [1872]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

_____. David Strauss: o confessor e o escritor. *In Considerações extemporâneas*. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **A Gaia Ciência** [1882, 1887]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Humano, demasiado humano II**: um livro para espíritos livres [1886]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro [1886]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral** [1873]. *In* NIETZSCHE, Friedrich. Nietzsche: obras incompletas. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores).

_____. **A filosofia na época trágica dos gregos** [1873]. *In* NIETZSCHE, Friedrich. Nietzsche: obras incompletas. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974a. (Coleção Os Pensadores).

_____. **As cartas completas de Nietzsche**. Tradução: Tim Newcomb. Orlando, USA: Livraria Press, 2025.

NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. A Escola Nova. **Educação em Debate**. Fortaleza, Ano 9, n. 12, p. 27-58, Jul/Dez, 1986. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/13168>. Acesso em: 14 jun.2025.

NUNES, Cassiano. Monteiro Lobato: uma teoria do estilo [1969]. **Ciência & Trópico**, Recife 9(2), p. 321- 341, jul/dez, 1981. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/284/177>. Acesso em: 3 jun.2025.

_____. **Monteiro Lobato Vivo**. Rio de Janeiro: MPM Propaganda; Record, 1986.

NUÑEZ, Geni. **Jaxi Jaterê**: o saci guarani. Ilustração Miguela Guarani. Harper Collins Brasil/Harper Kids, 2023.

OLIVEIRA, Eder Renato de. O PCB e os caminhos da construção da Revolução Brasileira: a gênese teórica do partido. **Revista Sociologias Plurais**, v. 8, n. 2, p. 242-266, julho, 2022.

Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/scplpr/article/view/87024/46746>. Acesso em: 5 jul.2025.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história**: nove entrevistas. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PANTUZZI, Tiago Lemes. **A primeira recepção de Nietzsche no Brasil**: a Escola de Recife. Orientadora: Scarlett Marton. 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posgraduacao/defesas/2016_mes/2016_mes_Tiago_Pantuzzi.pdf. Acesso em: 16 jan.2023.

_____. **Recepção e antropofagia**: Nietzsche na Escola de Recife. Orientador: Ivo da Silva Júnior. 2023. 186f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/68746>. Acesso em: 1 jun.2025.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Orientadora: Sarita Maria Affonso Moysés. 1998. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 1998. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/>. Acesso em: 22 jun.2025.

PAULO, Taís Fernandes; VIEIRA, Leonardo. Racismo na obra lobatiana: uma análise do livro "Caçadas de Pedrinho". **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, nº 10, 21 de março de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/10/racismo-na-obra-lobatiana-uma-analise-d-o-livro-cacadas-de-pedrinho>. Acesso em 20 ago.2024.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato**: o imaginário infantil na ideologia do adulto. 2. ed. São Paulo: Globo, 2011.

PINHEIRO, Carlos. **Fábulas de Esopo**. Tradução e adaptação: Carlos Pinheiro. 2.ed. São Paulo: Publifolhinha, 2013.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. Tradução: Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40. n. 4, p. 729-750, set/dez, 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v40n141/v40n141a04.pdf>. Acesso em 28 dez.2025.

QUEIROZ, Renato da Silva. O herói-trapaceiro: reflexões sobre a figura do *trickster*. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo: 3(1-2), 1991, p. 93-107. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84821/87532>. Acesso em 19 ago.2024.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. **Pequenos poemas em prosa**: vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 e 40. Orientador: Elias Thomé Saliba. 2008. 191f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30012009-161714/publico/PATRICIA_TAVARES_RAFFAINI.pdf. Acesso em 13 ago.2025.

_____. As meninas são de pano e os meninos são de chumbo? Cultura material e literatura. **Secuencia**. México, n. spe, p. 177-187, 2018. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0186-03482018000400177&script=sci_arttext.

Acesso em 18 jan.2026.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: filosofia pagã antiga, v. 1. 3. ed. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

ROMANO, Patrícia Aparecida Beraldo. Um baile de máscaras: cartas enviadas a personagens de Monteiro Lobato. **Revista Ciências Humanas**. UNITAU, v. 15. Taubaté: 2022, p. 69-81. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/891/439>. Acesso em 8 ago.2025.

RUBIRA, Luís. O Anticristo. Maldição ao cristianismo. **Dicionário Nietzsche**. Editora responsável: Scarlett Marton. (Coleção Sendas e Veredas). São Paulo: Edições Loyola, 2016.

_____. Além-do-Homem. **Dicionário Nietzsche**. Editora responsável: Scarlett Marton. (Coleção Sendas e Veredas). São Paulo: Edições Loyola, 2016a.

SAID, Edward Wadie. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALAGUARDA, Jörg. A concepção básica de Zarathustra. Tradução: Scarlett Marton. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 2, p. 17-39, 1997. Disponível em: https://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/cn_02_02-Salaguarda.pdf. Acesso em: 22 nov.2025.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SAPIR, Edward. Cultura “Autêntica” e “Espúria” [1924]. In **Estudos de organização social**. Tomo II. Organizador: Donald Pierson. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**: conferências dadas em Tóquio e Quioto – setembro e outubro de 1965. Tradução: Sergio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In NOVAIS, Fernando Antônio; SEVCENKO, Nicolau (Orgs.). **História da vida privada no Brasil**. Livro 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Ricardo Oliveira da; SOARES, Fabrício Antônio Antunes Soares. Dominick LaCapra: Documentos e epistemologia na história intelectual. **Historiae**, Rio Grande, v. 9, n. 1, p. 27-37, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/8897>. Acesso em: 3 jun.2025.

SILVA, Raquel Afonso da. *Problema vital*: a restauração do Brasil sob a ótica da medicina higienista. In LAJOLO, Marisa (Org.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra adulta. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. **Entre livros e leituras**: um estudo de cartas de leitores. Orientadora: Dra. Marisa Philbert Lajolo. 2009. 278f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/772102>. Acesso em 8 ago.2025.

SILVA Jr., Ivo da. Modernidade. **Dicionário Nietzsche**. Editora responsável: Scarlett Marton. (Coleção Sendas e Veredas). São Paulo: Edições Loyola, 2016.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais [1988]. In RÉMOND, R. (Org.). **Por uma História Política**. Tradução: Dora Rocha. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358 - 399, 2017. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309202017358>. Acesso em: 20 ago.2023.

_____. Entrevista. In PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história**: nove entrevistas. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SOFIA XIV UNIFESP, 2020. **A Recepção de Nietzsche no Brasil**. Evento *online*. Vídeo (1h27min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5nrWuzWECh8>. Acesso em: 12 jan.2023.

SANTOS, Elisângela da Silva. **Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOUZA, Loide Nascimento de. Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas. In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

SOUZA, Paulo César de. Posfácio. In NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos** ou como se filosofa com o martelo [1888]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

TIN, Emerson. O décimo terceiro trabalho de Lobato. In LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço, 1982.

VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). **O Brasil Republicano**: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Livro 2. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In GOMES, Angela de Castro. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar & a realidade**. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

YUNES, Eliana Lucia Madureira. Os caminhos da literatura infantojuvenil brasileira. **Anais do I Encontro de Professores Universitários de Literatura Infante e Juvenil**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 1980.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZORZATO, Lucila Bassan. Hans Staden à lobatiana. *In* LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

A disponibilização ao público, bem como a reprodução desta dissertação/tese, atende ao disposto no artigo 99 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em História da UFGD e no Termo de autorização e declaração de distribuição não exclusiva para publicação no Repositório institucional da UFGD, por mim assinado e enviado à Biblioteca Central da UFGD e à Secretaria do PPGH.

Assinatura digital, preferencialmente *gov.br*, do pós-graduando

Isabel Cristina Jeronymo de Toledo